





EX LIBRIS



BORBA  
MORAES

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W.

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**



# CANTOS.





# CANTOS.

COLLECÇÃO DE POEZIAS

DE

**A. GONÇALVES DIAS.**

---

SEGUNDA EDICÇÃO.



LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS.

---

1857.



AO SEU AMIGO

o

D<sup>R</sup>. G. S. DE CAPANEMA

OFFERECE ESTA EDIÇÃO  
DOS SEUS CANTOS

O AUCTOR.



## SIRVA DE PROLGO.

---

A collecção de poezias, que agora reimprimo, vae illustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria

Merecer a critica de A. Herculano, ja eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples mensão do meo primeiro volume, rubricada com o seo nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria da minha parte demasiada vaidade.

Ora, em vez da critica inflexivel, que eu devera, mas não ousava receiar; em vez da simples noticia do apparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que

teria merecido occupar a sua attenção; o illustre escriptor poz por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para consigo mesmo, e, benevolmente indulgente, dirigio me algumas linhas, que me fiserão comprehender quão alto eu reputava a sua gloria, na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixarão possuido.

O escriptor conhecia-o eu ha muito, mas de nome e pelas suas obras: essas obras que todos nós temos lido, e esse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito.

Se pois, n'aquella occasião, me fosse dado escolher auctor para esse artigo, não podia recahir em outro a minha escolha. Hoje, com mais razão. Tive ensejo de o conhecer pessoalmente, e a fortuna de encontrar nelle um d'aquelles poucos, d'alta intelligencia, que não perdem em serem admirados de perto, e cuja amisade se pode ambicionar como um thesouro: fortuna, digo, por que o é de certo,

quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor; e ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciencia, previnindo-nos, de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre áquem do que devemos.

Ahi vae o artigo tal qual o transcreveo e remetteo me de Lisboa o meo bom amigo Gomes de Amorim.

Dresde 30 de Março de 1857.

---

FUTURO LITTERARIO DE PORTUGAL E DO  
BRAZIL. \*)

POR OCCASIÃO DA LEITURA DOS  
PRIMEIROS CANTOS: POEZIAS DO S<sup>r</sup> A. GON-  
ÇALVES DIAS.

---

Bem como a infancia do homem a infancia das nações é vivida e esperançosa; bem como a velhice humana a velhice dellas é tediosa e melancholica. Separado da mãe patria, menos pela serie de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe atribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brazil, imperio vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulencia, a re-

---

\*) Artigo publicado na Revista Universal Lisbonense. — Tom. 7, pag. 5. — anno de 1847—1848.

presentar um grande papel na historia do novo mundo, é a nação infante que sorri: Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem os horisontes da esperança, de que um crepe funebre vele a face da terra. Perguntae, porem, ao povo infante, que cresce e se fortifica alem dos mares, que se atira ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte, e que, encostado na borda do tumulto, deplora, pobre tonto, o mundo que vae morrer!

Em Portugal, os espiritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos*; aquelles que ainda tentam esquivar-se no sanctuario da sciencia ou da poezia ao pego da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a illudir a Europa com essas aspirações do futuro, que tambem nelles não são mais do que uma illusão. As suas tenta-

tivas quasi fasem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas deste corpo semi cadaver de novo se vae injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortalhar-mos no estandarte de D. João I. ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos enfim repousar no cemiterio da historia. O desengano chega, porem, em breve. O talento que forcejava por fugir do lethargo febril que nos consome, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonisamos. E' que a turba que ahi se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dadas e promessas; e fallando-lhe ás paixões más, ás ambições insensatas, lhe clama: vem refócular-te no lodo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e attufando-se no charco, acceta as lisonjas ou o oiro immundo, que lhe atiram, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrosanta, que se lhe destinára no ceu.

Que é feito de tantos engenhos que despontaram nesta nossa terra desde que a imprensa libertada chamou os que sentiam chamejar em si um espirito não vulgar ao convívio das intelligencias? Que é feito dessas tres ou quatro épocas em que, nos ultimos quinze annos, a mocidade parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens grandes do paiz o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se acerca dos graves interesses, das profundas questões das bolhas de sabão politicas? Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento? De tudo isso; de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta? Algum crente solitario, que deplora em silencio a queda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das letras, attiraram-se á arena das facções, e manchados pela baba dos odios civis, cobertos da lama das praças, arroxeados e sanguentos pelas punhadas do pugilato politico, desbaratando

em esforços estereis a seiva interior, la vão disputando no meio de homens, gastos como a effigie de velha moeda, sobre qual hade ser a forma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura. Que outra coisa, de feito, ha ahi sobre que se dispute ainda?

Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando oiço a primeira harmonia que sussurra nas cordas de lyra noviça, quizera poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer lhe ao ouvido: Cala-te, alma virgem e bella; cala-te, que estás n'um prostíbulo! Olha que *elles* não te ouçam! Se o teu hymno reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituïres.

O poeta portuguez d'hoje é a *avesinha* que enlevada nos seus gorgeios se balança depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sobre o rio. As outras voaram para os seus ninhos, e ella deixou vir a noite, e ficou

alli, triste, só, desconsolada, soltando a espacos um doloroso pio.

Poeta, n'esta terra é noite! Por que não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vae abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma no seio imenso de Deos. Ahi é que sempre é dia.

Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha defronte da meza nas philitias de Sparta, para servir de licção de sobriedade aos mancebos. O Brasil é a moderna Sparta, de que Portugal é a moderna Helos.

Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma, com a leitura de um livro impresso o anno passado no Rio de Janeiro, e intitulado: *Primeiros Cantos: Poesias por A. Gonçalves Dias*. N'aquelle paiz de esperanças, cheio de viço e de vida, ha um ruido de lavor intimo, que sôa tristemente cá, n'esta terra onde tudo acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilisação, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das lettras; arroteia os campos da intelligencia; aspira as harmo-

nias dessa natureza possante que a cerca; concentra n'um foco todos os raios vivificantes do formoso ceu, que a allumina; prova forças emfim para algum dia renovar pelas ideias a sociedade, quando passar a geração dos homens *praticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda; por que a sociedade brasileira, vergontea separada ha tão pouco da carcomida arvore portugueza, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo dessa vergontea, transplanteda da Europa para entre os tropicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decahir tão cedo como nós decahimos!

E' geralmente sabido que o jovem imperador do Brasil dedica todos os momentos que pode salvar das occupações materiaes de chefe do Estado ao culto das lettras. Mancebo, prende-se á mocidade, aos homens do futuro, por laços que de certo as revoluções não hão de quebrar; porque o progresso social não virá accomettel-o inopinadamente nas suas crenças e habitos. Quando a ideia se

encarnar na realidade, o seu espirito como as outras intelligencias que o rodeiam, ter-se-ha alimentado della, e saudará como os seus mais alumiados subditos o pensamento progressivo. Não notaes n'estas tendencias do moço principe um symbolo do presente, e uma prophecia consoladora acerca do porvir do Brazil?

A imprensa na antiga America portugueza, balbuciante ha dois dias, ja ultrapassa a imprensa da terra que foi metropole. Ás publicações periodicas, primeira expressão de uma cultura intellectual que se desinvolve, começam a associar-se as composições de mais alento -- os livros. Ajuncte-se a este facto outro, o ser o Brazil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será facil conjecturar que no dominio das lettras, como em importancia e prosperidade, as nossas emancipadas colonias nos vão levando rapidamente de vencida.

Por si sós esses fastos provariam antes a nossa decadencia, que o progresso litterario do

Brazil. E' um mancebo vigoroso que derriba um velho cachetico, demente e paralitico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brasileiras.

Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Sancta Cruz que ja conta outros no seu seio, pode abençoar mais um illustre filho.

O auctor, não o conhecemos; mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiencia: imperfeições de lingua, de metrificação, de estylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas paginas deste formoso livro.

Quizeramos que as *Poezias Americanas* que são como o portico do edificio occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha por via de regra demasiadas reminiscencias da Europa. Esse Novo Mundo que deu tanta poezia a Saint Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os

poetas que crescerem á sombra das suas selvas primitivas.

Como argumento disso, como exemplo, da verdadeira poezia nacional do Brazil citarei aqui dous trechos das *Poesias Americanas*: o Canto do Guerreiro e um fragmento *Morro do Alecrim*

(Aqui vem transcripta por inteiro a poezia intitulada — O canto Guerreiro — e as ultimas strophes do — Morro do Alecrim.)

Abstendo-me de outras citações, que occupariam demasiado espaço, não posso resistir a tentação de transcrever das *Poesias Diversas* uma das mais mimosas composições lyricas, que tenho lido na minha vida.

### SEOS OLHOS.

(Vide pag. 30.)

Se estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coração, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros Cantos* o testemunho

sincero de sympathia, que a leitura do seu livro arrancou a um homem, que o não conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios *encommendados*, nem pedil-os para si.

Lisboa (Ajuda) 30 de Novembro de 1847.

A. HERCULANO.

## PRIMEIROS CANTOS.

### PROLOGO DA PRIMEIRA EDICÇÃO.

Dei o nome de „*Primeiros Cantos*“ ás poesias que agora publico, porque espero que não serão as ultimas.

Muitas dellas não tem uniformidade nas strophes, porque menospreso regras de mera convenção; adoptei todos os rhythmos da metrificacão portugueza, e usei delles como me parecerão quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não tem unidade de pensamento entre si, porque forão compostas em epochas diversas — debaixo de céo diverso — e sob a influencia de impressões momentaneas. Forão compostas nas margens viçosas do Mondêgo e

nos pincares ennegrecidos do Gerez — no Doiro e no Tejo — sobre as vagas do Atlantico, e nas florestas virgens da America. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-hei, se agradarem; e se não . . . é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gósto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para lêr em minha alma, reduzindo á lingoagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéas que em mim desperta a vista de uma paysagem ou do oceano — o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéa com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e sancta — a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como a eu sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Publico o julgará; tanto melhor se elle o despreza, porque o Auctor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro — Julho de 1846.

---



# INDICE.

---

	Pag.
Sirva de Prologo . . . . .	v
Futuro litterario de Portugal e do Brazil, artigo do Sr. A. Herculano . . . . .	VIII
Prologo da primeira edicção dos Primeiros Cantos . . . . .	XIX

## PRIMEIROS CANTOS.

### POEZIAS AMERICANAS.

Canção do Exilio . . . . .	3
O Canto do Guerreiro . . . . .	5
O Canto do Piága . . . . .	9
O Canto do Indio . . . . .	13
Cachias . . . . .	16
Deprecação . . . . .	18

### POEZIAS DIVERSAS.

A Leviana . . . . .	21
A Minha Muza . . . . .	26
Desejo . . . . .	29
Seos olhos . . . . .	30
Innocencia . . . . .	33
Pedido . . . . .	35
O Desengano . . . . .	37

XXIV

	Pag.
Minha Vida e meos Amores . . . . .	40
Recordação . . . . .	44
Tristesia . . . . .	46
O Trovador. . . . .	49
Amor! delirio-engano . . . . .	56
Delirio . . . . .	61
Epicedio . . . . .	64
Soffrimento . . . . .	67

VISÕES.

I. Prodigio . . . . .	70
II. A Cruz . . . . .	72
III. Passamento . . . . .	75
IV. — . . . . .	82
V. A Morte . . . . .	87
O Vate . . . . .	91
A morte prematura da Ill <sup>ma</sup> s <sup>ra</sup> D.....	94
A. Mendiga . . . . .	98
A Escrava . . . . .	104
Ao Dr. J. D. Lisboa Serra . . . . .	108
O Desterro de um pobre velho . . . . .	112
O Orgulhoso . . . . .	116
O Cometa . . . . .	118
O Oiro . . . . .	120
A um Menino . . . . .	122
O Pirata . . . . .	125
A Villa Maldicta . . . . .	131
Quadras da minha vida. Recordação e desejo . . . . .	140

HYMNOS.

O Mar . . . . .	150
Ideia de Deos . . . . .	154
O romper d'alva . . . . .	159
A tarde . . . . .	164
O Templo . . . . .	169
Te Deum . . . . .	173
Adeos aos meos Amigos do Maranhão . . . . .	175

## SEGUNDOS CANTOS.

	Pag.
Consolação nas lagrimas . . . . .	181
Canção . . . . .	183
Lyra . . . . .	185
Agora e sempre . . . . .	186
A Virgem . . . . .	189
Roza no mar . . . . .	191
O Amor . . . . .	195
Sempre ella . . . . .	197
Mimosa e bella . . . . .	200
As duas amigas . . . . .	203
Sonho . . . . .	206
Solidão . . . . .	209
A um Poeta exilado . . . . .	213
Palinodia . . . . .	216
Os suspiros . . . . .	221
Queixumes . . . . .	224
Ao Anniversario de um casamento . . . . .	230
Canto inaugural. — Á memoria do Comego J. da C. Barbosa	232
Aos Pernambucanos . . . . .	235
Tabyra (Poezia Americana) . . . . .	237

## HYMNOS.

A Lua. . . . .	246
A Noite . . . . .	251
A Tempestade . . . . .	255

## NOVOS CANTOS.

O Homem forte . . . . .	263
Dies irae . . . . .	265
Espera! . . . . .	269
A Saudade . . . . .	271
Não me deixes . . . . .	275

	Pag.
Zulmira . . . . .	277
A uma Poetiza . . . . .	279
Angelina . . . . .	280
Rola . . . . .	282
Ainda uma vez-adeos . . . . .	284
O Somno . . . . .	291
Se eu fosse querido . . . . .	292
A flôr do amor . . . . .	293
A sua voz . . . . .	297
Se se morre de amor . . . . .	299
A morte é vária . . . . .	303

## SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

Loa da Princeza Sancta . . . . .	306
Gulnare e Mustaphá . . . . .	331
Soláo do Senhor Rey Dom João . . . . .	377
Soláo de Gonçalo Hermiguez . . . . .	397

## ULTIMOS CANTOS.

Dedicatória ao meo amigo A. T. de Carvalho Leal . . . . .	427
---	-----

## POEZIAS AMERICANAS.

I. O Gigante de pedra . . . . .	433
II. Leito de folhas verdes . . . . .	440
III. Y-juca-pyrama . . . . .	442
IV. Marabá . . . . .	462
V. Canção do Tamoyo . . . . .	465
VI. A Mangueira . . . . .	469
VII. A Mãe d'agua . . . . .	472

## POEZIAS DIVERSAS.

Nenia a morte sentidissima do Serenissimo Principe Imperial, o Senhor D. Pedro . . . . .	481
Olhos verdes . . . . .	487
Cumprimento de um voto . . . . .	490
Lyra quebrada . . . . .	493

XXVII

---

	Pag.
A Pastora . . . . .	496
A Infancia . . . . .	500
Urge o tempo! . . . . .	505
Sobre o tumulto de um menino . . . . .	507
Menina e moça . . . . .	508
Como eu te amo! . . . . .	510
As duas corôas . . . . .	514
Harpejos . . . . .	518
Triste do Trovador . . . . .	522
Velhice e mocidade . . . . .	524
As flores . . . . .	531
O que mais dóe na vida . . . . .	536
Flôr de belleza . . . . .	539
O Anjo da harmonia . . . . .	542
A Historia . . . . .	544
A Concha e a virgem . . . . .	546
Sei amar . . . . .	548
Amanhã . . . . .	550
Por um ai . . . . .	552
Protesto — (Imitação de uma poezia javaneza) . . . . .	555
Fadario . . . . .	557
O assassino . . . . .	560
A uns annos . . . . .	564
Quando nas horas . . . . .	566
Retractação . . . . .	572
Anhelo . . . . .	576
Que me pedes? . . . . .	578
O Ciume . . . . .	579
A Nuvem doirada . . . . .	583
Sonho de Virgem . . . . .	584
Meo anjo, escuta . . . . .	590
Os beijos . . . . .	592
Desesperança . . . . .	596
Se queres que eu sonhe! . . . . .	599
O Baile . . . . .	602
Desalento . . . . .	606
A queda de Satanaz . . . . .	610

## XXVIII

---

	Pag.
Canção de Bug-Jargui . . . . .	613
Agar no deserto . . . . .	617

### HYMNO.

O meo Sepulchro . . . . .	629
Saudades á minha Irmã . . . . .	637
Notas . . . . .	645

# PRIMEIROS CANTOS.

## POESIAS AMERICANAS.

Les infortunes d'un obscur habitant des  
bois auraient-elles moins de droits a nos  
pleurs que celles des autres hommes?

CHATEAUBRIAND.



## CANÇÃO DO EXILIO.

Kennst du das Land wo die Citronen blühen,  
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen,  
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!  
Möcht' ich . . . . ziehn.

GOETHE.

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorgeião,  
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,  
Nossas varzeas tem mais flores,  
Nossos bosques tem mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que taes não encontro eu cá;  
Em scismar — sósinho, á noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfructe os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

COIMBRA — Julho 1843.

## O CANTO DO GUERREIRO.

## I.

Aqui na floresta  
Dos ventos batida,  
Façanhas de bravos  
Não gerão escravos,  
Que estimem a vida  
Sem guerra e lidar.  
— Ouvi-me, Guerreiros,  
— Ouvi meo cantar.

## II.

Valente na guerra  
Quem ha, como eu sou?  
; Quem vibra o tacápe  
Com mais valentia?  
Quem golpes daria  
Fataes, como eu dou?  
— Guerreiros, ouvi-me;  
Quem ha, como eu sou?

## III.

Quem guia nos ares  
 A frexa implumada,  
 Ferindo uma preza,  
 Com tanta certeza,  
 Na altura arrojada  
 Onde eu a mandar?  
 — Guerreiros, ouvi-me,  
 — Ouvi meo cantar.

## IV.

Quem tantos imigos  
 Em guerras preou?  
 Quem canta seos feitos  
 Com mais energia?  
 Quem golpes daria  
 Fataes, como eu dou?  
 — Guerreiros, ouvi-me:  
 — Quem ha, como eu sou?

## V.

Na caça ou na lide,  
 Quem ha que me affronte?!  
 A onça raivosa  
 Meos passos conhece,  
 O imigo estremece,  
 E a ave medrosa  
 Se esconde no céo.

— Quem ha mais valente,  
— Mais dextro do que eu?

## VI.

Se as matas estrujo  
Co'os sons do Boré,  
Mil arcos se encurvão,  
Mil setas lá vôão,  
Mil gritos rebôão,  
Mil homens de pé  
Eis surgem, respondem  
Aos sons do Boré!  
— Quem é mais valente,  
— Mais forte quem é?

## VII.

Lá vão pelas matas;  
Não fazem ruido:  
O vento gemendo  
E as matas tremendo  
E o triste carpido  
D'uma ave a cantar,  
São elles — guerreiros,  
Que faço avançar.

## VIII.

E o Piaga se ruge  
No seo Maracá,

A morte lá paira  
Nos ares frexados,  
Os campos juncados  
De mortos são já:  
Mil homens viverão,  
Mil homens são lá.

## IX.

E então se de novo  
Eu tóco o Boré;  
Qual fonte que salta  
De rocha empinada,  
Que vai marulhosa,  
Freme e queixosa,  
Que a raiva apagada  
De todo não é,  
Tal elles se escôão  
Aos sons do Boré.  
— Guerreiros, dizei-me,  
— Tão forte quem é?

## O CANTO DO PIAGA.

## I.

O' Guerreiros da Taba sagrada,  
O' Guerreiros da Tribu Tupi,  
Fallão Deoses nos cantos do Piaga,  
O' Guerreiros, meos cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —  
Anhangá me vedava sonhar;  
Eis na horrivel caverna, que habito,  
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,  
Manitôs! que prodigios que vi!  
Arde o páo de resina fumosa,  
Não fui eu, não fui eu, que o accendi!

Eis rebenta a meos pés um phantasma,  
Um phantasma d'immensa extensão;  
Liso craneo repousa a meo lado,  
Feia cóbra se enrosca no chão.

O meo sangue gelou-se nas veias,  
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,  
Frio horror me cõou pelos membros,  
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,  
O' Guerreiros, o espectro que eu vi.  
Fallão Deoses nos cantos do Piaga,  
O' Guerreiros, meos cantos ouvi!

## II.

Porque dormes, ó Piaga divino?  
Começou-me a Visão a fallar,  
Porque dormes? O sacro instrumento  
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume  
Toda a faee do sol offuscar;  
Não ouviste a coruja, de dia,  
Seos estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma  
Sem aragem — vergar-se e gemer,  
Nem a lua de fogo entre nuvens,  
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!  
E Anhangá te prohiibe sonhar!  
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,  
E não pódes augurios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,  
Ouve os sons do fiel maracá;  
Manitôs já fugirão da Taba!  
O' desgraça! ó ruina! ó Tupá!

## III.

Pelas ondas do mar sem limites  
Basta selva, sem folhas, hi vem;  
Hartos troncos, robustos, gigantes;  
Vossas matas taes monstros contêm.

Trás embira dos cimos pendente  
— Brenha espessa de vario cipó —  
Dessas brenhas contêm vossas matas,  
Taes e quaes, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,  
Branças azas abrindo ao tufão,  
Como um bando de candidas garças,  
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,  
O marinho arcabouço arrancar?  
Nossas terras demanda, fareja. . .  
Esse monstro. . . — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?  
Não sabeis a que vem, o que quer?  
Vem matar vossos bravos guerreiros,  
Vem roubar -vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —  
Dons crueis do cruel Anhangá:  
Vem quebrar-vos a maça valente,  
Profanar manitôs, maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,  
Com que a tribu Tupi vai gemer;  
Hão de os velhos servirem de escravos  
Mesmo o Piaga inda escravo ha de ser!

Fugireis procurando um asilo,  
Triste asilo por invio sertão;  
Anhangá de praser ha de rir-se,  
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piaga, conjura,  
Susta as iras do féro Anhangá.  
Manitôs já fugirão da Taba,  
O' desgraça! ó ruina! ó Tupá!

## O CANTO DO INDIO.

Quando o sol vae dentro d'agoa  
Seos ardores sepultar,  
Quando os passaros nos bosques  
Principião a trinar:

Eu a vi, que se banhava . . . .  
Era bella, ó Deoses, bella.  
Como a fonte cristallina,  
Como luz de meiga estrella.

O' Virgem, Virgem dos Christãos formosa,  
Porque eu te visse assim, como te via,  
Calcára agros espinhos sem queixar-me,  
Que antes me dera por felis de ver-te.

O tacápe fatal em terra estranha  
Sobre mim sem temor veria erguido:  
Dessem-me a mim sómente vêr teu rosto  
Nas agoas, como a lua, retratado.

Eis que os seos loiros cabellos  
Pelas agoas se espalhavão,  
Pelas agoas, que de vel-os  
Tão loiros se enamoravão.

Ella erguia o eollo eburneo,  
Porque melhor os colhesse;  
Niveo eollo, quem te visse,  
Que de amores não morresse!

Passára a vida inteira a contemplar-te,  
O' Virgem, loira Virgem tão formosa,  
Sem que dos meos irmãos ouvisse o canto,  
Sem que o som do Boré que incita á guerra  
Me infiltrasse o valor que m'has roubado,  
O' Virgem, loira Virgem tão formosa.

As vezes, quando um sorriso  
Os labios seos entreabria,  
Era bella, oh! mais que a aurora  
Quando a raiar princeipia.

Outra vez — d'entre os seos labios  
Uma voz se desprendia;  
Terna voz, cheia de encantos,  
Que eu entender não podia.

Que importa? Esse fallar deixou-me n'alma  
Sentir d'amores tão sereno e fundo,

Que a vida me predeio, vontade e força.  
Ah! que não queiras tu viver commigo,  
O' Virgem dos Christãos, Virgem formosa!

Sobre a areia, já mais tarde,  
Ella surgio toda núa;  
Onde ha, ó Virgem, na terra  
Formosura como a tua?

Bem como gotas de orvalho  
Nas folhas de flôr mimosa,  
Do seo corpo a onda em fios  
Se deslisava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha  
Aqui dos meos irmãos, qual sou rei delles!  
Escuta, ó Virgem dos Christãos formosa.  
Odeio tanto aos teos, como te adóro;  
Mas queiras tu ser minha, que eu prometto  
Vencer por teo amor meo odio antigo,  
Trocar a maça do poder por ferros  
E ser, por te gosar, escravo delles.

## CACHIAS.

Quanto és bella, ó Cachias! — no deserto,  
Entre montanhas, derramada em valle  
    De flores perennaes,  
És qual tenue vapor que a brisa espalha  
No frescor da manhã meiga soprando  
    À flor de manso lago.

Tu és a flor que despontaste livre  
Por entre os troncos de robustos cédros,  
    Forte — em gleba inculta;  
És qual gazella, que o deserto educa,  
No ardor da sésta debruçada exangue  
    À margem da corrente.

Em molle seda as graças não escondes,  
Não cinges d'ouro a fronte que descansas  
    Na baze da montanha:

És bella como a virgem das florestas,  
Que no espelho das aguas se contempla,  
Firmada em tronco annoso.

Mas dia ãnda virá, em que te pejes  
Dos, que ora trajas, simples ornatos  
E amavel desalinho:  
Da pompa e luxo amiga, haõde cabir-te  
Aos pés entaõ — da poesia a c'roa  
E da innocencia o cinto.

---

## DEPRECAÇÃO.

Tupan, ó Deos grande! cobriste o teo rosto  
Com denso velamen de pennas gentis;  
E jazem teos filhos clamando vingança  
Dos bens que lhes déste da perda infeliz!

Tupan, ó Deos grande! teo rosto descobre:  
Bastante soffremos com tua vingança!  
Já lagrimas tristes chorárão teos filhos,  
Teos filhos que chóraõ taõ grande mudança.

Anhãnga impiedoso nos trouxe de longe  
Os homens que o raio manejaõ cruentos,  
Que vivem sem patria, que vagaõ sem tino  
Tras do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisaõ, e os campos e os rios  
Que assaltaõ, saõ nossos; tu és nosso Deos:  
Por que lhes concedes taõ alta pujança,  
Se os raios de morte, que vibraõ, saõ teos?

Tupan, ó Deos grande! cobriste o teu rosto  
Com denso velamen de pennas gentis;  
E jazem teos filhos clamando vingança  
Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teos filhos valentes, temidos na guerra,  
No albor da manhã quão fortes que os vi!  
A morte pousava nas plumas da frexa,  
No gume da maça, no arco tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio  
Cem vezes hei visto crescer e baixar . . .  
Já restão bem poucos dos teos, qu'inda possão  
Dos seos, que já dormem, os ossos levar.

Teos filhos valentes causavão terror,  
Teos filhos enchião as bordas do mar,  
As ondas coalhavão de estreitas igáras,  
De frexas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não cáção nas matas frondosas  
A corça ligeira, o trombudo coati . . .  
A morte pousava nas plumas da frexa,  
No gume da maça, no arco tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,  
A que nos infliges cruel punição;  
E os teos inda vagão por serras, por valles,  
Buscando um asilo por invio sertão!

Tupan, ó Deos grande! descobre o teo rosto:  
Bastante soffremos com tua vingança!  
Já lagrimas tristes chorarão teos filhos,  
Teos filhos que chórão taõ grande tardança.

Descobre o teo rosto, resurjaõ os bravos,  
Que eu vi combatendo no albor da manhã;  
Conheçaõ-te os féros, confessem vencidos  
Que es grande e te vingas, qu'es Deos, ó Tupan!

## A LEVIANA.

Souvent femme varie,  
 Bien fol est qui s'y fie.

FRANCISCO I.

És engraçada e formosa  
 Como a roza,  
 Como a roza em mez d'Abril;  
 És como a nuvem doirada  
 Deslisada,  
 Deslisada em céos d'anil.

Tu és vária e melindrosa,  
 Qual formosa  
 Borboleta n'um jardim,  
 Que as flores todas afaga,  
 E divaga  
 Em devaneio sem fim.

Es pura, como uma estrella  
 Doce e bella,  
 Que treme incerta no mar;  
 Mostras nos olhos tua alma  
 Terna e calma,  
 Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,  
 Tão airosas,  
 Formas da terra não são;  
 Pareces anjo formoso,  
 Vaporoso,  
 Vindo da etherca mansão.

Assim, beijar-te receio,  
 Contra o seio  
 Eu tremo de te apertar;  
 Pois me parece que um beijo  
 É sobejo  
 Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que és so minha!  
 Passa azinha  
 A vida, como a ventura:  
 Que te não vejaõ brincando,  
 E folgando  
 Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora  
    Bella aurora  
De fulgores radiante:  
Tal a vaga maripôsa  
    Brinca e pouza  
D'um cadaver no semblante.

## A MINHA MUSA.

Gratia, Musa, tibi; nam tu solatia praebes.

OVIDIO.

Minha Musa não é como nympha  
Que se eleva das agoas — gentil —  
Co'um sorriso nos labios mimosos,  
Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pouza nas faces redondas  
Dos fagueiros anhelos a cor;  
N'esta terra não tem uma esp'rança,  
N'esta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,  
Não habita um palacio encantado,  
Quer em meio de matas sombrias,  
Quer á beira do mar levantado.

Não tem ella'uma senda florida,  
De perfumes, de flores bem cheia,  
Onde vague com passos incertos,  
Quando o céo de luzeiros se arreia.

Não é como a de Horacio a minha Musa;  
 Nos soberbos alpendres dos Senhores  
     Não é que ella reside;  
 Ao banquete do grande em lauta meza,  
 Onde gira o falerno em taças d'oiro,  
     Não é que ella preside.

Ella ama a solidão, ama o sileneio,  
 Ama a prado florido, a selva umbrosa  
     E da rola o carpir.  
 Ella ama a viração da tarde amena,  
 O susurro das agoas, os acentos  
     De profundo sentir.

D'Anacreonte o genio prasenteiro,  
 Que de flores cingia a fronte calva  
     Em brilhante festim,  
 Tomando inspirações á doce amada,  
 Que leda lh'enflorava a eburnea lyra;  
     De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta  
 Nas cordas magoadas me não pousão  
     Da lyra de marfim.  
 Correm meos dias, lacrimosos, tristes,  
 Como a noite que estende as negras azas  
     Por céu negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste  
 O sincero verter d'amargo pranto  
     D'orfã singela;  
 É triste como o som que a brisa espalha,  
 Que cicia nas folhas do arvoredado  
     Por noite bella.

É triste como o som que o sino ao longe  
 Vai perder na extensão d'ameno prado  
     Da tarde no cahir,  
 Quando nasce o silencio involto em trevas,  
 Quando os astros derramão sobre a terra  
     Merencorio luzir.

Ella então, sem destino, erra por valles,  
 Erra por altos montes, onde a enchada  
     Fundo e fundo cavou;  
 E pára; perto, jovial pastora  
 Cantando passa — e ella scisma ainda  
     Depois que esta passou.

Alem — da chóça humilde s'ergue o fumo  
 Que em risonha spiral se eleva ás nuvens  
     Da noite entre os vapores;  
 Muge solto o rebanho; e lento o passo,  
 Cantando em voz sonora, porém baixa,  
     Vêm andando os pastores.

Outras vezes tãobem, no cemiterio,  
 Incerta volve o passo, soletrando  
     Recordações da vida;  
 Róça o negro cipreste, calca o musgo,  
 Que o tempo fez brotar por entre as fendas  
     Da pedra carcomida.

Então corre o meo pranto muito e muito  
 Sobre as humidas cordas da minha Harpa,  
     Que não resoão;  
 Não chóro os mortos, não; chóro os meos dias,  
 Tão sentidos, tão longos, tão amargos,  
     Que em vão se escôão.

Nesse pobre cemiterio  
     Quem já me dera um logar!  
 Esta vida mal vivida  
     Quem já m'a dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,  
     Da pastora invejo a vida,  
 Invejo o somno dos mortos  
     Sob a lage carcomida.

Se qual pegão tormentoso,  
     O sopro da desventura  
 Vae bater potente á porta  
     De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde,  
Não lhe responde um gemido,  
Não lhe responde uma prece,  
Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que fallem,  
Já não têm que padecer;  
No passar da vida á morte  
Foi seo extremo soffrer.

Que lh'importa a desventura?  
Ella passou, qual gemido  
Da brisa em meio da mata  
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como elles!  
Quem me dera descansar!  
Nesse pobre cemiterio  
Quem me dera o meo logar,  
E co'os sons das Harpas d'anjos  
Da minha Harpa os sons casar!

## DESEJO.

E poi morir.

METASTASIO.

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos  
Siquer por um instante, nesta vida

Amor igual ao meo!

Dá, Senhor Deos, que eu sobre a terra encontre  
Um anjo, uma mulher, uma obra tua,

Que sinta o meo sentir;

Uma alma que me entenda, irmã da minha,  
Que escute o meo silencio, que me siga

Dos ares na amplidão!

Que em laço estreito unidas, juntas, presas,  
Deixando a terra e o lodo, aos céos remontem

N'um extasis de amor!

## SEOS OLHOS.

Oh! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble,  
 Tes yeux pleins de langueur;  
 Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!  
 Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble  
 Que tu fermes ton coeur.

TURQUEIY.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,  
 De vivo luzir,  
 Estrellas incertas, que as agoas dormentes  
 Do mar vão ferir;

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,  
 Tem meiga expressão,  
 Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta  
 De noite cantando, — mais doce que a frauta  
 Quebrando a soidão,

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,  
 De vivo luzir,  
 São meigos infantes, gentis, engraçados  
 Brincando a sorrir.

São muggos infantes, brincando, saltando  
Em jogo infantil,  
Inquietos, travêssos; — causando tormento,  
Com beijos nos págão a dôr de um momento,  
Com modo gentil.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,  
Assim é que são;  
A vezes luzindo, serenos, tranquilllos,  
As vezes vulcão!

As vezes, oh! sim, derramão tão fraco,  
Tão frouxo brilhar,  
Que a mim me parece que o ar lhes fallece,  
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,  
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,  
Desperta a chorar;  
E mudo e sisudo, scismando mil coisas,  
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,  
As vezes do céu  
Cae doce harmonia d'uma Harpa celeste.  
Um vago desejo; e a mente se véste  
De pranto co'um véo.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos  
Da patria melhor;  
Eu amo seos olhos que chorão sem causa  
Um pranto sem dôr.

Eu amo seos olhos tão negros, tão puros,  
De vivo fulgor;  
Seos olhos que exprimem tão doce harmonia,  
Que fallão de amores com tanta poesia,  
Com tanto pudor.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,  
Assim é que são:  
Eu amo esses olhos que fallão de amores  
Com tanta paixão.

## INNOCENCIA.

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.

S. BEUVE.

O' meo anjo, vem correndo,  
Vem tremendo  
Lançar-te nos braços meos:  
Vem depressa, que a lembrança  
Da tardança  
Me aviva os rigores teos.

Do teu rosto, qual marfim,  
De carmim  
Tinge um nada a côr mimosa:  
É bello o pudor, mas choro,  
E deploro  
Que assim sejas tão medrosa.

Por innocente tens medo  
De tão cedo,

De tão cedo ter amor;  
Mas sabe que a forniosura  
    Pouco dura,  
Pouco dura, como a flôr.

Corre a vida pressurosa,  
    Como a rosa,  
Como a rosa na corrente.  
Amanhã terás amor?  
    Como a flôr,  
Como a flôr fenece a gente.

Hoje ainda és tu donzella  
    Pura e bella,  
Cheia de meigo pudor:  
Amanhã menos ardente  
    De repente  
Talvez sintas meo amor.

## PEDIDO.

Hontem no baile  
Não me attendias!  
Não me attendias,  
Quando eu fallava.

De mim bem longe  
Teo pensamento!  
Teo pensamento,  
Bem longe errava.

Eu vi teos olhos  
Sobre outros olhos!  
Sobre outros olhos.  
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste  
Com tal sorriso!  
Com tal sorriso,  
Que apunhalava.

Tu lhe fallaste  
Com voz tão doce!  
Com voz tão doce,  
Que me matava.

Oh! não lhe falles,  
Não lhe sorrias,  
Se então só qu'rias  
Exp'rimetar - me.

Oh! não lhe falles,  
Não lhe sorrias,  
Não lhe sorrias,  
Que era matar - me.

## O DESENGANO.

Já vigílias passei namorado,  
Doces horas d'insomnia passei,  
Já meos olhos, d'amor faseinado,  
Em vêr só meo amor empreguei.

Meo amor era puro, extremoso,  
Era amor que meo peito sentia,  
Erão lavas de um fogo teimoso,  
Erão notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,  
Era ver seo sorriso harmonia;  
E os seus modos e gestos e ditos  
Erão graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava  
Mais do que meigos sons de meiga lyra?  
Um dia o decifrou — não mais que um dia —  
Fingimento e mentira!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia,  
Como uma flôr!  
Porque tão cedo o talisman quebraste  
Do nosso amor?

Porque n'um só instante assim partiste  
Essa annosa cadeia?  
De bom grado a soffreste! essa lembrança  
Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza,  
Qual em ondas de areia movediça,  
Na mulher, — não achei!  
E da esperança, que eu via tão donosa  
Sorrir dentro em minha alma, as longas azas  
Doido e nescio cortei!

E tu vás caprixosa proseguindo  
Essa esteira de amor, que julgas cheia  
De flôres bem gentis;  
Pódes ir, que os meos olhos te não vejam;  
Longe, longe de mim, mas que em minha alma  
Eu sinta qu'és felis.

Pódes ir, que é desfeito o nosso laço,  
Pódes ir, que o teu nome nos meus lábios  
Nunca mais soará!

Sim, vai; — mas este amor que me atormenta,  
Que tão grato me foi, que me é tão duro,  
Commigo morrerá!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia  
Como uma flôr!

Oh! que bem cedo o talisman quebraste  
Do nosso amor!

## MINHA VIDA E MEOS AMORES.

Mon Dieu, fais que je puisse aimer!

S. BEUVE.

Quando, no albor da vida, fascinado  
Com tanta luz e brilho e pompa e gallas,  
Vi o mundo sorrir-me esperançoso:  
— Meo Deos, disse entre mim, oh! quanto é doce,  
Quanto é bella esta vida assim vivida! —  
Agora, logo, aqui, além, notando  
Uma pedra, uma flôr, uma lindeza,  
Um seixo da corrente, uma conxinha  
A beira mar colhida!

Foi esta a infancia minha; a juventude  
Fallou-me ao coração: — amemos, disse,  
Porque amar é viver.  
E esta era linda, como é linda a aurora  
No fresco da manhã tingindo as nuvens  
De rosea côr fagueira:

Aquella tinha um quê de anhelos meigos  
Artifice sublime;  
Feiticeiro sorrir dos labios della  
Prendeo-me o coração: — julguei-o ao menos.

Aquella outra sorria tristemente,  
Como um anjo no exilio, ou como o calix  
De flôr pendida e murcha e já sem brilho.  
Humilde flôr tão bella e tão cheirosa,  
No seo deserto perfumando os ventos.  
— Eu murrêra felis, dizia eu d'alma,  
Se pudesse enxertar uma esperança  
N'aquella alma tão pura e tão formosa,  
E um alegre sorrir nos labios della.

A fugaz borboleta as flôres todas  
Elege, e liba e uma e outra, e foge  
Sempre em novos amores enlevada;  
N'este meo paraiso fui como ella,  
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,  
Como o mar em bonança meigo e doce,  
Do templo como a luz perenne e sancto,  
Não, nunca o senti; — somente o viço  
Tão forte dos meos annos, por amores  
Tão faceis quanto indi'nos fui trocando.  
Quanto fui louco, ó Deos! — Em vez do fructo  
Sasonado e maduro, que eu podia

Como em jardim colher, mordi no fructo  
Putrido e amargo e rebuçado em einzas,  
Como infante glotão, que se não senta  
    Á mesa de seos paes.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,  
Dá que eu sinta uma paixão,  
Torna-me virgem minha alma,  
E virgem meo coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto della,  
Sua voz murmurou nos meos ouvidos,  
— Eu te amo! — O' anjo, que não possa eu crer-te!  
Ella, certo, não é mulher que vive  
Nas feses da deshonra, em eujos labios  
Só mentira e traição eterno habitão.  
Tem uma alma innocente, um rosto bello,  
E amor nos olhos . . . — mas não posso crê-la.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,  
Dá que eu sinta uma paixão:  
Torna-me virgem minha alma,  
E virgem meo coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo  
Terna voz lhe escutei: — Sonhei comtigo! —  
Ineffavel prazer banhou meo peito,  
Senti delicias; mas a sós eommigo  
Pensei — talvez! — e já não pude erê-la.

Ella tão meiga e tão cheia de encantos,  
Ella tão nova, tão pura e tão bella . . .

Amar-me! — Eu que sou?

Meos olhos enxérgão, em quanto duvida  
Minha alma sem crença, de força exaurida,

Já farta da vida,

Que amor não doirou.

Máo grado meo, crer não posso,

Máo grado meo que assim é;

Queres ligar-te commigo

Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai collar teo rosto,

Collar teo seio nevado

Contra o rosto mudo e frio,

Contra o seio d'um finado.

Ou supplica a Deos commigo

Que me dê uma paixão;

Que me dê crença á minha alma,

E vida ao meo coração.

## RECORDAÇÃO.

Nessun maggior dolore . . . .

DANTE.

Quando em meo peito as afflicções rebentão  
Eivadas de soffrer acerbo e duro;  
Quando a desgraça o coração me arrocha  
Em circulos de ferro, com tal força,  
Que delle o sangue em borbotões golfeja:  
Quando minha alma de soffrer cançada,  
Bem que affeita a soffrer, siquer não pode  
Clamar: Senhor piedade; — e que os meos olhos  
Rebeldes, uma lagrima não vertem  
Do mar d'angustias que meo peito opprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso  
Que a sós contigo, em pratica serena,  
Melhor futuro me augurava, as doces,  
Palavras tuas, soffregos, attentos  
Sorvendo meos ouvidos, — nos teos olhos

Lendo os meos olhos tanto amor, que a vida  
Longa, bem longa, não bástara ainda  
Porque de os ver me saciasse! . . . O pranto  
Então dos olhos meos corre espontaneo,  
Que não mais te verei. — Em tal pensando  
De martyrios calar sinto em meo peito  
Tão grande plenitude, que a minha alma  
Sente amargo prazer de quanto soffre.

## TRISTESA.

Que leda noite! — Este ar embalsamado,  
 Este silencio harmonico da terra  
 Que sereno prazer n'alma cançada  
 Não expreme, não filtra, não diffunde?  
 A brisa lá susurra na folhagem  
 D'espessas matas, d'arvores robustas,  
 Que velão sempre e sós, que a Deos elevão  
 Mysteroso côró, que do Bardo  
 A creença quasi morta inda alimenta.  
 É esta a hora magica de encantos,  
 Hora d'inspirações dos ceos descidas,  
 Que em delirio de amor aos céos remontão.

Aqui da vida as lastimas infindas,  
 Do myrrado egoismo a voz ruidosa  
 Não chegão; nem soluços, risos, festas,  
 — Hilaridade vã de turba incauta,  
 Nescia de ruim futuro; ou queixa amarga  
 De decrepito velho, enfermo, exangue,

Nem do mancebo os ais doídos, preso  
Ao leito do soffrer na flôr da vida.

Aqui reina o silencio, o religioso,  
Morno socego, que povõa as ruinas,  
E o mausoléo soberbo, carcomido,  
E o templo magestoso, em cuja nave  
Suspira ainda a nota maviosa,  
O derradeiro arfar d'orgão solemne.

Em puro céo a lua resplandece,  
Melancolica e pura, semelhando  
Gentil viuva que pranteia o extincto,  
O bello esposo amado, e vem de noite,  
Vivendo pelo amor, máo grado a morte,  
Ferventes orações chorar sobre elle.

Eu amo o céo assim, sem uma estrella,  
Azul sem mancha, — a lua equilibrada  
N'um ceo de nuvens, e o frescor da tarde,  
E o silencio da noite adormecida,  
Que imagens vagas de prazer desenha.  
Amo tudo o que dá no peito e n'alma  
Tregoa ao recordar, tregoa ao pranto,  
Á v'hemencia da dôr, á pertinacia  
Tenaz e acerba de crueis lembranças;  
Amo estar só com Deos, porque nos homens  
Achar não pude amor, nem pude ao menos  
Signal de compaixão achar entre elles.

Menti! — um inda achei; mas este em ocio  
Feliz descança agora, em quanto aos ventos  
E ao cru furor das verde-negras ondas  
Da minha vida a barca aventureira  
Insano confiei; em céo diverso  
Luzem com luz diversa estrellas d'ambos.  
Ai! triste, que houve tempo em que eu julgava  
As duas uma só, — co'o mesmo brilho  
Uma e outra nos céos meigas brilhavão!  
Hoje scintilla a delle, em quanto a minha  
Entre nuvens, sem luz, se perde agora.  
Meo Deos, foi bom assim! No immenso pégo  
Mais uma gotta d'amargor que importa?  
Que importa o fel na taça do absyntho,  
Ou uma dôr de mais onde outras reinão?

## O TROVADOR.

Elle cantava tudo o que merece de  
ser cantado; o que ha na terra de grande  
e de saneto — e amor e a virtude. —

N'uma terra antigamente  
Existia um Trovador;  
Na Lyra sua innocente  
Só cantava o seo amor.

Nenhum saráo se acabava  
Sem a Lyra de marfim,  
Pois cantar tão alto e doce  
Nunca alguem ouvira assim.

E quer donzella, quer dona,  
Que sentira commoção  
Pular-lhe n'alma, escutando  
Do Trovador a canção:

De jasmims e de açucenas  
A fronte sua adornou;  
Mas só a rosa da amada  
Na Lyra amante poisou.

E o Trovador conheceo  
Que era trahido — por fim;  
Poz-se a andar, e só se ouvia  
Nos seos labios: ai de mim!

Enlutou de negro fumo  
A rosa de seo amor,  
Que meia occulta se via  
Na gorra do Trovador;

Como virgem bella, morta  
Da idade na linda flôr,  
Que parece, o dó trajando,  
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seo caminho  
Gentil donzella encontrou:  
Canta — disse; e as cordas d'oiro  
Vibrando, a triste cantou.

«Teo rosto engraçado e bello  
«Tem a lindeza da flôr;  
«Mas é risonho o teo rosto:  
«Não tens de sentir amor!

«Mas tão bem por esse dia  
 «Que viverás, como a flôr,  
 «Mimosa, engraçada e bella.  
 «Não tens de sentir amor!

«Oh! não queiras, por Deos, homeni que tenha  
 «Tingida a larga testa de pallor;  
 «Sente fundo a paixão, — e tu no mundo  
 «Não tens de sentir amor!

«Sorriso jovial te enfeita os labios,  
 «Nas faces de jasmim tens rosea côr:  
 «Fundo amor não se ri, não é corado . . .  
 «Não tens de sentir amor;

«Mas se queres amar, eu te aconselho,  
 «Que não guerreiro, escolhe um trovador,  
 «Que não tem um punhal, quando é trahido,  
 «Que vingue o seu amor.»

Do Trovador pelo rosto  
 Torva raiva se espalhou,  
 E a Lyra sua, tremendo,  
 Sem cordas d'oiro ficou.

Mais além no seo caminho  
 Donzel garboso encontrou:  
 Canta — disse; e argenteas cordas  
 Pulsando, o triste cantou.

«Aos homens da mulher enganão sempre

«O sorriso, o amor;

«É este breve, como é breve aquelle

«Sorriso enganador.

«Teo peito por amor, Donzel, suspira,

«Que é de jovens amar a formosura;

«Mas sabe que a mulher, que amor te jura,

«Dos lindos labios seos cospe a mentira!

«Já frenetico amor cantei na lyra,

«Delicias já sorvi n'um seo sorriso,

«Já venturas fruí do paraiso,

«Em terna voz de amor, que era mentira!

«O amor é como a aragem que murmura

«Da tarde no cahir — pela folhagem;

«Não volta o mesmo amor á formosura,

«Bem como nunca volta a mesma aragem.

«Não queiras amar, não; pois que a 'sperança

«Se arroja além do amor por largo espaço.

«Tens, brillando ao sol, a forte lança,

«Tens longa espada scintillante d'aço.

«Tens a fina armadura de Milão,

«Tens luzente e brilhante capacete,

«Tens adága e punhal e bracelete

«E, qual lúcido espelho, o morrião.

«Tens fogo corsele todo arreiado,  
 «Que mais veloz que os ventos sorve a terra;  
 «Tens duellos, tens justas, tens torneios,  
 «Que os fracos corações de medo cerra;  
 «Tens pagens, tens varletes e escudeiros  
 «E a marcha afoita, apercebida em guerra  
 «Do luzido esquadrão de mil guerreiros.

«Oh! não queiras amar! — Como entre a neve  
 «O gigante volcão borbulha e ferve  
 «E sulfurea chamma pelos ares lanca,  
 «Que após o sco cahir torna-se fria;  
 «Assim tu acharás petrificada,  
 «Bem como a lava ardente do volcão,  
 «A lava que teo peito consumia  
 «No peito da mulher — ou cinza ou nada —  
 «Não frio, mas gelado o coração!»

E o Trovador despeitoso  
 De prata as cordas quebrou,  
 E nas de chumbo seo fado  
 A lastimar começou.

«Que triste que é n'este mundo  
 «O fado d'um Trovador!  
 «Que triste que é! — bem que tenha  
 «Sua Lyra e seu amor.

«Quando em festejos descanta,  
«Rasgado o peito com dôr,  
«Mimoso tem de cantar  
«Na sua Lyra — o amor!

«Como a um servo vil ordena,  
«Um orgulhoso Senhor,  
«Canta, diz-lhe; quero ouvir-te:  
«Quero descantes de amor!

«Diz-lhe o guerreiro, que apenas  
«Lidou em justas de amor:  
«— Minha dama quer ouvir-te,  
«Canta, truão trovador! —

«Manda a mulher que nos deixa  
«De beijos murchada flôr:  
«— Canta, truão, quero ouvir-te,  
«Um ternó canto de amor!

«Mas se a mulher, que elle adora  
«Atraiçôa o seo amor;  
«Embalde busca a seo lado  
«Um punhal — o Trovador!

«Se escuta palavras della,  
«Que a outros jurão amor;  
«Embalde busca a seo lado  
«Um punhal — o Trovador!

«Se vê luzir de alguns labios  
«Um sorriso mofador;  
«Embalde busca a seo lado  
«Um punhal — o Trovador!

«Que triste que é n'este mundo  
«O fado d'um Trovador!  
«Pezar lhe dá sua Lyra,  
«Dá-lhe pezar seo amor!»

E o Trovador n'este ponto  
A corda extrema arrancou;  
E n'um marco do caminho  
A Lyra sua quebrou:  
Ninguem mais a voz sentida  
Do Trovador escutou!

## AMOR! DELIRIO — ENGANO.

Y el llanto que en su colera derrama,  
La hoguera apagua del antiguo amor!

ZORRILLA.

Amor! delirio — engano . . . . . Sobre a terra  
Amor tão bem fruí; a vida inteira  
Concentrei n'um só ponto — ama-la, e sempre.  
Amei! — dedicação, ternura, extremos  
Scismou meo coração, scismou minha alma,  
— Minha alma que na taça da ventura  
Vida breve d'amor sorveo gostosa.  
Eu e ella, ambos nós, na terra ingrata  
Oásis, paraíso, eden ou t'emplo  
Habitámos uma hora; e logo o tempo  
Com a foíce roaz quebrou-lhe o encanto,  
Doce encanto que o amor nos fabricára.

E eu sempre a via! . . quer nas nuvens d'oiro,  
Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,  
Ou quer na branca nuvem que velava

O circulo da lua, — quer no manto  
D'alvacenta neblina que baixava  
Sobre as folhas do bosque, muda e grave,  
Da tarde no cahir; nos céos, na terra,  
A ella, a ella só, vião meos olhos.

Seo nome, sua voz — ouvia eu sempre;  
Ouvia-os no gemer da parda rola,  
No trepido correr da veia argentea,  
No respirar da brisa, no susurro  
Do arvoredo frondoso, na harmonia  
Dos astros ineffavel; — o seo nome!  
Nos fugitivos sons de alguma frauta,  
Que da noite o silencio realçavão,  
Os ares e a amplidão divinizando,  
Ouvião meos ouvidos; e de ouvil-o  
Arfava de prazer meo peito ardente.

Ah! quantas vezes, quantas! junto d'ella  
Não senti sua mão tremer na minha;  
Não lhe escutei um languido suspiro,  
Que vinha lá do peito á flor dos labios  
Deslisar-se e morrer?! Dos seos cabellos  
A magica fragrancia respirando,  
Escutando-lhe a voz doce e pausada,  
Mil venturas colhi dos labios d'ella,  
Que instantes de prazer me futuravão.  
Cada sorriso seo era uma esp'rança,  
E cada esp'rança enlouquecer de amores.

E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens  
Saber que amor, á ingrata, havia eu dado:  
Que affectos melindrosos, que em meo peito  
Tinha eu guardado para ornar-lhe a frente!  
Oh! não, — morra commigo o meo segredo;  
Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes, pensando a sós commigo,  
Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,  
Da minha vida que farei, se acaso  
Faltar-me o teo amor um só instante:  
— Eu que só vivo por te amar, que apenas  
O que sinto por ti a custo exprimo?  
No mundo que farei, como estrangeiro  
Pelas vagas crueis á praia inhóspita  
Exanime arrojado? — Eu, que isto disse,  
Existo e penso — e não morri, — não morro  
Do que outr'ora senti, do que ora sinto,  
De pensar nella, de a revêr em sonhos,  
Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ella de mim jaz esquecida!  
Esquecida talvez de amor tamanho,  
Derramando talvez n'outros ouvidos  
Frases doces de amor, que dos seos labios  
Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes  
Em extasis divino aos céos me alçarão,  
— Que dando á terra ingrata o que era terra  
Minha alma além das nuvens transportarão.

Existo! como outr'ora, no meo peito  
 Férvido o coração pular sentindo,  
 Todo o fogo da vida derramando  
 Em queixas mulherís, em molles versos.  
 E ella! . . . ella talvez nos braços d'outrem  
 Com sua vida alimenta uma outra vida,  
 Com o seo coração o de outro amante,  
 Que mais feliz do que eu, inferno! a gosa.  
 Ella, que eu respeitei, que eu venerava  
 Como a reliquia saneta! — a quem meus olhos,  
 Receiando offendel - a, tantas vezes  
 De castos e de humildes se abaixarão!  
 Ella, perante quem sentia eu presa  
 A voz nos labios e a paixão no peito!  
 Ella, idolo meo, a quem o orgulho,  
 A força d'homem, o sentir, vontade  
 Propria e minha dediquei, — sugeita  
 A voz de alguém que não sou eu, — desperta,  
 Talvez no instante em que de mim se lembra,  
 Por um oseulo frio, por caricias  
 Devidas d'um esposo! . . .

Oh! não poder-te,

Abutre roedor, cruel eiume,  
 Tua funda raiz e a imagem d'ella  
 No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que és meo rival, n'uma hora,  
 Em que ella só julgar-se, has de escutar-lhe  
 Um quebrado suspiro do imo peito,

Que d'éras ja passadas se recorda.  
Has de escutal-o, e ver lhe a côr do rosto  
Enrubecer-se ao deparar contigo!  
Preza serás tambem d'átros cuidados,  
Terás ciume, e soffrerás qual soffro:  
Nem menor que o meo mal quero a vingança.

## DELIRIO.

Quando dormimos nosso espirito véla.

ESCHYLO.

A noite quando durmo, esclarecendo,  
As trevas do meu somno,  
Uma etherea visão vem assentar-se  
Junto ao meu leito afflicto!  
Anjo ou mulher? não sei. — Ah! se não fosse  
Um qual véo transparente,  
Como que a alma pura alli se pinta  
Ao travéz do semblante,  
Eu a crêra mulher . . . — E tentas, louco,  
Recordar o passado,  
Transformando o prazer, que desfructaste,  
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, porque derramas  
Sobre o meo rosto pallido  
A luz de um longo olhar, que amor exprime  
E pede compaixão?

Porque teo coração exhala uns fundos.

Magoados suspiros,

Que eu não escuto; mas que vejo e sinto

Nos teos labios morrer?

Porque esse gesto e morbida postura

\* De macerado espirito,

Que vive entre afflicções, que já nem sabe

Desfructar um prazer?

Tu fallas! tu que dizes? este accento,

Esta voz melindrosa,

N'outros tempos ouvi, porém mais leda;

Era um hymno d'amor.

A voz, que escuto, é magoada e triste,

— Harmonia celeste,

Que á noite vem nas azas do silencio

Humedecer as faces

Do que enxerga outra vida além das nuvens.

Esta voz não é sua;

É accorde talvez d'harpa celeste,

Cahido sobre a terra!

Balucias uns sons, que eu mal percebo,

Dorídos, compassados,

Fracos, mais fracos; — lagrimas despontão

Nos teos olhos brilhantes...

Choras! tu choras!... Para mim teos braços

Por força irresistivel

Estendem se, procuraõ-me; procuro-te  
Em delirio afanoso.  
Fatídico poder entre nós ambos  
Ergueo alta barreira;  
Elle te enlaça e prende... mal resistes...  
Cédes emfim... acórdo!

Acórdo do meo sonho tormentoso,  
E chóro o meo sonhar!  
E fecho os olhos, e de novo intento  
O sonho reatar.  
Embalde! porque a vida me tem preso;  
E eu sou escravo seo!  
Acordado ou dormindo, é triste a vida  
Desque o amor se perdeu.  
Ha contudo prazer em nos lembrarmos  
Da passada ventura,  
Como o que educa flôres vicejantes  
Em triste sepultura. \*

## EPICEDIO.

Passa la bella donna e par che dorma.

TASSO.

Seo rosto pallido e bello  
Já não tem vida nem côr!  
Sobre elle a morte descança,  
Involta em baço pallor.

Cerrárão-se olhos tão puros,  
Que tinham tanto fulgor;  
Coração que tanto amava  
Já hoje não sente amor:

Que o anjo bello da morte  
A par desse anjo baixou!  
Trocárão brandas palavras,  
Que Deos sómente escudou.

Ventura, prazer, lediee  
 D'uma outra vida contou;  
 E o anjo puro da terra  
 Prazer da terra engeitou.

Depois eo'as azas candentes  
 O formoso anjo do eéo  
 Roçou-lhe a face mimosa,  
 Cubrio-lhe o rosto eo'um véo.

Depois o corpo engraçado  
 Deixou á terra sem vida,  
 De tenue pallor eoberto,  
 — Verniz de estatua esqueida.

E bella assim, como um lirio  
 Mureho da sésta ao ardor,  
 Teve a innocencia dos anjos,  
 Tendo o viver d'uma flôr.

Foi breve! — mas a desgraça  
 A testa não lhe enrugou,  
 E aos pés do Deos que a ereára  
 Alma inda virgem levou.

São da larva a borboleta,  
 São da rocha o diamante,  
 De um cadaver mudo e frio  
 São uma alma radiante.

Não choremos essa morte,  
Não choremos casos taes;  
Quando a terra perde um justo,  
Conta um anjo o céo de mais.

## SOFFRIMENTO.

Meo Deos, Senhor meo Deos, o que ha no mundo  
Que não seja soffrer?

O homem nasce, e vive um só instante,  
E soffre até morrer!

A flôr ao menos, nesse breve espaço  
Do seo doce viver,  
Encanta os ares com celeste aroma,  
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos  
Traz consigo prazer;  
E o homem nasce e vive um só instante:  
E soffre até morrer!

Meo peito de gemer já está cançado,  
Meos olhos de chorar;  
E eu soffro ainda, e já não posso alivio  
Sequer no pranto achar!

Já farto de viver, em meia vida,  
 Quebrado pela dôr,  
 Meos annos hei passado, uns após outros,  
 Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,  
 Que nunca pude achar,  
 Que em balde procurei, na flôr, na planta,  
 No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pallido espectro,  
 Que da campa fugio;  
 Flôr ceifada em botão; imagem triste  
 De um ente que existio...

Não escutes, meo Deos, esta blasfemia:  
 Perdão. Senhor, perdão!  
 Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto  
 Bater-me o coração.

Quando roja meo corpo sobre a terra,  
 Quando me afflige a dôr,  
 Minha alma aos céos se eleva, como o incenso.  
 Como o aroma da flôr.

E eu bendigo o teo nome eterno e sancto,  
 Bendigo, a minha dôr,  
 Que vai além da terra aos céos infindos.  
 Prender-me ao creador.

Bemdigo o nome teu, que uma outra vida  
Me fez descortinar,  
Uma outra vida, onde não ha só trevas,  
E nem ha só penar.

## V I S Õ E S.

## I.

## PRODIGIO.

N'aquelle instante em que vacilla a mente  
Do somno ao despertar, quando pejada  
Vem d'outros mundos de visões ethereas;  
Quando sobre a manhã surge brilhante  
A luz da madrugada, — eu vi!... nem sonhos  
Era a minha visão, real não era;  
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?  
Foi caprixi fallaz da phantasia,  
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda  
Sobre una vasta capital! — em pedra  
Tornou-se a gente impura. Muitos homens  
As portas ferreas, largas, vi sentados.  
Melhor do que um piutor ou statuário  
A morte, que de subito os eolhera

No ardor, no afan da vida, conservou-lhes  
A acção — partida em meio, com tal força,  
Que a mente seo máo grado a completava.

Um tinha os labios entreabertos; outro  
Parecia sorrir; mais longe aquelle  
Derramava um segredo, baixo, á medo,  
Nos ouvidos do amigo; austero o guarda  
Com rosto carregado e barba hirsuta  
Nas mãos callosas sopesava a lança.

Dos mercadores na comprida rua  
Passavão muitos compradores; — este  
Contava montes d'oiro; — á luz aquelle  
Expunha a seda do Indostão, de Tyro  
A purpura brilhante, a damasquina  
Custosa téla entretecida d'oiro.

Cortez sorrindo, o mercador gabava  
As cores vivas, o tecido, o corpo  
Do estofo que vendia. Nos serralhos  
Era o Eunucho imperfeito; das Mesquitas  
Bradava á prece o Muezzin...

— N'um largo,

Fofa e vasto divan sentado, um velho  
Os versos lia do Alcorão; — só elle  
D'entre tanto punir ficára illeso.

## II.

## A CRUZ.

Era um templo d'arabica structura,  
Magestoso, elegante; — alem das nuvens  
Se entranhava nos céos subtil a agulha;  
Sobre o zimborio retumbante e vasto  
Ondas e ondas de vapor cresião.  
Dentro corrião tres compridas naves  
Sobre dois renques de columnas, onde  
Baixos relevos da sagrada historia  
Da base ao capitel se emmaranhavão.  
Ardia a luz na alampada sagrada;  
No sagrado instrumento o som dormia.

Juncto á cruz — da fachada egregia pompa —  
Muitos homens eu vi de torvo aspecto;

Muitos outros, servís, com mão armada  
 Profundos golpes entalhavão nella.  
 Um daquelles no entanto assim fallava:

«Quando esta humilde cruz rojar por terra;  
 «Levando a crença de Jesus comsigo  
 «Nós outros, da verdade Sacerdotes,  
 «Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros  
 «Que desvendamos a impostura, o erro,  
 «A mentira sagaz, a crença louca,  
 «Entrada facil da razão no templo  
 «Teremos todos: e de então no throno,  
 «Do nescio vulgo imparciaes sob'ranos,  
 «Sanctos juises da verdade sancta,  
 «Pregaremos o justo, a paz, concordia  
 «E os seus deveres que dimanão faceis  
 «Do amor do lucro e do interesse; todos  
 «-- Vasallos da razão, nossos vassallos —  
 «Um eden terreal farão do mundo.»

No entanto aos crebros golpes do machado  
 A cruz pendia obliqua sobre a terra.  
 Creando novas forças com tal vista,  
 Os operarios mais frequentes golpes  
 Repetem, vibrão, continuão; — sôa  
 Por toda a parte o echo, — o som, mais longe,  
 Retumba, morre — e novamente cchôa.  
 Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sóbe

Unisono e geral! . . .

                                    Como sois grande,  
Senhor, Senhor meos Deos! — Eu vi, morrendo  
Os obreiros cair; e a cruz erguer-se,  
Como aos raios do sol a flor mimosa  
Que a raiva do tufão vergára insana.

## III.

## PASSAMENTO.

Era um quarto espaçoso; — alli se vião  
Rojar no pavimento, ha pouco, as sedas,  
Ricos tapetes multicolor bordados,  
E franjas complicadas d'um céo d'oiro  
Pendentes, — vastos rases narradores  
De lenda pia ou de briosos feitos.  
Mas de tanto luzir, de tanto ornato  
Ora por mãos aváras depredado  
O vasto d'área revelava aos olhos,  
Tendo n'um canto escuro um leito apenas.  
Do leito alguém rasgára o cortinado.  
E da curva amação polida e bella  
Aqui, alli, pendia a seda em fios.  
Bem como tranças de mulher formosa  
Por sobre o seio nú. — Alli no leito  
Jasia um moribundo; em torno 'os olhos  
Cheios de pasmo e de terror volvia,  
Bebendo pelos sofregos ouvidos  
Mal sentido rumor d'outro aposento.

Confusas vozes, altercar ruído,  
 E o tinir de metal ouvia apenas!  
 Então por vezes tres no leito afflicto  
 Erguer-se maquinou de raiva insano!  
 Por tres vezes cahio, gemendo, sobre  
 O leito que da queda se sentia.

Da morte o cru torpor nos membros frios  
 Pouco e pouco s'espalha; mas teimoso  
 Da vida o amor debate-se nas ancias  
 Desse passo fatal . . .

— Eis nisto á porta

Um Padre assoma, — d'entre as mãos erguidas  
 Da hostia sancta resplendor luzia;  
 E palavras de paz, de amor, divinas,  
 Que nos labios do justo Deos entorna,  
 Abundantes soltava. Longos annos  
 De piedoso soffrer o corpo enfermo  
 Alquebrárão por fim; as cãs nevadas  
 Raras tremião sobre a testa, como.  
 Tremia na garganta a voz cançada.

Dizia o bom do velho: — «Irmão, nas ancias.  
 «No extremo agonisar da morte amiga  
 «Ergue os olhos ao céo; — do céo te venha  
 «Esse divino amor, que só lá mora,  
 «Que filtra por nossa alma, que nos deixa  
 «Mais celeste prazer, mais doce arroubo.  
 «Do que a terra sóe dar. . . .

«Infames, trédos,  
 «Bufarinheiros de palavras, corvos  
 «De negro, feio agoiro, que esvoação  
 «Com grito grasnador por sobre o campo,  
 «Onde a peleja de reinar começa;  
 «Dizes-me *tu* — a mim! a mim que ao fóro  
 «Caminho inda hoje entre alas de elientes,  
 «Que so me visto de velludo e d'oiro,  
 «Em quanto vives de burel coberto,  
 «Co'os labios sobre o pó mordendo a terra!  
 «Dizes-me *tu* — a mim! . . .»

Ergueo-se, . . . e o corpo  
 Cahio de fraeo sobre o leito: o velho  
 No emtanto humilde orava, que alma saneta  
 Do mal cabido insulto não se offende.

Jehovah, que entre myriadas  
 Vives de estrellas formosas.  
 Que das flôres melindrosas  
 Da terra — os anjos formaste;  
 Jehovah, que pela agoa  
 Lustrar quizeste o Messias,  
 Que ao beato, ao saneto Elias  
 Nas ehammas purificaste;

Jehovah, que a mente apuras  
 No fogo do soffrimento,  
 Que divino, alto portento  
 Deste fazer á Moisés,

Quando a negra rocha dura  
 Tocando co'a tenue vara.  
 Rebentou a lympha clara.  
 Lambendo-lhe mansa os pés:

Jehovah, que eterno existes,  
 Cujo ser em si se encerra,  
 Que formaste o céo e a terra.  
 Que te chamas — o que é, \*)  
 — Faz, Senhor d'altos prodigios,  
 Com que a mente empedernida  
 Não se aparte desta vida  
 Sem sentir a sancta fé.

E tu, Chriso, que soffreste  
 Martyrios por nosso amor,  
 Tu que foste o Salvador,  
 Salva-o, Senhor, por quem és.  
 Dá que em palavras piedosas  
 Se derrame contristado,  
 Como o rochedo tocado  
 Pela vara de Moises.

E o confuso rumor do outro aposento  
 Crescia mais e mais. — Do moribundo  
 Os cúpidos herdeiros dividião  
 Por si a vasta herança; os torvos olhos

---

\*) Ego sum qui sum.

Ião de rosto a rosto, fusilando  
Ameaças de morte.

No emtanto o velho exanime e sem forças  
Curtia amargos transes, que avarento,  
E tendo a vida inutil presa a terra  
Com toda a força d'alma, — agora em ancias  
Sentia o halito vital fugir-lhe,  
E a terra abandonal-o.

Estuava-lhe a dôr no peito afficto!..  
Só não chorava, que do pranto a fonte  
Jasia extincta; mas pensava triste:  
— Não tinha alguem que lhe cerrasse os olhos  
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo  
Do extremo agonisar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro  
Lhe pintava os seos feitos; — a vingança,  
Que tão grande prazer lhe tinha sido,  
Ora em martyrios se tornava; a chusma  
Dos homicidios seos crescia torva,  
E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos  
Prejuizos do vulgo; — e assim dizendo  
Os vãos phantasmas repellir buscava.  
Mas a crença infantil, os prejuizos  
Do nescio vulgo, rispídos tornavão.  
Como insecto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,  
Sobre os olhos debalde as mãos crusava,  
Que as sombras nos ouvidos lhe fallavão,  
E mais distinctas se pintavão n'alma  
— Tão bem molesta, qual se pinta o corpo  
Do espelho no polido.

E do seo passamento o caso infando  
Narrava uma após outra, sobre o peito  
Mostrando o golpe funebre e cruento;  
Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo  
Parecia sorrir! . . . era qual louco  
Que soffre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja  
De sobre o leito delirante; as sombras  
Vôão sobre elle, e em circulo se ordenão.  
O moribundo a esta, a aquella, a todas  
Volve o pavido rosto, no mover-se  
Progressivo, incessante.

E preso ao duro embate da vertigem,  
As nestas sombras ao redor com elle  
Fugir sentia; o pavimento, a casa  
Rapido rodava; a terra e tudo,  
Como aos soluços d'um vulcão tremendo.  
As forcas lhe tolhião.

E o orgulhoso que feliz vivera,  
Movendo a seo bom grado mil escravos,  
Querendo a terra dominar co'um gesto;  
Ora mesquinho, solitario e louco,  
Face a face lutando com seos crimes,  
Morria impenitente.

## IV.

Era o vulto de um homem morto que afastando o sudario se lia erguer do tumulo para revelar alguns dos temerosos mysterios, que encerra a apparente quietação dos sepulchros.

O PRESBYTERO.

O negrume da noite avulta; e cresce  
 Mais feia a escuridão  
 Á luz da sacra pyra que derrama  
 Frouxo e tibio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo:  
 Apenas fraco sôa  
 Da torre o bronze, que a nocturna brisa  
 De rumores povôa.

Mas eis que de um sepulchro a pedra fria  
 S'ergue e sobre outras cõe.  
 Não se escuta rumor! — da campa livre  
 Medroso espectro sõe.

O rosto ossificado em torno volve,  
 Volve a suja caveira:  
 Do liso craneo os longos dedos varrem  
 A funebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via  
 Do peito nas cavernas,  
 Inda sangrento lagrimas chorava  
 De negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,  
 Ao órgão se assentou!  
 Já não dormem os sons, não dormem echos...  
 — O triste assim cantou.

«Onde estas, meo amor, meos encantos,  
 Por quem só me pèsava morrer,  
 Doce encanto que a vida me prendes,  
 Que inda em morto me fazes soffrer?»

«Doce amor, minha vida no mundo,  
 Desse mundo em que parte serás;  
 Em que scismas, que pensas, que fazes.  
 Onde estás, meo amor, onde estás?»

«Ah! de balde na campá gelada  
 Fria morte me poude deitar!  
 Foi de balde, — que eu sinto, que eu ardo:  
 Foi de balde, que eu amo a penar.

«Ah! si eu triste no mundo pudesse  
Como outr'ora viver, respirar . . . .  
Não soubera dizer-te os ardores  
Que o sepulchro não pode apagar.

«Onde estás? — Já da morte o bafejo  
Por teu rosto divino roçou;  
Já na campa descanças finada,  
Que o teu corpo sem vida tragou?

«Mas a morte não pode impiedosa  
Crua foice vibrar contra ti!  
Ah! tu vives, que eu sinto, que eu soffro  
Crús ardores quaes sempre soffri.

«E eu não posso o teu nome á noitinha  
Entre as folhas saudoso cantar,  
Nem seguir-te nas azas da brisa,  
Nem teu somno de sonhos doirar.

«Nem lembrar-te os queridos instantes  
Que a teu lado arroubado passei,  
Sem cuidados de incerto futuro,  
Só cuidados da vida que amei.

«Não te lembras da noite homicida  
Em que um ferro meo peito varou,  
Quando a facil conversa de amores  
Teu marido cioso quebrou?!

«Desde então hei penado sósinho,  
 Verte sangue meo peito — de então;  
 Poude a morte acabar-me a existencia,  
 Mas delir-me não poude a paixão!

«Nosso adultero affecto no mundo  
 Não se acaba; — assim quiz o Senhor!  
 Não se acaba . . . — qu'importa? — hei gosado  
 Teos encantos gentis, teo amor.

«Por te amar outras fragoas soffrera,  
 Outros transes e dôr e penar;  
 Oh! poder que eu podesse outra vida  
 E outro inferno soffrer por te amar!»

Mas da aurora ja raiava  
 Macio e brando clarão;  
 Macia e branda a canção  
 Do negro espectro soava.

E medroso se collava  
 Ao orgão seo negro véo,  
 Que imiga não se ajuntava  
 Ao seo vulto a luz do ceo.

Pouco a pouco se perdia  
 O negro espectro; a canção  
 Pouco a pouco enfraquecia:  
 Do dia ao tenue clarão.

Era o cantar um sóido  
Fraco, incerto e duvidoso;  
Era o vulto pavoroso  
D'uma sombra vão tremido.

V.

## A MORTE.

Dans sa douleur elle se trouvait  
malheureuse d'être immortelle.

FÉNÉLON.

Da aurora vinha nascendo  
O grato e bello clarão;  
Eu sonhava! já mais brandos  
Erão meos sonhos então.

Condensou-se o ar n'um ponto,  
Cresceo o subtil vapor;  
Vi formada uma belleza,  
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto  
Não se pintava o carmim;  
Tinha um quê de cera juncto  
Á nitidez do marfim.

— Quem és tú, visão celeste,  
 Bello Archanjo do Senhor?  
 Respondeo-me: — Sou a Morte,  
 Crú phantasma de terror!

— Ah! lhe tornei: És a morte,  
 Tão formosa e tão cruel!  
 — Correndo o mundo sósinha  
 No meo pallido corsel, \*) —

Assim dizia — «Tu julgas  
 Que não tenho coração,  
 Que executo os meos deveres  
 Sem pesar, sem afflicção?

— Que inda em flôr da vida arrancó  
 Ao joven, sem compaixão,  
 Á donzella pudibunda  
 Ou ao longévo ancião?

— Oh! não, que eu soffro martyrios  
 Do que faço aos mais soffrer,  
 Soffro dôr de que outros morrem,  
 De que eu não posso morrer;

---

\*) Et ecce equus pallidus. et qui sedebat super illum  
 nomen illi Mors.

— Mas em parte a dôr me cura  
Um pensamento, que é meo, —  
Lembro aos humanos que a terra  
É só passagem pr'a o céo.

— Faço ao triste erguer os olhos  
Para a celeste mansão;  
Em labios que nunca orarão  
Derramo pia oração.

— É meo poder quem apura  
Os vicios que a mente encerra,  
Ao fogo da minha dôr;  
Sou quem prendo aos céos a terra,  
Sou quem prendo aos céos a terra,  
Ao ser do seo Creador.

— Mas qu'importa? Sem descanso  
É-me forçoso marchar,  
Abater impías frentes,  
Regias frentes decepar.

— Passar ao travez dos homens  
Como um vento abrasador;  
Como entre o feno maduro  
A foice do segador.

— E prostrar uma após outra  
Geração e geração,  
Como peste que só reina  
Em meio da solidão.» —

Desponta a sol radioso  
Entre nuvens de carmin;  
Cessa o canto pesaroso,  
Como córda aurea de Lyra;  
Que se parte, que suspira  
Dando um gemido sem fim.

## O VATE

NO ALBUM DE UM POETA.

Moi... j'aimeraï ta victoire;  
 Pour mon coeur, ami de toute gloire,  
 Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.  
 Poète, j'eus toujours un chant pour les poètes,  
 Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes  
 Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. HUGO.

Vate! vate! que és tu? — Nos seos extremos  
 Fadou-te Deos um coração de amores,  
 Fadou-te uma alma accessa borbulhando  
 Hardidos pensamentos, como a lava  
 Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.

Vate! vate! que és tu? — Foste ao principio  
 Sacerdote e propheta;  
 Erão nos céos teos cantos uma prece,  
 Na terra um vaticinio.  
 E elle cantava então: — Jehovah me disse,  
 Magestoso e terrivel.

« Vês tu Jerusalém como orgulhosa  
 « Campêa entre as nações, como no Libano  
 « Um cedro a cuja sombra a hyssope cresce?  
 « Breve a minha ira transformada em raios  
     « Sobre ella cahirá;  
 « Um fero vencedor dentro em seos muros  
     « Tributaria a fará;  
 « E quando eseravos seos filhos, sobre pedra  
     « Pedra não ficará.»

E os reprobos de sacco se vestião,  
     Em pó, em cinza involtos:  
 E collando co'a terrã os torpes labios.  
 E açoitando co'as mãos o peito imbelle,  
     Senhor! Senhor! — clamavão.

E o vate emtanto o pallido semblante  
 Meditabundo sobre as mãos firmava,  
 Supplicando ao Senhor do interno d'alma.

Forão sanctos então. — Homero o mundo  
 Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —  
 Milton o paraíso, — forão grandes!

E hoje!... em nosso exilio erramos tristes,  
 Mimosa esp'rança ao infeliz legando.  
 Maldizendo a soberba, o crime, os vicios:

E o infeliz se consola, e o grande treme.  
Damos ao infante aqui do pão que temos.  
E o manto além ao misero rachitico;  
Somos hoje Christãos.

## Á MORTE PREMATURA

DA ILL<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup> D.....

(No album de seo Irmão Dr. J. D. Lisboa Serra.)

Il semble que le ciel aux coeurs les plus magnanimes  
Mesure plus de maux.

LAMARTINE.

Perfeita formosura em tenra idade  
Qual flôr, que anticipada foi colhida.  
Murchada está da mão da sorte dura.

CAMÕES. *Soneto.*

Lá, bem longe d'aqui, em tarde amena,  
Gosando a viração das frescas auras,  
Que do Brazil os bosques brandamente  
Fazião balançar, — e que espalhavão  
No ether encantado odôr, pureza —  
Do que a roza mais bella, — meiga e casta,  
    Como as virgens do sol,  
Que de vezes não foi ella pendente  
Dos braços fraternaes em meigo abraço:  
Como mimosa flôr presa, enlaçada

A tenro arbusto que a vergontea debil  
Lhe ampara docemente!...

E o Irmão que só n'ella se revia,  
O Irmão que a adorava, qual se adora  
Um mimo do Senhor;  
Que a tinha por pharol, conforto e guia,  
Os seos dias contava por encantos;  
E as virtudes co'os dias pleiteavão.

E ella morreo no viço de seos annos!...  
E a lagem fria e muda dos sepulchros  
Se fechou sobre o ente esmorecido  
Ao despontar de vida  
Tão rica de esperanças e tão cheia  
De formosura e graças!...

Campa! campá! que de terror incutes!  
Quanto esse teo silencio me horrorisa!  
E quanto se assemelha a tua calma  
A do cruel malvado que impassivel  
Contempla a sua victima torcer-se  
Em convulsões horriveis, desp'radas;  
Cruas vascas da morte!...  
Quem tão má te creou?  
Tu que tragas o ente que esmorece  
Ao despontar de vida  
Tão rica de esperanças e tão cheia  
De formosura e graças?!

O pharol se apagou! a luz sumio-se!  
 Como a fugaz clarão do meteóro,  
 Extinguiu-se a esperança; — e o mal-fadado  
 Sobre a terra deserta em vão procura  
 Traços d'essa que amou, que tanto o amára;  
 Da jovem companheira de seos brincos,  
     Pezares e alegrias.

Elle a procura! . . . o viajor pasmado  
 Nos campos de Pompéia, alonga a vista  
     Pela amplidão do praino,  
 Destroços e ruínas encontrando,  
 Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a trôco de meu sangue  
 Poupar-te dessas lagrimas metade!  
 Oh! poder que eu pudesse! — e almo sorriso,  
 Que tanto me compraz ver-te nos labios,  
     Inda uma vez brilhasse!

E essa existencia,  
 Que tão cara me é, t'a visse eu leda,  
 E feliz como a vida dos Archanjos!  
 Infeliz é quem chora: elle finou-se,  
 Porque os anjos á terra não pertencem;  
 Mas lá dos immortaes sobre os teos dias  
 A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, candidas rozas, açucenas,  
     Vinde, roxas saudades;  
 Orvalhai, tristes lagrimas, as c'roas,

Que hão de a campa adornar por mim depostas  
Em holocausto á victima da morte.  
Innocentia, pudor, belleza e graça  
Com ella n'essa campa adormecêrão.  
Anjo no coração, anjo no rosto,  
Devera o amor chorar sobre o teo seio,  
Que não grinaldas funebres tecer-te;  
Devera voz d'esposo acalentar-te  
O somno da innocencia, — não grosseira,  
Canção de trovador não conhecido.

COIMBRA, Junho de 1841.

## A MENDIGA.

Donnez: —

Et quand vous paraitrez devant le juge austère,  
Vous direz: J'ai connu la pitié sur la terre,  
Je puis la demander aux cieux!

TURQUETY.

## I.

Eu sonhei durante a noite . . .  
Que triste foi meo sonhar!  
Era uma noite medonha,  
Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro  
Das trevas, meos olhos vião  
Triste mendiga formosa,  
Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,  
Porém candida donzella:  
Pudibunda, affavel, doce,  
Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos,  
 Que o seo corpo mal cubrião:  
 Por vergonha os olhos d'ella  
 Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas  
 Cortador o frio entrava;  
 Tinha fome e sede, — e o pranto  
 Nos seos olhos borbuhlava.

E qual vemos dos céos descendo rapido  
 Um fugaz meteóro, vi descendo  
 Um anjo do Senhor; — parou sobre ella,  
 E mudo a contemplava. — Uma tristeza  
 Sympathica, indisivel pouco e pouco  
 Do anjo nas feições se foi pintando:  
 Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova  
 Conhece enfermo e chóra. — Ella no peito  
 Menor sentio a dôr, e humilde orava.

## II.

De um vasto edificio nas frias escadas  
 Eu vi-a sentada; — era um templo, dizião  
 Secreto concilio de socios piedosos,  
 Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.

Defronte um palacio soberbo se erguia,  
 E d'elle partia confuso rumor:  
 — A dança girava, e a orchestra sonora  
 Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palacio um conviva chegava,  
 Rugindo se abria o ruidoso portão;  
 Effluvios de incenso ños ares corrião  
 Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga alli'tava ao relento,  
 Com fome, com frio, com sede e com dôr;  
 E eu vi o seo anjo, mais triste no aspecto,  
 Mais baço, mais turvo da gloria o fulgor.

E á porta do vasto sombrio edificio

Um vulto chegou.

— Senhor, uma esmola! — bradou-lhe a mendiga:

E o vulto parou.

E rude no accento, no aspecto severo,

Lhe disse: — O teu nome? —

Tornou-lhe a mendiga: — Senhor, uma esmola,

Que eu morro de fome.

— Não dizes teu nome? — lhe torna o soberbo.

— Sou orphã, sosinha;

Mco nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,

Se eu chóro mesquinha!

Em vis meretrises não cabe esse orgulho,

Tornou-lhe o Senhor,

Que á noite, nas trevas, contractão no crime,

Vendendo o pudor.

E á porta do templo — erguido á piedade  
 Com força batia;  
 Co' o peso do insulto accrescido a crueza  
 A triste gemia.

## III.

Ouvi depois um rodar que a todo o instante  
 Mais distincto se ouvia; e logo um forte,  
 Fascinador clarão por toda a rua  
 Se derramou soberbo. — Infínidos pagens  
 Ricas librés trajando, mil archotes  
 Nos ares revolvião; — fortes, rapidos,  
 Fumegantes corseis, sorvendo a terra,  
 Tiravão rica sege melindrosa.  
 Sobre a terra saltou airosa e bella  
 A dona, em frente do festivo paço;  
 E a mendiga bradou: — Senhora minha,  
 Dai uma esmola, dai! — A' voz dorida  
 Volveo-se o rosto d'anjo, porém d'anjo  
 Não era o coração; — foi-lhe importuno,  
 Mais que importuno . . . da mesquinha o grito!  
 E da mendiga o protector celeste  
 Parecia fallar em favor d'ella;  
 E a rica dona o escutava, como  
 Se ouvisse a interna voz que dentro mora.  
 E eu dizia tãobem: — O' bella Dona,  
 Dai-lhe uma esmola, dai; — de que vos serve  
 Um óbolo mesquinho, que não pôde  
 Siquer um diche sem valor comprar-vos?

Ah! bella como sois, que vos importão  
 Custosas flôres, com que ornais a fronte?  
 Para a salvar do vortice do crime,  
 O preço d'ellas, de uma só, da coisa,  
 Que sem valor julgardes, é bastante.  
 Sabeis? — Além da vida, além da morte,  
 Quando deixardes o oiropel na campa,  
 Quando subirdes do Senhor ao throno,  
 Sem andrajos siquer, tãobem mendiga,  
 Alli terreis as lagrimas do pobre,  
 A benção do affligido, a prece ardente  
 Do que soffrendo vos bemdice, — ó Dona . . .

.....  
 Fechou-se a porta festival sobre ella!  
 E a donzella se ergueo, córou de pejo,  
 Lançando os olhos pela rua escusa,  
 E segura no andar, e firma, á porta  
 Do palacio bateo — entrou — sumio-se.

E o anjo, como afflicto sob um peso,  
 Um gemido soltou; era uma nota  
 Melancolica e triste, — era um suspiro  
 Mavioso de virgem, — um soído  
 Subtil, mimoso, como d'Harpa Eolia,  
 Que a brisa da manhã roçou medrosa.

## IV.

Dos muros ao travez meos olhos virão  
 Soberba roda de convivas, — todos

Velludos, sedas, e custosas galas  
Trajavão senhoris. — Reinava o jogo  
Aváro e grave, leda e viva a dança  
Em vortices girava, a orchestra doce  
Cantava occulta; condensados, bastos,  
Em redor do banquete estavam muitos.  
A mendiga alli estava, — não trajando  
Sujos farrapos, mas delgadas telas.  
Chovião brindes e çanções e vivas  
Á Deosa airosa do banquete; todos  
Um volver dos seos olhos, um sorriso,  
Uma voz de ternura, um mimo, um gesto  
Cubiçavão rivaes; — e alli com ella,  
Como um raio do sol por entre as nuvens  
Lá na quadra hibernal penetra a custo  
Quasi sem vida, sem calor, sem força,  
Menos brilhante vi seo anjo bello.  
Nos curtos labios da feliz mendiga  
Passava rapido um sorriso ás vezes;  
Outras chorava, no volver do rosto,  
Na taça do prazer sorvendo o pranto.  
Encontradas paixões sentia o anjo:  
Parecia chorar co'o seo sorriso,  
Parecia sorrir co'o chôro d'ella.

## A ESCRAVA.

O' bien qu'aucun bien ne peut rendre,  
Patrie, doux nom que l'exil fait comprendre!

MARINO FALIERO.

Oh doze paiz de Congo,  
Doces terras d'além mar!  
Oh! dias de sol formoso!  
Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia  
De vasta, immensa extensão,  
Onde livre corre a mente,  
Livre bate o coraxão!

Onde a leda caravana  
Rasga o caminho passando,  
Onde bem longe se escuta  
As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista  
O turbante musulmano,  
O Yatagan recurvado  
Preso a cinta do Africano!

Onde o sol na areia ardente  
Se espelha, como mar;  
Oh! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além mar!

Quando a noite sobre a terra  
Desenrolava o seo véo,  
Quando siquer uma estrella  
Não se pintava no céo;

Quando só se ouvia o sopro  
De mansa brisa fagueira,  
Eu o aguardava — sentada  
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,  
D'elle á base uma corrente  
Despenhada sobre pedras,  
Murmurava docemente.

E elle ás vezes me dizia:  
— Minha Alsgá, não tenhas medo:  
Vem commigo, vem sentar-te  
Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:  
— Irei contigo, onde fores! —  
E tremendo e palpitando  
Me cingia aos meos amores.

Elle depois me tornava  
Sobre o rochedo — sorrindo:  
— As agoas d'esta corrente  
Não vês como vão fugindo?

Tão depressa corre a vida,  
Minha Alsgá; depois morrer  
Só nos resta! . . . — Pois a vida  
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves  
Espantados — Ah! tão bem  
Arfa o teu peito anciado! . . .  
Acaso temes alguém?

Não receis de ser vista,  
Tudo agora jaz dormente;  
Minha voz mesmo se perde  
No fragor d'esta corrente.

Minha Alsgá, porque estremece  
Porque me foges assim?  
Não te partas, não me fujas,  
Que a vida me fogue a mim!

Outro beijo acaso temes,  
Expressão de amor ardente?  
Quem o ouviu? — o som perdeu-se  
No fragor d'esta corrente.

Assim praticando amigos  
A aurora nos vinha achar!  
Oh! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além mar!

---

Do rispido Senhor a voz irada,  
Rabida sôa,  
Sem o pranto enchugar a triste escrava,  
Pavida vôa.

Mas era em mora por scismar na terra,  
Onde nascera,  
Onde vivera tão ditosa, e onde  
Morrer devera!

Soffreo tormentos, porque tinha um peito,  
Qu'inda sentia;  
Misera escrava! no soffrer cruento,  
Congo! dizia.

---

## AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA.

23 de Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,  
Mais um canto de lagrimas ardentes,  
Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meo amigo: da minha alma  
Foi uma lyra outr'ora o instrumento;  
Cantava n'ella amor, prazer, venturas,  
Até que um dia a morte inexoravel  
Triste pranto de irmão veio arrancar-te!  
As lagrimas dos olhos me cahirão,  
E a minha lyra emmudeceo de magoa!  
Então aventei eu que a vida inteira  
Do bardo, era um perenne sacerdocio  
De lagrimas e dôr; — tomei uma Harpa:  
Na corda da afflicção gemeo minha alma,  
Foi meo primeiro canto um epicedio;  
Minha alma baptizou-se em pranto amargo,  
Na fragoa do soffrer purificou-se!

Lancei depois meos olhos sobre o mundo,  
Cantor do soffrimento e da amargura;  
E vi que a dôr aos homens circumdava,  
Como em roda da terra o mar se estreita:  
Que apenas desfructamos, — miserandos!  
Desbotado prazer entre mil dôres,  
— Uma roza entre espinhos aguçados,  
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deos o meo esp'rito,  
E a minha voz queixosa perguntou-lhe:  
— Senhor, porque do nada me tiraste,  
Ou porque a tua voz omnipotente  
Não fez secar da minha vida a seve,  
Quando eu era principio e feto apenas?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma:  
— Ardão teos dias como o feno, — ou duren  
Como o fogo de tocha resinosa,  
— Como roza em jardim sejão brilhantes,  
Ou baços como o cardo montesinho,  
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira  
Á extrema — da maior á mais pequena,  
Nas azas do tufão — entre perfumes,  
Um cantico de amores exaltarão  
Ao throno do Senhor; — e eu disse ás turbas:  
— Elle nos faz gemer porque nos ama:

Vem o perdão nas lagrimas constrictas,  
Nas azas do soffrer desce a clemencia;  
Sobre quem chora mais elle mais vela!  
Seo amor divinal é como a lâmpada,  
Na abobada d'um templo pendurada,  
Mais luz filtrando em mais opâcas trevas.

Eu o conheço: — o cantico do bardo  
É balsamo ao que morre, — é lenitivo,  
Mas doloroso, mas funereo e triste  
A quem lhe carpe infausto a morte crua.  
Mas quando a alma do justo, espedaçando  
O envolvere de lodo, aos céos remonta,  
Como estrada de luz correndo os astros,  
Seguindo o som dos canticos dos anjos  
Que na presença do Senhor se elevão;  
Choro . . . tão bem Jesus chorou a Lazaro!  
Mas na excelsa visão que se me antolha  
Bebo consolações, — minha alma anceia  
A hora em que tão bem ha de asilar-se  
No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora amigo; porém quando sentires  
O pranto nos teos olhos condensar-se,  
Que já não pôde mais banhar-te as faces,  
Ergue os olhos ao céo, onde a luz móra.  
Onde o orvalho se cria, onde parece  
Que a tímida esperança nasce e habita.

E se eu — feliz! — poder inda algum dia  
Ferir por teu respeito na minha harpa  
A leda corda onde o prazer palpita,  
A corda do prazer que ainda inteira,  
Que virgem de emoção inda conservo,  
Suspenderei minha harpa d'algum tronco  
Em off'renda á fortuna; — alli sosinha,  
Tangida pelo sopro só do vento,  
Hade mysterios conversar co'a noite,  
De acorde extreme perfumando as brisas;  
Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros  
Que não ha de cantar a desventura,  
Tendo cantos gentis vibrado n'ella.

## O DESTERRO DE UM POBRE VELHO.

Et dulces moriens reminiscitur Argos.

VIRG.

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint!

SCHILLER.

A aurora vem despontando,  
 Não tarda o sol a raiar;  
 Cantão aves, — a natura  
 Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia  
 Onda queixosa murmura,  
 Bem mansa aragem fagueira  
 Entre a folhagem susurra.

É hora cheia de encantos,  
 É hora cheia de amor;  
 A relva brilha enfeitada,  
 Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,  
Como um corsel a nitrir;  
Suspensa a amarra tem presa,  
Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,  
Leve barco vem vogando;  
Nelle um velho cujas faces  
Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,  
Que chorava,  
Por assim deixar seos lares,  
Que deixava?

«Ancião, porque te ausentas?  
Corres tu traz de ventura?  
Louco! a morte já vem perto,  
Tens aberta a sepultura.

«Louco velho, já não sentes  
Bater frouxo o coração?  
Oh! que o sente! — É lei d'exílio  
A que o leva em tal sazão!

«Não ver mais a cara patria,  
Não ver mais o que deixava,  
Não ver nem filhos, nem filhas,  
Nem o casal, que habitava!...

«Oh! que é má pena de morte,  
 A pena de proscrição;  
 Traz dôres que martyrisão,  
 Negra dôr de coração!

«Pobre velho! — longe, longe  
 Vás sustento mendigar;  
 Tens de soffrer novas dôres,  
 Novos males que penar.

«Não t'ha de valer a idade,  
 Nem a dôr tamanha e nobre;  
 Tens de tragar vis affrontas,  
 — Insultos que soffre o pobre!

«Nada acharás no degredo,  
 Que falle dos filhos teos;  
 Ninguém sente a dôr do pobre . . .  
 Só te fica a mão de Deos.

«O sol, que além vês raiando  
 Entre nuvens de carmim,  
 N'outros climas, n'outras terras  
 Não verás raiar assim.

«Não verás a rocha erguida,  
 Onde t'ias assentar,  
 Nem o som bem conhecido  
 Do teo sino has de escutar.

«Ha de cahir sobre as ondas  
O pranto do teo soffrer,  
E n'esse abysmo salgado,  
Salgado, se ha de perder.»

Já chegou junto á fragata,  
Já na escada se apoiou,  
Já com voz intercortada  
Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e sólta as velas  
Ao vento que o vai guiar;  
E a fragata mui veleira  
Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silencio  
A calva testa dobrou,  
E pranto mais abundante  
O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela  
Do navio, que partio;  
Mais além — inda se avista!  
Mais além — já se sumio!

## O ORGULHOSO.

Eu o vi! — tremendo era no gesto,  
Terrível seo olhar;  
E o senho carregado pretendia  
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito  
Fervia-lhe o rancor!  
E aos demais homens, como um cedro á relva,  
Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seos filhos.  
Dentro do humilde lar,  
Quizera, antes que os d'elle, ver de um Tigre  
Os olhos fusilar;

Que a um filho seo talvez quizera o nobre  
Para um Executor;  
Ou para o leito infesto alguma filha  
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas  
 Algum pobre ancião  
 Já sobre o seo sepulchro, desejando  
 A morte e a salvação.

---

Alguns dias apenas decorrêrão:  
 E eis que elle se sumio!  
 E a lagem dos sepulchros fria e muda  
 Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião  
 Exulta com seo fim!  
 E a turba applaude; e ninguem chora a morte  
 De homem tão ruim.

---

O COMETA.

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS.

Non est potestas, *quae* comparetur ei  
qui factus est nullum timeret.

JOB.

Eis nos céos rutilando igneo cometa!  
A immensa cabelleira o espaço alastra,  
E o nucleo, como um sol tingido em sangue,  
Alvacento luzir véte agoireiro  
Sobre a pavida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,  
Dos labios removei a taça ingente,  
Que em vossas festas gyra; eis que rutila  
O sanguineo comita em céos infindos! . . .  
Pobres mortaes, — sois vermes!

O Senhor o formou terrível, grande;  
Como indocil corsel que morde o freio,  
Retinha-o só a mão do Omnipotente.  
Alfim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,  
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em furia,  
Que ao vento solta a coma desgrenhada,  
E vai, nescio de si, livre de ferros,  
De encontro ás duras rochas, — tal progred  
O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,  
O mundo em mil pedaços se converte;  
Mil centelhas de luz brilhão no espaço  
A esmo, como um tronco pelas vagas  
Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa,  
Comsigo o arrastra e leva transformado:  
A cauda portentosa o enlaça e prende,  
E a astro vai com elle, como argueiro  
Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,  
Elle perturba o espaço; — como a lava,  
Elle marcha iucessante e sempre; — eterno,  
Marcou-lhe largo gyro a lei que o rege,  
— As vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!  
E aos homens diz — e magestoso e grande  
Que jamais o verão; e passa, e longe  
Se entranha em céos sem fim, como se perde  
Um barco no horisonte!

## O OIRO.

Oiro, — poder, encanto ou maravilha  
Da nossa idade, — regedor da terra,  
Que dás honra e valor, virtude e força,  
Que tens offertas, oblações e altares, —  
Embora teu louvor cante na lyra  
Vendido Menestrel que pôde insano  
Do grande á porta renegar seo genio!  
Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,  
Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite,  
Meo corpo lanço, descançando a fronte  
N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.  
Sou mais que um rei co' o meo docel de nuvens  
Que tem gravados scintillantes mundos!  
Com a vista no céu percorro os astros,  
Vagueia a minha mente além das nuvens,  
Vagueia o meo pensar — alto, arrojado  
Além de quanto o olhar nos céos alcança.

Então do meo Senhor me calão n'alma  
D'amor ardente enlevos indisiveis;

Se tento as gentes redizer seo nome,  
Queimadoras palavras se atropellão  
Nos meos labios; — prophetica harmonia  
Meo peito anceia, e em borbotões se expande.  
Grande, Senhor, são tuas obras, grandes  
Teos prodigios, teo poder immenso:  
O pae ao filho o diz, um sec'lo a outro,  
A terra ao céo, o tempo á eternidade!

Do mundo as illusões, vaidade, engano,  
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —  
Tudo esse nome arrastra, prostra e some;  
Como aos raios do sol desfeito o gêlo,  
Que em ondas corre no pendor do monte,  
Precipite e ruidoso, — arbustos, troncos  
Comsigo no passar rompidos leva.

---

## A UM MENINO.

OFFERECIDA Á EX<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup> D. M. L. L. V.

## I.

Gentil, engraçado infante  
Nos teos jogos inconstante,  
Que tens tão bello semblante,  
Que vives sempre a brincar,  
— Dos teos brinquedos te esqueces  
Á noitinha, — e te entristeces  
Como a bonina, — e adormeces,  
Adormeces a sonhar!

## II.

Infante, serão as côres  
De varias, viçosas flôres,  
Ou são da aurora os fulgores  
Que vem teos sonhos doirar?  
Foi de algum ente celeste,  
Que de luzeiros se veste,  
Ou da brisa é que aprendeste,  
Que aprendeste a suspirar?

## III.

Tens no rosto afogueado  
Um qual retrato acabado  
De um sentir aventurado,  
Que te ri no coração;  
É talvez a voz mimosa  
De uma fada caprichosa,  
Que te promette amorosa  
Algum brilhante condão!

## IV.

Ou por ventura és contente,  
Porque no sonho, que mente,  
Phantasiaste innocente  
Algum dos brinquedos teos! . . .  
Senhor, tens bondade infinda!  
Fizeste a aurora bem linda,  
Creaste na vida ainda  
Um'outra aurora dos céos.

## V.

O som da corrente pura,  
A folhagem que susurra,  
Um accento de ternura,  
De ternura divinal;  
A indisivel harmonia  
Dos astros no fim do dia,  
A voz que Memnon dizia,  
Que dizia matinal;

## VI.

Nada d'isto tem o encanto,  
Nada d'isto póde tanto  
Como o risinho quebranto,  
Divino — do seo dormir;  
Que nada ha como a Donzella  
Pensativa, doce e bella,  
E a comparar-se com ella . . .  
Só de um infante o sorrir.

## VII.

Mas de repente chorando  
Despertas do somno brando  
Assustado e soluçando . . .  
Foi uma revelação!  
Esta vida acerba e dura  
Por um dia de ventura  
Dá-nos annos de amargura  
E fragoas do coração.

## VIII.

Só aquelle que da morte  
Soffreo o terrivel córte,  
Não tem dôres que supporte,  
Nem sonhos o acordaráõ:  
Gentil infante, engraçado,  
Que vives tão sem cuidado,  
Serás homem — mal peccado!  
Findará teu sonho então.

## O PIRATA.

(EPISODIO.)

Nas azas breves do tempo  
Um anno e outro passou,  
E Lia sempre formosa  
Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,  
De mimos cheia, lh'offrece,  
E bella, apesar de ingrata,  
Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou que longe pára,  
Do que a amou, que pensa n'ella,  
Pensando encontrar firmeza  
Em Lia, que era tão bella!

N'esse palacio deserto  
Já luzes se vêm luzir,  
Que vem nas sedas, nos vidros  
Cambiantes reflectir.

Os echos alegres sôão,  
Sôa ruidosa harmonia,  
Sôão vozes de ternura,  
Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silencio  
A face do mar desflora,  
Á noite bella fragata  
Chega ao porto, amaina, ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas  
Inquieta, esguia falua,  
Que resvala sobre as agoas  
Na esteira que traça a lua.

Já na vacua praia toca;  
Um vulto em terra saltou,  
Que na longa escadaria  
Preságo e torvo enfiou.

Malfadado! por que aportas  
Á este sitio fatal!  
Queres o brilho augmentar  
Das bodas do teo rival?

Não, que a vingança lhe range  
Nos duros dentes cerrados,  
Não, que a cabeça referve  
Em máos projectos damnados!

Não, que os seus olhos bem dizem  
O que diz seu coração;  
Terríveis, como um espelho,  
Que retratasse um vulcão.

Não, que os lábios descorados  
Vociferão seu rival;  
Não, que a mão no peito aperta  
Seu pontegudo punhal.

Não, por Deus, que tais afrontas  
Não as sóe deixar impunes,  
Quem tem ao lado um punhal,  
Quem tem no peito ciúmes!

Subio! — e vio com seus olhos  
Ella a rir-se que dançava,  
Folgando, infame! nos braços  
Porque assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,  
E vio . . . o leito fatal!  
E vio . . . e cheio de raiva  
Cravou no meio o punhal.

E avançou . . . e á janella  
Sosinha a vio suspirar,  
— Saudosa e bella encarando  
A immensidade do mar.

Como se vira um espectro,  
De repente ella fugio!  
Tal foge a eorça nos bosques  
Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizel-o?  
Forão vislumbres de dôr:  
Coração, que tem remorsos,  
Sente continuo terror!

Elle a janella chegou-se,  
Horriavel nada encontrou . . .  
Sómente, ao longe, nas sombras,  
Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo  
Nada mais de seo contava!  
Nada mais que essa fragata!  
Nada mais de quanto amava!

Nada mais! . . . — que lh'importava  
De no mundo só se achar?  
Inda muito lhe fieava —  
Agoa e céos e vento e mar.

Assim pensava, mas n'isto  
Deseortina o seo rival,  
Não visto; — a mão na cintura  
Cingio raivosa o punhal!

Mas pensou . . . — não, seja d'ella,  
E tenha zelos como eu! —  
Larga o punhal, e um retrato  
Na dextra mão estendeo.

Porém sentio que inda tinha  
Mais que branda compaixão;  
Miserando! inda guardava  
Seo amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;  
Foi culpa do fado meo!  
Nada mais de pensar n'ella;  
Finjamos que ella morreo.

Por entre a turba que alegre  
No baile — a sorrir-se estava,  
Mudo, triste, e pensativo  
Surdamente se afastava.

De manhã — quando o saráu  
Apagava o seo rumor,  
Chegava Lia a janella,  
Mais formosa de pallor.

Chegou-se; — e além — no horisonte  
Uma vela inda avistou;  
E co'a mão tremula e fria  
O teleseopio buscou!

Um pavilhão vio na pôpa,  
Que tinha um globo pintado;  
E no mastro da mesena  
Um negro vulto encostado.

Erão chorosos seos olhos,  
Os olhos seos enxugou;  
E o telescopio de novo  
Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste  
Parece reconheceo;  
Mas a vela no horisonte  
Para sempre se perdeo.

## A VILLA MALDICTA, CIDADE DE DEOS.

As seo querido e affectuoso amigo.

A. T. DE CARVALHO LEAL.

Peccata peccavit Jerusalem, et propter  
ea instabilis facta est; omnes qui glorifi-  
cabant eam, spreverunt illam, quia vide-  
runt ignominiam ejus: ipsa autem gemens  
conversa est retrorsum.

LAMENT.

## I.

O immenso aposento a luz alaga  
Com soberbo clarão,  
E as mezas do banquete se devolvem  
Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes sôão  
Frenetica harmonia;  
E o côro dos convivas se levanta  
Pleno d'ebria alegria!

Alli se ostenta o nobre vicioso  
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,

Cheio de mesquinhez, — o envilecido,  
 Immundo pobre no seo manto involto  
 De miserias, torpeza e vilanias;  
 — A prostituta que alardêa os vicios,  
 Menospresando a castidade e a honra,  
 Sem pejo, sem pudor, d'infamia eivada.

E o livre dithyrambo, a atroz blasphemia,  
 Os cantos immoraes, canções impúdicas,  
 Gritos e orgia involta em negro manto  
 De fumo e vinho, — os ares aturdião;  
 E muito além, no meio d'alta noite,  
 Nos echos, ruas, praças rebatião.

## II.

Depois, ainda suja a bocca, as faces,  
     D'immundo vomitar,  
 Com vacillante pé calcando a terra  
     Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas  
     A nocturna cohorte;  
 Ouvia-se depois por toda a parte  
     Gritos, horror de morte!

E ninguem vinha ao retinir de ferro,  
     Que assassinava;  
 Porque era d'um valente o punhal nobre,  
     Que as leis dictava.

Outra vez a cahir se emmaranhavão  
Da porta pelo umbral:  
Tinhão tinctas de sangue a face, as vestes,  
Em sangue tincto o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores  
Da noite derradeira;  
E a morte vária revelava a furia  
Da turba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia  
O tum'lo por dinheiro;  
Vendia a terra aos mortos insepultos,  
O vil interesseiro!

Ou al ficavão, como pasto aos corvos,  
Por sobre a terra núa;  
E ninguem de tal sorte se pesava,  
Que ser podia a sua!

«E Deos maldisse a terra criminosa,  
«Maldisse aos homens della,  
«Maldisse a cobardia dos escravos  
«D'essa terra tão bella»

## III.

E a mortifera peste luctuosa  
Do inferno rebentou,  
E nas azas dos ventos pavorosa  
Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso  
    Longa vida futura,  
Doido sentio quebrar-lhe as esperanças  
    Pedra de sepultura

E a donzella tão linda que vivia  
    Confiada no amor,  
Entre os braços da mãe provou bem cedo  
    Da morte o dissabor.

E o tremulo ancião qu'inda esperava  
    Morrer assim  
Como um fructo maduro destacado  
    D'arvore enfim,

Sentio a morte esvoaçar-lhe em torno,  
    Como um bulcão,  
Que affronta o nauta quando avista a terra  
    Da salvação.

Era deserta a villa, a casa, o templo —  
    Ar de morte soprou!  
Mas a casa dos vis nos seos delirios  
    Ebria continuou!

«E Deos maldisse a terra criminosa,  
    «Maldisse os homens d'ella,  
«Maldisse a cobardia dos escravos  
    «Dessa terra tão bella.»

## IV.

Eis o aço da guerra lampeja,  
Do feroso corsel o nitrido,  
Eis o bronzeo canhão que rouqueja,  
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestão guerreiros lusentes,  
Já se enfreião corseis bellicosos,  
Já mancebos se partem contentes,  
Augurando a victoria briosos.

Brilha a raiva nos olhos; — nas faces  
O interno rancor pódes ler;  
Eia, avante! — clamarão os bravos,  
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante! — briosos corramos  
Na peleja o imigo bater;  
Crua morte na espada levamos!  
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,  
Do corsel bellicoso o nitrido,  
Eis o bronzeo canhão que rouqueja  
E da morte represso o gemido.

## V.

E a selva vomitou homens sem conto  
A voz do omnipotente,  
Como a neve hibernal que o sol derrete,  
Engrossando a corrente.

E em redor d'essa villa se estreitarão,  
Cingidos d'armadura;  
E a villa se doeo no intimo seio  
De tão acre amargura.

Mas os fortes bradarão; — Eia, avante! —  
Promptos a batalhar;  
Mas o braço e valor ante os inimigos  
Se vierão quebrar.

E um anno inteiro sem cessar lutarão,  
Cheios de bizzarria,  
Como dois eroedilos que brigassem  
D'um rio a primasia!

E renderão-se emfim, mas de famintos,  
De sequiosos;  
Valentes lidadores forão elles,  
Se não briosos.

## VI.

E o exercito contrario entra rugindo  
 Na villa, que as suas portas lhe franqueia:  
 Rasteiro corre o incendio e surdamente  
 O custoso edificio ataca e mina.  
 Eis que a chamma roaz amostra as fendas  
 Das portas que se abrasão; descortina  
 O torvo olhar do vencedor — apenas —  
 Lá dentro o incendio so, fóra só trevas!  
 Urros de frenesi, de dôr, de raiva  
 Escutão dos que, ás subitas colhidos,  
 Contra os muros em brasa se arremeção;  
 Dos que, perdido o tino, intentão loucos  
 Achar a salvação, e a morte encontrão.  
 Lá dentro confusão, silencio fóra!  
 São carrascos aqui, victimas dentro.  
 Geme o travejamento, estrala a pedra,  
 Cresce horror sobre horror, desaba o tecto,  
 E o fumo ennegrecido se ennovella  
 Co'o vertice sublime os céos roçando.  
 Como o vulcão que a lava arroja as nuvens,  
 Como ignea columna que da terra  
 Hiante rebentasse, — tal se eleva,  
 Tal sobe aos ares, tal se empina e cresce  
 A labareda portentosa; e baixa,  
 E desce á terra, e o edificio enrola,  
 E o sorve inteiro, qual se forão vagas  
 Que a dura rocha do alicerce abalão,  
 Que a enlação, como a prêa, — e ao fundo pégo

Levão, deixando o mar branco d'espuma.  
 No horror da noite, sibilando os ventos,  
 Lingoas pyramidaes do atroz incendio,  
 Fumosas pelas ruas estalando,  
 Tingem da côr do inferno a côr da noite,  
 Tingem da côr do sangue a côr do inferno!  
 — O ar são gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

## VII.

E aquelles que inda são e immunes erão,  
     Os que a peste engeitou,  
 Que fome e sede e privações soffrerão...  
     A espada decepou.

E a donzella tremeo, da mãe nos braços  
     Não salva ainda,  
 Que incitava os prazeres do soldado  
     A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bella  
     Sentio prazer,  
 Sente martyrios por que a vê formosa  
     No seo morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,  
     Tudo destruição:  
 A columna, o palacio, a casa, o templo,  
     O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos  
    Já rojão sobre o pó;  
Mas o Deos, o Deos bom já está vingado,  
    Por ella já sente dó.

E a villa d'outr'ora mais ruidosa,  
    Lá ressurgio cidade;  
Por que o Deos da justiça, o das armadas,  
    O Deos é de bondade.

## QUADRAS DA MINHA VIDA.

## RECORDAÇÃO E DESEJO.

Ao meo bom Amigo —

O DR. A. REGO.

Sol chi non lascia eredità d'affetti  
Poca gioia ha dell'urna.

FOSCOLO.

## I.

Houve tempo em que os meos olhos  
Gostavão do sol brilhante,  
E do negro véo da noite,  
E da aurora scintillante.

Gostavão da branca nuvem  
Em céo de azul espraçada,  
Do terno gemer da fonte  
Sobre pedras despenhada.

Gostavão das vivas côres  
De bella flôr vicejante,  
E da voz immensa e forte  
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!

A luz brilhante, o susurrar da brisa,  
O verde bosque, o rosicler d'aurora,  
Estrellas, céos, e mar, e sol, e terra,  
D'esperança e d'amor minha alma ardente,  
De luz e de calor meu peito enchião.

Inteira a natureza parecia

Meos mais fundos, mais intimos desejos  
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso  
Parecia enfeitar co'os seos encantos,  
Com todo o seo amor compôr, doiral-o,  
Porque os meos olhos deslumbrados vissem-no,  
Porque minha alma de o sentir folgasse.

Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa  
Nas folhas susurrando, o som das agoas,  
Dos bosques o rugir; — se os desejava,  
— O bosque, a brisa, a folha, o trepidante  
Das agoas murmurar prestes ouvia.  
Se o sol doirava os céos, se a lua casta,  
Se as timidas estrellas scintillavão,  
Se a flôr desabrochava involta em musgo,  
— Era a flôr que eu amava, — erão estrellas  
Meos amores sómente, o sol brilhante,  
A lua merencoria — os meos amores!  
Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,  
Acordo extreme de vontade e força,  
Que atava minha vida á natureza!  
Ella era para mim bem como a esposa

Recem-casada, pudica sorrindo;  
Alma de noiva — coração de virgem,  
Que a minha vida inteira abrilhantava!  
Quando um desejo me brotava n'alma,  
Ella o desejo meo satisfazia;  
E o quer que ella fizesse ou me dissesse,  
Esse era o meo desejo, essa a voz minha,  
Esse era o meo sentir do fundo d'alma,  
Expresso pela voz que eu mais amava.

## II.

Agora a flôr que m'importa,  
Ou a brisa perfumada,  
Ou o som d'amiga fonte  
Sobre pedras despenhada?

Que me importa a voz confusa  
Do bosque verde-frondoso,  
Que m'importa a branca lua,  
Que m'importa o sol formoso?

Que m'importa a nova aurora,  
Quando se pinta no céo;  
Que m'importa a feia noite,  
Quando desdobra o seo véo?

Estas scenas, que amei, já me não causão  
Nem dôr e nem prazer! — Indifferente,  
Minha alma um só desejo não concebe,

Nem vontade já tem! . . . Oh! Deos! quem pôde  
Do meo imaginar as puras azas  
Cereear, desprender-lhe as niveas plumas,  
Roja-las sobre o pó, ealca-las tristes?  
Perante a criação tão vasta e bella  
Minha alma é como a flôr que pende murcha;  
E qual profundo abysmo: — embalde estrellas  
Brilhão no azul dos céos, embalde a noite  
Estende sobre a terra o negro manto:  
Não pôde a luz chegar ao fundo abysmo,  
Nem pôde a noite ennegrecer-lhe a face;  
Não pôde a luz á flôr prestar mais brilho,  
Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

## III.

Houve tempo em que os meos olhos  
Se extasiavão de ver  
Agil donzella formosa  
Por entre flôres eorrer.

Gostavão de um gesto brando,  
Que revelasse pudor;  
Gostavão de uns olhos negros,  
Que rutilassem de amor.

E gostavão meos ouvidos  
De uma voz — toda harmonia, —  
Quer pesares exprimisse,  
Quer exprimisse alegria.

Era um praser, que eu tinha, ver a virgem  
 Indolente ou fugaz — alegre ou triste,  
 Da vida a estreita senda desflorando  
 Com pé ligeiro e animo tranquillo;  
 Improvida e brilhante parecendo  
 Seos dias desfolhar, uns após outros,  
 Como folhas de rosa; — e no futuro —  
 Ver luzir-lhe sómente a luz d'aurora.  
 Era deleite e dôr vê-la tão leda  
 Do mundo as afflicções, angustias, prantos  
 Affrontar co'um sorriso; era um descanso  
 Interno e fundo, que sentia a mente,  
 Um quadro em que os meos olhos repousavão,  
 Ver tanta formosura e tal pureza  
 Em rosto de mulher com alma d'anjo!

## IV.

Houve tempo em que os meos olhos  
 Gostavão de lindo infante,  
 Com a candura e sorriso  
 Que adorna infantil semblante.

Gostavão do grave aspecto  
 De magestoso ancião,  
 Tendo nos labios conselhos,  
 Tendo amor no coração.

Um representa a innocencia,  
 Outro a verdade sem véo;  
 Ambos tão puros, tão graves,  
 Ambos tão perto do céo!

Infante e velho! — principio e fim da vida! —  
 Um entra neste mundo, outro sae delle,  
 Gosando ambos da aurora; — um sobre a terra,  
 E o outro lá nos céos. — O Deos, que é grande,  
 Do pobre velho compensando as dôres,  
 O chama para si; o Deos clemente  
 Sobre a innocencia de continuo vela.  
 Amei do velho o magestoso aspecto,  
 Amei o infante que não tem segredos,  
 Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.  
 Amei as doces vozes da innocencia,  
 A rispida franqueza amei do velho,  
 E as rigidas verdades mal sabidas,  
 Só por labios senis pronunciadas.

## V.

Houve tempo, em que possivel  
 Eu julguei no mundo achar  
 Dois amigos extremosos,  
 Dois irmãos do meu pensar;

Amigos que compr'hendessem  
 Meo praser e minha dôr,  
 Dos meos labios o sorriso,  
 Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existencia  
 Vivesse eu co'o meo viver:  
 Unidos sempre na vida,  
 Unidos — té no morrer.

Amisade! — união, virtude, encanto —  
Consortio do querer, de força e d'alma —  
Dos grandes sentimentos cá da terra  
Talvez o mais reciproco, o mais fundo!  
Quem ha que diga: Eu sou feliz! — se acaso  
Um amigo lhe falta? — um doce amigo,  
Que sinta o seo praser como elle o sente,  
Que soffra a sua dôr como elle a soffre?  
Quando a ventura lhes sorri na vida,  
Um a par d'outro — ei-los lá vão felizes;  
Quando um sente afflicção, nos braços do outro,  
A afflicção, que é só d'um, carpindo juntos,  
Encontra doce alivio o desditoso  
No thesouro que encerra um peito amigo.  
Candido par de cysnes, vão roçando  
A face azul do mar co'as niveas azas  
Em deleite amoroso; — acalentados  
Pelo sereno espreguiçar das ondas,  
Aspirando perfumes mal sentidos,  
Por vesperina arajem bafejados,  
É jogo o seo viver; — porém se o vento  
No frondoso arvoredado ruge ao longe,  
Se o mar, batendo irado as ermas praias,  
Crusadas vagas em novello enrola,  
Com grito de terror o par candente  
Sacode as niveas azas, bate-as, — fogem.

## VI.

Houve tempo em que eu pedia  
 Uma mulher ao meo Deos,  
 Uma mulher que eu amasse,  
 Um dos bellos anjos seos.

Em que eu a Deos só pedia  
 Com fervorosa oração  
 Um amor sincero e fundo,  
 Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante  
 Contra o meu peito bater,  
 Sómente um dia . . . sómente!  
 E depois delle morrer.

Amei! e o meo amor fo' vida insana!  
 Um ardente anhelar, cauterio vivo,  
 Posto no coração, a remorde-lo.  
 Não tinha uma harmonia a natureza  
 Comparada a sua voz; não tinha côres  
 Formosas como as della, — nem perfumes  
 Como esse puro odor qu'ella esparzia  
 D'angelica pureza. — Meos ouvidos  
 O feiticeiro som dos meigos labios  
 Ouviaõ com praser; meos olhos vagos  
 De a ver não se cansavão; labios d'homeus  
 Não poderão dizer como eu a amava!

E achei que o amor mentia, e que o meo anjo  
 Era apenas mulher! chorei! deixei-a!  
 E aquelles, que eu amei co'o amor d'amigo,  
 A sorte, boa ou má, levou-m'os longe,  
 Bem longe quando eu perto os carecia.  
 Conclui que a amisade era um phantasma,  
 Na velhice prudente — habito apenas,  
 No joven — doudejar; em mim lembrança;  
 Lembrança! — porém tal que a não trocára  
 Pelos gosos da terra, — meos praseres  
 Forão só meos amigos, — meos amores  
 Hão de ser neste mundo elles sómente.

## VII.

Houve tempo em que eu sentia  
 Grave e solemne afflicção,  
 Quando ouvia junto ao morto  
 Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro  
 Em sons pesados dobrar,  
 E os cantos do sacerdote  
 Erguidos junto do altar.

Quando via sobre um corpo  
 A fria lousa cahir;  
 Silencio debaixo della,  
 Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,  
Tepida talvez com o pranto amargo  
Dos olhos da afflicção; — se os mortos sentem,  
Ou se almas tem amor aos seus despojos,  
Certo dos pés do Eterno, entre a alleluia,  
E o goso lá dos céos, e os côros d'anjos,  
Hão de lembrar-se com praser dos vivos,  
Que chorão sobre a campa, onde já brota  
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lagem fria dos mortos! quem me dera  
Gosar do teo descanso, ir asilar-me  
Sob o teo sancto horror, e nessas trevas  
Do bulicio do mundo ir esconder-me!  
Oh! lagem dos sepulchros! quem me desse  
No teo silencio fundo asilo eterno!  
Ahi não pulsa o coração, nem sente  
Martyrios de viver quem já não vive.

## H Y M N O S.

Singe dem Herrn mein Lied, und du, begeisterte Seele,  
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!

WIELAND.

Mesquinho tributo de profunda amigade.

AO DR. J. D. LISBOA SERRA.

## O MAR.

Frappé de ta grandeur farouche  
Je tremble.... est-ce bien toi, vieux lion que je touche,  
Océan, terrible océan!

TURQUETY.

Oceano terrível, mar immenso  
De vagas procellosas que se enrolão  
Floridas rebentando em branca espuma  
N'um pólo e n'outro pólo,  
Emfim . . . emfim te vejo: emfim meos olhos  
Na indomita cerviz tremulos cravo,  
E esse rugido teo sanhudo e forte  
Emfim medroso escuto!

D'onde houveste, ó pelago revolto,  
 Esse rugido teo? Em vão dos ventos  
 Corre o insano pegão lascando os troncos,

E do profundo abysmo

Chamando á superficie infindas vagas,  
 Que avaro encerras no teo seio undoso:

Ao insano rugir dos ventos bravos

Sobresáe teo rugido.

Em vão troveja horrisona tormenta;

Essa voz do trovão, que os céos abala,

Não cobre a tua voz. — Ah! d'onde a houveste,

Magestoso oceano?

O' mar, o teo rugido é um echo incerto

Da creadora voz, de que surgiste:

Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas

As vagas compelliste.

E á noite, quando o céo é puro e limpo,

Teo chão tinges de azul, — tuas ondas correm

Por sobre estrellas m̃il; turvão-se os olhos

Entre dois céos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto

Julgo ser teo rugir; mas só, perenne,

Imagem do infinito, retratando

As feitura de Deos.

Por isto, a sós contigo, a mente livre

Se eleva, aos céos remonta ardente, altiva,

E d'este lodo terreal se apura,  
 Bem como o bronze ao fogo.  
 Férvida a Musa, co'os teos sons casada,  
 Glorifica o Senhor de sobre os astros  
 Co'a fronte além dos céos, além das nuvens,  
 E co'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu? Se erriças  
 A coma perigosa, a não possante,  
 Extremo de artificio, em breve tempo  
 Se afunda e se anniquila.  
 És poderoso sem rival na terra;  
 Mas lá te vás quebrar n'um grão d'areia,  
 Tão forte contra os homens, tão sem força  
 Contra coisa tão fraca!

Mas n'esse instante que me está marcado,  
 Em que hei de esta prisão fugir pr'a sempre,  
 Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue  
 Teo sonoro rugido.

Então mais forte do que tu, minha alma,  
 Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,  
 Quebrará n'um relance o circl'o estreito  
 Do finito e dos céos!

Então, entre myriadas de estrellas,  
 Cantando hymnos d'amor nas harpas d'anjos,  
 Mais forte soará que as tuas vagas.

Mordendo a fulva areia:

Inda mais doce que o singelo canto  
De merencoria virgem, quando a noite  
Occupa a terra, — e do que a mansa brisa,  
Que entre flôres suspira..

## IDEIA DE DEOS.

Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl  
Sind seine Wohnungen!  
Seine Wagen die donnernden Gewölke,  
Und Blitze sein Gespann.

KLEIST.

### I.

À voz de Jehovah infindos mundos  
Se formaráõ do nada;  
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,  
E a noite foi creada.

Lusio no espaço a lua! sobre a terra  
Rouqueja o mar raivoso,  
E as espheras nos céos erguerão hymnos  
Ao Deos prodigioso.

Hymno de amor a criação, que sôa  
Eternal, incessante,  
Da noite no remanso, no ruído  
Do dia scintillante!

A morte, as afflicções, o espaço. o tempo,  
 O que é para o Senhor?  
 Eterno, immenso, que lh'importa a sanha  
 Do tempo roedor?

Como um raio de luz, pereorre o espaço,  
 E tudo nota e vê —  
 O argueiro, os mundos. o universo, o justo;  
 E o homem que não crê.

E elle que pôde anniquilar os mundos,  
 Tão forte como elle é,  
 E vê e passa, e não castiga o crime,  
 Nem o impio sem fé!

Porém quando corrupto um povo inteiro  
 O Nome seo maldiz,  
 Quando só vive de vingança e roubos,  
 Julgando-se feliz:

Quando o impio commanda, quando o justo  
 Soffre as penas do mal,  
 E as virgens sem pudor, e as mães sem honra,  
 E a justiça venal:

Ai da perversa, da nação maldicta,  
 Cheia de ingratição,  
 Que ha de ella mesma sugeitar seo collo  
 Á justa punição.

Ou já terrível peste expande as azas,  
Bem lenta a esvoaçar;  
Vai de uns a outros, dos festins conviva,  
Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra accessa  
Espalha a confusão;  
E a esposa, e a filha, de terror oppresso,  
Não sente o coração.

E o pae, e o esposo, no morrer cruento,  
Vomita o fel raivoso;  
— Milhões de insectos vis que um pé gigante  
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce  
Esperançoso e crente,  
Como do podre e carunchoso tronco  
Hastea forte e virente.

## II.

Oh! como é grande o Senhor Deos, que os mundos  
Equilibra nos ares;  
Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras  
Do pelago fremente,  
A cujo sopro a maquina estrellada  
Vacilla nos seos eixos,

A cujo aceno os cherubins se movem  
 Humildes, respeitosos,  
 Cujos poder, que é sem igual, excede  
 A hyperbole arrojada!  
 Oh! como é grande o Senhor Deos dos mundos,  
 O Senhor dos prodigios.

## III.

Elle mandou que o sol fosse principio,  
 E rasão de existencia,  
 Que fosse a luz dos homens — ôlho eterno  
 Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,  
 Refizesse o vigor  
 Da terra hiante, do animal cançado  
 Em praino abrasador.

Mandou que a brisa susurrasse amiga,  
 Roubando aroma á flôr;  
 Que os rochedos tivessem longa vida,  
 E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deos que manda  
 Um sonho ao desgraçado,  
 Que vive agro viver entre misérias.  
 De ferros rodeado;

O Deos que manda ao infeliz que espere  
Na sua providencia;  
Que o justo durma, descansado e forte  
Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,  
Que trema de morrer;  
Em quanto lá nos céos, o que foi morto,  
Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deos, que rege  
A maquina estrellada,  
Que ao triste dá prazer; descanso e vida  
Á mente atribulada!

## O ROMPER D'ALVA.

Quand ta corde n'aurait qu'un son  
 Harpe fidèle, chante encore  
 Le Dieu que ma jeunesse adore,  
 Car c'est un hymne que son nom.

LAMARTINE.

Do vento o rijo sopro as mansas ondas  
 Varreo do immenso pego, — e o mar rugindo  
 Ás nuvens se elevou com furia insana;  
 Ennovelladas vagas se arrojãrão  
     Ao céo eo'a branca espuma!  
 Raivando em vão se encontrão soluçando  
 Na base d'erma rocha descalvada;  
 Em vão de furias ereseem, que se quebra  
 A força enorme do impotente orgulho  
 Na rocha altiva ou na arenosa praia.  
 Da tormenta o furor lhe accende os brios,  
 Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,  
 Que em teimosos gemidos se descerrão;  
 Da quieta noite despertando os echos  
 Além, no valle humilde, onde não chega  
 Seo sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa susurrando  
A face do eó varreo,  
Tristes nuvens espalhando,  
Que a noite em ondas verteo.

Além, atraz da montanha,  
Branda luz se patenteia,  
Que d'alma ã dôr afugenta,  
Se dentro, sentida aneia.

Branda luz, que afaga a vista,  
De que se ama o eó tingir,  
Quando entre o azul transparente  
Pareee alegre sorrir;

Como és linda! — Como dobras  
Da vida a força e do amor!  
— Que tão bem luz dentro d'alma  
Teo luzir encantador!

No teo ameno silencio  
A tormenta se perdeo,  
E do mar a forte vida  
Nos abysmos se escondeo!

Porque assim de novo agora  
Que o vento o não vem toldar,  
Parece que vai queixoso  
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredó,  
Bem como as ondas do mar,  
Sem correr sopro de vento,  
Começão de murmurar?

Sobre o tapiz d'alta relva,  
— Rocio da madrugada —  
Destilla gotas de orvalho  
A verde folha inclinada.

Renascida a natureza  
Parece sentir amor;  
Mais brilhante, mais viçosa  
O calix levanta a flôr.

Por entre as ramas occultas,  
Docemente a gorgear,  
Acordão trinando as aves,  
Alegres, no seo trinar.

O arvoredó n'essa lingoa  
Que diz, porque assim susurra?  
Que diz o cantar das aves?  
Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,  
O nome do que é Senhor,  
Um nome que os anjos dizem,  
O nome do Creador.

Tão bem eu, Senhor, direi  
Teo nome — do coração,  
E ajuntarei o meo hymno  
Ao hymno da criação.

Quando a dôr meo peito acanha,  
Quando me rala a afflicção,  
Quando nem tenho na terra  
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano  
Livas meo peito arquejante,  
Seccas-me o pranto que os olhos  
Vertendo estão abundante.

Tu pacíficas minha alma,  
Quando se rasga com pena,  
Como a noite que se esconde  
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,  
Tu és o ser creador,  
Tu és o amor, és a vida,  
Tu és meo Deos, meo Senhor.

Direi nas sombras da noite,  
Direi ao romper da aurora:  
— Tu és o Deos do universo,  
O Deos que minha alma adora.

Tão bem eu, Senhor, direi  
Teo nome — do coração,  
E ajuntarei o meo hymno  
Ao hymno da criação.

## A TARDE.

Ave Maria! blessed be the hour!  
 The time, the clime, the spot where I so oft  
 Have felt that moment in its fullest power  
 Sink o'er the earth so beautiful and soft. . . .

BYRON.

Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores,  
 Mãe da meditação, meo doce encanto!  
 Os rogos da minha alma enfim ouviste,  
 E grato refrigerio vens trazer-lhe  
 No teu remansear prenhe de enlevos!  
 Em quanto de te ver gostão meos olhos,  
 Em quanto sinto a minha voz nos labios,  
 Em quanto a morte me não rouba á vida,  
 Um hymno em teu louvor minha alma exhale,  
 Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores!

## I.

É bella a noite, quando grave estende  
 Sobre a terra dormente o negro manto

De brilhantes estrellas recamado;  
Mas nessa escuridão, nesse silencio  
Que ella consigo traz, ha um quê de horrivel  
Que espanta e desespera e geme n'alma;  
Um que de triste que nos lembra a morte!  
No romper d'alva ha tanto amor, tal vida,  
Ha tantas cores, brilhantismo e pompa,  
Que fascina, que attrahe, que a amar convida;  
Não pode supportal-a homem que soffre,  
Orfãos de coração não podem vel-a.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!  
A mente, o coração, sentidos, olhos,  
A ledice e a dôr, o pranto e o riso,  
Folgação de te avistar; — são teos, — és d'elles.  
Homem que sente dôr folga contigo,  
Homem que tem prazer folga de ver-te!  
Contigo sympathisção, porque és bella,  
Qu'és mãe de merencorios pensamentos,  
Entre os céos e a terra extasis doce,  
Entre dôr e prazer celeste arroubo.

## II.

A brisa que murmura na folhagem,  
As aves que pipitão docemente,  
A estrella que desponta, que rutila,  
Com duvidosa luz ferindo os mares,  
O sol que vai nas agoas sepultar-se  
Tingindo o azul dos céos de branco e d'oiro;

Perfumes, murmurar, vapores, brisa,  
 Estrellas, céos é mar, e sol e terra,  
 Tudo existe contigo, e tu és tudo.

## III.

Homem que vive agro viver de côrte,  
 Indiferente olhar derrama a custo  
 Sobre os fulgores teos; — homem do mundo  
 Mal pode o desbotado pensamento  
 Revolver sobre o pó; mas nunca, oh nunca!  
 Ha de elevar-se a Deos, e nunca ha de elle  
 Na abobada celeste ir pendurar-se,  
 Como de rosea flôr pendente abelha.  
 Homem da natureza, esse contemple  
 De purpura tingir a luz que morre  
 As núvens lá no occaso vacillantes!  
 Ha — de vida melhor sentir no peito,  
 Sentir doce praser sorrir-lhe n'alma,  
 E fonte de ternura inexgotavel  
 Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol! — hora fagueira,  
 Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!  
 Quem ha que de te ver não sinta enlevos,  
 Quem ha na terra que não sinta as fibras,  
 Todas do coração pulsar-lhe amigas,  
 Quando d'esse teu manto as pardas franjas  
 Sóltas, roçando a habitação dos homens?  
 Ha hi praser tamanho que embriaga,

Ha hi praser tão puro, que parece  
 Haver anjos dos céos com seos acordes  
 A misera existencia acalentado!

## IV.

Socia do forasteiro, tu, saudade,  
 N'esta hora os teos espinhos mais pungentes  
 Cravas no coração do que anda errante.  
 Só elle, o peregrino, onde acolher-se,  
 Não tem tugurio seo, nem pae, nem 'sposa,  
 Ninguém que o espere com sorrir nos labios  
 E paz no coração, — ninguém que extranhe,  
 Que aneeie afflicto de o não ver comsigo!  
 Cravas então, Saudade, os teos espinhos;  
 E elles, tão pungentes, tão agudos,  
 Varando o coração de um lado a outro,  
 Nem trazem dôr, nem desespero incitão;  
 Mas remanso de dôr, mas um suave  
 Recordar do passado, — um que de triste  
 Que ri ao coração, chamando aos olhos,  
 Tão espontaneo, tão fagueiro pranto,  
 Que não fora praser não derramal-o.

E quem — ah tão feliz! — quem peregrino  
 Sobre a terra não foi? Quem sempre ha visto  
 Sereno e brando deslizar-se o fumo  
 Sobre o tecto dos seos; e sobre os cumes  
 Que os seos olhos hão visto á luz primeira  
 Crescer branca neblina que se enrola,

Como incenso que aos céos a terra envia?  
Tão feliz! quando a morte involta em pranto  
Com gelado suor lh'enerva os membros,  
Procura inda outra mão co'a mão sem vida,  
E o extremo scintillar dos olhos baços,  
De um ente amado procurando os olhos,  
Sem praser, mas sem dôr, alli se apaga.  
O exilado! esse não; tão só na vida,  
Como no passamento ermo e sosinho,  
Sente dôres crueis, torvos pesares  
Do leito afflicto esvoaçar-lhe em torno,  
Roçar-lhe o frio, o pallido semblante,  
E o instante derradeiro amargurar-lhe.

Porém, no meo passar da vida á morte,  
Possa co'a extrema luz d'estes meos olhos  
Trocar ultimo adeos com os teos fulgores!  
Ah! possa o teo alento perfumado,  
Do que na terra estimo, docemente  
Minha alma separar, e derramal-a  
Como um vago perfume aos pés do Eterno.

## O TEMPLO.

. . . . Jehovah déploie autour de nos demeures  
Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures  
Tombe anneau par anneau.

TURQUETY.

## I.

Estou só n'este mudo sanctuario,  
Eu só, com minha dôr, com minhas penas!  
E o pranto nos meos olhos represado,  
Que nunca vio correr humana vista,  
Livrementemente o derramo aos pés de Christo,  
Que tão bem suspirou, gemeo sosinho,  
Que tão bem padeceo sem ter conforto,  
Como eu padeço, e soffro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciencia,  
Vergonha não me tinge a côr do rosto,  
Nem crimes perpetrei; — porque assim choro?  
E direi eu por que? — Antes meu berço,  
Que vagidos de infante vividouro,  
Os sons finaes de um moribundo ouvisse!

Que esperanças que eu tinha tão formosas,  
Que mimosos enlevos de ternura,  
Não continha minha alma toda amores!  
Esperanças e amor, que é feito d'ellas?  
Um dia me roubava uma esperança,  
E sosinho, uma e uma, me deixarão.  
Morrerão todas, como folhas verdes  
Que em principios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu sentil-o ao menos;  
Quando eu via a desdita de bem perto  
Co' um sorriso infernal no rosto squalido,  
Com fome e frio a tiritar demente,  
Acenando-me infausta? — quando vinda  
Minha hora já sentia, em que os meus labios,  
Tremendo de vergonha; soluçassem  
Ao f'liz com que eu na rua deparasse,  
De mãos erguidas: Meo Senhor, piedade!  
Eis porque soffro assim, porque assim gemo,  
Porque meo rosto pallido se encova,  
Porque somente a dôr me ri nos labios,  
Porque meo coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro.  
No altar profano de belleza esquiva  
Não queimo incenso vão; — tu só me occupas  
O coração, que eu fiz hostia sagrada,  
Apuro de elevados sentimentos,  
Que o teo amor somente asilão, nutrem.

Quando ao sopé da cruz me chego afficto,  
Sinto que o meo soffrer se vae mingoando,  
Sinto minha alma que de novo existe,  
Sinto meo coração arder em chammas,  
Arder meos labios ao diser teo nome.  
Assim a cada aurora, a cada noite,  
Virei consolações beber sedento  
Aos pés do meo Senhor; — virci meo peito  
Encher de religião, de amor, de fogo,  
Que além de infindos céos minha alma exalte.

## II.

Quem me dera nas azas d'este vento,  
Que agora tão saudoso aqui murmura,  
Agitando as cortinas, que me encobrem  
Do teo rosto o fulgor, que me não cegue,  
Subir além dos sóes, além das nuvens  
Ao teo throno, ó meo Deos; ou quem me desse  
Ser este incenso que se arroja em ondas  
A subir, a crescer, em rolo, em fumo,  
Até perder-se na amplidão dos ares!  
Não qu'ria aqui viver! — Quando cu padço,  
Surdez fingida a minha voz responde;  
Não tenho voz de amor, que me console,  
Corre o meo pranto sobre terra ingrata,  
E dôr mortal meo coração fragôa.  
Só tu, Senhor, só tu, no meo deserto  
Escutas minha voz que te supplica;  
Só tu nutres minha alma de esperança;

Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas  
Torrentes de harmonia, que me abrasão.  
Qual órgão, que resôa mavioso,  
Quando segura mão lhe opprime as teclas,  
Assim minha alma, quando a ti se achega  
Hymnos de ardente amor disfere grata:  
E, quando mais serena, inda conserva  
Effluvios d'esse canto, que me guia  
No caminho da vida aspero e duro.  
Assim por muito tempo reboando  
Vão no recinto do sagrado templo  
Sons, que o órgão soltou, que o ouvido escuta.

## TE DEUM.

Nós, Senhor, nós te louvamos,  
Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto,  
Immenso é o teo poder, tua força immensa,  
Teos prodigios sem conta; — e os céos e a terra  
Teo ser e nome e gloria preconisão.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,  
E o côro dos prophetas, e dos martyres  
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão  
Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto.

Na innocencia do infante és tu quem fallas:  
A belleza, o pudor — és tu que as gravas  
Nas faces da mulher, — és tu que ao velho  
Prudencia dás, — e o que verdade e força  
Nos puros labios, do que é justo, imprimes.

És tu quem dás rumor á quieta noite,  
És tu quem dás frescor á mansa brisa,  
Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento,  
Quem na voz do trovão longe rouquejas.

Ès tu que do oceano á furia insana  
Pões limites e cobro, — és tu que a terra  
No seo vôo equilibras, — quem dos astros  
Governas a harmonia, como notas  
Acordes, simultaneas, palpitando  
Nas cordas d'Harpa do teo Rei Propheta,  
Quando elle em teo louvor hymnos soltava,  
Qu' ião, cheios de amor, beijar teo solio.

Sancto! Sancto! Sancto! — teos prodigios  
São grandes, como os astros, — são immensos,  
Como arêa delgada em quadra estiva.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,  
E o côro dos prophetas, e dos martyres  
A turba éleita — a ti, Senhor, proclamação,  
Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes grande.

## ADEOS

## AOS MEOS AMIGOS DO MARANHÃO.

Meos Amigos, Adeos! Já no horizonte  
O fulgor da manhã se empurpurece:  
É puro e branco o céu, — as ondas mansas,  
— Favoravel a brisa; — irei de novo  
Sorver o ar purissimo das ondas,  
E na vasta amplidão dos céos e mares  
De vago imaginar embriagar-me!  
Meos Amigos, Adeos! — Verei fulgindo  
A lua em campo azul, e o sol no occaso  
Tingir de fogo a implacidez das agoas;  
Verei horridas trevas lento e lento  
Descerem, como um crépe funerario  
Em negro esquite, onde repouisa a morte;  
Verei a tempestade quando alarga  
As negras azas de bulcões, e as vagas  
Soberbas encastella, esporeando  
O curto bojo de ligeiro barco,  
Que geme, e ruge, e empina-se insoffrido

Galgando os escarceos, — bem larga esteira  
De phosphoro e de luz traz si deixando:  
Generoso corsel, que sente as cruces  
Agudas de teimosos acicates  
Lacerarem-lhe rabidas o ventre.

Inda uma vez, Adeos! Curtos instantes  
De ineffavel prazer — horas bem curtas  
De ventura e de paz frui comvosco:  
Oasis que encontrei no meo deserto,  
Tepido valle entre fragosas serras  
Virente derramado, foi a quadra  
Da minha vida, que passei comvosco.  
Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,  
De tudo quanto almejo, espero, ou temo  
Deslembrado vivi! — Oh! quem me dera  
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,  
E que eu morresse entre vós! Mas força occulta,  
Irresistivel, me persegue e impelle.  
Qual folha instavel em ventoso estio  
Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo;  
Assim vou eu sem tino, — aqui pegadas  
Mal firmes assentando — além pedaços  
De mim mesmo deixando. Na floresta  
O lasso viandante extraviado  
Por todo o verde bosque estende os olhos,  
E cançado esmorece, — cãe, medita,  
Respira mais de espaço, cobra alento,  
E nas sohidões de novo eil-o se entranha.

Vestigios mal seguros sopra o vento,  
 Ou nivella-os a chuva, ou relva os eobre:  
 Talvez que folhas asperas de arbusto  
 Mordão vellos da tuniea, e denotem  
 (Duvída o viajor, que os vê eom pasmo)  
 Que errante eaminheiro alli passasse.

E eu parti! — Não ehorei, que do meo pranto  
 A larga fonte jaz de ha muito exhausta;  
 Ha muito que os meos olhos não gotejão  
 O repassado fel d'aere amargura;  
 E o pranto no meo peito represado  
 Em einza o coração me ha eonvertido.  
 É assim que um vuleão se torna fonte  
 De limpha amarga e quente; e a fonte em ermo,  
 Onde não ereseem perfumadas flôres,  
 Nem tenras aves seos gorgeios soltão,  
 Nem triste viajor eneontra abrigo.

Rasgado o eoração de pena acerba,  
 Tranzido de afflicções, eheio de magoa,  
 Miserando parti! tal quando reprobo,  
 Adão, eobrando os olhos eo'as mãos ambas,  
 Em meio a sua dôr só descobria  
 Do Arehanjo os eandidissimos vestidos,  
 E os lampejos da espada fulminante,  
 Que o Eden tão mimoso lhe vedava.

Porém quando algum dia o colorido  
Das vivas illusões, que inda conservo,  
Sem força esmorecer, — e as tão viçosas  
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem  
Em mar de desenganos; — a desgraça  
Do naufragio da vida hade arrojarme  
Á praia tão querida, que ora deixo.  
Tal parte o desterrado: um dia as vagas  
Hão de os seos restos regeitar na praia,  
D'onde tão novo se partira, e onde  
Procura a cinza fria achar jazigo.

## **SECUNDOS CANTOS.**



## CONSOLAÇÃO NAS LAGRIMAS.

Las lagrimas puras que entonces se viertem,

Acaso diviertem

En vez de doler.

ZORRILLA.

Como é bello á meia noite  
O azul do céu transparente,  
Quando a esphera d'alva lua  
Vagueia mui docemente,  
Quando a terra não ruidosa  
Toda se cala dormente,  
Quando o mar tranquillo e brando  
Na areia chora fremente!

Como é bello este silencio  
Da terra todo harmonia,  
Que aos céos a mente arrebatá  
Cheia de meiga poezia!  
Como e bella a luz que brilha  
Do mar na viva ardentia!  
Este pranto como é doce  
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda  
Que enruga a face do mar,  
Que na terra passa e morre  
Sem nas folhas susurrar!  
Os sons d'aereo instrumento  
Quisera agora escutar,  
Quisera magoas pungentes  
Neste silencio olvidar!

O azul do céu, nem da lua  
A doce luz reflectida,  
Nem o mar beijando a praia,  
Nem a terra adormecida,  
Nem meigos sons, nem perfumes,  
Nem a brisa mal sentida,  
Nem quando agrada e deleita,  
Nem quanto embelleza a vida:

Nada é melhor que este pranto  
Em silencio gotejado,  
Meigo e doce, e pouco e pouco  
Do coração despegado;  
Não soro de fel, mas sancto  
Frescor em peito chagado;  
Não espremido entre dores,  
Mas quasi em praser coado!

## CANÇÃO.

Yo no soy mas que un poeta,  
Sin otro bien que mi lira.

ZORRILLA.

Tenho uma harpa religiosa,  
Toda inteira fabricada  
De madeira preciosa  
Sobre o Libano cortada.

Foi o Senhor quem m'a deo,  
De sanctas palmas coberta,  
Que as notas suas concerta  
Aos sons do salterio hebreo!

Tenho alaúde polido  
Em que antigos Trovadores,  
Em tom de guerra atrevido,  
Cantavão trovas de amores  
Mas chegando a Sancta Cruz,  
De volta do meo desterro,  
Cortei-lhe as cordas de ferro,  
Cordas de prata lhe puz.

Tenho tão bem uma lyra  
De festões engrinaldada,  
Onde minha alma afinada  
Melindres d'amor suspira.

Nas grinaldas, nos festões,  
Nas rosas com que s'inflora,  
Goteja o orvalho da aurora  
Dictámo dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzella,  
Só harpa, alaúde e lyra;  
Nem vejo sorte mais bella,  
Nem coisa que lhe eu prefira.

Votei assim ao meo Deos  
A minha harpa religiosa,  
A ti a lyra mimosa,  
O grave alaúde aos meos!

## LYRA.

Coeur sans amour est un jardin sans fleur.

L. HALLEVY.

Se me queres a teos pés ajoelhado,  
 Ufano de me ver por ti rendido,  
 Ou já em mudas lagrimas banhado;

Volve impiedosa,  
 Volve-me os olhos;  
 Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,  
 Beijando a fimbria dos vestidos teos,  
 Calando as queixas que meo peito encerra,

• Dise-me, ingrata,  
 Dise-me: eu quero!  
 Basta uma vez.

Mas se antes folgas de me ouvir na lyra  
 Louvor singelo dos amores meos,  
 Por que minha alma ha tanto em vão suspira;

Dise-me, ó bella,  
 Dise-me: eu te amo!  
 Basta uma vez!

## AGORA E SEMPRE.

Pone me pigris ubi nulla campis  
Arbor aestiva recreatur aura.

.....  
Dulce ridentem Lalagem amabo,  
Dulce loqueutem.

HORACIO. OD.

Ponhão-me embora na crestada Lybia,  
Ou lá nas zonas em que o gelo mora. •  
Alli tua alma viverá commigo,  
Alli teo nome!

Ponhão-me em terras que leões só crião,  
Nas altas serras que o condor habita:  
Alli ainda viverá contigo  
Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,  
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha,  
Cortado o rosto de gelado vento,  
Madida a coma:

Alli aos urros do leão sedento,  
Aos crebros gritos do condor alpestre,  
Ardendo em chamas deste amor sem termo,  
Darei: Eu de amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha  
Escute embora sepultar-me em vida;  
Embora sinta roxear-me os pulsos  
Ferreas algemas;

Embora malhos de tortura infame  
Quebrem-me os ossos no medroso equuleo:  
Agudos dentes de tenaz raivosa  
Mordão-me as carnes:

Nas feias sombras da cruel masmorra,  
Nos duros tratos da tortura bruta,  
Quer so commigo, quer em meio ás gentes,  
Darei: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a fragoa ardente,  
Nem brutas feras, nem cruesa humana  
Farão que eu soffra mais agudas dores,  
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,  
Cinge-te o corpo em divinaes caricias,  
Beija-te o collo, beija-te o sorriso,  
Gosa-te e vive!

E eu no entanto extorso-com dores!  
Praguejo o inferno que nos poz tão longe.  
Louco bravejo, misero soluço . . .  
Desejo e morro!

## A VIRGEM.

— Tiene mas de vaporosa sombra  
De inefabile vision que de muger.

ZORILLA.

Linda virgem simelha a linda roza,  
Que se abre ao romper d'alva;  
Encapellão-se as petalas mimosas,  
Lacradas de pudor com rubro sello:  
Cego mortal só lhe respira o incenso;  
Mas della a abelha extrahe seo mel mais puro.

Seo nobre coração é como um templo,  
Onde só Deos habita;  
Alli reina o misterio involto em sombras,  
E maga placidez involta em cantos:  
Só vê isto o profano; mas o antiste  
De Deos a sombra vê, e a voz lhe escuta.

E' como um lago de marmoreo leite  
Sua alma ingenua e bella:  
No fundo não se enxerga o verde limo,  
E a lisa face nos amostra os astros.  
E onde o humilde pastor so vê luzeiros,  
Os anjos lá dos ceos contemplão mundos.

E se eu a vejo nos saráos ruidosos,  
C'roada de belleza,  
E a sombra da tristeza irresistivel  
Tingir-lhe o rosto, a desbotar-lhe o riso;  
Na mulher, que outros vêem, descubro o aujo,  
Que as azas d'oiro, que perdeo, lamenta!

Então como que sinto arrebatat-me,  
Sympathica attracção!  
Quisera doces carmes de ternura  
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa  
Cantar-lhe, e assim diser-lhe: «Um canto ao menos  
O acerbo exilio teo torne mais brando!»

Baldado empenho! Começado apenas,  
Afrouxa-se-me o canto;  
Debaixo dos meos dedos mal palpita  
A corda melindrosa da minha Harpa;  
E como em espaço, que até d'ar carece,  
Tangida, o extremo som morre sem echo!

---

## ROSA NO MAR!

Rosa, rosa de amor purpurea e bella,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa!

GARRETT.

Por uma praia arenosa,  
Vagarosa  
Divagava uma Donzella;  
Dá largas ao pensamento,  
Brinca o vento  
Nos soltos cabellos della.

Leve ruga no semblante  
Vem n'um instante,  
Que n'outro instante se alisa;  
Mais veloz que a sua idéia  
Não volteia,  
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio  
Arfa o seio,  
Pranto ao riso se mistura;  
Doce rir dos ceos encanto,  
Leve pranto,  
Que amargo não hé, nem dura.

Nesse logar solitario;  
— Seo fadario, —  
De ver o mar se recreia:  
De o ver, á tarde, dormente,  
Docemente  
Suspirar na branca areia.

Agora. qual sempre usava,  
Divagava  
Em seo pensar embebida;  
Tinha no seio uma rosa  
Melindrosa,  
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,  
Quando a rosa  
Do seio no chão lhe cahe:  
Vem um'onda bonançosa,  
Q'impiedosa  
A flôr comsigo retrahe.

A meiga flôr sobrenada;  
De agastada,  
A virge' a não quer deixar!  
Bóia a flor; a virgem bella,  
Vai trás ella,  
Rente, rente — á beira mar.

Vem a onda bonançosa,  
Vem a rosa;  
Foge a onda, a flôr tão bem.  
Se a onda foge, a donzella  
Vai sobre ella!  
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,  
De enfadada  
Não quer deixar de insistir:  
Das vagas menos se espanta,  
Nem com tanta  
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapella  
A virgem bella  
Recolhe e leva consigo;  
Tão fallaz em calmaria,  
Como a fria  
Polidez de um falso amigo.

Nas agoas alguns instantes,  
Fluetuantes  
Nadárão brancos vestidos:  
Logo o mar todo bonança,  
A praia cança  
Com monotonos latidos.

Um doce nome querido  
Foi ouvido,  
Ia a noite em mais de meia:  
Toda a praia perlustrarão,  
Nera acharão  
Mais que a flôr na branca areia.

## O AMOR.

Amare amabam.

S. AGOST.

Amor! enlevo d'alma, arroubo, encanto  
 Desta existencia misera, onde existes?  
 Fino sentir ou magico trausporte,  
 (O quer que seja que nos leva a extremos,  
 Aos quaes não basta a natureza humana;)  
 Sympathica attracção d'almas sinceras  
 Que unidas pelo amor, no amor se apurão,  
 Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inutil chamma resecou meos labios,  
 Mirrou-me o coração da vida em meio,  
 E á terra fez baixar a mente errada  
 Que entre nuvens, amor, por ti bradava!  
 Não te pude encontrar! — em vão meos annos  
 No louco intento esperdicei; gelados,  
 Uns após outros á cahir precipites  
 Na urna do passado os vi; eu triste,  
 Amor, por ti clamava; — e o meo deserto  
 Aos meos accentos reboava embalde.

Emvão meo coração por ti se fina,  
Emvão minha alma te eompr'hende e busea,  
Emvão meos labios sofregos eubição  
Libar a taça que aos mortaes off'rees!  
Disem-na funda, inexgotavel, meiga;  
Em quanto a vejo rasa, amarga e dura!  
Disem-na balsamo, eu veneno a sorvo:  
Praser, doçura, — eu dor e fel eneontro!

Dobrei-me as duras leis que me imposeste,  
Curvei ao jugo teo meo eollo humilde,  
Feri-aos teos ardentes passadores,  
Prendi-me aos teos grilhões, rojei por terra...  
E o luero?.. forão lagrimas perdidas,  
Foi roxa eieatriz q'inda eonserve,  
Desbotada a illusão e a vida exhausta!

Celeste emanção, gratos effluvios  
Das roseiras do eeo; bater macio  
Das azas auri-braneas d'algum anjo,  
Que roça em noite amiga a nossa esphera,  
Centelha e luz do sol que nunea morre;  
E's tudo, e mais do q'isto: — és luz e vida,  
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,  
Peregrinas esseneias trescalando!..  
Tão bem passas veloz, — breve te apagas,  
Como d'uma ave a sombra fugitiva,  
Desgarrada voando á flôr de um lago!

## SEMPRE ELLA.

Per noctem quaesivi, *quam* deligit  
anima mea, et non inveni *illam*.

CANT. CANT.

Eu amo a doce virgem pensativa,  
Em cujas rosto a pallidez se pinta,  
Como nos céos a matutina estrella!  
A dor lhe ha desbotado a côr das faces,  
E o sorriso que lhe roça os labios  
Murcha ledo sorrir nos labios d'outrem.

Tem um timbre de voz que n'alma echôa,  
Tem expressões d'angelica doçura,  
E a mente do que as ouve, se perfuma  
De amor profundo e de piedade sancta,  
E exala effluvios d'um odor suave  
De aloes, de myrrha ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando amente afflicta,  
De dor occulta remordida, anceia  
Desabrochar-se em confidencia amiga,  
« Neste mundo o que sou? — triste clamava:  
« Pérsica involta em pó, entre ruinas,  
« Erma e sosinha a resolver-me em pranto!

«Flôr desbotada em hastea ja roída,  
«De cujo tronco as outras amarellas  
«Ja rójão sobre o pó, ja murchas pendem!  
«E' sentir e soffrer a minha vida!»  
Merencoria disia, erguendo os olhos  
Aos ceos d'um claro azul, que lhes sorrião

Náda o mudo alcyon por sobre os mares,  
E proximo a seo fim desata o canto;  
A rosa do Saarão la se despenha  
Nas agoas do Jordão: e como a rosa,  
Como o cysne, do mar entre os perfumes,  
Aos sons d'uma Harpa interna ella morria!

E como o pastor que avista a linda rosa  
Nas agoas da corrente, e como o nauta  
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado  
Sobre as agoas do mar, cantando a morte;  
Eu tambem a segui — a rosa, o cysne,  
Que lá se foi sumir clima estranho.

E depois que os meos olhos a perderão,  
Como se perde a estrella em céos infindos,  
Errei por sobre as ondas do oceano,  
Sentei-me a sombra das florestas virgens,  
Procurando apagar a imagem della,  
Que tão inteira me ficára n'alma!

Embalde aos ceos erguendo os olhos turvos  
Meo astro procurei entre os mais astros,  
Q'outr'ora amiga sina me fadára!  
Com brilho embaeiado e luz incerta  
Nos ares se perdeu antes do oeeaso,  
Deixando me sem norte em mar d'angustias.

## MIMOSA E BELLA.

N'UM ALBUM.

De anno em anno se torna mais formosa,  
E novo brilho, novas graças cria.

CALDAS.

## I.

Tão bella és, tão mimosa,  
Qual viçosa  
Fresca rosa,  
Que em serena madrugada,  
Despontada,  
Rorejada  
Foi pelo orvalho do céo;  
E a aurora que tudo esmalta,  
Brilha reflexos de prata  
No orvalho que alli prendeo.

## II.

Quando um penar affietivo,  
Sem motivo,  
D'improviso

Tua alma occupa e entristece,  
Que padece,  
Que esmorece  
Com aquelle imaginar;  
Augmenta a tua belleza  
Languido véo de tristesa,  
Pallor de quem sabe amar.

## III.

Assim murcha a sensitiva,  
Sempre viva,  
Sempre esquiva;  
Assim perde o colorido  
Por um toque irreflectido,  
Mal sentido:  
Assim vai o nenuphar,  
Como que soffre e tem magoas,  
Esconder-se em fundas agoas,  
Té que o sol torne a brilhar.

## IV.

Mas tão bem a flôr brincada.  
Perfumada,  
Debruçada  
Sobre a tranquilla corrente;  
Logo sente  
Vir a enchente  
Longe, longe a rouquejar,  
Que a pobresinha desfolha,

Sem lhe deixar una folha,  
Sem deixal-a em seo logar.

## V.

Não consintas pois que as magoas,  
    Como as agoas,  
    Que das fragas  
Furiosas vem tombando,  
    Vão tomando,  
    Vão levando  
A flôr do teu coração!  
Ha na vida u' amor somente,  
Um só amor innocente,  
Uma só firme paixão.

## VI.

Sê antes flôr bemfadada,  
    Suspirada,  
    Bafejada  
Pela brisa que a namora,  
Pela frescura da aurora,  
    Que a colora:  
Á luz do sol se reereia,  
E de noite se retrata  
Da fonte na lisa prata,  
Quando o céo de luz se arreia.

## AS DUAS AMIGAS.

. . . . . Vivamos juntas  
 N'um só logar!  
 N'um só logar, ou sejão mansos ares,  
 Se alli te exaltas:  
 Ou sejão campos, se é alli que a relva  
 De pranto esmaltas.

V. HUGO. TRAD.

Já vistes sobre a flôr de manso lago  
 Duas aves brincando solitarias,  
 Já pousadas na lisa superficie,  
 Já levantando o vôo?

Já vistes duas nuvens no horizonte,  
 Brancas, orladas com listões de fogo.  
 A deslumbrante alvura cambiando  
 Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,  
 Abrindo ao romper d'alva as longas azas,  
 Onde reflecte o sol, como um prisma.  
 Bellas, garridas côres?

Nem as pombas que vagão solitarias,  
Nem as nuvens do occaso, nem as vagas  
Borboletas gentis que adejão livres  
Em valle ajardinado;

Tanto não prazem, como doces virgem.  
Airosas, bellas, com sorrir singelo,  
Da vida nêgra e má duros abrólhos  
Impróvidas calcando.

Quanto ha no mundo d'illusões fagueiras,  
De perfume e de amor, guardão no peito,  
Quanto ha de luz no céo mostrão nos olhos,  
Quanto ha de bello — n'alma.

Como um jardim seo coração se mostra,  
Seos olhos como um lago transparente,  
Sua alma como uma harpa harmoniosa,  
Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruido espanta as aves.  
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,  
E uma gota de orvalho ensopa as azas  
Das leves mariposas.

Descarradas voando as aves fogem,  
Dos castellos dos céos perdem-se as nuvens,  
Nem mais adejão borboletas vagas  
Sobre o esmalte das flôres.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?  
Depois que derramou grato perfume  
Sobre as azas dos ventos que a bafejão,  
A flor também definha.

Mas um nobre sentir que se enraiza  
No peito da mulher, que menos ame,  
'E' como essencia preciosa e grata,  
Que se lacrou n'um vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem;  
Leves emanações, gratos effluvios  
Ha de eterno verter da mesma essencia,  
Talvez porêem mais doces.

---

## SONHO.

Ah! frown not, sweet lady, unbend your soft brow  
 Nor deem me too happy in this!  
 If I sin in my dream, I atone for it now,  
 Thus doom'd but to gaze upon bliss.

BYRON.

Sonhava esta noite, Donzella formosa,  
 Já quando as estrellas tombavão no mar,  
 Que eu via a meu lado uma esbelta figura  
 Divina e mimosa . . . .  
 Sonhar é ventura;  
 Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véo se cobria  
 D'estrellas fulgentes de brilho sem par;  
 O rosto era vosso, era vossa a estatura,  
 E o anjo dizia . . . .  
 Sonhar é ventura;  
 Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um geito celeste:  
 «Affectos que em outro não pude encontrar  
 «Por fim me renderão, — paixão lisa e pura,  
     Que tanto soffreste . . .  
     Sonhar é ventura;  
     Deixai-me sonhar!

«Pois tanto soffreste, não devo impiedosa  
 «Finesa tão grande por fim mal pagar!»  
 Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,  
     E uns labios de rosa . . .  
     Sonhar é ventura:  
     Deixai-me sonhar!

E uns labios de rosa cobrirem-me a fronte  
 Com tepidos beijos de fêrvido amar!  
 Praser tão subido após tanta amargura,  
     Não sei como o conte! . . .  
     Sonhar é ventura;  
     Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos labios de rosa  
 Vivi encantado sem ver, nem pensar,  
 Em quanto apertava a ligeira cintura,  
     Cintura mimosa . . . .  
     Sonhar é ventura;  
     Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia  
Grinalda que a fronte vos fosse adornar,  
E um cinto de amores com bróche esmaltado  
    Da meiga poezia! . . .  
    Quem tão bem fadado  
    Vivera a sonhar!

De meiga poezia, meo bem, minha amada,  
Já pago de quanto me fazeis penar,  
Então vos tangia descantes na lyra,  
    Na lyra afinada!  
    O sonho é mentira;  
    Não quero sonhar!

---

## SOLIDÃO.

Solo e pensoso i più deserti campi  
 Vò misurando a passi tardi e lenti  
 E gli occhi porto per fuggire intenti  
 Ove vestigio human l'arena stampi

PETRARCA. *Sonnet.*

Se queres saber o meio  
 Por que as vezes me arrebatá  
 Nas azas do pensamento  
 A poezia tão grata;  
 Por que vejo nos meos sonhos  
 Tantos anginhos dos céos.

Vem commigo, o' doce amada,  
 Que eu te direi os caminhos,  
 Donde se enxérgão anginhos,  
 Donde se trata com Deos.

Fujamos longe das villas,  
 Das cidades populosas,  
 Do vegetar entre as vagas  
 Destas côrtes enganosas;  
 Fujamos longe, bem longe,  
 Deste viver cortesão!

Fujamos desta impuresa,  
So vês eordura por fóra;  
Mas nunea o vieio que mora  
Nas dobrás do coração!

Fujamos! que nos importa  
Rodar do carro que passa,  
Esta orgulhosa, vã gloria,  
Que se resolve em fumaça?  
Estas voses, estes gritos,  
Este viver a mentir?

Fujamos, que em taes logares  
Não ha praser innoente,  
Só alegria que mente,  
Só labios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;  
Vivamos alli sosinhos,  
Sosinhos, mas deseuidados  
Destes euidados mesquinhos;  
Tu o azul do espaço olhando  
E eu só a rever-me em ti!  
Quando depois nos tornarmos  
A' terra serema e calma,  
Aqui acharei tua alma,  
E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano  
Que d'immenso a vista cança;  
Dormirei no teu regaço

Quando o tempo for bonança,  
Quando o batel for jogando  
Em leve ondular sem fim.

Mas nos roncões da procella,  
Nossos olhos encontrados,  
Nossos braços enlaçados,  
Hei-de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos  
Das setas que arroja a sorte;  
Vivamos nas minhas selvas,  
Nas minhas selvas do norte,  
Que gemem nenias sentidas  
No seio da escuridão.

Não tem doçura o deserto,  
Não têm harmonia os mares,  
Como o rugir dos palmares  
No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca  
Nas folhas de côr sombria;  
Como o sol, pintor mimoso,  
Seos accidentes varia;  
Como é doce o romper d'alva,  
Como é fagueiro o luar!

Como alli sente-se a vida  
Melhor, mais viva, mais pura,  
N'aquella eterna verdura,  
Naquelle eterno gosar!

Vem commigo, oh! vem depressa  
Não se esgota a natureza;  
Mas desbota-se a innocencia,  
Divina e sancta pureza,  
Que dá vida aos objectos,  
Feituras da mão de Deos!

Vem commigo, o' doce amada,  
Que são estes os caminhos,  
Donde eu enxergo os anginhos,  
Que tu vês nos sonhos meus.

## A UM POETA EXILADO.

Il accuse et son siècle, et ses chants, et sa lyre.  
 Et la coupe enivrante où, trompant son delire,  
     La gloire verse tant de fiel,  
 Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes.  
 Et son coeur, et la Muse, et tous ces dons célestes.  
     Hélas! qui ne sont pas le ciel!

V. Hugo.

Tão bem vaguei, Cantor, por clima estranho,  
 Vi novos valles, novas serranias,  
 Vi novos astros sobre mim lusindo;  
     E eu só! e eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo  
 Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo  
 Do misero proscripto repetirão  
     Sentidos carmes.

Repetio - mo's o placido Mondego;  
 Talvez em mais de um peito se gravarão,  
 Em mais de uns meigos labios murmurados,  
     Talvez soárão.

Os filhos de Minerva, novos cysnes,  
 Que a fonte dos amores meigos cria,  
 E alguns de Lyzia sonorosos vates,  
     Sisudos mestres;

Ouvindo aquelle canto agreste e rudo  
 Do selvagem guerreiro, — e a voz do piaga  
 Rugindo, como o vento na floresta,  
     Prenhe d'augurios;

Benignos me olharão, e aos meos ensaios  
 Talvez sorrirão; porém mais predeo-me,  
 Quem soffrendo como eu, chorou commigo;  
     Quem me deo lagrimas!

Eu pois, que nesta vida hei aprendido  
 Só cantar e soffrer, não vejo embalde  
 Ao canto a dor unida, — e os repassados  
     Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,  
 Choro e digo entre mim: «Pobre Canario  
 Que fado máo cegou, por que soltasse  
     Mais doce canto;

Pobre Orpheo, nestes tempos mal nascido,  
 Atraz d'um bem sonhado pelo mundo  
 A vagar com lyra — um bem que os homens  
     Não podem dar -te!

Se quer esta lembrança a dor te abrande:  
A vida é breve, e o teu cantar simelha  
Vagido fraco de menino enfermo,  
Que Deos escuta.

---

## PALINODIA.

O céo não te dotou de formosura,  
De attractivo exterior, e a natureza  
Teo peito inficionou co'a vil torpeza  
D'ingrata condição fallaz e impura!

BOCAGE.

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,  
Apezar da aversão que tenho ao crime,  
Inteiro me embucei nos seos andrajos,  
Em tremedal de vicios;

Se só por vós descri do que era nobre,  
Por que involto em torpeza immunda e feia,  
As vestes da virtude immaculada  
Rebolquei-as no lôdo;

Se só por vós persegue-me o remorso,  
Que os dias da existencia me consome,  
E entre angustias crueis minha alma aneia.

— Ludibrio dos meos erros:

Consenti que a moral os seus direitos  
 Reivendique uma vez, e que a minha alma  
 Das licções que bebo na pura infancia  
 Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meos labios,  
 Duras verdades trovejando em verso,  
 Fazer de vós, o que a razão não pôde,  
 — Mulher ou estatua!

Mentistes quando amor tinheis nos labios,  
 Mentistes a compor meigos sorrisos,  
 Mentistes no olhar, na voz, no gesto...  
 Fostes bem falsa!...

Falsa, como a mulher que em bruta orgia  
 Finge extremos de amor que ella não sente,  
 E o rosto offrece á osculos vendidos,  
 Ao sigillo da infamia.

Quantas veses, Sênhora, não cahistes  
 Humilhada, á meos pés, desfeita em pranto,  
 Chorando — ¿e que choraveis? — a jurar-me...  
 — ¿Que juraveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga  
 A cahir gota a gota dos meos labios  
 No que eu suppunha cicatriz recente.  
 E que era ulcera funda:

Se me vistes os olhos incendidos,  
Sangrar-me o coração no peito afflicto  
Ao fel das vossas dores, que azedaveis  
Co'o pranto refalsado.

Ouvi! — não ereis bella, — nem minha alma  
Vos amou, que um modello de virtudes,  
— Um sublime ideal — amou somente;  
Vós o não fostes unca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,  
Aos negros vicios mais que muito affeita,  
Já feia, já corrupta, já sem brilho . . . .  
Amal-a cu, Senhora!

Deitar-me sob a cópa traiçoeira,  
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;  
Recostar-me no seio onde outros dormem,  
Que por ninguem palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga  
Visgo nojento d'oseculos comprados;  
Crêr no que disem olhos mentirosos,  
Em prantos de loureira!

Antes curvar o collo envilicido  
Ao jugo vil da escravidão nefanda;  
Beijar humilde a mão que nos offende,  
Que nos cobre de oprobrio!

Antes, possesso d'imprudencia estúpida,  
Brincando remecher no açafate,  
Onde por baixo de mimosas flores,  
O aspide se escónde!

Mas eu, nos meos accessos de delirio,  
Voz importuna de continuo ouvia,  
Cá dentro em mim, a repr'hender-me sempre  
De vos amar... tão pouco!

Assim o cego idolatra se culpa,  
Nos espasmos d'ascetica virtude,  
De não amar assaz o vão phantasma,  
De suas mãos feita.

Porém se luz melhor de cima o aclara,  
Cóspe affronta e desdem, e a chamma entrega  
O cepo vil, que não merece altares,  
Nem d'offrendas é digno!

Releva-se a imprudencia feminina,  
Inda um erro, uma culpa se perdôa,  
Se a desvaira a paixão, se amor a cega  
No mar de escolhos cheio.

O Deos, que mais perdôa a quem mais ama,  
Talvez da vida a negra mancha apaga  
A quem as azas de algum anjo orvalha  
De lagrimas constrictas.

Mas não á aquella, em cujo peito móra  
Torpesa só, — onde o amor se cobre  
De vicios — a nutrir-se d'impuresas,  
Como vermes de lôdo.

Se porém te aproveita o meo conselho,  
A' quem, mais do que a mim, tens offendido,  
Que entre os risos do mundo, vê tua alma  
E lê teos pensamentos:

Se não erês n'outra vida alem da morte,  
Roga se quer a Deos, que te não rompa  
A' luz do sol divino da Justiça  
A mascara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgavel,  
— A dura opinião — te não entregue,  
Sosinha, e núa, e d'irrisão coberta,  
A' popular vindicta!

## OS SUSPIROS.

Mucha pena ¿verdad? mucha amargura  
 Guardaba allá en sus senos escondida  
 A despedir-te el alma dolorida,  
 Hijo de su carinõ y su ternura?

ROMEA.

Muitas veses tenho ouvido,  
 Como languidos gemidos,  
 Frouxos suspiros partidos  
 D'entre uns labios de coral:  
 A fina tez lhes deslustrão,  
 Bem como o alento que passa  
 Sobre o candor d'uma taça  
 De transparente crystal.

Ouvido os tenho mil veses  
 Do coração arrancados,  
 Sobre labios desmaiados  
 Susurrando esvoaçar!  
 Como flôr submarinha  
 Da funda gleba arrancada,  
 De vaga em vaga arrastada,  
 Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil veses,  
 Em quanto a lúá fulgura,  
 Quando a virgem d'alma pura  
 Fita seos olhos no céo:

Notas de mundo longinquo  
 Repassadas de harmonia,  
 Diamante que alumia  
 A tela de um fino véo!

Tu, virgem por que suspiras?  
 Quando suspiras que scismas?  
 Em que reflexões te abysmas?  
 — Do passado ou do porvir;  
 Mas não tens *passado* ainda,  
 Tudo é flores no presente,  
 Brilha o porvir docemente,  
 Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, por que suspiras?  
 — Murmura trepida a fonte,  
 De relva se cobre o monte,  
 As aves sabem cantar;  
 O ditoso tem sorrisos,  
 O desgraçado tem pranto,  
 A virgem tem mais encanto  
 No seo vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,  
 E' da alma a voz primeira,  
 A expressão mais verdadeira  
 Da sina e do fado teo!

Vago, incerto, indefinido,  
Tem um quê de inexplicavel,  
Como um desejo insondavel,  
Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teos suspiros,  
O' doce virgem mimosa,  
Como nota harmoniosa,  
Como um cantico de amor;  
    Mais do que a flôr entre as vagas  
    Sem destino fluctuando,  
    Fólgo de os ver expirando  
    Em labios de rubra côr.

Mais que a longinqua harmonia,  
Que o alento fraco, incerto,  
Que o diamante coberto,  
Scintillando almo fulgor;  
    Fólgo de ouvir teos suspiros,  
    O' doce virgem mimosa,  
    Como nota harmoniosa,  
    Como um cantico de amor!

## QUEIXUMES.

## I.

Onde estás, meo senhor, meos amores?  
A que terras — tão longes! — fugiste?  
Onde agora teos dias se escoão?  
Por que foi que de mim te partiste?

## II.

Não te lembras! quando eu te rogava  
Não te fosses de mim tão azinha,  
Prometteste-me breve ser minha  
Tua vida, que o mar me roubava.

## III.

Tão amigo do mar foste sempre,  
Por que amigos talvez não achaste!  
Nem carinhos, nem prantos te ameigão?  
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

## IV.

Vejo além o logar onde estava  
 Tua esbelta fragata ancorada,  
 Mal soffrida jogando afagada  
 Do galerno que amigo a chamava.

## V.

Da partida era o funebre instante,  
 Breve instante de afflictos terrores,  
 Quando o mar traiçoeiro, inconstante,  
 Me roubava meos puros amores!

## VI.

Inda chóro essa noite medonha,  
 Longa noite de má despedida!  
 Teo amor me deixaste nos braços,  
 Nos teos braços levaste-me a vida!

## VII.

Oh! cruel, que então foste commigo,  
 Que te hei feito que punes-me assim?  
 Teo navio que tantos levava,  
 Não podia levar mais a mim?

## VIII.

Mas a mim! — que importava que eu fosse?  
 Não me ouvira a tormenta chorar,  
 E morrer me seria mais doce  
 Junto a ti, — que o meo triste penar!

## IX.

Junto a ti me era a vida bem cara,  
Oh! bem cara! — se ledo sorrias,  
Se pensavas sosinho e profundo,  
Se agras dores contigo curtias;

## X.

Eu te amava, senhor! — Nem podia  
Dentro em mim, convencer-me que fosse  
Outra vida melhor, nem mais doce,  
Nem que o amor se acabasse algum dia!

## XI.

Mas o mar tem lindesas que encantão,  
Tem lindesas, que o nauta namora,  
Tão bem disem que voses descantão  
No silencio pacato d'esta hora!

## XII.

São de nymphas os mares pejados,  
Tão bem disem, que sabem magia,  
Que suscitão cruel calmaria,  
Só d'em torno dos seos namorados!

## XIII.

Alta noite, bem perto, apparece,  
Como leiva juncada de flores,  
Ilha fertil em faceis amores,  
Onde o nauta da vida se esquece!

## XIV.

Não te esqueças de mim! — Por Sevilha  
 Quando o peito de branco marfim  
 Perceberes na preta mantilha,  
 Sombreado por leve carmin:

## XV.

Quando vires passar a Andalusia  
 Pelos montes, com ar magestoso,  
 Decantando nas modas de que usa  
 As loucuras do Cid amoroso:

## XVI.

Quando vires a molle Odalisca  
 De bellesa e de extremos fadada,  
 Respirando perfumes da Arabia,  
 Em sericos tapises deitada:

## XVII.

Quando a vires co'a fronte bem cheia  
 De riquezas, de graças ornada,  
 Pelo andar do elefante embalada,  
 Que alta escolta de eunuchos rodeia:

## XVIII.

Quando vires a Grega vagando  
 Pelas Ilhas de Cós ou Megára,  
 Em sua lingua, tão doce, cantando  
 Seus amores que o Turco roubara:

## XIX.

Quando a vires no Carro de Homero,  
Bella e grave e sisuda lavrando,  
Pelos montes melifluos do Hymeto  
A parrelha de bois aguilhando;

## XX.

Não te esqueção meos duros pesares,  
Não te esqueças por ellas de mim,  
Não te esqueças de mim pelos mares,  
Não me esqueças na terra por fim!

## XXI.

Se eu fosse homem tão bem desejára  
Percorrer estes campos de prata,  
E este mundo, na tua fragata,  
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

## XXII.

Qu'ria ver a andorinha coitada  
Nos meos mastros fugida poisar,  
E achar no convez abrigada,  
Quando o vento começa a reinar!

## XXIII.

Ver o mar de toninhas coberto,  
Ver milhares de peixes brincar,  
Ver a vida nesse amplo deserto  
Mais valente, mais forte pular!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses.  
Ou fosse tempestade ou calmaria,  
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia  
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,  
Sem que o seo curso o mesmo rumo leve,  
Assim dos homens a paixão se move,  
Fallaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados engauos sempre encobre  
O mesmo que ao principio ardente amava:  
Oxalá não diga eu que me enganava,  
Que teo peito julguei constante e nobre!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses.  
Ou fosse tempestade ou calmaria,  
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia.  
Só de ti, so de ti me lembraria!

## AO ANNIVERSARIO DE UM CASAMENTO.

A MRS. A. N. V. DA G.

A filha d'Albion bem vinda seja

Ao solo brasileiro!

Bem vinda seja ás margens florescentes

Do Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Patria ao longe,

Que vejas incessante

As memorias, os templos, os palacios

Da Cidade gigante?

A patria é onde quer que a vida temos

Sem penar e sem dor;

Onde rostos amigos nos rodeião,

Onde temos amor:

Onde voses amigas nos consolão

Na nossa desventura,

Onde alguns olhos chorarão doridos

Na erma sepultura;

A patria é onde a vida temos presa:

Aqui tão bem ha sol!

Tão bem a brisa corre fresca e leve

Da manhã no arrebol!

Aqui tão bem a terra produz flores,

Tão bem os céos têm côr;

Tão bem murmura o rio, e corre a fonte,

E os astros têm fulgor!

Aqui tão bem se arrelva o prado, o monte,

De mimoso tapiz;

Nas azas do silencio desce a noite

Tão bem sobre o infeliz!

A filha d'Albion bem vinda seja

Ao sólo brasileiro;

Bem vinda seja ás margens florescentes

Do Rio hospitaleiro!

Compridos annos e folgados viva

Neste ditoso clima,

E veja á par dos filhos seus queridos

Crescer do esposo a estima!

Possa eu tão bem do seo feliz consorcio

De novo em cada anno

Soltar um hymno de amizade extreme,

Um canto mais que humano!

## CANTO INAUGURAL.

À MEMORIA DO CONEGO JANUARIO  
DA CUNHA BARBOSA.

Onde essa voz ardente e sonora,  
Essa voz que escutámos tantas veses,  
Polida como a lamina d'um gladio,  
Essa voz onde está?

No róstro popular severa e forte,  
No pulpito serena, amiga e branda,  
Pelas naves do templo reboava,  
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,  
Onde um vulcão de ideias borbilhava,  
E o generoso ardor de uma alma nobre  
— Onde párão tão bem?

Novo Colombo audaz por novos mares,  
A sonda em punho, os olhos nas estrellas,  
Co'as bronzeas quilhas retalhando as vagas  
Do inhospito elemento:

Porfioso e tenaz no duro empenho.  
No manto do porvir bordava ufano.  
Sob os tropheos da liberdade sacra.  
Os destinos da Patria!

Nocturno viajor que andou vagando  
A noite inteira, a revolver-se em trevas,  
Onde de foste, quando o sol roxeia  
Nuvens de um céu mais puro?

Secou-se a voz nas fauces resequidas,  
Parou sem força o coração no peito,  
Quando somente um pé firmava a custo  
Na terra promettida!

E a mão cançada fraquejou . . . pendeo-lhe.  
Inda a vejo pendente, sobre os paginas  
Da patria historia, onde gravou seo nome  
Tarjado em letras d'oiro.

Pendeo-lhe . . . quando a mente escandecida  
Talvez quadro maior lhe affigurava  
Que a luta acerba do Titan brioso,  
Ultima prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel valido,  
Que nos retrata o cataclysmo horrendo,  
Que elle — poeta — não achou nos combros  
Da ignivoma Tessalia!

Inveja! . . mas ás formas do Gigante  
 Sorri-se o grande Homero; — e o eego Bardo  
 Da verde Erin, entre os heróes famosos  
 Prasenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste!  
 Dorme agora no gelido sudario;  
 Foi duro o afan, asperrima a contenda,  
 Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teo somno eterno;  
 Mas sobre a louza do sepulchro humilde,  
 Como na vida foi, surja o teo busto  
 Austero e glorioso.

Columna inteira em combros derrocados,  
 Rolo encerado, que ja beija as praias  
 Do remoto porvir, — seguro e salvo  
 Dos naufragios d'um seculo;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,  
 Meos versos . . . não serão: — palmas sem graça,  
 Ou pobre rama d'arvore funerea,  
 Pyramidal cypreste.

São flôres que desfolha sobre um tumulo  
 Singelo, entre um rosal, quase fagueiro,  
 Piedosa mão de peregrino extranho,  
 Que alli passou acaso!

**T A B Y R A.**

DEDICATORIA

AOS PERNAMBUCANOS.

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,  
Veneza Americana, transportada  
    Boiante sobre as agoas!  
Amigo genio te formou na Europa,  
Genio melhor te despertou sorrindo  
    Á sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! são teos montes  
Arrelvados, innumerados teos valles,  
    Cujas veias são rios!  
Doces teos prados, tuas varzeas ferteis,  
Onde reluz o fructo sasonado  
    Entre o matiz das flores!

Outros, patria d'heroes, teos feitos cantem,  
E a bella historia de colonia exaltem,  
    E os nomes forasteiros;

Não eu, que nada almejo senão ver-vos.  
 Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos.  
 Expraiados no mar!

Ambas vós, sobre tudo americanas,  
 Doces flores dos mares de Colombo.  
 Filhas do norte ardente!  
 Virgens irmãs, que vão de mãos travadas  
 Sorrirem d'innocencia á propria imagem,  
 Que luz em claro arroyo.

Andei, por vós somente, em vossas matas,  
 Colhendo agrestes flores na floresta,  
 Não respiradas nunca,  
 Singelas, como vós, — como vós, bellas.  
 Ennastrei-as em forma de grinalda  
 Fino, extremoso amante!

Não vivem muito as flores: são meos versos  
 Ephemerous como ellas; côr sem brilho,  
 Ou perfume apagado,  
 Ou trino fraco d'ave matutina,  
 Ou echo de um baixel que passa ao longe  
 Com descante saúdoso.

## TABYRA.

(POEZIA AMERICANA.)

Les *peaux rouges*, plus nobles, mais plus infortunées que les *peaux noires*, qui arriveront un jour à la liberté par l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur nature se refuse à la servitude.

\* \* \*

## I.

E' Tabyra guerreiro valente,  
 Cumpre as partes de chefe e soldado;  
 E' caudilho de tribu potente,  
 — Tobajaras — o povo senhor!  
 Ninguem mais observa o tratado,  
 Ninguem menos de p'rigos se aterra,  
 Ninguem corre aos acenos da guerra  
 Mais depressa que o bom lidador!

## II.

Seo viver é batalha aturada,  
 Dos contrarios a traça aventando;  
 E' dispor a cilada arriscada,  
 Onde o imigo se venha metter!  
 Levão noites com elle sonhando  
 Potiguares, que o virão de perto;  
 Potiguares, que assellão por certo  
 Que Tabyra só sabe vencer!

## III.

Mil enganos lhe têm ja tecido,  
Mil ciladas lhe têm preparado;  
Mas Tabyra, fatal, destemido,  
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!  
Sempre o plano da guerra é frustrado,  
Sempre bravo fronteiro apparece,  
Que os enganos crueis lhes destece,  
Face a face, arco e setas na mão.

## IV.

Já dos Luzos o troço apoucado,  
Paz firmando com elle traidora,  
Dorme illeso na fé do tratado,  
Que Tabyra é valente e leal.  
Sem Tabyra dos Luzos que fôra?  
Sem Tabyra que os guarda e defende,  
Que das pazes talvez se-arrepêde  
Ja feridas outr'ora em seo mal!

## V.

Chefe stulto d'um povo de bravos,  
Mas que os piagas victorias te fadem,  
Hão de os teos, miserandos escravos,  
Taes triunfos um dia chorar!  
Caraibas taes feitos applaudem,  
Mas sorrindo vos forjão cadeias,  
E pesadas algemas, e peias,  
Que traideres vos hão de lançar!

## VI.

Chefe stolido, insano, imprudente,  
Sangue e vida dos teos malbaratas?!  
Mingua as forças da tribu potente,  
Vencedora da raça Tupi!  
Hão de os teos, acoçados nas matas  
Mal feridos, sangrentos, ignavos,  
Não podendo viver como escravos,  
Dar o resto do sangue por ti!

## VII.

Vivem homens de pel' còr da noite  
Neste solo, que a vida embelleza;  
Podem, servos, debaixo do açoite,  
Nenias tristes da patria cantar!  
Mas o indio que a vida só préza  
Por amor dos combates, e festas  
Dos triunfos sangrentos, e sestas  
Resguardadas do sol no palmar;

## VIII.

Ocioso, indolente, vadio,  
Ou activo, incançavel, fragueiro;  
Já nas matas, no bosque erradio,  
Já disposto a lutar, a vencer;  
Ama as selvas, e o vento palreiro,  
Ama a gloria, ama a vida; mas antes  
Que viver amargados instantes,  
Quer e pode e bem sabe morrer!

## IX.

Eia, avante! ó caudilho valente!  
Potiguares la vêm denodados;  
Tão cerrado concurso de gente,  
Ninguem vio nestas partes assim!  
Poucos são, mas briosos soldados;  
Não são homens de aspecto jocundo!  
Restos são, mas são restos d'um mundo;  
Poucos são, mas soldados por fim!

## X.

Os seos velhos disserão comsigo,  
Discutindo os motivos da guerra:  
«E' Tabyra — cruel, inimigo,  
Já nem crê, renegado, em Tupan!»  
Pés robustos lá batem na terra,  
Pó ligeiro se expande nos ares:  
Era noite! milhar de milharès  
São armados, mal rompe a manhã.

## XI.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas!  
Confiados, galhardos, lustrosos,  
Vêm bizarros nas armas, nas pennas,  
Atrevidos no accento e na voz!  
Um d'entre elles, dos mais orgulhosos,  
Sóbe á pressa nas aspas d'um monte:  
Dalli brada, postado defronte  
De Tabyra — com geito feroz:

## XII.

«O' Tabyra, Tabyra! aqui somos  
A provar nossas forças comtigo;  
Dises tu que vencidos ja fomos!  
Dil'-o tu, não n'ó diz mais ninguem.  
Ora eu só a vós todos vos digo:  
Sois cobardes, irmãos de Tabyra!  
Propagastes solemne mentira,  
Que vencer não sabemos tão bem.

## XIII.

«Para o vosso terreiro vos chamo,  
Contra mim vinde todos, — sou forte:  
Occorrei ao meo nobre reclamo!  
Aqui sou, nem me parto daqui!  
Vinde todos em densa cohorte:  
Travaremos combate sangrento,  
Mas por fim do triumpho cruento  
Direis vós, se fui eu quem menti.»

## XIV.

Disse o arauto: eis a turba ufanosa  
Lhe responde, arco e setas brandindo,  
Pés batidos, voz alta e ruidosa:  
— Bem fallado, o' guerreiro, mui bem!  
Assim é; mas Tabyra rugindo,  
Resentido de offensas tamanhas,  
O rancor mal encobre das sanhas,  
Que não lava no sangue de alguem.

## XV.

Raso outeiro alli perto se offrece:  
Vinga-o prestes, hardido, açodado!...  
Como leiva de pallida messe,  
Já madura, tremendo no pé;  
Todo o campo descobre occupado  
Por guerreiros, — no extremo horisonte  
Não destingue nas faldas do monte,  
O que é gente, o que gente não é.

## XVI.

Não se abala o preclaro guerreiro,  
Do que vê seo valor não fraqueia;  
Diz comsigo: «Um só golpe certo  
Vai de todo esta raça apagar!  
Juntos são, mas são meos!» — Ja vozeia;  
Logo os seus lhe respondem gritando,  
Taes rugidos, taes roncos soltando  
Que aos seus proprios deverão turbar!

## XVII.

iz a fama que então de assustadas  
Muitas aves que o espaço crusavão,  
De pavor subitaneo tomadas,  
Descahião pasmadas no chão:  
Já com silvos e atitos voavão  
Muitas outras, que o triste gemido  
No conflicto, abafado e sumido,  
Talvez derão, — mas fraco, mas vão!

## XVIII.

Eis que os arcos de longe se encurvão,  
 Eis que as setas aladas já voão,  
 Eis que os ares se cobrem, se turvão,  
 De frexados, de surdos que são.  
 Novos gritos mais altos reboão,  
 Entre as hostes se apaga o terreno,  
 Já tornado apoucado e pequeno,  
 Já coberto de mortos o chão!

## XIX.

Peito a peito encontrados afoutos,  
 Braço a braço travados briosos,  
 Fervem todos inquietos, revoltos,  
 Qu'indicisa a victoria inda está.  
 Todos movem tacápes pesados;  
 Qual resvala, qual todo se enterra  
 No imigo que morde na terra,  
 Que sepulcro talvez lhe será.

## XX.

«Mas Tabyra! Tabyra! que é delle?  
 «Onde agora se esconde o pujante?»  
 — Não n'ó vedes?! — Tabyra é aquelle  
 — Que sangrento, impiedoso la vai!  
 — Vel-o-heis andar sempre adiante,  
 — Larga esteira de mortos deixando  
 — Traz de si, como o raio cortando  
 — Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

## XXI.

«Foge! foge! leal Tobajara;  
 «Quantos arcos que em ti fazem mira?!»  
 — Muitos são; porém medos encara  
 — Face a face, quem é como eu sou! —  
 Muitas setas cravejão Tabyra:  
 Bello quadro! — mas vel-o era horrivel!  
 Porco-espim que sangrado e terrivel  
 Duras cerdas raivando espetou!

## XXII.

Tem um olho d'um tiro frexado!  
 Quebra as setas que os passos lh'impedem,  
 E do rosto, em seo sangue lavado,  
 Frexa e olho arrebatada sem do!  
 E aos imigos que o campo não cedem,  
 Olho e frexa mostrando extorquidos  
 Diz, em voz que mais erão rugidos;  
 — Basta, vis, por vencer-vos um só!

## XXIII.

E com furia tão grande arremettem,  
 Com despego tão nobre da vida;  
 Tantos golpes, tão fundos repetem,  
 Que senhores do campo ja são!  
 Potiguares lá vão de fugida,  
 Inda á fera mais torva e bravia  
 Disputando guarida d'um dia  
 No mais fundo do vasto sertão!

## XXIV.

Potiguares, que a aurora risonha  
Vio nação numerosa e potente,  
Não já povo na tarde medonha,  
Mas só restos d'um povo infeliz!  
Insepultos na terra inclemente  
Muitos dormem; mas ha quem lh'inveja  
Essa morte do bravo em peleja,  
Quem a vida do escravo maldiz!

## XXV.

«Este o conto que os Indios contavão,  
«A deshoras, na triste senzalla;  
«Outros homens alli descançavão,  
«Negra pel'; mas escravos tão bem.  
«Não choravão; somente na falla  
«Era um quê da tristesa que mora  
«Dentro d'alma do homem que chora  
«O passado e o presente que tem!

## H Y M N O S.

### A LUA.

Figlia del ciel, sei bella!  
 Ma verrà notte ancor, che tu, tu stessa  
 Cadrai per sempre, e lascierai nel cielo  
 Il tuo azzurro sentier!

CESAROTTI.

Salve, ó Lua candida,  
 Que traz dos altos montes  
 Erguendo a fronte pallida,  
 Dos negros horisontes  
 As sombras melancolicas  
 Vens ora afugentar!

Salve, ó astro fulgido,  
 Que brilhas docemente,  
 Melhor que o lume tremulo  
 D'estrella inquieta, ardente,  
 Melhor que o brilho esplendido  
 Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tenue  
Da eterna luz preclara  
Nas nossas noites horridas;  
Qual sol que em lymphá clara  
Desponta os raios vividos,  
Em tarja multicolor;

E's como a virgem púdica,  
Que amor no peito encerra;  
Mas só, mas solitaria,  
Vagando aqui na terra,  
Treplica o sello mystico  
Do não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua candida,  
No gyro somnolento,  
E o teu cortejo madido  
De estrellas, e do vento  
O sopro merencorio,  
Que á noite dá frescor.

Por teos influxos magicos  
Minha alma aos sons do canto  
Revive; e os olhos humidos  
Gotejão triste pranto,  
Que orvalha a chaga tepido,  
Que mingua a antiga dor!

Em gelido sudario  
De neve alvi-nitente,

Por terras vi longinquoas,  
Durante a noite algente,  
A tua luz benefica  
Luzir meiga do céo.

Nos mares solitarios  
Tão bem a vi! — nas vagas  
Brincava o lume argenteo,  
Cantava o nauta as magas  
Canções, no voluntario,  
Cançado exilio seo!

Tão bem a vi na limpida  
Corrente vagarosa;  
Tão bem nas densas arvores  
De selva magestosa,  
Coando os raios lubricos  
No lobrego palmar.

E eu só e melancolico  
Sentado ao pé da veia,  
Que a deslisar-se timida  
Beijava a branca areia;  
Ou já na sombra tetrica  
Da mata secular;

Em devaneio placido  
Velava, em quanto via  
Ao longe — os altos pincaros  
Da negra serrania,

— Disformes atalaias,  
Que sempre alli seráo!  
    No rório silencio  
    Minha alma se exaltava;  
    E das visões phantasticas,  
    Que a lua desenhava,  
    Seguia os traços aureos,  
    Tremendo em negro chão!

    Pensava ledó, improvido,  
Até que de repente  
Da minha vida misera  
Se me antolhava á mente  
A quadra breve e rapida  
Do malfadado amor.

    Então fugia attonito  
O bosque, a selva, a fonte,  
E as sombras, e o silencio;  
Bem como o cervo insonte,  
Que ás setas fuge pavido  
Do fero caçador!

    Salve, ó astro fulgido.  
Que brilhas docemente,  
Melhor que o lume tremulo  
D'estrella inquieta, ardente,  
Melhor que o brilho esplendido  
Do sol ferindo o mar.

Eu te amo, ó Lua pallida,  
Vagando em noite bella,  
Rompendo as nuvens turbidas  
Da rispida procella;  
Eu te amo até nas lagrimas  
Que faces derramar.

## A NOITE.

Noite, melhor que o dia, quem não te ama!  
Quem não vive mais brando em teu regaço!

FILINTO.

Eu amo a noite solitaria e muda,  
Quando no vasto céu fitando os olhos,  
Alem do escuro, que lhe tinge a face,  
Alcanço deslumbrado  
Milhões de sóes a divagar no espaço,  
Como em salas de esplendido banquete  
Mil tochas aromaticas ardendo  
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quêda!  
Amo a doce mudez que ella derrama,  
E a fresca aragem pelas densas folhas  
Do bosque murmurando:  
Então, máo grado o véo que envolve a terra,  
A vista, do que vela, enxerga mundos,  
E apesar do silencio, o ouvido escuta  
Notas de ethereas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda!  
 Então parece que da vida as fontes  
 Mais faceis correm, mais sonoras soão,  
     Mais fundas se abrem;  
 Então parece que mais pura a brisa  
 Corre, — que então mais funda e leve a fonte  
 Mana, — e que os sons então mais doce e triste  
     Da musica se espargem.

O peito aspira sofrego ar de vida,  
 Que da terra não é; qual flôr nocturna,  
 Que bebe orvalho, elle se embebe e ensópa  
     Em extasis de amor:  
 Mais direitas então, mais puras devem,  
 Calada a natureza, a terra e os homens,  
 Subir as orações aos pés do Eterno  
     Para afagar-lhe o throno!

Assim é que no templo magestoso  
 Rebôa pela nave o som mais alto,  
 Quando o sacro instrumento quebra a augusta  
     Mudez do sanctuario:  
 Assim é que o incenso mais direito  
 Se eleva na capella que o resguarda,  
 E na chave da abobada topando.  
     Como um docél, se expraia.

Eu amo a noite solitaria e muda;  
Como formosa dona em regios paços,  
Trajando ao mesmo tempo luto e galas  
    Magestosa e sentida;  
Se no dó attentais, de que se enluta,  
Certo sentis pesar de a ver tão triste;  
Se o rosto lhe fitais, sentis deleite  
    De a ver tão bella e grave!

Considerai porem o nobre aspecto,  
E o póрте, e o garbo senhoril e altivo,  
E as fallas poucas, e o olhar sob'rano,  
    E a fronte levantada:  
No silencio que a véste, adorna e honra,  
Conhecendo por fim quanto ella é grande,  
Com voz humilde a saudareis rainha,  
    Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitaria e muda,  
Quando, bem como em salas de banquete  
Mil tochas aromaticas ardendo,  
    Girão fúlgidos astros!  
Eu amo o leve odor que ella diffunde,  
E o rorante frescor cahindo em per'las,  
E a magica mudez que tanto falla,  
    E as sombras transparentes!

Oh! quando sobre a terra ella se estende,  
Como em praia arenosa mansa vaga;  
Ou quando, como a flôr d'entre o seo musgo,  
    A aurora desabrocha;  
Mais forte e pura a voz humana sôa.  
E mais se accôrda ao hymno harmonioso,  
Que a natureza sem cessar repete,  
    E Deos gostoso escuta.

## A TEMPESTADE.

Fervescere faciet, quasi ollam,  
profundum mare.

JOB — 41, 22.

## I.

De côr azul brilhante o espaço immenso  
Cobre-se inteiro; o sol vivo lusindo  
Do bosque a verde coma esmalta e doira,  
E na corrente dardejando á prumo  
Scintilla e fulge em laminas doiradas.  
Tudo é luz, tudo vida, e tudo cores!  
Nos céos um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,  
Brilha um clarão fugaz pallido e breve:  
Outro vem apoz elle, inda outro, muitos;  
Succedem-se frequentes, — mais frequentes,  
Assumem côr mais viva, — inda mais viva,  
E em breve espaço conquistando os ares  
Os horisontes co'o fulgir roxeião.

Qual mancha d'oleo em tela assetinada,  
Que os fios todos lhe repassa e embebe;  
Ou qual abutre do palacio aereo  
Tombando acinte, — no descer sem azas  
Um ponto só, — até que em meia altura  
Abrindo-as, paira magestoso e horrendo:  
Assim o negro ponto avulta e cresce,  
E a cupola dos céos de côm medonha  
Tinge, e os céos alastra, e o espaço occupa.  
A abobada de trevas fabricada  
Descança em capiteis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta  
Silva, ruger, e morre; e o vento ao longe  
Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,  
E aos pincaros da rocha ennegrecida  
De iroso e mal soffrido a espuma arroja!  
Raivoso turbilhão comsigo arrastra  
O argueiro, a folha em vortice espantoso;  
No valle arranca a flor, sacode os troncos,  
Na serra abala a rocha, e move as pedras,  
No mar os vagalhões incita e crusa.

## II.

Os sons da tempestade ao longe escuto!  
Concentra a natureza os seus esforços  
Primeiro que entre em luta; não lampeja  
Invio fogo nos céos; não sopra o vento:  
E'udo escuridão, silencio e trevas!

Somente o mar de soluçar não cessa,  
 Nem de rugir as ramas buliçosas,  
 Nem de soar confuso borborinho,  
 Incompr'ensível, como que sem causa,  
 Immenso como o echo de mil vozes  
 No céo de extensa gruta repulsando.

Silencio! perto vem a tempestade!  
 Gravidas nuvens de fataes coriscos,  
 Sem rumo, como não em mar desfeito,  
 Em muda escuridão negros phantasmas,  
 Indistinctos, sem forma, — ondulação, jogão.  
 Logo poder occulto impelle as nuvens,  
 Attrahem-se os castellos tenebrosos,  
 Embatem-se nos ares, — brilha o raio,  
 E o ronco do trovão após rimbomba!

### III.

Ruge e brame, sublime tempestade!  
 Desprende as azas do tufão que enfreias,  
 Despega os élos do veloz corisco  
 E as nuvens rasgá em rubidas crateras.  
 Os fuzis da cadeia temerosa  
 Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens  
 Do teo açoite aos lategos bramindo,  
 Occupem de pavor os céos e a terra.  
 Ruge, e o teo poder mostra rugindo;  
 Que assim por teos influxos me commoves,  
 Que todo me electrisas e me arroubas!.

Qual foi Mazzepa no veloz ginete  
Por desertos, por syrtes arenosas  
Jungido e preso e attonido levado;  
Assim minha alma sobe e vai contigo,  
E vinga os teos palacios mais subidos,  
Contempla os teos horrores, e dos astros  
No praser, que lhe dás, toda embebida,  
Máo grado teo horror, folga contigo!  
Parece que alli tem a regia c'roa  
Que o feliz condemnado achou na Ukrania.  
Ruge, ruge embora, ó tempestade!

## IV.

Emfim descendo a chuva copiosa  
Nuvens, bulções desfaz; os rios crescem,  
De perolas a relva se matisa,  
O céu de puro azul todo se arreja,  
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

## V.

Assim, meo Deos, assim será no dia  
Do final julgamento, quando o anjo  
Soprar a trompa que desfez os muros  
De Jerichó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,  
Com roncões temerosos, nunca ouvidos,  
Virá para sorver, com furia brava,  
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,  
 Não luz, mas puro fogo, hade accender-se.  
 Como o fogo sagrado, que se prende  
     Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seus eixos desmontados,  
 No abysmo hão de cahir com grande estrondo,  
 E, redomas de vidro, hão de partir-se  
     Em pedaços sem conto.

Do abysmo as solidões hão de acordar-se!  
 Flammivomos vapores condensados,  
 Té nós, e alem de nós, hão de elevar-se  
     Em pavoroso incendio.

O ar hade accender-se, a terra em fogo  
 Tornar-se, como o ferro ardendo em fragoa.  
 Coalhar-se o mar e em aspera secura  
     Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chammas,  
 Neste cáhos, que a mente mal alcança,  
 Quando nada existir de quanto existe,  
     Será vencida a morte.

Logo, á um só diser do Omnipotente,  
 O pó segunda vez hade animar-se.  
 E os mortos, mal, soffrendo a luz da vida,  
     Attonitos, pasmados;

Hão-de erguer-se na campa, inteiros. vivos,  
E como Adão, a tatear os membros,  
Estranhos a exissencia já vivida,  
Perguntaráõ: Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —  
Virás cheio de gloria e magestade,  
Em solio de luseiros resplendente,  
E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça, em fins do mundo  
Acalmar a procella, e quando aos mortos  
Disseres tu, quem és, — lembrar-nos-hemos  
Senhor, do que já fomos

Feliz então quem só viveo contigo,  
Quem n'aneora da fé prendeo sua alma,  
Quem só em ti fundou sua esperança.  
Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,  
Seos passos graduou nos teos caminhos;  
Quem dia e noite revolveo comsigo,  
Como aplacar-te.

**NOVOS CANTOS.**



## O HOMEM FORTE.

Impavidum ferient . . .

HORAT.

O modesto varão constante e justo  
Pensa e medita nas lições dos sábios  
E nos caminhos da justiça eterna  
Gradúa firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia  
A luz do sol, nem do carvão se tisna;  
Morre pelo dever, austero e crente,  
Confessando a virtude.

Pode a calúnia denegrir seos feitos,  
Negar lhe a inveja o merito subido;  
Pode em seo damno conspirar se o mundo  
E renegal-o a patria!

Tão modesto nos paços de Locullo,  
Como encerrado no tonel do Grego,  
Nem o transtorna a aragem da ventura,  
Nem a desgraça o abate.

A tyrannos preceitos não se humilha,  
Ante o ferro do algoz não curva a frente,  
Não faz callar da consciencia o grito,  
    Não nega os seus principios.

Antes, seguro e firme e confiado  
No tempo, vingador das injustiças,  
Co'os pés no cadafalso e a vista erguida  
    Se mostra imperturbavel.

Soffre martyr e expira! A patria emtorno  
Do seu sepulchro o chora, onde a virtude,  
Afeita ao luto e a dor, de novo carpe  
    Do justo a flebil morte!

## DIES IRAE.

Jaz o mundo corrupto! — a terra ingrata  
Fructos de maldicção produz somente;  
E em quanto os homens ao mercado affluem,  
Vazio o templo do Senhor se enluta,  
Empoeira-se o altar, e pelas naves,  
Gretadas, rotas pela mão do tempo,  
De canticos e preces deslembradas,  
A voz de Deos ja não rebôa immensa!

Tudo porém conserva o mesmo aspecto:  
O sol gyrando, e na apparencia o mesmo,  
Do anno as quadras compassado alterna:  
E os astros, seos irmãos, gravitão sempre  
D'abobada celeste. A terra é a mesma;  
As aguas pelos valles se deslisão,  
On d'alpestres montanhas se despenhão  
Co'os mesmos sons, co'a mesma queda: as hrisas  
Inda conversão nos soturnos bosques:  
A mulher, a mais bella creatura,

Nas suas proprias perfeições compraz-se,  
Como quando, no Eden, as pulchras formas  
Pasmou de ver representadas n'agua,  
E de as ver se ufanou. Inda conserva  
O mesmo orgulho e intelligencia o homem,  
O rei da creação, o deos creado,  
De quando vinhão, por pedir-lhe os nomes,  
Cetaceos, aves e os reptis e aquellas  
Creaturas-montanhas, que passárão  
Entre Adão e Noé á flor da terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,  
Esse mundo interior, esse outro templo,  
Onde gravára o proprio Deos seo nome,  
Como os templos de pedra, jaz sem lume,  
Jaz como o predio a desfazer-se em ruinas,  
Onde um guarda solícito não móra,  
E entregue as aves más, que em chilros pregão,  
Que alli, na ausencia do senhor imperão.

Da divina bondade cheio o vaso  
Ja transborda de cholera e justiça  
E o largo rio do perdão saudavel,  
Que mais não corra, impece: Sanctas aguas  
Por cuja causa os seculos ja virão,  
Sem justa punição, offensas graves;  
Que o Senhor consentisse persistirem  
Os mãos no mal, á espera d'emmenda-l-os;

Que triumphasse a malvadeza; e o erime,  
Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deos, que fôra outrora pae elemente,  
Dando começo ao reino da justiça,  
Em austero juiz se ha convertido.  
Como um carro, que vae d'eneontro ao abysmo,  
Perfaz o sol precipite o seo gyro,  
Indo a toear a temerosa méta  
Prevista dos prophetas. Um arehanjo  
Com mão robusta inda retém os élos  
Da cadeia do tempo, em quanto a outra.  
Da vida o livro volumoso sèlla  
Com sete bronzeos sellos. Deos offeso  
Tira os olhos do mundo, e o mundo ha sido!

Quem podera pintar as discordaneias  
Em que labora a natureza! Crescem  
Da terra igneos vapores, suffoeando  
O que respira, o que tem vida: os montes  
Em crateras se rásgão, que vomitão  
Fumo e lava incessante; o mar s'empola  
E em furia ardendo, arroja aos altos cimos  
Crusados vagalhões, qual se tentára  
Sôvertel-os: os ventos se contrastão!  
Novos prodigios, novos monstros surgeu!  
O mar se torna em sangue, o sol em fogo  
O Universo em mansão d'afflietas dores,  
O homem soffre, blasphema e desespera,

E vendo os mundos desabar preepites,  
Um grito sóta d'horroroso transe,  
Como de não, que em alto mar s'afunda  
E rola os restos n'amplidão das aguas.

Satisfez-se o Senhor. Que resta? — O cahos,  
O horror, a confusão, o vulto enorme  
Do tempo, que escorece o fundo abysmo,  
Onde por todo o sempre jaz eaptivo;  
E da morte o cadaver gigantesco  
Quasi occupando a superficie inteira  
D'um mar de chumbo, escuro e sem rumores.  
Da gloria do Senhor um raio apenas,  
Lá dos confins do espaço despedido,  
Fere da morte o rosto macilento.  
De tudo quanto foi, é quanto existe!

## ESPERA!..

Quem ha no mundo que afflicções não passe,  
Que dores não suporte?  
Mais ou menos d'angustias cabe a todos,  
A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras  
E de longo soffrer;  
Simelha a noite; mas fagueiros sonhos  
Podem de noite haver.

Por que então maldiremos este mundo  
E a vida que vivemos,  
Se nos tornamos do Senhor mais dignos,  
Quanto mais dor soffremos?

Quantos cabellos temos, elle o sabe;  
Elle póde contar  
A folhas que ha no bosque, os grãos d'areia  
Que sustentão o mar.

Como pois não será elle comnosco  
No dia da afflicção:  
Como não hade computar as dores  
Do nosso coração?

Como hade ver-nos, sem piedade, o rosto  
Coberto d'amargura;  
Elle, senhor e pae, conforto e guia  
Da humana creatura?

Se o vento sopra, se se move a terra,  
Se iroso o mar flutúa;  
Se o sol rutila, se as estrellas brilhão  
Se gyra a branca lúa;

Deos o quiz, Deos que mede a intensidade  
Da dor e da alegria,  
Que cada ser comporta — n'um momento  
D'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra  
Alheia da ventura!  
Alem da terra ha céos, e Deos protege  
A a toda creatura!

Viajor perdido na floresta á noite,  
Assim vago na vida;  
Mas sinto a voz que me dirige os passos  
E a luz que me convida.

## A SAUDADE.

Saudade, ó bella flor, quando te faltem  
 Coração ou jardim, onde tu crescer;  
 Vem, vem ter commigo;  
 Deixa os que te não seguem,  
 Terás em pcito amigo  
 Lagrimas, que te reguem,  
 Espaço, em que floresças.

Das pegadas da ausencia tu despontas,  
 Entre as memorias cresces do passado,  
 Quando um objecto amado  
 Quando um logar distante,  
 Noite e dia,  
 Nos enluta e apouqenta a fantasia.  
 Vem, ó Saudade, vem  
 A mim tambem  
 Consolar de gemidos suspirosos  
 E de partidos ais!

Oh! seja a punição dos insensíveis  
 Não te sentir jamais!

Propicia Deosa, e se não fosse a esperança,  
 Deosa melhor da vida; qu'insensato,

A quem mitigas turbidos pesares

Haverá tão ingrato

Que te não queime incenso em teos altares?

O *presente* o que é? — Breve momento

D'incommodo ou desgraça

Ou de prazer, que passa

Mais veloz que o ligeiro pensamento.

Véo escuro,

Que nem sempre a illusão nos adelgaça,

Nos encobre os caminhos do futuro.

O que nos resta pois? — Resta a saudade,

Que dos passados dias

De magoas e alegrias

Balsamo sancto extrahe consolador!

Resta a saudade, que alimenta a vida

Á luz do facho que adormenta a dor!

Hera do coração, memoria delle,

O' Saudade, ó rainha do passado,

Simelhas a romantica donzella

De roupas alvejantes

Nas ruinas de castello levantado:

Grinaldas fluctuantes,

Que das fendas brotarão

Movem-se do nordeste  
Ao sopro agudo e frio;  
Em quanto vendo-o ao longe o senhorio,  
De posses decahido,  
D'invernos alquebrado,  
Recorda triste os annos que passarão!

Em que plagas inhospitas e duras  
Não me tens sido companheira e amiga?  
Em que hora, em que instante  
De fólga ou de fadiga  
Ja deixei de sentir o penetrante  
Espinho teo, a repassar-me todo  
D'um prazer melancholico e suave?

Pois nascees nos desertos da tristeza,  
Ó Saudade, ó rainha do passado!  
Quando te falte gleba, onde tu cresças,  
Vem, vem ter eommigo;  
Deixa os que te não seguem.  
Terás em peito amigo  
Lagrimas, que te reguem,  
Espaço, em que floresças!  
Entra em meo coração, occupa-o todo,  
Fibra por fibra enlaça-te com elle,  
Desce eom elle á sepultura; e quando  
Jazer eu na eternidade,  
Minha flor, minha saudade,  
Tu procura a aura celeste,

Rompe a terra, transforma-te em cypreste,  
Qu'enlute o meo jazigo;  
E ao meneio das ramasfunerarias,  
Meo derradeiro amigo,  
Descance morto quem viveo contigo.

## NÃO ME DEIXES !

Debruçada nas aguas d'um regato

A flor disia em vão

Á corrente, onde bella se mirava . . . .

«Ai, não me deixes, não!

«Commigo fica ou leva-me contigo

«Dos mares á amplidão,

«Limpido ou turvo, te amarei constante;

«Mas não me deixes, não!»

E a corrente passava; novas aguas

Após as outras vão;

E a flor sempre a discr curva na fonte

«Ai, não me deixes, não!»

E das aguas que fogem incessantes

Á eterna successão

Disia sempre a flor, e sempre embalde:

«Ai, não me deixes, não!»

Por fim desfallecida e a côr murehada,  
Quasi a lamher o chão,  
Buscava inda a corrente por diser-lhe  
Que a não deixasse. não. ✓

A corrente impiedosa a flor enleia,  
Leva-a do seo torrão;  
A afundar-se disia a pobresinha:  
«Não me deixaste, não!»

## ZULMIRA.

Sonhara-te eu na veiga de Granada,  
Tapetada de flores e verdura,  
Onde o Darro e Xenil no lento gyro  
Volvem a limpha pura.

Alli te vejo em leda comitiva  
Dos gentis cavalleiros do oriente,  
Quando, deposta a malha do combate,  
Vestem da paz a seda relusente.

Alli te vejo n'um balcão sentada,  
Grande preço da maura architectura,  
Pejando as azas das nocturnas brisas  
D'um canto de ternura.

Alli te vejo, sim; mas mais me agrada  
() que se m'afigura n'outro instante,  
Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sedas,  
Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o sêquito pomposo  
D'eunuchos a teo gesto vacillantes  
Em cujas fronte negras se destacão  
Alvissimos turbantes.

E pergunto quem es? — Então me disem  
Ciosos de guardar o seo thesouro,  
Nome tão doce aos labios, que parece  
Escrever-se em setim com letras d'ouro.

## A UMA POETIZA.

— Donde vens, viajor? —

— De longe venho.

— Que viste?

— Muitas terras.

— E qual dellas

Mais te soube agradar?

— São todas bellas;

Fundas recordações de todas tenho.

E admiraste o que?

— Ah! onde as flores

Cada vez a manhã tornão mais linda,

Onde gemo Paraguassú de amores

E os echos fallão de Moema ainda:

Alli, Sapho christã, virgem formosa,

A vida aos sons da lyra dulcifica:

D'eseutar a sereia harmoniosa

Ou de vel-a, a vontade presa fica!

## ANGELINA.

E' gentil e linda e bella,  
E eu sei que m'arrouba o vel-a  
Tão divina:  
A lyra seos cantos cesse;  
Mas minha alma não s'esquece  
D'Angelina!

Outro louve os seos cabellos,  
Cante a luz dos olhos bellos  
Que fascina;  
E o leve sorrir donoso  
Que irradia o rosto airoso  
D'Angelina!

Os dotes diga que apura,  
Quando un languida postura  
Se reclina;  
Que s'ergue, se acaso passa,  
Susurro que applaude a graça  
D'Angelina!

Que de amor quando suspira  
O bardo quebrara a lyra,  
De mofina;  
Que jamais poderão cantos  
Pintar ao vivo os encantos  
D'Angelina.

Que da sua alma a pureza  
Equipara-se á belleza  
Peregrina;  
Que amor seo throno tem posto  
N'alma, no talhe e no rosto  
D'Angelina!

Eu que não sei descrevel-a,  
So sei que me arroubo ao vel-a  
Tão divina;  
A lyra seos cantos cesse,  
Mas minha alma não s'esquece  
D'Angelina!

## ROLA.

Desque amor me deo que eu lêsse  
Nos teos olhos minha sina,  
Ando, como a peregrina  
Rola, que o esposo perdeo!  
Seja noite ou seja dia,  
Eu te procuro constante:  
Vem, oh! vem, ó meo amante,  
Tua sou e tu és meo!

Vem, oh vem, que por ti clamo;  
Vem contentar meos desejos,  
Vem fartar-me com teos beijos,  
Vem saciar-me de amor!  
Amo-te, quero-te, adoro-te,  
Abraso-me quando em ti penso,  
E em fogo voraz, intenso,  
Anceio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,  
Vem apertar-me em teos braços,  
Extreitar-me em doces laços  
Vem pousar no peito meo!  
Que, se amor me deo que eu lêsse  
Nos teos olhos minha sina,  
Ando, como a peregrina  
Rola, que o esposo perdeo.

## AINDA UMA. VEZ — ADEOS! —

## I.

Emfim te vejo! — emfim posso,  
Curvado a teos pés, diser-te,  
Que não cessei de querer-te.  
Pezar de quanto soffri.  
Muito penei! Crúas ancias,  
Dos teos olhos afastado,  
Houverão-me acabrunhado,  
A não lembrar-me de ti!

## II.

D'um mundo a outro impellido,  
Derramei os meos lamentos  
Nas surdas azas dos ventos,  
Do mar na crespa cerviz!  
Baldão, ludibrio da sorte  
Em terra estranha, entre gente,  
Que alheios males não sente,  
Nem se condóe do infelis!

## III.

Louco, afficto, a saciar-me  
D'aggravar minha ferida,  
Tomou-me tedio da vida,  
Passos da morte senti;  
Mas quasi no passo extremo,  
No ultimo arcar da esp'rança,  
Tu me vieste á lembrança:  
Quiz viver mais e vivi!

## IV.

Vivi: pois Deos me guardava  
Para este logar e hora!  
Depois de tanto, senhora,  
Ver-te e fallar-te outra vez;  
Rever-me em teu rosto amigo,  
Pensar em quanto hei perdido,  
E este pranto dolorido  
Deixar correr a teos pés.

## V.

Mas que tens? Não me conheces?  
De mim afastas teu rosto?  
Pois tanto pôde o desgosto  
Transformar o rosto meo?  
Sei a afflicção quanto póde,  
Sei quanto ella desfigura,  
E eu não vivi na ventura . . . .  
Olha-me bem, que sou eu!

## VI.

Nenhuma voz me diriges! . . .  
Julgas-te acaso offendida?  
Déste-me amor, e a vida  
Que m'a darias — bem sei;  
Mas lembrem-te aquelles feros  
Corações, que se metterão  
Entre nós; e se vencerão,  
Mal sabes quanto lutei!

## VII.

Oh! se lutei! . . . mas devera  
Expôr-te em publica praça,  
Como um alvo a populaça,  
Um alvo aos dicterios seos!  
Devera, podia acaso  
Tal sacrificio aceitar-te  
Para no cabo pagar-te,  
Meos dias unindo aos teos?

## VIII.

Devera, sim; mas pensava,  
Que de mim t'esquecerias,  
Que, sem mim, alegres dias  
T'esperavão; e em favor  
De minhas preces, contava  
Que o bom Deos me accitaria  
O meo quinhão de alegria  
Pelo teo quinhão de dor!

## IX.

Que me enganei, ora o vejo;  
Nadão-te os olhos em pranto,  
Arfa-te o peito, e no entanto  
Nem me podes encarar;  
Erro foi, mas não foi crime,  
Não te esqueci, eu t'ó juro:  
Sacrifiquei meo futuro,  
Vida e gloria por te amar!

## X.

Tudo, tudo; e na miseria  
D'um martyrio prolongado,  
Lento, cruel, disfarçado,  
Que eu nem a ti confiei;  
«Ella é felis (me disia)  
«Seo descanso é obra minha.»  
Negou-m'ó a sorte mesquinha . . .  
Perdôa, que me enganei!

## XI.

Tantos encantos me tinhamo,  
Tanta illusão me afagava  
De noite, quando acordava,  
De dia em sonhos talvez!  
Tudo isso agora onde para?  
Onde a illusão dos meos sonhos?  
Tantos projectos risinhos,  
Tudo esse engano desfez!

## XII.

Enganei-me! . . . — Horrendo cáhos  
Nessas palavras se encerra,  
Quando do engano, quem erra,  
Não póde vóltar atraz!  
Amarga irrisão! reflecte:  
Quando eu gosar-te pudera,  
Martyr quiz ser, cuidei qu'era . . . .  
E um louco fui, nada mais!

## XIII.

Louco, julguei adornar-me  
Com palmas d'alta virtude!  
Que tinha eu bronceo e rude  
Co' o que se chama ideal?  
O meo eras tu, não outro;  
Stava em deixar minha vida  
Correr por ti condusida,  
Pura, na ausencia do mal.

## XIV.

Pensar eu que o teo destino  
Ligado ao meo, outro fôra,  
Pensar que te vejo agora,  
Por culpa minha, infeliz;  
Pensar que a tua ventura  
Dcos *ab eterno* a fiserá,  
No meo caminho a puzera . .  
E eu! eu fui que a não quiz!

## XV.

És d'outro agora, e p'ra sempre!  
Eu a misero desterro  
Vólto, chorando o meo erro,  
Quazi descrendo dos céos!  
Dóe-te de mim, pois me encontras  
Em tanta miseria posto,  
Que a expressão deste desgosto  
Será um erime ante Deos!

## XVI.

Dóe-te de mim, que t'imploro  
Perdão, a teos pés curvado;  
Perdão!.. de não ter ousado  
Viver contente e feliz!  
Perdão da minha miseria,  
Da dor que me rala o peito,  
E se do mal que te hei feito,  
Tambem do mal que me fiz!

## XVII.

Adeos, qu'eu parto, senhora;  
Negou-me o fado inimigo  
Passar a vida contigo,  
Ter sepultura entre os meos;  
Negou me nesta hora extrema,  
Por extrema despedida,  
Ouvir-te a voz commovida  
Soluçar um breve Adeos!

## XVIII.

Lerás porém algum dia  
Meos versos, d'alma arrancados,  
D'amargo pranto banhados,  
Com sangue escriptos; — e então  
Confio que te commovas,  
Que a minha dor te apiade,  
Que chores, não de saudade,  
Nem de amor, — de compaixão.

## O SOMNO.

Nas horas da noite, se junto a meo leito  
Houveres acaso, meo bem, de chegar,  
Verás de repente que aspecto risonho  
Que toma o meo sonho,  
Se o vens bafejar!

O anjo, que ao somno preside tranquillo,  
Ao anjo da terra não ceda o logar;  
Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meo leito,  
Unir-me a seo peito,  
D'amor offegar.

As notas que exhalão as harpas celestes,  
Os gosos, que os anjos só podem gosar,  
Talvez tambem frúa, se ao meo peito unida  
T'encontro, ó querida,  
No meo acordar!

## SE EU FOSSE QUERIDO!

Se eu fosse querido d'um rosto formoso,  
Se um peito extremoso — podesse encontrar,  
E uns labios macios, que expirão amores  
E abrandão as dores — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,  
Votara-lhe a vida — que Deos me quiz dar:  
Constante a seo lado, seos sonhos divinos  
Aos sons dos meos hymnos — quisera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa  
Da amante extremosa — meos dias privar,  
De funda saudade minha alma rendida  
Votara-lhe a vida — que Deos me quiz dar.

## A FLÔR DO AMOR.

Ja lento o passo, no cahir da tarde,  
La nos desertos d'abrasada areia,  
Que o vento agita, porêm não recreia,  
Da caravana o conductor parou  
Armão-se ápressa tendas alvejantes,  
Rumina placido o frugal camêlo;  
Porêm a nuvem d'arabes errantes  
Se achega a presa, que de longe olhou.

E ja, tomada a refeição nocturna,  
Junto a fogueira, que derrama vida,  
Descanção todos da penosa lida  
Á voz canora, que o cantor alçou!  
Confuso o ouvido um borborinho alcança,  
As armas toma o arabe prudente;  
Mas logo pensa, regeitando a lança:  
«Foi o grunhido que o chacal soltou.»

Ouvidos todo e curioso enlevo,  
Torna de novo a retomar seo posto;

Pela fogueira alumiado o rosto,  
Bebendo as voses que o cantor soltou;  
Simelha a terra, quando aberta em fendas  
Da noite o orvalho sequiosa espera;  
E o corsel arabe encostado os tendas  
Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

«Algures cresce (o trovador cantava)  
Sempre fresca e virente e sempre bella,  
Por influxo e poder de maga estrella,  
Mimosa, pura e delicada flor!  
Jazendo em sitio escuso e solitario,  
Esforços é mister p'ra conhecel-a,  
Que diz a forte lei do seo fadario  
Que a não descubra acaso o viajor.

«Alva do albor dos lirios odorosos,  
Tem a modestia da violeta esquiva,  
E o prompto retrahir da sensitiva,  
Que parece vestir-se de pudor!  
Assim, á luz da cambiante aurora,  
Mudando um pouco a resplendente alvura,  
De uns toques de carnim s'esmalta e córa  
A graciosa e pudibunda flôr.

«Faz-se mais puro o ar, mais brando o clima,  
Onde cresce; amenisão-se os logares,  
Tornão se menos agros os pesares  
E menos viva, e quasi nulla a dor;

Fresca e branda alcatifa o chão matisa,  
Com doce murmurio as aguas correm,  
E o leve sopro do correr da brisa  
Volupia embebe em magico frescor!

«Feliz aquelle que a encontrou na vida,  
Que onde ella nasce timida e fagueira  
Não s'ennovela a mó d'atra poeira,  
Tangida pelo súmiu' abrasador!  
Alli sorri-se oasis venturoso,  
Qu'entre deleites o viver matisa,  
E ao que vai triste, afflicto e sem repouso  
Chama a descanço do comprido error!

«Feliz e mais que se, perdido, achára  
Confôrto e auxilio no kathá, seo guia,  
Que o leva a fonte perennal e fria  
Onde se apaga o sitibundo ardor.  
Tão feliz, qual talvez se o precedesse  
Nos desertos a benção do propheta,  
Que por fanal nocturno lhe accendesse  
Maga estrella de limpido fulgor.

«Ai! porêm do que a vê, e a não conhece,  
Do que a suspira em vão, e a em vão procura,  
Ou que achando-a, desiste da ventura  
Por não entrar no oasis seductor.  
Essa flôr descoberta por acerto  
Nunca mais a verás! colhe, insensato,

Colhe abrolhos da vida no deserto;  
Pois despresaste a que produz o amor!»

Assim cantava o trovador; e todos  
Ouvem-no com praser de dôr travado,  
Que mais do que um talvez terá deixado  
Atraz de si a pudibunda flôr!  
No entanto a nuvem d'arabes errantes  
Chega-se á presa, que avistou de longe;  
E dos corseis, que alentão offegantes,  
Precede a marcha turbido pavor!

E, nado o sol, aquelle que passava  
Pelos desertos d'abrasada areia,  
Que o rubro sangue de cruor rocheia,  
A um lado o rosto, pallido, voltou!  
Ninguem as mortes lastimaveis chora,  
Ninguem recolhe os restos insepultos,  
E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,  
Sem borrifal-os, no areial ficou!

Quem saberá do seo destino agora?  
Ninguem! Somente em climas apartados  
Miseranda mulher lastima os fados  
De filho ou esposo, que jamais tornou!  
Talvez porém, traz de montões d'areia,  
Nobre corsel sem cavalleiro assoma,  
E alonga a vista, de pezares cheia,  
Té onde a vida seo senhor deixou!

## A SUA VOZ.

Por que ficasse a vida  
Por o mundo em pedaços repartida.

CAMÕES CANÇ. X.

Ouvi-a! A sua voz me despertava  
Tudo quanto de bom conservo n'alma.  
Retratado o pudor no rosto,  
E um suave diser, um timbre doce  
De voz, uma piedade extreme e sancta,  
Que as mais profundas chagas amimava,  
D'ambrozia e de mel lhe ungia os labios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,  
Mais impressiva que o cantar das aves!  
A aragem qu'entre flores se deslisa  
E mal remeche a timida folhagem,  
A veia de chrystal que triste sôa,  
O saudoso arrulhar de mansas pombas,  
As proprias notas d'um cantar longinquo  
Ou de instrumento a conversar co'a noite,  
Menos que a sua voz impressionavão!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,  
Os dois mais puros sentimentos nossos  
— A saudade e o amor, — as mais profundas  
Das merencorias solidões da terra  
— As florestas e o mar, — um scismar vago  
Um devaneio, uns extasis sem termo  
D'alma perdida por um céu de amores,  
Tanto como a sua voz não arroubavão!

Tanto como a sua voz! — somente o forão  
Dulias notas de mysticos salterios  
Te nós de um astro em outro repetidas.  
Foi isto o que senti, quando a escutava,  
Fluente, armoniosa, discorrendo  
Em pratica singela, sobre assumptos  
Diversos, sobre flores, menos bellas  
Do que o seo rosto, e céos, cómo ella, puros.  
Mas quem n'a ouvira conversar de amores  
Trouxera n'alma como uma harpa éolia,  
    Dia e noite vibrando,  
    Como um cantar dos anjos  
Do coração a estremecer-lhe as fibras!

## SE SE MORRE DE AMOR!

Meere und Berge und Horizonte zwischen den Liebenden — aber die Seelen versetzen sich aus dem staubigen Kerker und treffen sich im Paradiese der Liebe.

SCHILLER. *Die Räuber.*

Se se morre de amor! — Não, não se morre,  
Quando é fascinação que nos surprende  
De ruidoso saráu entre os festejos;  
Quando luzes, calor, orchestra e flores  
Assomos de praser nos raião n'alma,  
Que embellesada e solta em tal ambiente  
No que ouve, e no que vê praser alcança!

Sympathicas feições, cintura breve,  
Graciosa postura, porte airoso,  
Uma fita, uma flor entre os cabellos,  
Um quê mal definido, acaso podem  
N'um engano d'amor arrebatat-nos.  
Mas isso amor não é; isso é delirio,  
Devaneio, illusão, que se esvaece

Ao som final da orchestra, ao derradeiro  
Clarão, que as lusc's no morrer despedem:  
Se outro nome lhe dão, se amor o chamão,  
D'amor igual ninguem succumbe á perda.

Amor é vida; é ter constantemente  
Alma, sentidos, coração — abertos  
Ao grande, ao bello; é ser capaz d'extremos  
D'altas virtudes, té capaz de crimes!  
Compr'hender o infinito, a immensidade,  
E a natureza e Deos; gostar dos campos,  
D'aves, flores, murmurios solitarios;  
Buscar tristesa, a soledade, o ermo,  
E ter o coração em riso e festa;  
E a branda festa, ao riso da nossa alma  
Fontes de pranto intercalar sem custo;  
Conhecer o praser e a desventura  
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto  
O ditoso, o miserrimo dos entes:  
Isso é amor, e desse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem  
Para diser que amor que em nós sentimos;  
Temer qu'olhos profanos nos devassem  
O templo, onde a melhor porção da vida  
Se concentra; onde aváros recatamos  
Essa fonte de amor, esses thesouros  
Inexgotaveis, d'illusões floridas;  
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,

Compr'hender, sem lhe ouvir, seos pensamentos,  
Seguil-a, sem poder fitar seos olhos,  
Amal-a, sem ousar diser que amamos,  
E, temendo roçar os seos vestidos,  
Arder por afogal-a em mil abraços:  
Isso é amor, e desse amor se morre!

Se tal paixão porém emfim transborda,  
Se tem na terra o galardão devido  
Em reciproco affecto; e unidas, uma,  
Dois scres, duas vidas se procurão  
Entendem-se, confundem-se e penetrão  
Juntas — em puro céo d'extasis puros:  
Se logo a mão do fado as torna extranhas,  
Se os duplica e separa, quando unidos  
A mesma vida circulava em ambos;  
Que será do que fica, e do que longe  
Serve ás borrascas de ludibrio e escarneo?  
Póde o raio n'um pinheiro cahindo,  
Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;  
Póde rachar o tronco levantado  
E dois cimos depois verem-se erguidos,  
Signaes mostrando da alliança antiga;  
Dois corações porém, que juntos batém,  
Que juntos vivem, — se os separão, morrem:  
Ou se entre o proprio estrago inda vegetão,  
Se apparencia de vida, em mal, conservão;  
Ancias crúas resumen do proscripto,  
Que busca achar no berço a sepultura!

Esse, que sobrevive a propria ruina,  
Ao seo viver do coração, — ás gratas  
Illusões, quando em leito solitario,  
Entre as sombras da noite, em larga insomnia,  
Devaneando, a futurar venturas,  
Mostra-se e brinca a apetecida imagem;  
Esse, que á dor tamanha não succumbe,  
Inveja a quem na sepultura encontra  
Dos males seos o desejado termo!

## A MORTE É VÁRIA:

(TRADUCÇÃO.)

A morte é vária e multiforme, e muda  
De trajes e de mascaras mais vezes  
    Qu'uma cançada actriz;  
Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro  
D'ironico sorriso e brancos dentes,  
    E d'horrido cariz.

Nem todos seos vasallos são poeira  
No resalto de pedra adormecidos  
    Por sob as arcarias;  
A pallida libré nem todos vestem,  
Nem sobre todos jaz murada a porta  
    Nas cryptas sombrias!

Diversa a natureza é d'outros mortos:  
Nestes que a sanie e podridão consomem,  
    Vê-se o nada palpavel;

Vê se o enojo, o horror, a sombra espessa  
 E o esfaimado esquife, abrindo as fauces,  
 Qual monstro insaciavel!

Cabe a outros porém que sem dôr vemos  
 Passar, gyrar no turbilhão dos vivos,  
 De carne inda vestidos,  
 O nada inda encuberto; cabe a interna  
 Morte, que ninguem sabe, nem cbóra,  
 Nem mesmo os mais queridos!

Pois, se vamos a ver nos cymiterios  
 As campas, ou illustres ou sem nome,  
 De marmore ou torrão;  
 Ou tenhamos alli amiga palpebra,  
 Ou não, — do teixo á sombra descansada,  
 Quer choremos, quer não!

«Jazem» disemos. Os nomes desparccem  
 Sob a relva; o verme nesses olhos  
 Enréda a teia crua!

Por cntre as pranchas do caixão despontão  
 Hirtos cabellos, e em pó funereo envolta  
 Branqueja a ossada núa.

Os herdeiros não temem que mais vólte;  
 Esqueccrão-n'ó ja: seos cães se lembrão,  
 Soltando uivos de dôr!

Acama-se a poeira em seos retractos:  
 Ja não tem mais rivaes, não tem amigos,  
 Nem odios, nem amor!

Da morte o anjo, em lagrimas de pedra  
Vemos sosinho e mudo a pranteal-o,

Estatua da afflicção :

A cova toma o corpo, o olvido o nome,  
Tem por lençóes seis pés d'humida terra . . . .

Mortos, bem mortos são!

E dos olhos talvez se vos deslise  
O pranto sobre a relva, pelo orvalho

E chuva humedecida;

Que na triste mansão os regosije,

E por essa oblação enternecidos

Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguém os chóra,

Ninguém, se a um destes vê, lhe diz piedoso:

«Seja o Senhor contigo.»

Curão do morto, lavão-lhe as feridas;

Mas a alma estala sem que alguém se dôa,

Nem mesmo o mais amigo!

Ha comtudo pungentes agonias

Nunca sabidas, dores horrorosas

Mais do que se não crê;

Almas ha que tem cruz e passamento,

Sem aureola d'ouro e a mulher pallida

E desgrenhada — ao pé.

## SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître, j'ai beni et sanctifié ma vie et ma pensée; j'ai raccourci ma vue et j'ai éteint devant mes yeux les lumières de notre âge: j'ai fait mon coeur plus simple, et l'ai baigné dans le benetier de la foi catholique; je me suis appris le parler enfantin du vieux temps: et j'ai écrit! . . .

STELLO.

## LOA DA PRINCEZA SANCTA.

Bom tempo foy o d'outrora  
 Quando o reyno era christão,  
 Quando nas guerras de mouros  
 Era o rey nosso pendão,  
 Quando as donas consumião  
 Seos teres em devação.

Dava o rey huma batalha,  
 Deos lhe acudia do céu;  
 Quantas terras que ganhava,  
 Dava ao Senhor que lhas deo,  
 E só em fazer mosteyros  
 Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,  
Torneyo não se fasia;  
He esse o estilo de Frandres,  
Onde anda muita heregia:  
Para os armar cavalleiros  
A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos  
E em côrtes logo os reunia:  
Vinha o povo attencioso,  
Vinha muita cleregia,  
Vinha a nobreza do reyno.  
Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos  
Começava a discursar:  
«Os Iffantes já são homens,  
Vou-me ás terras d'alem-mar  
Armal-os hy cavalleiros;  
Deos Senhor m'hade ajudar.»

Não concluia o pujante  
Rey — de assi lhes propor,  
Clamavão todos em grita  
Com vozes de muito ardor:  
«Seremos nessa folgança,  
Honra de nosso Senhor!»

E logo todos em sembra,  
Todos gente mui de bem,  
Na armada se agazalhavão,  
Sem se pezar de ninguem;  
E os Padres de Sami Domingos  
Hião com elles tambem.

Hião, si, os bentos Padres:  
E que assi fosse, he resão,  
Que o sancto em guerras d'Igreja  
Foy hum bom sancto christão:  
Queimou a muitos hereges  
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava  
Toda a frota pera cá,  
Primeiro se perguntava,  
«Que terras temos por lá?»  
Quem em Deos tanto confia,  
Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,  
Como coisa natural:  
«Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,  
«Conquistas de Portugal!»  
E todos, a voz em grita,  
Clamavão: real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora  
Quando o reyno era christão;  
Os moços davão-se á guerra,  
As moças á devação:  
Aquella terra de mouros  
Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias,  
E tanto pera louvar,  
Que os Padres de Sam Domingos  
Ja não sabião resar;  
Todo-lo tempo era pouco  
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,  
Nem recontro se perdeo!  
Aquelles Padres coitados  
Não tinhão tempo de seo:  
Levavão todo cantando  
Louvores ao pay do céo.

Louvores ao pay do céo,  
Que eu inda possa trovar,  
Quando não vejo nos mares  
Nossas quinas tremolar:  
Mas somente o templo mudo,  
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados  
Dos campanarios subtiz,  
E a prata das sacristias,  
Servida em misteres vis,  
E ante os leões de Castella  
Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,  
Digo que sou Portuguez:  
Arço de ver nossas coizas  
Hirem todas ao revez,  
Arço de ver nossa gente  
Andar comnosco ao envez.

Mércê de Deos! minha vida  
He vida de muita dura!  
Vivo esquecido dos vivos  
Na terra da desventura;  
Vivo escrevendo e penando  
N'um canto de cella escura.

Do meo velho breviario  
Só dcixarei a leitura  
Pera escrever estes carmes,  
Remedio á nossa amargura:  
O corpo tenho alquebrado,  
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,  
Que armada he essa qu'hy vem?  
Vem subindo Tejo aeima,  
Que fermosura que tem!  
Nas praias se apinha o povo,  
E as cobre todas porém.

Dão signays as fortalezas,  
Respondem signays de lá:  
Vem el-rey victorioso!  
Quem de gaudio se terá?  
O mar he todo bonança,  
O céu mui sereno está!

Ôco bronze fumo e fogo  
Já começa a despejar;  
Acordão alegres echos  
Os sinos a repiear;  
Grita e folgança na terra,  
Celeuma e grita no mar!

Vinde embora mui depressa  
Senhores da capital!  
Vinde ver Affonso quinto,  
Rey, senhor de Portugal;  
Vem das terras africanas  
Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outrora  
Fragueiros de condição;  
Dormião quasi vestidos.  
Espada nua na mão;  
Nem repoisavão de noite  
Sem faser sua oração.

Empresa não commettião  
Sem primeiro commungar,  
Sem faser voto á algum sancto  
De tenção particular;  
Porém victorias houverão,  
Que são muito de espantar!

Os vindouros esqueidos  
Da proteecção divinal,  
Conhecerão os poderes  
Da benção celestial,  
Se contarem os mosteyros  
Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,  
Nossos mosteyros custosos,  
São obras sanctas de Sanctos,  
Obras de reys mui piedosos;  
São brados de pedra viva,  
Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem  
Dos templos edificados;  
Disem que foram mal gastos  
Os bens com elles gastados:  
Eu creio (Deos me perdôe)  
Que são incréos disfarçados!

E mais prasmão dos feitios  
De pedra, que Memphis tem,  
Sem ter olhos pera Mafra,  
Pera Batalha ou Belem!  
Oh! se a estes conheceras,  
Meo Frey Gil de Santarem!

N'aquella villa deserta  
Ainda se me afigura  
Ver elevar-se nas sombras  
Tua válida estatura,  
E ouvir a voz que intimava  
Ao rey a sentença dura!

E mais a tacha que tinha  
Era ser fraco, e não mais!  
Tu, meo Sancto, que fiseras,  
Se ouviras a estes tais,  
Que nos assacão motejos  
A's nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdas,  
Relevai-me esta tardança;  
São achaques da velhice:  
Vivemos de lembrança  
E em longos fallas fazemos  
De tudo commemorança.

Já el-rei Affonso quinto  
Nas suas terras pojou:  
Alegre o povo o recebe,  
Alegre el-rey se mostrou;  
Abrio-se em alas vistosas,  
El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando  
Nos atabales guerreiros,  
Tangem outros istromentos  
Desses climas forasteiros,  
E traz elles vêm marchando,  
Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes  
De bigodes retorcidos,  
Caminhão a passos lentos,  
Com sembrantes de atrevidos.  
Causa medo vêl-os tantos,  
Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,  
Homens de má condição,  
Que vivem na lei nojenta  
Do seo nojento alkorão,  
Que — vinho? nem querem vê-lo,  
Só por que o bebe um christão!

Vêm as moiras depois delles,  
Rostos cobertos com véos;  
Bem que fuilhas d'Agarenos,  
São tambem filhas de Deos;  
Se forão christans ou freiras,  
Serião anjos dos céos.

Lusião os olhos dellas  
Como pedras muito finas:  
Devião ser finas bruxas,  
Inda qu'erão bem meninas,  
Que estas moiras da mourama  
Nascem ja bruxas cadimas!

Huma dellas que lá vinha  
Olhou-me á travez do véo! . .  
Foy aquillo obra do demo,  
Quasi, quasi me rendeo!  
Pensei nella muitas vezes,  
Valerão - me anjos do céu!

Via as largas pantalonas,  
E o pesinho delicado . . .  
Como póde pensar nisto  
Hum pobre frade cançado,  
Hum padre da Observancia,  
Que sempre come pescado?!

Emfim, diser quanto vimos  
Não cabe neste papel;  
Vinhão muitas alimarias,  
Como achadas a granel:  
Vinha o iffante brioso,  
Montado no seo corsel.

Vinhão pagens e varletes,  
Vinhão muitos escudeiros,  
Vinhão do sol abrazados  
Nossos robustos guerreiros;  
Vinha muita e boa gente,  
Muitos e bons cavalleiros!

A Prineesa Dona Joanna  
Sahio dos Paços reais;  
Era moça, e muito airosa,  
E dona de partes tais,  
Que todos lhe qu'rião muito,  
Estranhos e naturais!

Foy requerida de muitos  
E muito grandes senhores,  
Por fama que della tinhão,  
E por copia de pintores,  
Que muitos vinhão de fóra  
Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França.  
Ludovico, creio eu:  
Hum pobre frade mesquinho  
Só trata em coisas da céo;  
Sabe elle que muito sabe,  
Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,  
O onzeno do nome seo,  
Que vendo hum retrato destes  
Pera si logo entendeo,  
Qu'era prodigio na terra  
Quem tanto tinha do céo.

E logo sem mais tardança  
Cahio, giolhos no chão,  
No feltro traz arrelíquias,  
Assi uza hum rey cristão;  
O seo feltro poz diante,  
E fez hy sua oração!

Sahio a real Princeza,  
Sahio dos Paços reais  
Nos pulsos ricas pulseiras,  
Na fronte finos ramais;  
De longe seguem-lhe a trilha  
Muitos bons homens segrais.

Traçava hum mantéo vistoso  
Sobolas suas espaldas,  
E as largas roupas na cinta  
Prendia em muitas laçadas;  
Seos olhos valião tanto  
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura  
E meneyo concertado,  
Solto o cabello em madeixas,  
Pelas costas debruçado:  
Cadeixo de fios d'oiro,  
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,  
Vinha muito pera ver:  
O povo em si não cabia,  
Quando a via, de praser;  
Era ella sancta ás occultas  
E anjo no parecer!

Debaixo das telas finas  
E dos brocados luzidos,  
Trasia á raiz das carnes  
Duros cilicios cozidos  
E humas crinas muito agras,  
Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras  
No oratorio a resar,  
Dormia despois na pedra  
Sem ninguem o suspeitar:  
Extremos tais em princeza  
Quem n'os hade acreditar?

No dia de lava-pés  
Ordnavava ao seo Vedor,  
Traser-lhe doze mulheres;  
E depois, com muita dor,  
Chorando os pés lhes lavava,  
Honra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,  
Não perdia a occasião,  
Despedia a todas juntas  
Com sua esmola na mão:  
Disia que era humildade,  
E obra de devação.

E as mendigas prasmadas  
Sahião de tal saber,  
E perguntavão, quem era  
Aquella sancta mulher?!  
Mãos peccados que ella tinha  
Só pera assi proceder!

O mesmo Vedor foy quem  
Isto depois revelou,  
Quando aquella humanidade  
Em o Senhor descançou;  
Dona Joanna era já morta,  
Elle porém m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo  
Que guardava em coisas tais,  
Sabião algo os estranhos  
Por muitos certos signais,  
Que o ar he todo perfume,  
Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha  
Que me faz scismar a mi,  
Que as donas d'hoje pareção  
Huns camafêos d'alfini,  
Não donas de carne e osso;  
As donas d'outrora — si.

Hoje leigos de nonnada  
(He lhes o demo caudel)  
Praguejão a meza esçaça  
E as arestas do burel;  
Querem mimos e regalos,  
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,  
Regente de Portugal;  
Traz sobre si muitas joias  
Do thesouro paternal;  
Deos lhe pôz graça divina  
Sobre a graça natural.

«Acostou-se a comitiva,  
Muito senhora de si:  
Perante el-rey se agiolha,  
Disse-lhe el-rey: não assi!  
E ao peito a cinge disendo:  
Não a meos pés, mas aqui!»

«Sois hum bom pay, Senhor rey,  
Tornou-lhe a sancta Princeza:  
Eu que sou vassalla vossa  
E filha por natureza,  
Peeo mercê como aquella,  
Como esta peço fineza.»

Ficarão logo suspensos  
Todalos que erão aly,  
Ficarão como enleitados,  
Enleio tal nunça vi!  
Eis que a Princeza medrosa  
Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondera;  
Que lhe havia responder?  
Boa filha Deos lhe dera.  
Que lhe havia defender?  
Sorrio-se, o bom rey quisera  
Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces:  
«De alguns capitães antigos  
Tenho lido, Senhor rey,  
Que, vencidos os imigos,  
Tornavão, a Deos fasendo  
Sacrifícios mui subidos.

«Vião as coisas melhores  
Que dos seos reynos havião,  
E logo lh'as offertavão;  
E mercês tambem fasião,  
No dia do seo triunfo  
A los que justas pedião.

«Deslembrar a usança antiga  
Fôra de grande estranheza;  
Agora sobre maneira,  
Perfeita tamanha empreza,  
De tanto lustre aos do reyno,  
De tal honra a vossa Alteza.

«Digo pois a vossa Alteza,  
E digo com muita fé,  
Deve a offerta ser tamanha  
Quammanha foy a mercê,  
Não do nobre rey pujante,  
Mas do saneto rey qual he.

«A offerta que vos fiserdes,  
Será mercê paternal:  
Se quereis que corresponda  
Ao favor celestial,  
Deve ser coisa mui alta,  
Deve ser coisa real.

«Ao Deos que vence as batalhas  
Dai-lhe a filha muito amada;  
Dai-lhe a só filha que tendes  
Em tantos mimos criada:  
Será a offerta bem quista  
E do Senhor accitada.

E eu a quem mais custou  
De medos, esta jornada,  
Que muitas noites orando  
Passei em pranto banhada,  
Sou eu, Senhor; quem vos peço  
Ser a hostia a Deos votada.»

Que sancta que era a Princeza,  
Que extremos de devação!  
Nos sembrantes dos presentes  
Vio-se, e não era razão,  
Que a nenhum delles prazia  
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,  
El-rey, por que muito a amava:  
Aquelle diser da filha  
Todo o praser lhe aguava,  
Aquelle pedir sem dó  
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della  
O pobre velho cançado,  
Chorou o triunfo breve  
E o praser mal rematado,  
Não como rey valeroso,  
Mas como pay anojado.

El-rey despois mais tranquillo  
Rompeo o silencio alfi';  
E entre afflicto e satisfeito  
Disse á filha: Seja assi!..  
Velhos guerreiros vi eu  
Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo  
Não sei que tempo gastei,  
Nem sei de mim que fiserão,  
Nem tam pouco se chorei;  
Foi traça do providencia:  
Nisto commigo assentei.

Foy Jephté corajoso,  
O forte rey de Judá;  
Volta coberto de loiros,  
Quem primeiro encontrará?  
Sente a filha, torce o rosto...  
Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios  
Soube a Deos mais agradar?  
Vai a Hebreá constrangida  
Depor o collo no altar,  
Vai a christã jubilosa!  
São ambas pera pasmar.

Depois n'hum dia formoso,  
Era no mez de Janeiro,  
Houve huma scena vistosa  
Dentro de hum pobre mosteyro;  
Fundou-o Brites Leytoa,  
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,  
Sobrinha d'altos Iffantes,  
Filha de reys soberanos,  
Senhora das mais pujantes,  
Era a primeira figura,  
Espantava os circumstantes.

Aly humilde e curvada,  
Pezar de todos os seos,  
Giolhos sobre o ladrilho  
E as mãos erguidas aos céos,  
Ouvi — exigua mortalha  
Pedir polo amor de Deos.

Cantemoſ todos louvores,  
Louvores ao Senhor Dcos:  
Os anjos digão seo nome,  
Rostos cobertos com véos;  
Leião-n'ò os homens escripto  
No liso campo dos ceos.

Bom tempo foy o d'outrora  
Quando o reyno era christão,  
Quando nas guerras mouriscas  
Era o rey nosso pendão,  
Quando as donas consumião  
Seos teres em devação.

«Isto escreveo Frei Antão  
De vida mui alongada,  
Nassa Senhora da Escada  
O teve por Capellao.»

## GULNARE E MUSTAPIIA'.

Deos Senhor foy quem nos ceos  
Pendurou milhões de estrellas,  
Foy quem matisou a terra  
De froles varias e bellas,  
Quem ao mar por ser pujante  
Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes  
Das sementes germinassem,  
Que déssem froles mimosas,  
Que perfumes trescalassem,  
E mais fez que em tempo azado  
As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,  
Imigo da humanidade,  
Nas arvoles poz carcoma,  
Poz na frol muita ruindade,  
Poz nos céos a nuvem negra,  
Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas  
Damna, e faz mal o tedor,  
A alma também por mil modos  
Tenta com geito e sabor,  
Que troça o prazer eeste  
Em penas d'eterna dor!

Mas não foy jamais que Deos  
Em tal feito eonsentisse,  
Senão porque suas posses  
O homem bem elaro visse;  
Que sem elle fôra o mundo  
Maldade só e sandiee.

Mas que mal ha hy na terra  
Que não venha pera bem?  
Os d'aqui desta amargura  
Dão eoyta, e gloria porém;  
Dos outros que traz o demo  
Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo  
Acoteeido, al não sei,  
Senão que por amor delle  
Muito má vida levei,  
Que me dá eoyta mui grave  
Do mal que me comportei.

Como já fiz penitencia,  
Ora farei confissão;  
Tal será, qual foy o escand'lo  
De que fui occasião:  
Não me tomem por modelo,  
Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,  
Mas pera honra dos céos,  
Que eu direi publicamente  
Os feios peccados meos;  
Toda a vergonha foy minha,  
Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia  
Celeste, e mais na d'aqui:  
Dá batalha o cabo experto,  
Desses muitos que ha per hy;  
Toda a preza aos seos concede,  
Só lôa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna  
Ja vive dentro d'Aveiro;  
Comsigo trouxe os escravos,  
Que lhe trouxe o rey fragueiro;  
O que ás terras africanas  
Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios  
Netos d'Agar, inda mal!  
Traçando vastas roupagens  
A' maneira oriental;  
Larga faxa na cintura,  
Na faxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos  
Polas ruas passear,  
Passo á passo — graves, mudos,  
Com doairos d'espantar,  
Profundas rugas na frente,  
Rugas de máo meditar.

Levar traz si tanta gente  
Nunca a ninguem vi assi:  
Nem folias, nem cantares  
Vi com tal cauda apoz si,  
Bôdo, nem festa d'orago  
Bufão, e nem bolati'.

Mas quem vio acaso as turbas  
Correrem traz algum bem?  
Vão todas apoz engodos,  
Apoz maldades tambem;  
Mas seguir a Deos por gosto  
Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descritos  
Vierão tambem aquellas  
Moiras, filhas da Mourama,  
Donas, creio, muito bellas;  
No trato e no galanteio  
Outras que tais Magdanellas.

Vinha tambem a menina,  
Aquella moira fatal,  
Que nas ruas de Lisboa  
Vi no cortejo real:  
Cortejo del-rey Affonso .  
Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trasia,  
Nulla rem lhe estava mal;  
Dizião que tudo nella  
Tinha graça natural,  
Era coisa preciosa,  
Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,  
Aquella pomba sem fel  
Passava noites inteiras  
Tangendo n'hum arrabel,  
Coando vivas saudades  
Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas  
Ouvindo na solidão  
Aquelle triste instrumento,  
Al não disseras, senão  
Que o mesmo demo voltado  
Era n'aquella feicão.

Zagales porém da serra  
Mil vezes, no fim do dia,  
Polos montes não buscava  
A sua ovelha erradia;  
Mas no bordão apoiado,  
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e prasmado  
De todos e mais de mi,  
Mil vezes fugi da cella,  
Té das matinas fugi,  
Mil vezes, durante a noite,  
Aquelle instrumento ouvi.

Mil vezes! . . e não sei como  
Isto foy, que o não sentia,  
Quando mal me precatava,  
Dava commigo que ouvia  
Dilatar-se polos valles  
Aquelle doce harmonia.

Assi todo embevecido  
Bons sonhos que então sonhei,  
Boas venturas que tive,  
Bons scismares que scismeí!  
Esqueci-me de ser frade!  
Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava  
Do juramento que dei,  
Do encargo que me tomára,  
E das vestes que eu tomei,  
Chorava; e não sei bem como  
Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas,  
Cheio d'extranha afoiteza,  
Palavras dadas ao vento  
Com muito feia crimeza,  
Contra mi e contra todos.  
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,  
Polas voltas dos caminhos  
Rojei nas sarças mordentes  
E nos cardos montesinhos,  
Rasgando os brancos vestidos  
N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como  
Todo eu não fiquei aly,  
Como eu que por tantas vezes  
Rosto nas rochas feri,  
Não perdi o ser de todo,  
Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava:  
«Cegueira, Senhor, me dás!  
Cinge-me os rins larga zona  
De ferro, e bem me não traz;  
Trago cilícios mordentes,  
Usando burel mordaz.

«Abro e vejo o livro sancto,  
E vejo que não sei ler!  
Aquelles sanctos dictames  
Já n'os não sei compr'hender:  
Enojo occupa minha alma,  
Hei pavor de me perder!»

Donde pois me vinha a mi  
No proprio bem ver o mal?  
Conheci no meo exemplo,  
Que m'era do ser fatal:  
Senhor, teo sancto remedio  
He triaga cordial.

Bem como o ferro na fragoa,  
No soffrer a alma se apura,  
Assi que disse eu commigo  
Que a triaga tambem cura,  
Quanto mais amarga e punge,  
Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha  
Lavrando foy pouco e pouco;  
Rohia coyta d'amores  
Miôlo cavado e ôco,  
Já era o mal dentro d'alma,  
E eu delle rendido e louco.

Disião meos bentos Padres;  
«Que he feito de Frei Antão?  
Negra dor o tem por certo,  
Negra dor de coração:  
O demo o fez, porque visse  
Turbada tal perfeição.

«Parece já de esquecido  
Que nem de si tem lembrança!  
A taboa se achega apenas,  
Não toma a sua pitança;  
Té nos officios divinos  
Perdeo a sua tringança.

« Sahe á noite muitas vezes,  
Diz o bom do Guardiãõ:  
Sahir á noite, á deshoras,  
Certo não he devaçãõ:  
Que faz de noite nas ruas  
Hum padre, ou frade ou christãõ?»

Com tudo alguns dos mais velhos  
Dizião: «¿Que ha hy de mal?  
O quer que he que o perturba,  
Coisa não he natural:  
Deve ser condãõ divino  
Ou graça celestial!

«Pois hum sancto como aquelle!  
Quem he que o hade tentar?»  
Eis senão quando começa  
Voz, não sei donde, a zoar  
Que Frei Antão ja não sabe  
No seo rosairo resar!

E o caso foy que hum noviço  
Tirou-mo só de matreiro,  
Tendo-o fechado comsigo  
Por novena ou mez inteiro;  
E eu d'outro me não provêra,  
Sendo que tinha dinheiro!

Todo los meos defensores  
Voltarão-se contra mi;  
Dizião que era mal feito  
Hum sancto mentir assi:  
Seja-me Deos testemunha,  
Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Commuidade  
Propoz-me o Provinzial:  
«Disei *peccavi*, meo Padre,  
Que vos havedes tão mal,  
Que não resades as rosas  
Da virgem celestial!»

Ouvido que foy por mi  
Tão solcmne mandamento.  
Ámi, que primara sempre  
Adentro do meo convento  
Não sei que pejo maldicto  
Acorreo-me ao pensamer

Não era feio o peccado,  
Mas confessal-o; e assi  
Fiquei de pavor tranzido,  
Mal que tal preceito ouvi:  
Homem não era de carne,  
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo  
Nada não soube dizer;  
Nem confessar meo peccado,  
Nem ao menos responder:  
Ficárão como suspensos  
Os que erão aly a ver.

O grave Provincial  
Rompe o silencio, e «Azinha  
Trazei, disse elle, o hyssope,  
Mais a benta caldeirinha;  
Ver demo em corpo de frade  
Coisa não he comezinha!

Corre afanado o Sacrista  
Pera a sua sacristia,  
Traz prestes a caldeirinha  
Banhada inteira na pia;  
Resava mil rezas suas,  
Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado  
Recebe o Provincial  
O hyssope todo molhado,  
Disendo sacerdotal;  
«Fugide, partes adversas,  
Demonio, espirito do mal.

«E mais deixa a criatura  
 Por amor de quem Jezus  
 Soffreo martyro affrontoso,  
 E morte vil n'huma cruz;  
 Em nome do Padre e Filho  
 E Esprito, que sempre luz!»

Ouvido aquelle exorcismo,  
 Cego de toda a rasão,  
 Larguei-me do refeitório,  
 Fugindo como hum ladrão:  
 Clamárão todos em grita:  
 «Chantou-se nelle o Legião!»

Enfiei os claustros todos,  
 Passei pola portaria,  
 Achei-me em logar, de noite,  
 Que eu mesmo não conhecia:  
 Os sons do arrabel mourisco  
 Somente daly se ouvia,

No entanto os Padres prudentes  
 Discursavão entre si,  
 Disiã dos esconjuros  
 Que mal cabião em mi,  
 Que era grande sacrilegio  
 Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem  
Que ao inferno se vendia,  
Era o christão que adorava  
As filhas da idolatria,  
Que dentro em si tinha o Demo,  
E o Demo em si não sentia;

Era o Padre que trocára  
O amor de seo Senhor  
Por amor d'huma Donzella,  
Filha d'aquelle impostor,  
Mafoma, falso propheta,  
Mafoma, judêo tredor!

A princeza Dona Joanna  
Mandou ao nosso Convento:  
Qu'eu prestes vá ter com ella  
Manda por seo mandamento;  
Não quer demora, nem falta,  
Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente  
Não m'o diz a mensageira;  
Não sabe coiza de certo,  
Não dirá coisa certa:  
O habito á pressa enfio,  
Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade,  
Veio a Princeza real:  
«Meo Padre, disse-me entonces,  
He fóra do natural  
Qu'eu tenha escravos, e mouros,  
Rainha de Portugal.

«Ide vós porém chamal-os  
 Pera o rebanho christão;  
 Cazade-os vós muito embora,  
 Que bem dahy haverão:  
 Eu lhes darei corpo livre,  
 Deos Senhor a salvação.»

Siquer huma só palavra  
 Não tive n'aquelle ensejo,  
 Sustou-m'a já na garganta  
 Não sei que mesquinho pejo;  
 Por confessar meo peccado  
 Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,  
 Vergonha que todos têm;  
 Ultimo fructo colhido  
 N'aquelles jardins do Eden;  
 O Demo o tocou primeiro:  
 Todo o seo mal dahy vem!

Como está no fundo lago  
 O verde limo acamado,  
 Assi deitado e mimoso  
 Brilha lustre avelludado;  
 Tal é aquella vergonha,  
 Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes  
Do limo que he tão viçoso,  
E vereis como se prendem  
No fundo impuro e lodoso:  
Aly com ellas se abraça  
O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas  
Vivem, cruzando laçadas,  
Muitos sapos bufadores,  
Muitas rãs esverdinhas;  
Humas coizas de má sina,  
Outras coizas mal fadadas.

He força fallar a moira!  
Disse commigo, e assi  
Andava curtas passadas  
Por não chegar; ai de mi!  
Tem termo toda a jornada,  
Cheguei! porque não morri?

Já d'aquelles outros mouros,  
Tão feros, não se me dava  
Mas de suor de maleitas  
O corpo se me banhava,  
Quando d'aquella menina  
Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras  
Foy o sancto Daniel,  
Fui eu no covil lançado  
D'aquella gente infiel;  
Era elle experto em tais lutas,  
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira  
Leixando a mais gente vil,  
Ardia doce perfume  
Em transparente viril;  
Sobre um bofete lavrado  
Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta  
Que hum reposteiro cobria,  
E hum pano de seda verde  
Sobre a estreita gelosia,  
E mais hum denso tapete,  
Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa  
Vestes de branco setim  
Entreteladas parece  
De coiza de bocachim,  
E humas largas pantalonas,  
Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo  
De seda azul anilado,  
Com longas mangas perdidas,  
De carmim todo ferrado,  
Como se fôra hum alfange,  
Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada  
A negra coma apertava;  
Que doces anneis brincados  
A negra coma formava,  
Quando por vezes no collo  
De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas  
Hum pesinho delicado  
Sahia nusinho e bello,  
Mimoso e branco e nevado;  
Em chapins dos mais pequenos  
Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos  
Trazia a moira hum anel;  
Meio deitada, á desleixo,  
Tangia no arrabel;  
Tangia-o com tanta graça,  
Nem que fôra hum menestrel.

A letra que ella cantava  
Era de lingoa algemia;  
Era qual trinar das aves  
As notas em que gemia  
Saudades de longes terras  
Em peregrina harmonia!

Era menina e formosa,  
Nunca lhe vi sua igual!  
Coiza assim tam primorosa  
E tanto celestial,  
Ou era filha dos anjos,  
Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,  
E o demo em sua cegueira,  
Fazem quasi as mesmas coizas  
Mas por diversa maneira;  
O Demo como quem he,  
Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtudé  
Entre afflicções dolorosas,  
Qual frol de roza entre espinhos;  
Em ledices enganosas  
Poz o demo o seo peccado,  
Qual feia serpe entre rozas.

Quanto o sol mais se abaixava,  
Tanto mais alto gemia  
Aquella moira mimosa,  
Que as suas magoas carpia:  
He hora que espalha enlevos  
A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,  
Louvor a nosso Senhor!  
Ultimo vôo desprega  
E hum doce grito de amor;  
Nas pennas esconde o bico.  
Nem teme o visgo redor.

As froles do sol viuvas.  
Definhão, só de tristura:  
O mar soluçando geme,  
Mais alto a fonte murmura,  
Reina o silencio que falla,  
Bafeja a doce frescura.

« Vistes vós meo bem amado,  
(Dizia a filha d'Allah)  
« Vistes vós meo bem amado,  
« O meo senhor Mustaphá!  
« Se o vistes, disei-me onde!  
« Por alma vossa, onde está?

« A noite o deixou fechado  
« Portas a dentro do harem:  
« Sorvia aquelles perfumes,  
« Que lá d'Arabia nos vem;  
« Trajava os reais vestidos,  
« Que lhe cahião tão bem.

« Já era sobre-manhã  
« Quando de mi se apartou;  
« Seo negro corsel d'Arabia  
« D'um pulo só cavalgou,  
« E o sol que vinha raiando  
« Lá na montanha o topou.

« Vio daly seos bons guerreiros,  
« Em alas promptos estão;  
« De fronte mal enxergava  
« O troço do rey christão;  
« Disse o crente musulmano;  
« Allah m'os trouxe, meos são!

«Allah! lhes grita o guerreiro,  
 «Respondem-lhe os seos: Allah!  
 «Gritão Christãos: San Tiago!  
 «E o meo senhor Mustaphá  
 «Desceo então da montanha,  
 «Que nunca mais subirá.

«Desceo elle da montanha  
 «Qual rocha deſcommunal,  
 «D'agudo cimo tombando,  
 «Arrazando o pinheiral;  
 «Mas a rocha em fundo valle  
 «Faz-se pedaços, em mal!

„Desceo elle ao fundo valle,  
 „Como o tufão queimador;  
 „Polos christãos inimigos  
 „Cortou sem pena e sem dor;  
 „Raio d'esforço na guerra  
 „Foy Mustaphá, meo Senhor!

„Mas o vento do dezerto  
 „Depois de médas formar  
 „Das areias que agglomera,  
 „Onde he que vai acabar?  
 „Mafoma e Allah que mo digão,  
 „Que eu não sei senão chorar!

„Allah quebrou teo orgulho,  
 „Mco bom senhor Mustaphá!  
 „Allah quebrou teo orgulho,  
 „Mas quando se acabará  
 „Vida que vives de escravo,  
 „Vida que levas tam má?

„Doces Huris do Propheta,  
 „Lá do palacio de Allah,  
 „Olhavão cá pera baixo  
 „So pera ver Mustaphá!  
 „Guerreiro não foi como elle,  
 „Como elle ninguem será.

«De ser elle o meo amado,  
 «Ai que já fui bem feliz!  
 «De ser elle o meo amado  
 «Tinhão-me inveja as huris:  
 «Ora não ha quem m'inveje!  
 «Foy Allah que assim o quiz.

«Ora não ha quem m'inveje!  
 «Tenho no peito afflicção;  
 «Escrava sou d'hum escravo,  
 «Escravo d'hum vil christão!  
 «Mesquinha, que ainda o amo;  
 «Trago-o aqui no coração!»

Então pera junto della  
Cheguei-me sem ser sentido;  
Fallei-lhe em som cavernoso,  
Medonho e baixo no ouvido:  
¿Por que assi amas o escravo?  
Disse eu, do meo mal vencido.

Foy certo o espirito malvado  
Quem pera ally me arrastou,  
Quem nos meos castos ouvidos  
Palavras tais derramou,  
Quem aos pés da moça moira  
O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros  
Pezava co'o pezo seo,  
Quando a moira espavorida  
Do vasto leito se ergueo:  
Vendo-me ally de giolhos,  
Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,  
Mas antes seos olhos vi;  
Aquelles olhos fermosos  
Lavar-me o rosto senti,  
Tocar-me no fundo d'alma,  
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos.  
Ora bem se me afigura  
A lua rasgando as trevas  
Em meio de noite escura:  
Vi Diana, a caçadora,  
N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente  
Hum grito franzino dá!  
De mi se parte voando,  
¿ Senhor Deos, o que será?  
Volto prestes a cabeça...  
Vejo o mouro Mustaphá!

Em roda do seo pescoço  
A moira os braços prendeo;  
Arfa-lhe o peito açodado;  
Pera traz roja o seo véo,  
Offrece o rosto mimoso  
Aos beijos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa  
Hera que hum robre vingou;  
Ligou-se estreita com elle,  
Do tope se debruçou,  
Folha metteo pelas folhas,  
Vida com vida cazou.

«Gulnare, disse-lhe o mouro,  
Gulnare, meo doce amor,  
Melhor que a roza da Persia,  
Que arabio incenso melhor,  
Frol dos jardins do propheta,  
Que dás mate a minha dor!»

Responde a moira mimosa:  
«Dizes bem, meo Mustaphá;  
O fogo chegou-se ao incenso,  
O incenso effluvios dará;  
O sol scintilla na roza,  
A roza resurgirá.»

Abelha, tornou-lhe o mouro,  
Que susurras de agastada;  
Herva, que as folhas constringes,  
De estranho corpo tocada;  
Quem tocou na minha abelha,  
Quem na herva delicada?

Ella entonces de malquista  
Deo-lhe d'olhos pera mi;  
Sancto Jezus! em que apertos  
N'aquelle ensejo me vi,  
Prendera-me força occulta,  
Foy porém que não fugi!

Trazia o moiro atrevido  
Adaga no boldrié;  
Deixar a moiros com armas,  
Gente de baixa ralé,  
Em que escravos de Princeza,  
He certo extranha mercê!

A mão no punho da adaga,  
A passo, vem sobre mi;  
Trinca as pontas do bigode,  
Quais cerdas de javali;  
A barba toda se crriça,  
Que fcio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,  
Jamais não vi seos iguais;  
Devião ser puro fogo,  
Scnã faiscas fatais  
D'aquelle sol do deserto,  
Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,  
Luzindo em feia spelunca;  
Olhos, que o gyro do sangue  
Nas veias demora e trunca:  
Olhos cheios de carniça  
E della não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo,  
 „¿ Que vieste aqui fazer?“  
 Fiquei deslogo tremendo,  
 Sem lhe poder responder:  
 „Senhor, . . . em nome do ceo! . . .  
 Disse eu; que havia dizer?

„Em nome das tres pessoas  
 „Da trindade, em huma só,  
 „Eu vos rógo, senhor mouro,  
 „Que siquer tenhades dó  
 „Da alma vossa arriscada,  
 „Já não do corpo, que he pó.“

N'aquelle ensejo apertado  
 De sancto ardil me vali;  
 Lembrou-mo o exemplo sagrado  
 Da forte hebréa Judith!  
 Ser isso influxo divino  
 Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o mouro descrido:

„E a mi que m'importa mais  
 „Que viver entre valentes,  
 „Em gozos celestiais,  
 „Entre jardins prasenteiros,  
 „Entre fagueiros rosais?

„Tu me fallas dos teos Deoses!  
 „Ha outros sem ser Allah?  
 „Allah, que o vôo dirige  
 „Do bemfasejo Kathá!  
 „Christão, dos teos falsos Deoses  
 „Bem pouco a mi se me dá.

„Digo-te eu, que elles não podem,  
 „Mais que digas que são trinos,  
 „Suster no ar do propheta  
 „Os sanctos restos divinos,  
 „Que a Meca cbamão por anno  
 „Milhares de peregrinos.“

Ouvindo aquellas blasfemias,  
 Senti arrojo dos céos;  
 Hia fallar, mas o mouro  
 Tornou-me: „Só Deos he Deos,  
 „E Mafoma o seo Propheta,  
 „Em que pêze isto aos increos!

„O que penso, sem resguardo  
„Dirt'o-hei, christão, alfim;  
„Não uza como vós outros,  
„Mohometano Muezzin,  
„Não vai á eaza dos erentes,  
„Não leva tenção ruim.

„Não rója, não, de giolhos  
„Aos pés de ehistã donzella;  
„Mas lá dentro da Mesquita  
„Vive sempre e sempre vela,  
„Ou do alto minarete  
„Á pree os erentes appella.

„Portas á dentro do templo,  
„Imagem da crença pura:  
„De alto do minarete,  
„A imagem d'Allah figura,  
„Bradando incessante e sempre  
„Aos homens, daquella altura.“

„He assi entre vós outros,  
„Tornei-lhe, que entre nós não.  
„Queremos em eada eaza  
„Hum templo de devação,  
„Em cada peito hum sacrario,  
„Hum padre em eada ehistão.“

Sobreteve mudo e quedo,  
E como que reflectia  
O moiro, que me parece  
A graça já presentia;  
A graça que o ceo nos manda,  
Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado  
Aquelle ensejo feliz,  
Que passado curdo prazo,  
Severo o moiro me diz:  
„O que Deos faz he bem feito:  
„Mouro nasci, não me fiz!

„Deixemos pois tal assumpto,  
„Delle não quero tratar;  
„Ou antes disei, bom Padre,  
„Qu'hides carreira tomar,  
„Adoptando novo ensino,  
„Novo modo de pregar.

„Andai por essas estradas  
„E disei á vossa gente:  
„A vós que mal vos hão feito  
„Os homens lá do oriente,  
„Que vos livrarão dos godos,  
„E do servir inclemente?

„As vossas artes que tendes  
„Cujo as havedes? — de quem?  
„Donde vêm ás vossas terras  
„Campos de lavra que têm,  
„E as torres acastelladas,  
„E as mesquitas, donde vêm?

„Quem nos vossos negros montes  
„As alcáçovas plantou,  
„Como candido turbante,  
„Que na frente se enrolou  
„De hum homem da côr da noite,  
„Que a Nubia ardente engendrou?

„Ou s'isto melhor te praz:  
„São obras de reys pujantes,  
„Tendas ricas e pomposas  
„No dorso dos elefantes;  
„Cr'oas de pedra lavrada  
„Na frente d'altos gigantes.“

Estes mouros na verdade  
 Qu'esprito e graça que têm?  
 Quando vos dizem mentiras,  
 Sabem dize-las taõbem,  
 Que havemos de perdoar-lhes,  
 E em cima querer-lhes bem

Mas andão tanto enfrascados  
 No seo maldicto alkorão,  
 Que era de ser o primeiro  
 A soffrer condemnação  
 N'aquelle sancto concilio,  
 Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,  
 Hé só polos não ver mais;  
 Fasião prompta justiça  
 Destes e d'outros que tais:  
 Ardião com seos authores  
 Em bons applausos gerais.

Se delles houvesse agora,  
 De que pró nos não seria?  
 Vive tal livro entre gabos,  
 Que ally no fogo arderia,  
 Com pasmo de seos authores,  
 Que os têm por coiza mui pia.

E d'outros que só por artes  
Fruem da voga que têm,  
Que não sei onde he seu preço,  
Nem donde apreço lhe vem,  
Senão por vias occultas,  
Que as não descobre ninguem!

Mas deixemos estas coisas,  
Que não são de boa avença!  
O livro que eu reprovára  
Por muito justa sentença  
Trouxera-me coyta grave,  
Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;  
Bem qu'eu não saiba fallar,  
Senão com longos rodeios:  
(Vem-me o séstro de pregar)  
Quando me julgo no cabo,  
Mais longe estou de acabar.

„ Mouro, n'aquella batalha,  
„ Disse eu, ouvidos me dá,  
„ Quando o reyno teo perdeste,  
„ Não chamaste por Allah?  
„ Não te ouvio! — chama por Christo,  
„ E Christo, Deos, te ouvirá.

„ Vás as terras da Moirama,  
„ Ou fiques em Portugal,  
„ Senhor serás do teo corpo,  
„ Vida terás natural:  
„ Vê, se Gulnare formosa  
„ O eo propheta não val!

„ A moira que não foy feita  
„ Pera servir a senhor,  
„ Que de bella e de mimosa,  
„ Parece que o mesmo amor  
„ O corpo tem de quebrar-lhe,  
„ E de apagar-lhe o candor.

„A moira doce nascida,  
„Docc creada; perol  
„Que só sabe apavonar-se  
„Da manhã polo arrebol,  
„Não nos jardins destas partes,  
„Mas onde mais queima o sol.

„A moira bella e mimosa!  
„Avezinha pipitante,  
„Qu'ama ar puro, espaço livre,  
„E céo de cor deslumbrante,  
„Que o vôo fugaz desprega,  
„Quando o sol he mais brilhante!

„Ai! não guardes a avezinha  
„Dentro de estreita prisão,  
„Não mudes a frol mimosa,  
„Que bem está no seo torrão:  
„Vai ás terras da Moirama;  
„Se queres hir, sê christão.“

Huma lagrima brilhante,  
Como que a furto luzia  
Nos olhos da moça moira,  
Que o moço moiro cingia;  
Em que nada lhe dicesse,  
Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,  
 O mouro bem compr'endia  
 Que mudas fallas fallava  
 O pranto que ella vertia:  
 Saudades erão da Patria,  
 Que o mouro em sonhos só via.

¿ Como havia resistir-lhe,  
 Se ella pedia chorando;  
 Se o mal porque ella passava,  
 Tambem 'stava elle passando;  
 Se o bem, que lh'ella pedia,  
 Lhe estava dentro fallando?

Mas quando os vi abraçados  
 E aquelle amor entendi,  
 Do effeito das minhas vozes  
 Eu mesmo me arrependi;  
 Cravei as unhas no peito,  
 Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos  
 De ouvir-lhes hum não revel.  
 E que então a moça moira,  
 E mais o mouro donzel  
 Parassem no fundo inferno,  
 Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero  
Que poder que o pranto tem,  
Quando no peito o sentimos,  
Quando de huns olhos nos vem,  
Que fôra morrer por elles  
Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso  
O mouro agreste rendeo;  
De leixar o seo Mafoma  
Logo desly prometteo,  
Deixando a avença do demo,  
E os ritos do eulto seo!

Já me não sinto enleiado  
Se o padre Adão manducou  
Aqu'elle fructo do Eden;  
Foy Eva quem lh'o offertou,  
Eva, mulher e sozinha,  
A qu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,  
E tem a sua mulher,  
Ceder-lhe do seo proposto  
Por mero eondescender!  
Se não he coisa do demo,  
Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira!  
Que sem me fazer pedido,  
Entendi que por amores  
Não devia andar perdido;  
Quando por outro era amada,  
Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado  
Bem sabe que nade tem  
Nesta vida mal passada,  
Onde quitou todo o bem;  
Ninguem que vele por elle,  
Sobre quem vele — ninguem!

Curar da may enfermada  
Bem pode o homem segral:  
Ha sempre casta donzella,  
Que se dôa do seo mal:  
O frade só, despojado  
Vive do fôro humanal.

Viverão aquelles mouros  
Depois desta occasião,  
Muitos annos bem logrados,  
Em amor e devação;  
Louvor ao sancto baptismo!  
Louvor ao nome christão!

Mas quando foy que nos veio  
Aquella peste primeira,  
Seta que o alvo attingia  
De bem talhada e certa,  
Chegou ao christão novato  
Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,  
Cheia de muita afflicção,  
Recolheo-se irmã noviça  
No convento d'Azeitão,  
Onde viveo muitos annos  
Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento  
Dizem que a virão rezar,  
Em extasis jubilosas,  
Suspensa, erguida no ar;  
Favor do esposo divino,  
Milagres do muito amar!

Ouvindo aquelles extremos,  
Commigo logo assentei  
Que eu fôra hum pastor perdido,  
Que nas sombras divaguei,  
Té qu'huma ovelha esgarrada,  
Mercê de Deos, encontrei!

E a moira que eu tanto amára,  
Desly se me figurou  
Candida lã d'ovelhinha,  
Que a sarça agreste cardou;  
Ficou na sarça prendida,  
Ao vento se meneou.

E alguém que ally divagava,  
Felpas da lã recolheo,  
Bateo-as na fonte pura,  
E em branca tela as teceo;  
Depois no altar consagrado  
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso  
Bem claro se vê então,  
Quando o torpe ismaelita  
Faz-se devoto christão:  
Só elle hum bom diamante  
Póde fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,  
E a fraqueza em valor,  
E o calor em frescura,  
E a frescura em calor,  
E tudo assi por davante,  
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas!  
E aos homens de bom talante  
Na terra paz e ventura;  
Paz e ventura constante,  
Senão na vida que passa,  
Na vida que sempre dura.

## SOLÃO

## DO SENHOR REY DOM JOÃO.

Ora pois direi hum feito  
Do senhor rey Dom João,  
Segundo que foy do nome,  
Primeiro na devação,  
Primeiro mais que o primeiro,  
Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,  
Nem sempre velar conven;  
He mister algum descanso,  
Alguma folga tambem,  
Entre o labor ja passado  
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos  
Algum remedio he mister:  
E se a nenhum conhecemos,  
Que mais nos ha de valer  
Que recordar o passado  
E contos delle fazer?

He assi que no mar alto  
O cançado mareante  
Luta em vão contra a tormenta  
E contra e vento inconstante;  
Negras vagas se encapellão,  
Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto  
Languidos olhos estende,  
Vê mar que ferve revolto  
E chuva que do céu pende:  
Como deixou seu alvergue,  
O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis  
Os p'rigos que elle affrontou;  
Figura risonhos quadros  
Dos gosos que ja gozou,  
Do que na terra o convida,  
Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado  
E mais do que vai passando,  
Medonho e máo paralelo  
Vai o mesquinho traçando;  
Dor de espinhos penetrantes  
O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados  
E já passada ventura,  
Quando o viver he tormento,  
Tormento que sempre dura,  
He certo desdita grande  
E muito grande amargura.

Mas vede o que val a vida!  
He aquella aventurada,  
Se disemos verdadeiros:  
Houve hum dia, huma hora, hum nada,  
Não do pezar combatida,  
Mas do prazer bafejada.

Simelha quem pola calma  
O dia inteiro vagou,  
Depois no marco da estrada  
Cançado e triste quedou;  
Ally thesouro sem dono,  
Ventura sua, encontrou.

Era na sancta semana,  
Semana de devação!  
Com jejuns e penitencias  
Apresta-se o bom christão  
Pera os mysterios mais altos  
Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão  
N'aquelle passo sagrado  
D'aquelle homem divino,  
D'aquelle Deos humanado,  
Que por amor de seos filhos,  
Ingratos, foy maltratado!

Não foy por odio ou vingança,  
Mas por dinheiro trahido!  
Por hum homem refalsado.  
Por hum discip'lo querido;  
Trahido por meio infame! . . .  
Hum falso beijo vendido!

Foy mister por mór tormento,  
Que morresse polos seos!  
Entregue por hum eleito  
Nas garras dos Fariseos,  
Homem morreo polos homens,  
Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada  
C'roa d'espinhos tecida,  
Correrão dados infames  
Em taboa vil, denegrída;  
Em hastea foy rematada  
Tunica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa  
Quem mais do qu'elle soffreo?  
Quem mais comprido martyro,  
Quem mais affronta e labéo?  
Tal foy que o homem divino  
O rosto ao calix torceo.

Tal foy que o Deos humanado  
Disse ao Dcos, que era seu pay:  
«Senhor Deos, s'inda he possivel,  
Do vosso intento tornai;  
Este calix de amargura  
Dos labios meos affastai!»

Carpindo males alheios,  
Quantos não vemos per hy,  
Que nem siquer se recordão  
De quanto soffreo por si,  
Hum Deos na cruz affixado,  
Mil dores soffrendo ally!

Ante esta victima augusta  
Da mais feroz crueldade,  
Cala quanto o homem soffre,  
Quanto soffre a humanidade:  
Tormento não foy como elle,  
Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns increos  
E refalsados atheos,  
Guardão n'as extasis todas  
E mais os transportes seos,  
Pera Socrates que morre,  
Que não pola dor de hum Deos!

E não vê a cega gente,  
Imiga de toda luz,  
Que longe que vai do Grego  
Ao Nazareno Jezus,  
E da masmorra ao calvario,  
E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte  
Não attenderão tambem:  
Se emparelhamos ideas  
A's coizas que corpo tem;  
Entre elles vai mór distancia,  
Que vai da Grecia á Belcm.

Morre o Grego, e não dá frutos;  
Morre Jezus por nos dar  
A ley do céo pera a terra;  
Ley que só pôde lavrar  
O sangue do bom cordeiro  
Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,  
E huns homens apenas são;  
Em quanto os algozes deste,  
Em que povo de eleição,  
Sumirão-se, como argueiro  
Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,  
Semana de devação:  
Comsigo mesmo propunha  
O senhor rey Dom João;  
«Confessarei minhas culpas,  
Que alem de rey, sou christão.

«Ao Senhor, pay de nós todos,  
Meos erros confessarei;  
Que me dê força indomavel  
Pera guardar minha ley,  
Pera punir os culpados;  
Que alem de christão, sou rey.»

Azinha chamando hum pagem  
Lhe diz, e lhe ordena assi:  
«Hide aos Padres Dominicos  
(Melhor lhes quero que a mi)  
Dir-lhes-heis que sou lá prestes,  
Que vou commungar ally.»

Veio logo o mensageiro  
 Com a mensagem real;  
 Reccado qu'el-rey lhe dera,  
 Dá elle ao Provincial.  
 «Hé certo mercê mui grande,  
 Responde, — tenho-a por tal.»

Ao padre Thomaz da Costa  
 Chama n'huma Ave-Maria:  
 Sabia o bom do Prelado  
 O muito qu'el-rey lhe qu'ria:  
 De tam lisongeiro acerto  
 Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado  
 Dizia com bem justeza:  
 «Prazer aos Reis cá da terra  
 Não he nenhuma vileza;  
 Praz a Deos que lhes prazamos,  
 Pois vem delle a realeza.»

Apresta-se com trigança  
 Tudo quanto era mister:  
 Sabia o Padre Thomaz  
 Encargos do seo dever;  
 «Vergar colossos, dizia,  
 Quem tem posses de o poder?»

Sob as mãos do jardineiro  
Torto arbusto lá se ageita:  
Mas onde existe essa força  
Que hum rudo tronco sugeita,  
Se a força he balda no tronco,  
Se o tronco a força regeita?

«Em bem do pastor sagrado,  
Que por mercê divinal  
Vive no ermo escondido,  
Como hum singelo zagal;  
Cúra pastor de pastores,  
Não de pessoa real.

«He facil o seo encargo,  
Pejo, nem dor lhe não traz:  
Não he assi nos palacios,  
Onde só vejo disfraz:  
Vêm logo as rasões de estado,  
Inventos de Satanaz.

«Vêm logo as leys cá da terra  
Contrapor-se ás leys dos céos:  
Sêde christãos, reys senhores,  
Ou então de todo incréos!  
Leys dos homens não se cazão,  
Não seguem ás leys de Dcos.

Não ligueis n'hum só consorcio  
Terra feia e céu luzente:  
Leys da terra a terra buscão,  
Como a raiz da semente;  
Leys do céu os céos procurão,  
Como flor que o sol presente.»

Era aly na pedra raza  
O senhor rey Dom João;  
Ante o velho sacerdote  
Fazia a sua oração,  
As mãos em cruz sobre o peito,  
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,  
Todalas tinha despido;  
Não tinha sedas, nem joias,  
Mas peito d' aço batido:  
Era qual homem vivente  
Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso  
Perante hum homem de pé;  
Perante hum Padre coitado,  
Que nada tem, nada he:  
Licção profunda e subida,  
Preceitos da nossa fé!

Portas á dentro do templo,  
Onde Deos eterno habita,  
Onde aquelle amor sem zelos  
Somente os peitos agita,  
Nas differenças do mundo  
Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma  
Polas festas saturnais,  
Folgavão, senhor e servo,  
Como se forão iguais;  
Mas o que lá foy licença,  
Aqui são leys divinais:

Aqui são todos curvados,  
Todos — o servo, o senhor;  
Aquelles que a vida fruem,  
E aquelles que só tem dor;  
Pobres, que almeirão a morte,  
Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,  
Que ally reunidos estão:  
Mas sim, por que a Deos importa  
Que não haja distincção  
Entre irmãos, no patrio abrigo,  
Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece  
Da multidão apinhada,  
Qual lisongeiro perfume  
Das flores d'huma grinalda;  
Tem huma odor, outra espinhos  
Outras tem côm, outras nada.

Era aly na pedra raza  
O senhor rey Dom João;  
Já disse as culpas que tinha,  
Ja fez a sua oração:  
O Padre vai ministrar-lhe  
A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio  
Expressão nobre e subida;  
Maneiras cheias de brio  
Em postura commedida,  
Parece que vão mostrando  
Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra, quanto  
Por vil e baixo se tem,  
Merecendo honra tamanha,  
Que a não merece ninguem;  
Dahy lhe vem ser humilde,  
Nobreza dahy lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,  
Vai ser dado o sacramento;  
Principia el-rey — *confiteor*, —  
Quando n'aquelle momento  
Surge ao pé delle um guerreiro  
De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,  
Só aço e ferro vestia,  
Polas grades da vizeira  
Raios de luz despedia:  
Medonho e fero apparato  
Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,  
Homem de muito valor,  
Mas olhos lançou á espada  
A furto! . . . seja o que for,  
Não creio que homens d'aquelles  
Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte  
Assi começa o guerreiro:  
«Em nome do Senhor Deos,  
Meo Padre, aqui vos requieiro;  
O senhor rey não commungue,  
Pois que não he justiceiro.»

A hostia das mãos do Padre  
Cahio do calix no fundo;  
El rey carrega os sobr'olhos . . .  
Certo não era jocundo  
Affrontar de rosto a rosto  
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria  
De hum cazo máo, miserando:  
De noite se ergueo a forca;  
Mas quando o sol foy raiando,  
Não vio ninguem mais a forca,  
Nem mais ao duque Fernando!

Comtudo o bravo guerreiro  
Sanhas do rey não quiz ver;  
Não ha que lhe ponha embargos,  
Nem que lhe possa empecer:  
«Senhor, sou Padre Tavares!»  
Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome  
Quebrára a furia real)  
«Em bem, meo bravo guerreiro!  
Mas esse trem, de que val?  
Somos em terras d'Hespanha,  
Ou somos em Portugal?»

— «Senhor, não uzo brocados:  
Vedes-me assi, e he rasão,  
Que havedes os meos haveres  
Sem me deixardes, senão  
Armas comidas no peito,  
Armas gastadas na mão.

— «Fui ter ao vosso palacio,  
Ninguem me não conheceo;  
Quantos ally são comvosco,  
Eu vos direi, senhor meo:  
Nunca os eu vi nos combates,  
Nunca na guerra os vi eu!

— «Voltei d'ally, protestando  
Jamais não voltar ally;  
Conheceis as minhas armas,  
Se não conheceis a mi;  
Vesti-me á modo de guerra,  
Vim ter comvosco, — eis-me aqui!

— «As minhas alcaydarias  
De Port'algre e Assumar,  
Senhor rey, vós m'as tirastes,  
O que se chama tirar;  
Ficavão perto da raya,  
Máo azo de guerrear.

— «Das minhas alcaydarias  
Eu tinha as rendas reais;  
As guerras ja são passadas,  
Porque ora m'as não tornais?  
Mal cabe em reys a cubiça;  
Senhor, se m'as cubiçais.

— «Nem porque o velho guerreiro  
Já nada vos presta e val,  
Vos deveis portar com elle,  
Qual dono pouco leal,  
Que o seo corcel de batalla  
Despreza no almargeal.

— «Assi que, Senhor, vos digo  
Que vos não peço mercê;  
Aquillo que me he devido,  
Só peço que se me dê! —»  
Prouve ao rey aquelles ditos  
E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo  
Ao seo leal lidador:  
«Nós vos faremos justiça,  
Assi como justo for;  
Tendes a nossa palavra,  
Seja-vos ella penhor!»

Alegre o Padre Thomaz  
O seo mister rematou;  
Hostia tomada do calix  
Aos labios do rey chegou,  
El-rey d'hum copo doirado  
Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora  
Qual nunca mais o verei,  
Nem tam inteiros sujeitos,  
Hum ao outro dando a ley:  
No Paço o rey ao vassallo,  
Na Igreja o vassallo ao rey!

## SOLÁO

DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Não ha mais d'aquelle tempo,  
Em que era tudo lhaneza!  
Acções e vida e costumes  
Desta gente portugueza,  
Por tal geito se trocárão,  
Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,  
Pois ha em tudo exeições;  
Mas trato da grande lépra  
Que vejo hy nos corações:  
Desprêso do amor da gloria  
E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como  
Garboso Donzel se havia,  
Pôr captar nobres extremos  
Da moça que requeria,  
Sempre grave, honesto e brando,  
Sempre uzando cortezia?

Não trescalava pivetes,  
Fitas, nem laços comprava,  
Nem toda a manhã divina  
Seos enfeites concertava,  
Nem nos chapins se revia,  
Nem nos cabellos primava.

Não corria seca e meca  
Traz de mimosa donzella,  
Que nas ruas lobrigava;  
E por ver mais perto a bella  
Não hia ao templo sagrado,  
Somente por amor della.

Nem as noites janeirinhas  
Mais compridas e mais frias,  
Levava mofo amoante,  
Por baixo das gelozias,  
Desenfiando hum rosairo  
De trovas e ninharias.

Jamais não foy esse o estilo  
Do moço em armas novel,  
Em que experto dedilhasse  
Na lyra do menestrel,  
No tempo em que, não domada,  
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse.  
Por mais que fosse gentil,  
Ninguem n'ò vira a deshoras,  
Como homem de tenção vil,  
Como hum ladrão que de medo  
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,  
Nem ao sileneio merecê,  
Nem do sol se arreceiava,  
Como homem que poueo vê,  
Nem da lua appellidada  
A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,  
Coberto de espectadores,  
Onde mais povo corria,  
Mais bellas e justadores,  
Na arena se apresentava  
Com letra e tenções d'amores.

No meio d'aquella ehusma  
D'arautos e passavantes,  
Mantenedores do campo  
Reys d'armas e circunstantes,  
Feixes d'armas resplendentes,  
Ondas de plumas brilhantes:

Entrava o novel guerreiro  
No cerco dos justadores!  
De alguma dona sizuda  
Na charpa trazia as cores;  
Tinhão amores ás claras,  
Por que erão nobres amores.

Silencio! que sôa a trompa,  
A justa vai começar!  
Entre si ferem mil lutas  
Guerreiros a par e par:  
Da lança feita pedaços  
Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;  
Que feios golpes se dão!  
Abolão-se capacetes,  
Talhão-se arnezes; e a mão  
Certeira ao travez da malha,  
Vai direita ao coração.

La sôa de novo a trompa,  
Proclama-se o vencedor,  
Que aos pés da bella entre as bellas  
O seo trophéo vem depor:  
Ao mais valente a mais bella,  
Ao mais gentil mais amor.

Era a ley, — e até parece  
De acordo co'a natureza,  
Que se compraz no consorcio  
Da força co'a gentileza;  
Mais alma com mais coragem,  
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seos favos  
Em troncos alevantados;  
E eis a hera graciosa,  
Que em abraços apertados  
Não cinge mesquinho junco,  
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio  
Que lhe descubro hum senão;  
Quem nos diz que o mais valente  
Deva de ter mais razão,  
Porque seja a sua dona  
Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se.  
E coiza de mui folgar,  
Ver um dragão de mulher,  
Chamada a bella sem par,  
A' pura força de espada,  
Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella: e al não digais,  
Sob pena d'hum fendente,  
Que vem do ceo, como hum raio,  
Provar ao villão que mente,  
Co'os dentes que tem na bocca,  
Como hum perro maldizente!

Fosse o easo eomo fosse,  
He certo que d'ahy vem  
A's nossas donas de agora,  
Aquelle sestro que têm  
De amarem a militança  
Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bella,  
Ao menos de o parecer?  
Em quanto muitas . . . Deos meo,  
Eu me sei compadeeer,  
Soffro o mal que os outros passão,  
Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,  
Que aqui na terra não são,  
Senão porque as vós mandastes,  
Meo Deos, por occasião  
De tedio e nojo ao peeeado,  
E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão,  
 Diráõ no confessional,  
 Jurando por Deos eterno  
 E pola vida eternal,  
 Que se fallão delle e della,  
 He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria  
 O pasmo dessa donzella,  
 Proclamada ao meio dia  
 Ferosa como huma estrella,  
 Sem que houvesse ahy no mundo  
 Coiza melhor, nem mais bella!

Logo no fraco bestunto  
 Julgára, sem mais razão,  
 Que n'este mundo mesquinho  
 He tudo engano e buzão,  
 E té que a propria belleza  
 He coiza de convenção!

Era assi que n'outras eras  
 Garboso donzel se havia  
 Por captar nobres extremos  
 Da moça que requeria,  
 Á ponta de fina espada  
 E arrojós de valentia.

No tempo de Alphonso Henriques,  
Que foy nosso rey primeiro,  
Havia na sua côrte,  
Côrte de rey mui fragueiro,  
Hum tal Gonçalo Hermiguez,  
Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,  
De mui boa nomeada:  
Fiava el-rey muito delle,  
E a raynha Mafalda  
Folgava de ouvir-lhe os cantos  
Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço  
Não tinha nemhum rival  
Em compor trovas mimosas;  
E no campo e no arrayal  
Não n'o havia mais valente,  
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,  
Votára a gente infiel,  
Porque o pay lhe havião morto,  
Era elle ainda novel;  
Vel-os porém não podia,  
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes  
E entrar logo em sanha tal,  
Que era força ter mão d'elle,  
Ou saltava-lhe ao gorjal  
Pera torcer-lhe o gasnate,  
Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhão tento n'elle,  
Era outro conto ruim!  
Cahia logo em desmaios,  
Que era hum desmaio sem fim!  
Dó era ver tal sujeito  
Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado  
Em perpetua correria  
Polas terras do mourisco,  
E muito mal lhes fazia;  
Dava porém mór realce  
Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros  
Em hum saráo folgazão,  
Lembrou-se que perto vinha  
A noite de Sam João,  
Azado ensejo de aos Mouros  
Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento,  
Aquella nobre nobreza  
Por amor de seos amores  
Commette tam grande empreza,  
Qual a de hir terras de Mouros  
Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seo ginete,  
Qual a fita dependura  
No collo nunca domado;  
Qual a pesada armadura  
Inverga, e ahy se recolhe,  
Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha  
Toma da sua tenção,  
Qual aos pés da sua dona  
Requer-lhe extremo condão,  
Extremo volver dos olhos,  
Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome  
Por grito de accommetter,  
Que nas lidas e pelejas  
Saberá fazer valer!  
Qual sente o nojo futuro,  
Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto  
Mostre o que n'alma lhe mora:  
Quem vio a morte passar-lhe  
De perto, já não descora  
Por hum presagio funcsto,  
Sendo ella coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros  
Azinha promptos estão;  
Lá se partem de Coimbra,  
Montes alem já la vão!  
Ninguem vio mais escolhido,  
Nem mais lusido esquadrão.

Entre elles por mais robusto  
Gonçalo Hermiguez campeia;  
Diz seo porte sublimado,  
Que de nada se arreceia,  
Mas antes que a todos repta,  
De tanto que o collo alteia!

Caminho vão de Lisboa  
Com todo apercebimento!  
Não convem que se aprecatem  
D'aquelle accommettimento  
Mouros que vivem na regra  
Do seo alkorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?  
He viver dentro do harem,  
Dizendo mal do toicinho  
E mais do vinho tambem,  
Sem que lhe pêze este mundo,  
Sem que lhe pêze ninguem!

He vegetar entre flores,  
He viver vida folgada,  
Aspirando incenso e odores  
Em molleza effeminada,  
Nem que fosse huma odalisca,  
Ou mulher alambicada.

Pozerão todos a mira  
Em Alcacere do Sal,  
Covil de feras humanas,  
Não de cordeiros curral;  
Nó gordio do vil mourisco,  
O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandão  
Vão em procura d'Almada,  
Alcáçova dura e forte,  
Em rija pedra assentada,  
Como pedra preciosa  
Em ferrea c'roa engastada

Outros lá vão Tejo arriba!  
O' Tejo, quanto me he grata  
Essa placida corrente,  
Quando a lua se retrata,  
Chovendo chuva de raios,  
No teu chão de lisa prata!

Que doce que he teo remanso,  
Quando manso o vento gyra,  
Que nas folhas rumoreja,  
E como que ally suspira  
Melindres d'amor suave,  
Que nem tangidos na lyra!

Que arroubos que infiltras n'alma,  
Quando vai ao som das agoas  
Navegando o passageiro;  
Já, se as tem, não sente as fragoas,  
Que no peito a dôr derrama,  
Como huma enchente de magoas!

Mas talvez dos cavos olhos  
Polas faces a correr  
Sinta o pranto represado  
Pelo seo muito soffrer:  
Corra embora, qu'esse pranto  
Dor não he, senão prazer!

Que neste val' de amarguras,  
Onde viemos penar,  
Por cada dia hum marteyro  
Por cada instante hum pezar,  
He bem feliz quem só passa  
Dores que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,  
Nem o que seja prazer;  
Nunca os senti n'esta vida,  
Nem n'os posso conhecer;  
Que não sou dos bemfadados,  
E nunca o não hei de ser!

Mas o pranto extravasado  
Não he quem nos dá morrer,  
Nem quem o viço dos annos  
Faz seccar e emmurcheçar;  
He antes aquelle pranto  
Que não sabemos verter

Lá vão hindo Tejo acima,  
Olhos longos polo mar,  
Lá onde enchergão Lisboa  
Com fogueiras de espantar;  
Fogo accendido na terra  
Sóbe em centelhas ao ar!

D'aquelles fogos accesos  
Em roda os velhos estão,  
E as donzellas feiticeiras  
Com sorriso folgazão,  
Cantando coytas de amores,  
Quites de coytas então.

He a noite milagrosa  
Do Bautista milagroso,  
Té dos mouros da mourama  
Havido por glorioso:  
Folgão nobres e senhores,  
Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada  
Não tardão, não têm vagar:  
A noite assi do Bautista  
Vai serena a escorregar,  
Como areia da ampulheta,  
Hum grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume  
Respirado d'uma frol,  
Que não vemos, mas sentimos;  
Que sentimos no arrebol  
Da manhã, que pola terra  
Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio  
De serena madrugada,  
Rorejado gota a gota  
De branca nuvem prenhada  
Sobre o calice musgoso  
De huma flor avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,  
Em quem de amores não cura,  
Doce peçonha de amores:  
Donzella de vida pura,  
Quando ha temores de havel-o,  
He qu'elle ja não tem cura.

Do Alcacer as lindas filhas,  
Já era nascida a aurora,  
Pera ver uma corrida  
Sahirão portas a fóra,  
E mais pera colher flores,  
Persuadidas da hora.

Logo sahidas no prado  
Forão, qual sohem de ser  
Mansas agoas d'hum regato  
Em chão sem leito a correr,  
Cada qual por seo caminho,  
Cada qual a seo prazer!

Desly pulando e cantando  
Vão nas matas de alecrim,  
Colhem a rosa corada  
E a branca flor do jasmim;  
Brincão brinquedos contentes,  
Folgão folguedos sem fim!

Oh! que festas! que alegrias!  
Que arruido vai no prado!  
Que bem cantado rimance,  
Que soláo tãobem cantado!  
Não têm as aves atito,  
Nem georgeio mais brincado!

Oh! que vozes melindrosas,  
Que accentos encantadores  
N'aquelle prazer d'huma hora!  
As moças vão colher flores,  
E os moços que vão com ellas  
Vão lá por colher amores.

Eis nisto . . . estranho arruido!  
Rouca trompa abala o ar;  
Logo assomão cavalleiros  
Com figuras de espantar:  
Allah nos valha, mofinas!  
Dizem moiras a chorar.

Allah! repetem n'os Mouros,  
Vendo o pendão portuguez;  
E do alfange recurvado  
Levão mão sem pavidez!  
Feios golpes se preparão,  
Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,  
Talhão-se cotas e arnezes;  
O fino alfange mourisco  
Abre o elmo aos portuguezes;  
E a espada que bem degola,  
Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade!  
Lá vem mouros descançados  
Em descançados ginetes:  
Cavalleiros esforçados,  
Que por Christo Deos pelejão,  
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,  
Avante! brada, e não al:  
Brilha o valente nas lides,  
Que ally não acha rival,  
Aquelle cabo entre todos  
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente  
O seo pesado montante,  
Que Alcides com sua clava,  
E nem o Titan gigante,  
Serra a serra sobrepondo  
Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os mouros,  
Abre entre elles larga estrada;  
Quem fica em prisão de guerra,  
Quem lá foge em debandada!  
Ficão moiras prisioneiras,  
Mulheres — gente coitada!

Gonçalo Hermiguez em tanto  
Vio que longe lhe fugia  
Linda moira desmaiada,  
Que hum moço mouro cingia,  
Dando d'esporas ao bruto,  
Que mais que o vento corria!

Vai sobre elles sem tardança:  
Com quanto de arremeção  
Matal-o tambem podera;  
Certo o fizera, senão  
Temesse que a moira bella  
Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,  
D'hum golpe que despedio,  
Cerce o cortou pelo meio:  
Golpe assi nunca se vio!  
E a moira tomando em bracos,  
Azinha daly fugio.

Passou terrível com ella  
Por meio da gente fera;  
Quem n'ò vira tam sanhudo,  
Leão raivoso dissera,  
Passando a travez dos homens  
Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,  
Nova peleja maior!  
Muitos homens contra hum homem,  
Contra hum forte lutador;  
Mas hum só que a todos vence  
Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra  
Vibrar a sangrenta espada,  
Co'ò pejo d'aquella moira  
Disputada e desmaiada,  
Cujo corpo em dois pendia,  
Como huma frexa quebrada.

Mas inda assi despedia  
Hum golpe e outro cruel:  
E de encontro á este, á aquelle  
Mandava o seo bom corcel,  
Que a turba multa alastrava  
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,  
Acerta em aventurar  
Quem a empreza disputada  
Tem dezejos de acabar:  
Só elle demóra em terra,  
Que os seos ja são sobre o mar!

Torce as redeas ao ginete,  
Larga carreira arrepia,  
Larga estrada co' o montante  
Por entre les mouros se abria,  
Despedia muitos golpes,  
Muitos estragos fazia.

Chega a praia, os seos avista  
Mas os mouros perto vêm!  
Como isto vio, torce o rosto,  
Medonho como ninguem;  
Temem-se mouros de o verem;  
Párão, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros  
Traz d'hum urso mal sangrado,  
Que de repente a carreira  
Revira, e vólta agastado:  
Parão monteiros ao vel-o  
Raivoso e mal assombrado.

E a fera d'aquelle pasmo,  
Sabendo, em seo bem, valer-se,  
Vai a passos descaçados  
Em densa mata esconder-se,  
Sem temor da montaria,  
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte 'Traga-mouros  
Salta dentro do baixel;  
Na praia ficão pasmados  
Mouros, do feito novel,  
Tammanho, que nem sonhado  
Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos  
Desfraldão velas e panos,  
Deixando as praias tingidas  
Em sangue por muitos annos;  
Quantos bastem, porque chorem  
Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros  
Disse o guerreiro feliz:  
«Das prezas, que nos fizemos,  
Quero tam só a que eu fiz,  
A moira que por seo nome  
Fatima em Turco se diz!»

Então aquelle seo canto  
Principiou a compor:  
Cant'eu, por vergonha minha,  
Em bem que o saiba de cór,  
Digo que sal lhe não acho,  
Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo  
Aos tempos accommodado,  
Que de outro cantar não acho  
Que fosse mais decantado,  
Nem Figuciral Figueredo,  
Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautisada  
Pertenceo ao lidador,  
Duas vezes conquistada  
Polo donzel, seo senhor,  
Primeiro á força de cspada.  
Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo  
Coiza sabida e seguida,  
Remanso depois da gloria,  
Descanço depois da lida,  
E a fé que espera e milita  
Nos actos todos da vida!

Vede vós quammanho he o lucro,  
Que lucra a moira pagã,  
Desposando o cavalleiro,  
Tornada e feita christã;  
He vida e sangue de hum homem,  
Não de infieis barregã!

He como tropheo ganhado  
Em guerras de religião  
Por algum peito devoto,  
Que por sua devação  
Prometteo dependural-o  
Dentro de templo christão.

O canto aqui finaliso!  
Não devo d'hir por diante,  
Narrando casos da vida  
Per natureza inconstante,  
Trabalhos que sempre durão,  
Prazer que dura hum instante!

Foy o cabo dos amores  
A moça moira acabar  
E sobre hum covão aberto  
Hum homem posto a chorar,  
Hum homem de dó cobertó,  
A carpir-se, a prantear!

**ULTIMOS CANTOS.**



A O

MEU CARO E SAUDOSO AMIGO

O DR. ALEXANDRE THEOPHILO  
DE CARVALHO LEAL

OFFERENDO-LHE ESTE VOLUME DE POESIAS,  
quando pela primeira vez forão impressas.\*)

---

Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas forão estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a major parte, com as dores de um espirito inferno, — ficticias, mas nem por isso menos

---

\*) Em 1851, na typographia do Sr. Paula Brito.

agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que o espirito, affeito a certa dose de soffrimento, se sobressaltasse de sentir menos pezada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado — percorri este primeiro estadio da minha vida litteraria. Desejar e soffrer — eis toda a minha vida neste periodo; e estes desejos immensos, indisiveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terriveis como a tempestade; e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacaveis, renascentes, — ligados a minha existencia, reconcentrados em minha alma, devorados commigo, umas vezes me deixarão sem força e sem coragem, e se reproduzirão em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçarão a procurar um alivio, uma distracção no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

Se as minhas pobres composições não forão inteiramente inuteis ao meu paiz; se algumas vezes tive o maior prazer que me foi dado sentir — a mais lisongeira recompensa a que poderia aspirar, —

de as saber estimadas pelos homens da arte, daquelles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimão, e repetidas por aquella classe do povo, que só de cór as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a comprehendem, porque a sentem, porque a adivinhão — paguei bem caro esta momentanea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martyrio ignorado.

Melhor que ninguem o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciencia, e não te será difficil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus ultimos cantos são teus: o que sou, o que for, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — a aragem bemfazeja da tua amisade sollicita e desvelada, — a tua voz que me animava e consolava, — a tua intelligencia que me vivificava — ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma dellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dous corações, que mutuamente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem o auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a

esta empresa; e agora que em parte a tenho concluído, é um dever de gratidão, um dever para que sou attrahido por todas as potencias da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente do meu coração.

Ser-me-hia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realisar a expectação da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcella da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da gloria; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fôsse das minhas producções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memoria tua e minha. Assim passa a onda sobre um navio que soçobra, e atira á praias desconhecidas os destroços de um mástro embrulhado nas vestes dos navegantes.

Entreí na luta, e por mais algum tempo continuarei nella, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o enthusiasmo, o oleo e o pabulo da lampada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito; eu o conheço e o sinto; se pois ainda persisto nesta carreira, é

por teu respeito: continuarei — até que, satisfeito dos meus esforços, me digas: basta! — Então, já t'ó hei dito, voltarei gostoso á obscuridade, donde não devera ter sahido, e — como um soldado desconhecido — contarei os meus triumphos pelas minhas feridas, voltando a habitação singela, onde me correrão, não felizes, mas os primeiros dias da minha infancia.

Minha alma não está commigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, involta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a susurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre virão, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páu d'arco coberto de flores amarellas. Alli sim, — alli está — desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de todos os annos que desperdicei, poderei enchugar os meus vestidos, voltar aos gosos de uma vida ignorada, e do meu

lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1850.

A. GONÇALVES DIAS.

## POESIAS AMERICANAS.

---

### I.

#### O GIGANTE DE PEDRA.

O' guerriers ne laissez pas ma dépouille au corbeau!  
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,  
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,  
Quelle montagne est mon tombeau!

V. Hugo. *Le Géant.*

### I.

Gigante orgulhoso, de fero semblante,  
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!  
Em duro granito repousa o gigante,  
Que os raios sómente podêrão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado  
Devêra cuidadoso, sanhudo velar;  
O raio passando o deixou fulminado,  
E á aurora, que surge, não hade acordar!

Co'os braços no peito crusados nervosos,  
Mais alto que as nuvens, os céos a encarar,  
Seu corpo se estende por montes fragosos,  
Seus pés sobranceiros se elevão do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos  
Avultão immensos: só Deos poderá  
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,  
Curvados ao peso, que sobre lhe 'stá.

E o céu, e as estrellas e os astros fulgentes  
São velas, são tochas, são vivos brandões,  
E o branco sudario são nevoas algentes,  
E o crepe, que o cobre, são negros bulções.

Da noite, que surge, no manto fagueiro  
Quiz Deos que se erguesse, de junto a seos pés,  
A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,  
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão-no odores que as flores exhalão,  
Bafejão-no carmes de um hymno de amor  
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalão,  
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido  
Campeia o gigante, — nem póde acordar!  
Crusados os braços de ferro fundido,  
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

## II.

Banha o sol os horisontes,  
Tropa os castellos dos céos,  
Aclara serras e fontes,  
Vigia os dominios seus:  
Já descahe p'ra o occidente,  
E em globo de fogo ardente  
Vai-se no mar esconder;  
E lá campeia o gigante,  
Sem destorcer o semblante,  
Immovel, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,  
Vem o silencio, o frescor,  
E a brisa leve e macia,  
Que lhe suspira ao redor:  
E da noite entre os negroses,  
Das estrellas os fulgores  
Brilhão na face do mar:  
Brilha a lua scintillante,  
E sempre mudo o gigante.  
Immovel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,  
E outra noite tambem,  
Outra lua que aos céos monta,  
Outro sol que após lhe vem:  
Após um dia outro dia,  
Noite após noite sombria,

Após a luz o bulcão,  
E sempre o duro gigante,  
Immovel, mudo, constante  
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,  
Vem das aguas a estação,  
Após ella o quente estio;  
E na calma do verão  
Crescem folhas, vingão flores,  
Entre galas e verdores  
Sazonão-se fructos mil;  
Cobrem-se os prados de relva,  
Murmura o vento na selva,  
Azulão-se os céos de anil!

Tornão prados a despir-se,  
Tornão flores a murchar,  
Tornão de novo a vestir-se,  
Tornão depois a seccar;  
E como gota filtrada  
De uma abobada escavada  
Sempre, incessante a cair,  
Tombão as horas e os dias,  
Como phantasmas sombrias.  
Nos abysmos do por vir!

E no feretro de montes  
Inconcusso, immovel, fito,

Escurece os horisontes  
O gigante de granito:  
Com soberba indiferença  
Sente extincta a antiga crença  
Dos Tamoyos, dos Pagés;  
Nem vê que duras desgraças,  
Que lutas de novas raças  
Se lhe atropellão aos pés!

## III.

E lá na montanha deitado dormido  
Campeia o gigante! — nem póde acordar!  
Crusados os braços de ferro fundido,  
A fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!....

## IV.

Vio primeiro os incolas  
Robustos, das florestas,  
Batendo os arcos rigidos,  
Traçando homereas festas,  
A' luz dos fogos rutilos,  
Aos sons do murmuré!  
E em Guanabara esplendida  
As danças dos guerreiros,  
E o guáu cadente e vário  
Dos moços prasenteiros,  
E os cantos da victoria  
Tangidos no boré.

E das igáras concavas  
A frota aparelhada,  
Vistosa e formosissima  
Cortando a undosa estrada,  
Sabendo, mas que frageis,  
Os ventos contrastar:

E a caça leda e rapida  
Por serras, por devesas,  
E os cantos da janubia  
Junto ás lenhas accesas,  
Quanto o tapuya misero  
Seos feitos vai narrar!

E o germen da discordia  
Crescendo em duras brigas,  
Ceifando os brios rusticos  
Das tribus sempre amigas,  
— Tamoy a raça antiga,  
Feroz Tupinambá.

La vai a gente improvida,  
Nação vencida, imbelle,  
Buscando as matas invias,  
Donde outra tribu a expelle;  
Jaz o pagé sem gloria,  
Sem gloria a maracá.

Depois em náos flammivomas  
Um troço hardido e forte,  
Cobrindo os campos humidos

De fumo, e sangue, e morte,  
Traz dos reparos horridos  
D'altissimo pavez:

E do sangrento pelago  
Em miseras ruinas  
Surgir galhardas, limpidas  
As portuguezas quinas,  
Murchos os lises candidos  
Do improvido gaulez!

## V.

Mudarão-se os tempos e a face da terra,  
Cidades alastrão o antigo paúl;  
Mas inda o gigante, que dorme na serra,  
Se abraça ao immenso cruseiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados  
Talhados a golpes de ignoto buril,  
Descança, ó gigante, que encerras os fados,  
Que os terminos guardas do vasto Brasil.

Porém se algum dia fortuna inconstante  
Poder-nos a crença e a patria acabar,  
Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,  
Inunda estes montes, desloca este mar!

## II.

## LEITO DE FOLHAS VERDES.

Porque tardas, Jaty, que tanto a custo  
Á voz do meu amor moves teus passos?  
Da noite a viração, movendo as folhas,  
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva  
Nosso leito gentil cobri zeloza  
Com mimoso tapiz de folhas brandas,  
Onde o frouxo luar brinca entre flôres.

Do tamarindo a flôr abriu-se, ha pouco,  
Já solta o bogarî mais doce aroma!  
Como prece de amor, como estas preces,  
No silencio da noite o bosque exhala.

Brilha a lua no céu, brilhão estrellas,  
Correm perfumes no correr da brisa,  
A cujo influxo magico respira-se  
Um quebranto de amor, melhor que a vida!

A flôr que desabrocha ao romper d'alva  
Um só gyro do sól, não mais, vegeta:  
Eu sou aquella flôr que espero ainda  
Doce raio do sól que me dê vida.

Sejão valles ou montes, lago ou terra,  
Onde quer que tu vas, ou dia ou noite,  
Vai seguindo após ti meu pensamento;  
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca virão,  
Não sentirão meus labios outros labios,  
Nem outras mãos, Jatyr, que não as tuas  
A arasoya na cinta me apertarão.

Do tamarindo a flôr jaz entre-aberta,  
Já solta o bogarî mais doce aroma;  
Tambem meu coração, como estas flôres,  
Melhor perfume ao pé da noite exhala!

Não me escutas, Jatyr! nem tardo acodes  
Á voz do meu amor, que em vão te chama!  
Tupan! lá rompe o sól! do leito inutil  
A brisa da manhã sacuda as folhas!

## III.

## Y - JUCA - PYRAMA.

## I.

No meio das tabas de amenos verdores,  
Cercadas de troncos — cobertos de flores,  
Alteião-se os tectos d'altiva nação;  
São muitos seus filhos, nos animos fortes,  
Temiveis na guerra, que em densas cohortes  
Assombrão das matas a immensa extensão

São rudos, severos, sedentos de gloria,  
Já prelios incitão, já cantão victoria,  
Ja meigos attendem á voz do cantor:  
São todos Tymbiras, guerreiros valentes!  
Seu nome la vòa na bocca das gentes,  
Condão de prodigios, de gloria e terror!

As tribus visinhas, sem forças, sem brio,  
As armas quebrando, lançando-as ao rio,  
O incenso aspirarão dos seus maracás:  
Medrosos das guerras que os fortes accendem,  
Custosos tributos ignavos lá rendem,  
Aos duros guerreiros sujeitos na paz

No centro da taba se estende um terreiro,  
Onde ora se aduna o concilio guerreiro  
Da tribu senhora, das tribus servis:  
Os velhos sentados praticão d'outr'ora,  
E os moços inquietos, que a festa enamora  
Derramão-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é? — ninguem sabe: seu nome é igi  
Sua tribu não diz: — de um povo remoto  
Descende por certo — d'um povo gentil;  
Assim lá na Grecia ao escravo insulano  
Tornavão distincto do vil musulmano  
As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahiu prisioneiro  
Nas mãos dos Tymbiras: — no extenso tel  
Assola-se o tecto, que o teve em prisão;  
Convidão-se as tribus dos seus arredores,  
Cuidosos se incumbem do vaso das cores,  
Dos varios aprestos da honrosa função.

Accerva-se a lenha da vasta fogueira,  
Entesa-se a corda da embira ligeira,  
Adorna-se a maça com pennas gentis:  
Á custo, entre as vagas do povo da aldeia  
Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,  
Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,  
 Affeitas ao rito da barbara usança,  
 O indio já querem captivo acabar:  
 A coma lhe cortão, os membros lhe tingem,  
 Brillhante enduápe no corpo lhe cingem,  
 Sombreira-lhe a fronte gentil kanitar.

## II.

Em fundos vasos d'alvacenta argilla  
 Ferve o cauim;  
 Enchem-se as copas, o prazer começa,  
 Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceião,  
 Sentado está,  
 O prisioneiro, que outro sol no occaso  
 Jámais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,  
 Mostra-lhe o fim  
 Da vida escura, que será mais breve  
 Do que o festim!

Com tudo os olhos d'ignobil pranto  
 Seccos estão;  
 Mudos os labios não descerrão queixas  
 Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não pôde,  
Em rugas faz  
A mentirosa placidez do rosto  
Na frente audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta  
No passo horrendo?  
Honra das tabas que nascer te virão,  
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes  
Revive o forte,  
Que soube ufano contrastar os medos  
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,  
La murcha e pende:  
Sómente ao tronco, que devassa os ares,  
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle calisse,  
Como viveu;  
E o caçador que o avistou prostrado  
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes  
Revive o forte,  
Que soube ufano contrastar os medos  
Da fria morte.

## III.

Em larga roda de noveis guerreiros  
 Ledo caminha o festival Tymbira,  
 A quem do sacrificio cabe as honras.  
 Na frente o kanitar sacode em ondas,  
 O enduape na cinta se embalança,  
 Na dextra mão sobpessa a iverapeme,  
 Orgulhoso e pujante — Ao menor passo  
 Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,  
 Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,  
 Como que por feitiço não sabido  
 Encantadas alli as almas grandes  
 Dos vencidos Tapuyas, inda chorem  
 Serem gloria e brasão d'inigos feros.

«Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;  
 «Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,  
 «As nossas matas devassaste ousado,  
 «Morrerás morte vil da mão de um forte.»

Vem a terreiro o misero contrario;  
 Do collo á cinta a musurana desce:  
 «Dize-nos quem és, teus feitos canta,  
 «Ou se mais te apraz, defende-te.» Começa  
 O indio, que ao redor derrama os olhos,  
 Com triste voz que os animos commove.

## IV.

Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi:  
Sou filho das selvas,  
Nas selvas cresci;  
Guerreiros, descendo  
Da tribu tupy.

Da tribu pujante,  
Que agora anda errante  
Por fado inconstante,  
Guerreiros, nasci:  
Sou bravo, sou forte,  
Sou filho do Norte;  
Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,  
De tribus imigas,  
E as duras fadigas  
Da guerra provei;  
Nas ondas mendaces  
Senti pelas faces  
Os silvos fugaces  
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,  
Lidei cruas guerras,  
Vaguei pelas serras

Dos vis Aymorés;  
Vi lutas de bravos,  
Vi fortes — escravos!  
De estranhos ignavos  
Calcados aos pés.

E os campos talados,  
E os arcos quebrados,  
E os piagas coitados  
Já sem maracás;  
E os meigos cantores,  
Servindo a senhores,  
Que vinhão traidores,  
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo  
Meu ultimo amigo,  
Sem lar, sem abrigo  
Cahio junto a mi!  
Com placido rosto,  
Seren e composto,  
O acerbo desgosto  
Commigo soffri.

Meu pae a meu lado  
Já cego e quebrado,  
De penas ralado,  
Firmava-se em mi:  
Nós ambos, mesquinhos,

Por invios caminhos,  
Cobertos d'espinhos  
Chegamos aqui!

O velho no em tanto  
Soffrendo já tanto  
De fome e quebranto,  
Só qu'ria morrer!  
Não mais me contenho,  
Nas matas me embrenho,  
Das frechas que tenho  
Me quero valer.

Então, forasteiro,  
Cahi prisioneiro  
De um troço guerreiro  
Com que me encontrei:  
O cru dessocego  
Do pae fraco e cego,  
Em quanto não chego,  
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia  
Na noite sombria,  
A só alegria  
Que Deos lhe deixou:  
Em mim se apoiava,  
Em mim se firmava,

Em mim descansava,  
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado  
De penas ralado,  
Já cego e quebrado,  
Que resta? — Morrer.  
Em quanto descreve  
O gyro tão breve  
Da vida que teve,  
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,  
Mas forte, mas bravo,  
Serei vosso escravo:  
Aqui virei ter.  
Guerreiros, não córo  
Do pranto que choro;  
Se a vida deploro,  
Tambem sei morrer.

## V.

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba;  
Os guerreiros murmurão: mal ouvirão,  
Nem poude nunca um chefe dar tal ordem!  
Brada segunda vez com voz mais alta,  
Afrouxão-se as prisões, a embira cede,  
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

— Tymbira, diz o indio enternecido.  
 Solto apenas dos nós que o seguravão:  
 És um guerreiro illustre, um grande chefe,  
 Tu que assim do meu mal te commoveste,  
 Nem soffres que, transposta a natureza,  
 Com olhos onde a luz já não scintilla,  
 Chore a morte do filho o pae cançado,  
 Que somente por seu na voz conhece.  
 — És livre; parte.

— E voltarei

— Debalde.

— Sim, voltarei, morto meu pai.

— Não voltes!

E bem feliz, se existe, em que não veja,  
 Que filho tem, qual chora: és livre; parte.  
 — Acaso tu suppões que me acobardo,  
 Que receio morrer!

És livre; parte!

— Ora não partirei; quero provar-te  
 Que um filho dos Tupis vive com honra,  
 E com honra maior, se acaso o vencem.  
 Da morte o passo glorioso affronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,  
 E tu choraste! . . parte; não queremos  
 Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: — arfando em ondas  
 O rebater do coração se ouvia

Precipite. — Do rosto afogueado  
 Gelidas bagas de suor corrião:  
 Talvez que o assaltava um pensamento . . .  
 Já não . . . que na enlutada fantasia,  
 Um pesar, um martyrio ao mesmo tempo,  
 Do velho pae a moribunda imagem  
 Quasi bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato!  
 Curvado o collo, taciturno e frio,  
 Espectro d'homem, penetrou no bosque!

## VI.

— Filho meu, onde estás?

— Ao vosso lado;

Aqui vos trago provisões: tomai-as,  
 As vossas forças restaurai perdidas,  
 E a caminho, e já!

— Tardaste muito!

Não era nado o sol, quando partiste,  
 E frouxo o seu calor já sinto agora!

— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,  
 Perdi-me nestas matas intrincadas,  
 Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;  
 Convem partir, e já!

— Que novos males

Nos resta de soffrer? — que novas dôres,  
 Que outro fado pior Tupan nos guarda?

— As setas da afflicção já se esgotarão,

Nem para novo golpe espaço intacto  
Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes!

— Talvez do afan da caça . . .

— Oh filho caro!

Um quê mysterioso aqui me falla,  
Aqui no coração; picdosa fraude  
Será por certo, que não mentes nunca!  
Não conheces temor, e agora temes?  
Vejo e sei: é Tupan que nos affige,  
E contra o seu querer não valem brios.  
Partamos! . . . —

E com mão tremula, incerta

Procura o filho, tateando as trevas  
Da sua noite lugubre e medonha.  
Sentindo o acre odor das frescas tintas,  
Uma idéa fatal correu-lhe á mente . . . .  
Do filho òs membros gelidos apalpa,  
E a dolorosa maciez das plumas  
Conhece estremeccndo: — foge, volta,  
Encontra sob as mãos o duro craneo,  
Despido então do natural ornato! . . . .  
Recúa afflicto e pavido, cobrindo  
Às mãos ambas os olhos fulminados,  
Como que teme ainda o triste velho  
De ver, não mais cruel, porém mais clara,  
D'aquelle exicio grande a imagem viva  
Ante os olhos do corpo afigurada.

Não era que a verdade conhecesse  
 Inteira e tão cruel qual tinha sido;  
 Mas que funesto azar correra o filho,  
 Elle o via; elle o tinha alli presente;  
 E era de repetir-se a cada instante.  
 A dôr passada, a previsão futura  
 E o presente tão negro, alli os tinha;  
 Alli no coração se concentrava,  
 Era n'um ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?

— Vós dissestes.

— Dos indios?

— Sim.

De que nação?

— Tymbiras.

— E a musurana funeral rompeste,  
 Dos falsos manitôs quebraste a maça . . . .

— Nada fiz . . . . aqui estou.

— Nada! —

Emmudecem;

Curto instante depois prosegue o velho:

— Tu és valente, bem o sei; confessa  
 Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!

— Nada fiz; mas souberão da existencia  
 De um pobre velho, que em mim só vivia . . . .

— E depois? . . .

— Eis me aqui.

— Fica esse taba?

— Na direcção do sol, quando transmonta.

— Longe?

— Não muito.

— Tens razão: partamos.

— E quereis ir? . .

— Na direcção do occaso.

## VII.

«Por amor de um triste velho,  
Que ao termo fatal já chega,  
Vós, guerreiros, concedestes  
A vida a um prisioneiro.  
Acção tão nobre vos honra,  
Nem tão alta cortesia  
Vi eu jámais praticada  
Entre os Tupis, — e mas forão  
Senhores em gentileza.

«Eu porém nunca vencido,  
Nem nos combates por armas,  
Nem por nobreza nos actos;  
Aqui venho, e o filho trago.  
Vós o dizeis prisioneiro,  
Seja assim como dizeis;  
Mandai vir a lenha, o fogo,  
A maça do sacrificio

E a musurana ligeira:  
Em tudo o rito se cumpra!  
E quando eu for só na terra,  
Certo acharei entre os vossos,  
Que tão gentis se revelão,  
Alguem que meus passos guie;  
Alguem, que vendo o meu peito  
Coberto de cicatrizes,  
Tomando a vez de meu filho,  
De haver-me por pae se ufane!»

Mas o chefe dos Tymbiras,  
Os sobrolhos encrespando,  
Ao velho Tupi guerreiro  
Responde com torvo accento:

— Nada farei do que dizes:  
É teu filho imbelle e fraco!  
Aviltaria o triumpho  
Da mais guerreira das tribus  
Derramar seu ignobil sangue:  
Elle chorou de cobarde;  
Nós outros, fortes Tymbiras,  
Só de heróes fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro  
A surda voz na garganta  
Faz ouvir uns sons confusos,  
Como os rugidos de um tigre,  
Que pouco a pouco se assanha!

## VII.

«Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
Possas tu, descendente maldicto  
De uma tribu de nobres guerreiros,  
Implorando crueis forasteiros,  
Seres presa de vis Aymorés.

«Possas tu, isolado na terra,  
Sem arrimo e sem patria vagando,  
Regeitado da morte na guerra,  
Regeitado dos homens na paz,  
Ser das gentes o espectro execrado;  
Não encontres amor nas mulheres,  
Teus amigos, se amigos tiveres,  
Tenhão alma inconstante e falaz!

«Não encontres doçura no dia,  
Nem as cores da aurora te ameiguem,  
E entre as larvas da noite sombria  
Nunca possas descanso gosar:  
Não encontres um tronco, uma pedra,  
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos.  
Padecendo os maiores tormentos,  
Onde possas a fronte pousar.

«Que a teus passos a relva se torre;  
Murchem prados, a flor desfalleça,  
E o regato que limpido corre,  
Mais te accenda o vesano furor;  
Suas agoas depressa se tornem,  
Ao contacto dos labios sedentos,  
Lago impuro de vermes nojentos,  
Donde fujas com asco e terror!

«Sempre o céu, como um tecto incendiado,  
Creste e punja teus membros maldictos  
E o oceano de pó denegrado  
Seja a terra ao ignavo tupi!  
Miseravel, faminto, sedento,  
Manitôs, lhe não fallem nos sonhos,  
E do horror os espectros medonhos  
Traga sempre o cobarde após si.

«Um amigo não tenhas piedoso  
Que o teu corpo na terra embalsame,  
Pondo em vaso d'argilla cuidadoso  
Arco e frecha e tacápe a teus pes!  
Sê maldicto, e sosinho na terra;  
Pois que a tanta vilesa chegaste,  
Que em presença da morte choraste,  
Tu, cobarde, meu filho não és.»

## IX.

Isto dizendo, o miserando velho  
A quem Tupan tammanha dor, tal fado  
Já nos confins da vida reservára,  
Vae com tremulo pé, com as mãos já frias  
Da sua noite escura as densas trevas  
Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára!  
O grito que escutou é voz do filho,  
Voz de guerra que ouviu ja tantas vezes  
N'outra quadra melhor. — Alarma! alarma!  
— Esse momento só vale apagar-lhe  
Os tão compridos trances, as angustias,  
Que o frio coração lhe atormentarão  
De guerreiro e de pae: — vale, e de sobra.  
Elle que em tanta dôr se contivera,  
Tomado pelo subito contraste,  
Desfaz-se agora em pranto copioso,  
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,  
Gritos, imprecações profundas soão,  
Emmaranhada a multidão braveja,  
Revolve-se, ennovela-se confusa,  
E mais revolta em mor furor se accende.  
E os sons dos golpes que incessantes fervem,  
Vozes, gemidos, estertor de morte  
Vão longe pelas ermas serranias  
Da humana tempestade propagando

Quantas vagas de povo enfurecido  
 Contra um rochedo vivo se quebravão.

Era elle, o Tupi; nem fôra justo .  
 Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,  
 Aturado labor de tantos annos,  
 Derradeiro brasão da raça extincta,  
 De um jacto e por um só se aniquilasse.

— Basta! clama o chefe dos Tymbiras,  
 — Basta, guerreiro illustre! assás lutaste,  
 — E para o sacrificio é mister forças. —

O guerreiro parou, cahio nos braços  
 Do velho pae, que o cinge contra o peito,  
 Com lagrimas de jubilo bradando:  
 «Este, sim, que é meu filho muito amado!  
 «E pois que o acho em fim, qual sempre o tive,  
 «Corrão livres as lagrimas que choro,  
 «Estas lagrimas, sim, que não deshonrão.»

## X.

Um velho Tymbira, coberto de gloria,  
 Guardou a memoria  
 Do moço guerreiro, do velho tupi!  
 E á noite, nas tabas, se alguem duvidava  
 Do que elle contava,  
 Dizia prudente: — «Meninos, eu vi!

«Eu vi o brioso no largo terreiro  
Cantar prisioneiro  
Seu canto de morte, que nunca esqueci:  
Valente, como era, chorou sem ter pejo;  
Parece que o vejo,  
Que o tenho nest'hora diante de mi'.

«Eu disse comigo: Que infamia d'escravo!  
Pois não, era um bravo;  
Valente e brioso, como elle, não vi!  
E á fé que vos digo: parece-me encanto  
Que quem chorou tanto,  
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!»

Assim o Tymbira, coberto de gloria,  
Guardava a memoria  
Do moço guerreiro, do velho Tupi.  
E á noite nas tabas, se alguém duvidava  
Do que elle contava,  
Tornava prudente: «Meninos, eu vi!»

## IV.

## MARABÁ.

Eu vivo sosinha; ninguem me procura!

Acaso feitura

Não sou de Tupá!

Se algum d'entre os homens de mim não se esconde,

— Tu és, me responde,

— Tu és Marabá!

— Meus olhos são garços, são côr das saphiras.

— Tem luz das estrellas, tem meigo brilhar;

— Imitão as nuvens de um céu anilado,

— As cores imitão das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

«Teus olhos são garços,

«Responde anojado; mas és Marabá:

«Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

«Uns olhos fulgentes,

«Bem pretos, retinctos, não côr d'anajá!»

- E' alvo meu rosto da alvura dos lyrios,  
 — Da eôr das areias batidas do mar;  
 — As aves mais brancas, as conchas mais puras  
 — Não tem mais alvura, não tem mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delirios:

«E's alva de lyrios

«Sorrindo responde; mas és marabá:

«Quero antes um rosto de jambo corado,

«Um rosto crestado

«Do sol do deserto, não flor de eajá.»

- Meu eollo de leve se encurva engraçado,  
 — Como hastea pendente do caetos em flor;  
 — Mimosa, indolente, resvalo no prado,  
 — Como um soluçado suspiro de amor! —

«Eu amo a estatura flexivel, ligeira,

«Qual d'uma palmeira,

«Então me respondem; tu és Marabá:

«Quero antes o eollo da ema orgulhosa,

«Que pisa vaidosa,

«Que as floreas campinas governa, onde está.»

- Meus loiros cabellos em ondas se annelão,  
 — O oiro mais puro não tem seu fulgor;  
 — As brisas nos bosques de os ver se enamorão.  
 — De os ver tão formosos como um beija-flor! —

Mas elles respondem: «Teus longos cabellos,  
«São loiros, são bellos,  
«Mas são annelados; tu és Marabá:  
«Quero antes cabellos, bem lisos, corridos,  
«Cabellos compridos,  
«Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá.»

---

E as doces palavras que eu tinha cá dentro  
A quem n'as direi?  
O ramo d'acacia na frente de um homem  
Jámais cingirei:

Jámais um guerreiro da minha arasoya  
Me desprenderá:  
Eu vivo sosinha, chorando mesquinha,  
Que sou Marabá!

## V.

## CANÇÃO DO TAMOYO.

(Natalicia.)

## I.

Não chores, meu filho;  
Não chores, que a vida  
É luta renhida:  
Viver é lutar.  
A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos,  
Só pode exaltar.

## II.

Um dia vivemos!  
O homem que é forte  
Não teme da morte;  
Só teme fugir;

No arco que enteza  
Tem certa uma presa,  
Quer seja tapuya,  
Condor ou tapyr.

## III.

O forte, o cobarde  
Seus feitos inveja  
De o ver na peleja  
Garboso e feroz;  
E os tímidos velhos  
Nos graves concelhos,  
Curvadas as fronte,  
Escutão-lhe a voz!

## IV.

Domina, se vive;  
Se morre, descança  
Dos seus na lembrança,  
Na voz do por vir.  
Não cures da vida!  
Sê bravo, sê forte!  
Não fujas da morte,  
Que a morte hade vir!

## V

E pois que és meu filho,  
Meus brios reveste;  
Tamoyo nasceste,

Velente serás.  
Sê duro guerreiro,  
Robusto, fragueiro,  
Brasão dos tamoyos  
Na guerra e na paz.

## VI.

Teu grito de guerra  
Retumbe aos ouvidos  
D'imigos transidos  
Por vil commoção;  
E tremão d'ouvil-o  
Peor que o sibilo  
Das setas ligeiras,  
Peor que o trovão.

## VII.

E a mãe nessas tabas,  
Querendo calados  
Os filhos creados  
Na lei do terror;  
Teu nome lhes diga,  
Que a gente inimiga  
Talvez não escute  
Sem pranto, sem dor!

## VIII.

Porêm se a fortuna,  
Trahindo teus passos,

Te arroja nos laços  
Do imigo fallaz!  
Na ultima hora  
Teus feitos memora,  
Tranquillo nos gestos,  
Impavido, audaz.

## IX.

E cae como o tronco  
Do raio tocado,  
Partido, rojado  
Por larga extenção;  
Assim morre o forte!  
No passo da morte  
Triunfa, conquista  
Mais alto brasão.

## X.

As armas ensaia,  
Penetra na vida:  
Pesada ou querida,  
Viver é lutar.  
Se o duro combate  
Os fracos abate,  
Aos fortes, aos bravos,  
Só pode exaltar.

## VI.

## A MANGUEIRA.

Já viste cousa mais bella  
Do que uma bella mangueira,  
E a doce fruta amarella,  
Sorrindo entre as folhas della,  
E a leve copa altaneira?  
Já viste cousa mais bella  
Do que uma bella mangueira?

Nos seus alegres verdes  
Se embalança o passarinho;  
Todo é graça, todo amores,  
Decantando seus ardores  
Á beira do casto ninho:  
Nos seus alegres verdes  
Se embalança o passarinho!

O cançado viandante  
Á sombra della acha abrigo;

Traz-lhe a aragem susurrante,  
Que lhe passa no semblante,  
Talvez o adeos d'um amigo;  
E o cançado viandante  
A' sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama  
Todas as dôres acalma;  
Seja dôr que o peito inflamma,  
Ou voraz, nociva chamma  
Que nos mora dentro d'alma,  
A sombra que ella derrama  
Todas as dôres acalma.

O mancebo namorado  
Para ella se encaminha;  
Bate-lhe o peito açodado,  
Quando chega o praso dado,  
Quando ao tronco se avisinha,  
E o mancebo namorado  
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa  
Mil suspiros se entrelação,  
E d'uma hora aventurosa  
Guarda a prova a casca annosa  
Nas cifras que alli se abração:  
Sob a copa venturosa  
Mil suspiros se entrelação.

Grata estação dos amores,  
Abrigo dos que o não tem,  
Deixa-me ouvir teos cantores,  
Admirar teos verdores;  
Presta-me abrigo tambem,  
Grata estação dos amores,  
Abrigo dos que não tem!

---

## VII.

## A MÃE D'AGUA.

«Minha mãe, olha aqui dentro,  
Olha a bella creatura,  
Que dentro d'agoa se vê!  
São d'ouro os longos cabellos,  
Gentil a doce figura,  
Airosa, leve a estatura;  
Olha, vê no fundo d'agua  
Que bella moça não é!

«Minha mãe, no fundo d'agua  
Vê essa mulher tão bella?  
O sorrir dos labios della,  
Inda mais doce que o teu,  
E' como a nuvem rosada,  
Que no romper da alvorada,  
Passa risonha no céu.

«Olha, mãe, olha depressa!  
Inclina a leve cabeça

E nas mãosinhas resume  
A fina trança mimosa,  
E com pente de marfim!...  
Olha agora que me avista  
A bella moça formosa,  
Como se fez toda rosa,  
Toda candura e jasmim!  
Dize, mãe, dize: tu julgas  
Que ella se ri para mim!

«São seus labios entre-abertos  
Semilhantes a romã;  
Tem ares d'uma princesa,  
E no entanto é tão medrosa!...  
Inda mais que minha irmã.  
Olha, mãe, sabes quem é  
A bella moça formosa,  
Que dentro d'agua se vê!»

— Tem-te, meu filho; não olhes  
Na funda, lisa corrente:  
A imagem que te embelleza  
É mais do que uma princesa,  
É menos do que é a genté.

— Oh! quantas mães desgraçadas  
Chorão seus filhos perdidos!  
Meu filho, sabes porquê?  
Foi porque derão ouvidos

Á leve sombra enganosa,  
Que dentro d'agua se vê.

— O seu sorriso é mentira,  
Não é mais que sombra vã;  
Não vale aquillo que eu valho,  
Nem o que val tua irmã:  
É como a nuvem sem corpo,  
De quando rompe a manhã.

— E a mãe d'agua taidora,  
Que illude os faceis meninos,  
Quando elles são pequeninos  
E obedientes não são;  
Olha, filho, não a escutes,  
Filho do meu coração:  
O seu sorriso é mentira,  
E' terrivel tentação. —

---

Junto ao rio chrystallino  
Brincava o ledo menino,  
Molhando o pé;  
O fresco humor o convida,  
Menos que a imagem querida,  
Que n'agua vê.

Cauteloso de repente,  
Ouve o concelho prudente,  
Que a mãe lhe dá;

Não é anjo, não é fada;  
Mas uma bruxa malvada,  
E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos  
Para os tragar pequeninos,  
Ou mais talvez!  
E para vingar-se n'agua  
Da causa tanta magoa,  
Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,  
Já não vê o bello infante  
A sombra vã,  
E as brancas mãos delicadas  
E as longas tranças douradas  
Da sua irmã.

O menino arrependido  
Diz comsigo entristecido:  
— Que mal fiz eu!  
Minha mãe, bem que indulgente,  
Só por não me ver contente,  
Me repr'hendeu. —

Era figura tão bella!  
E que expressão tão singela,  
Que riso o seu!

Oh! minha mãe certamente  
Só por não me não ver contente,  
Me repr'hendeu!

Espreita, sim, mas duvida  
Que a bella imagem querida  
Torne a volver;  
E na fonte crystallina  
Para ver todo se inclina  
Se a póde ver!

Acha-se ainda turbada,  
E a bella moça agastada  
Não quer voltar;  
Sacode leve a cabeça,  
Em quanto o pranto começa  
A borbulhar.

E de triste e arrependido  
Diz comsigo entristecido:  
— Que mal fiz eu!...  
— Leda ao ver-me parecia,  
— Era boa, e me sorria....  
— Que riso o seu!

---

As aguas no em tanto de novo se aplacão,  
A lisa corrente se espelha outra vez;  
E a imagem querida no fundo apparece  
Com mil peixes varios brincando a seus pés.

Do collo uma charpa trasia pendente,  
Cortando-lhe o seio de brancos jasmims,  
Um iris nas cores, e as franjas bordadas  
De prata lusente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,  
Gemendo queixosa da leve pressão,  
Como harpas ethereas, que as brisas conversão,  
Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,  
E o bello menino, sentado, a chorar  
«Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei feito:  
Por minha vontade não hei de tornar!

A harpa dourada de subito vibra,  
A charpa se agita do seio ao travez;  
Das franjas garbosas as pedras reflectem  
Infindos luseiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito parão  
No fundo lusente de puro crystal;  
Fantasticos seres assomão ás grutas  
Do nitido ambar, do vivo coral!

Em tanto o menino se curva e se inclina  
Por ver mais de perto a donosa visão;  
A mãe, longe d'elle, dizia: — Meu filho,  
Não oigas, não vejas, que é má tentação. —

« Vem meu amigo, dizia  
A bella fada engraçada,  
Pulsando a harpa dourada:  
— Sou boa, não faço mal,  
Vem ver meus bellos palacios,  
Meus dominios dilatados,  
Meus thesouros encantados  
No meu reino de crystal.

« Vem, te chamo: vê a limpha  
Como é bella e crystallina;  
Vê esta areia tão fina,  
Que mais que a neve seduz!  
Vem, verás como aqui dentro  
Brincão mil leves amores,  
Como em listas multicores  
Do sol se desfaz a luz.

« Se não achas borboletas  
Nem as vagas mariposas,  
Que brincão por entre as rosas  
Do teu ameno jardim;  
Tens mil peixinhos brilhantes,  
Mais lusentes e mais bellos  
Que o oiro dos meus cabellos,  
Que a nitidez do setim.»

Em tanto o menino se curva e se inclina  
Por ver de mais perto a donosa visão;  
E a mãe longe d'elle, dizia: meu filho,  
Não oiças, não vejas, que é má tentação.

«Vem, meu amigo, tornava  
A bella fada engraçada,  
Vem ver a minha morada,  
O meu reino de crystal:  
Não se sente a tempestade  
Na minha espaçosa gruta,  
Nem voz do trovão se escuta,  
Nem roncões do vendaval.

«Aqui, ao findar do dia,  
Tudo rapido se accende,  
E o meu palacio resplende  
De vivo, ethereo clarão.  
Mil figuras apparecem,  
Mil donzellas encantadas  
Com angelicas toadas  
De ameigar o coração.

«Quando passo, as brandas aguas,  
Por me ver passar se afastão,  
E mil estrellas se engastão  
Nas paredes do crystal.  
Surtem luses multicores,

Como desses perilampos,  
Que tu vês andar nos campos,  
Sem contudo fazer mal.

«Quando passo, mil sereias.  
Deixando as grutas limosas,  
Formão ledas, pressurosas  
O meu sequito real:  
Vem! dar-te-hei meus palacios,  
Meus dominios dilatados,  
Meus thesouros encantados  
E o meu reino de crystal.»

Em tanto o menino se curva e se inclina  
Para a visão;  
E a mãe lhe dizia: Não vejas, meu filho,  
Que é tentação.

E o bello menino, dizendo comsigo: —  
Que bem fiz eu!  
Por ver o thesouro gentil, engraçado,  
Que já é seu:

Atira se ás aguas: n'um grito medonho  
A mãe lastimavel — Meu filho! — bradou:  
Respondem-lhe os echos; porém voz humana  
Aos gritos da triste não torna: — aqui estou!

## NENIA

Á MORTE SENTÍDISSIMA DO SERENÍSSIMO  
PRINCIPE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO.

Á SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

## I.

Morreste, como a folha verde e linda,  
Que não vio murcho o esmeraldino encanto;  
Bem como um ai que melindroso finda,  
Em quanto as faces não roreja o pranto!

Bem como a flôr inda em botão cortada,  
Em quanto aromas recendia pura;  
Bem como a onda, quando mal formada,  
Nos brancos frisos do areal murmura!

Bem como a aurora tímida que morre,<sup>3</sup>  
Em quanto os céos de rosicler matisa;  
Bem como o sopro de ligeira brisa,  
Que entre os olores da manhã discorre!

Mimosa espra'ança do Brasil, batendo  
Às ferreas portas da existencia, viste  
O mundo afflicto e a humanidade triste  
Seu negro fado e sua dôr soffrendo!

Cheio de compaixão atraz voltaste  
Do horrifico espectaculo, tapando  
Com as azas do anjo o rosto brando,  
E no seio do Eterno te asylaste.

Morreste! como aurora sem poente,  
Como flor, que perfume inda exhalava,  
Como o sopro da brisa recendente,  
Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! como a folha verde e bella  
N'um tronco forte a despontar louçã,  
Não arrancada á sanha da procella,  
Mas leve solta aos beijos da manhã.

Morreste! como lampada brilhante,  
Inda virgem, sem dar mystica luz;  
Ou turib'lo d'incenso crepitante,  
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! e os anjos da eternal morada  
Levárão entre palmas e capellas  
Tua alma, como uma harpa não tocada,  
Áquelle, cujo throno é sobre estrellas.

Morreste! como aurora sem poente,  
Como flor que perfume inda exhalava,  
Como o sopro da brisa recendente,  
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,  
Em quanto no horisonte apavonou-se,  
A brisa em vendaval não transtornou-se,  
A folha em cinza, nem a onda em vaga.

## II.

Não ouviste, ó bello anginho,  
Na hora do passamento  
Para abrandar teu tormento  
Do berço teu ao redor,  
Dos teus irmãos a phalange  
Com opas de luz brilhante,  
Nas harpas de diamante  
Cantar hosanna ao Senhor?

Teu espirito innocente,  
Tocado da luz divina,  
Que a fraca mente illumina  
Dos resplendores de Deos,  
Não antevio outros gozos,  
Não correu nos frouxos ares,  
Não foi roçar nos palmares,  
Nas rosas puras dos céos?

Viste-os, sim; porém voltando  
Outra vez á vida escassa,  
Tua alma triste esvoaça  
Sobre os teus restos mortaes;  
E entre os rostos que divisas,  
Que a tua vida pranteião,  
Entre quantos te rodeião,  
Tu não enchergas teus paes!

Corres então a trazer-lhes  
Nas meigas azas brilhantes  
Dos teus ultimos instantes  
O teu alento final;  
E em redor delles choraste  
De não ter deixado a vida,  
Por extrema despedida,  
N'um amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, vôa,  
Deixa a terra ingrata e rude;  
Vai onde móra a virtude,  
E premio a innocencia tem;  
Mas nos divinos prazeres,  
Mas no celeste cortejo,  
Terás o materno beijo,  
Não serás orphão tambem?

## III.

Despreja tuas azas de cores suaves,  
Adeja no espaço, procura o teu Deos:  
O aroma da flores, o canto das aves,  
O que ha de mais puro se entranha nos céos.

Oh! foge da terra! bem como a neblina  
Que em rolos de neve, que espuma figura,  
Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,  
Qual nuvem d'incenso, do céu se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos,  
Na grávida concha dos nossos peccados  
Sumir-se no abysmo — dos raios divinos  
Os golpes apára nos contos dourados.

Não caia do Eterno a justa inclemencia  
• No povo, que soube teu berço guardar;  
Ampara-o nas azas da tua innocencia,  
Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas azas de cores suaves,  
Adeja no espaço, procura o teu Deos:  
O aroma das flores, e o canto das aves  
E o que ha de mais puro se perde nos céos.

## IV.

SENHOR, se na afflicção que te consome,  
Na dôr immensa, que teu peito acanha,

Póde erguer-se do bardo a voz sentida  
E aos teus soluços misturar seu pranto;  
Se a dôr do pae não absorve inteiro  
O peito augusto do Monarcha excelso,  
Enxuga as tristes lagrimas que vertes!

Melhor, talvez, que o throno é ver chorando  
Um povo inteiro em torno de um sepulchro,  
Um vacuo berço de seu pranto enchendo!  
Á sorte pois te curva, e á lei d'aquelle  
(Involta em seus reconditos designios)  
A quem aprouve nivelar, cortando  
Co'o o mesmo golpe as esperanças de ambos,  
— A dôr de um pae e as afflicções de um povo! --

JANEIRO 10. de 1850.

## OLHOS VERDES.

Elles verdes são:  
E tem por usança,  
Na côr esperança.  
E nas obras não.

CAM., *Rim.*

São uns olhos verdes, verdes,  
Uns olhos de verde-mar,  
Quando o tempo vai bonança;  
Uns olhos côr de esperança,  
Uns olhos por que morri;  
    Que ai de mi!  
Nem ja sei qual fiquei sendo  
    Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,  
Iguaes na forma e na côr,  
Tem luz mais branda e mais forte,  
Diz uma — vida, outra — morte;  
Uma — loucura, outra — amor.  
    Mas ai de mi!  
Nem ja sei qual fiquei sendo  
    Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,  
Exprimem qualquer paixão,  
Tão facilmente se inflammão,  
Tão meigamente derramão  
Fogo e luz do eoração;

Mas ai de mi!

Nem ja sei qual fiquei sendo  
Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,  
Que podem tambem brilhar;  
Não são de um verde embaçado,  
Mas verdes da côr do prado,  
Mas verdes da côr do mar.

Mas ai de mi!

Nem ja sei qual fiquei sendo  
Depois que os vi!

Como se lê n'um espelho  
Pude lêr nos olhos seus!  
Os olhos mostram a alma,  
Que as ondas postas em calma  
Tambem reflectem os ceos;

Mais ai de mi!

Nem ja sei qual fiquei sendo  
Depois que os vi!

Dizei vós, ó meos amigos,  
Se vos perguntão por mi,

Que eu vivo só da lembrança  
De uns olhos côm de esperança,  
De uns olhos verdes que vi!  
    Que ai de mi!  
Nem ja sei qual fiquei sendo  
    Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!  
Deixou-se de amor finar!  
Vio uns olhos verdes, verdes,  
Uns olhos da côm do mar:  
Erão verdes sem espr'ança,  
Davão amor sem amar!  
Dizei-o vós, meus amigos,  
    Que ai de mi!  
Não pertenço mais a vida  
    Depois que os vi!

## CUMPRIMENTO DE UM VOTO

Feito às Sras. de Itapacorà, que abrilhantarão a festa  
do Illm. Sr. ANTONIO JOSÉ RODRIGUES TORRES.

PORTO DAS CAIXAS — 25 de agosto 1850.

Se ao misero cantor vos praz mandar-lhe  
Cantar voltas de amor, á graça tanta  
Será mudo o cantor, nem ha de aos echos  
A cythara incivil fallar de amores?  
Mandaes, que sois, senhoras, minhas musas;  
Quando a senhora manda, o escravo cumpre  
E ás supplicas da musa o vate cede!  
Afinada por vós a lyra humilde,  
Já desafeita aos sons que o peito abrandão,  
Á nova esphera se remonta agora.  
O frescor juvenil dos vossos annos,  
E as, que vos ornão, deleitosas graças,  
Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumal-as,  
Dictar-lhe os faceis, inspirados carmes.

A estrella, que fulge no céo anilado,  
Com placido brilho de noite s'inflamma;  
Na fonte e no prado  
Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio  
As aves descantão á luz da alvorada,  
E a meiga toada  
Repetem aos echos do bosque sombrio.

Na gleba vircente, do sol bafejada,  
Recende perfumes a flor matutina,  
Que á luz da alvorada  
Ao sopro da brisa de leve s'inclina.

A flor que trescala perfumes suaves,  
A estrella que brilha no céo anilado,  
E o canto das aves,  
Que sôa no bosque virente e copado;

Se cantão, perfumão, despedem fulgores,  
É tal o seu fado: — vós sois qual são ellas,  
Sois como as estrellas,  
Na graça e no canto, sois aves, sois flores.

Como ellas, pagai-vos de ver quão fugaces  
Encurtão-se as horas de nosso viver;  
De ver como as faces,  
Que tendes em torno, resumbrão prazer.

Estes versos na mente susurravão  
Do vate, cuja lyra merencoria  
Foi por vós de festões engrinaldada;  
Por vós, cujo sorriso mavioso  
Melhor perfume exhala, do que as notas  
Concertadas com arte; dai um riso  
Dos vossos, um volver dos brandos olhos.  
Aos alegres convivas; e um reflexo  
Do vosso meigo olhar e brando riso  
Venha morrer na lyra do poeta,  
Como do astro-rei, quando no occaso  
Doura no campo as folhas mais humildes.

## LYRA QUEBRADA.

Ah! ya agostada  
Siento mi juventud, mi faz marchita,  
Y la profunda pena que mi agita  
Ruga mi frente de dolor nublada.

HEREDIA.

Pede cântos aos ledos passarinhos,  
Pede clarão ao sol, perfume as flores,  
Ás brisas suspirar, murmúrio aos ventos,  
Doces querelas ao correr das fontes;

E o sol, a ave, a flor, a brisa, os ventos  
E as fontes que murmurão docemente,  
Na festa da tua alma hão-de seguir-te,  
Como um som pelos echos repetido.

Mas não peças á lyra abandonada  
Um alegre cantar, — já murchas pendem  
As grinaldas gentis, de que a toucárão  
Donzeis louçãos, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,  
Que amargo pranto destendeu sem custo;  
Quem ha que se não dóe de ouvir cantados  
Uns versos de prazer entre soluços?

Não peças pois um hymno ao triste bardo!  
Verde ramo d'uma arvore gigante  
O raio no passar queimou-lhe o viço,  
Deixando-o por escarneo entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,  
Um querer sem motivo, um tédio á vida  
Sem motivo tambem, — caprichos loucos,  
Anhelo d'outro mundo e d'outras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,  
Correr após um bem logo esquecido,  
Sentir amor e só topar frieza,  
Scismar venturas e encontrar só dores;

Fizerão-me o que vês: não canto, soffro!  
Lyra quebrada, coração sem forças  
De poetico manto os vou cobrindo,  
Por disfarçar desta arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer á luz da aurora,  
Se te ameiga fitar longos instantes,  
Sentada á beira mar, na paz de um ermo,  
Uma flor, uma estrella, os céos e as nuvens:

Pede cantos aos ledos passarinhos,  
À brisa, ao vento, á fonte que murmura;  
Mas não peças canções ao triste bardo,  
A quem té para um ai já falta o alento

## A PASTORA.

Forão as trevas fugindo,  
E lusindo  
Nasce o sol sobre o horisonte;  
Quando a pastora formosa  
E mimosa  
Já caminho vai do monte!

A relva tenra e molhada,  
Orvalhada,  
Que de noite despontou,  
Se levanta melindrosa,  
Mais viçosa  
Depois que o sol a afagou!

Nos ramos cantão, trinando  
E saltando,  
As aves seu casto amor;  
Aqui, alli, scintillante  
E brilhante  
Desabrocha a linda flor.

E a pastorinha engraçada,  
    Bem fadada,  
Na fresca manhã de abril,  
Vai cantando maviosa,  
    E saudosa  
Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez  
    Toca a rez,  
Toca a rez, gentil pastora;  
Lá te aguarda o bom pastor,  
    Teu amor,  
Que te chama encantadora.

Vai, pastora, vai depressa,  
    Já começa  
O sol no valle a brilhar;  
Vai, que as tuas companheiras,  
    Galhofeiras,  
Lá 'stão com elle a folgar!

Pela aldeia entre os pastores  
    Vão rumores  
De que tens uma rival,  
Nessa Alteia, a tua antiga,  
    Doce amiga,  
Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amores  
São traidores,  
Que o homem não sabe amar;  
E que diz: Esta é mais bella;  
Mas aquella  
É que me sabe agradar!

Tenho d'Alteia receios,  
Que tem meios  
De prender um coração;  
É viva, bella, engraçada,  
Festejada  
Nos cantares do serão.

Como a neve em seus labores,  
Nos amores  
Que caprichosa não é!  
Zomba delle quando o topa,  
E o provoca  
De mil maneiras, á fé!

Té dizem — será mentira —  
Que lhe atira  
Seus motetes muita vez;  
Dizem mais, que ha prendas dadas  
E trocadas:.....  
Não sei; mas será talvez!

Triste de ti, se assim fôra,  
    Ó pastora,  
Triste de ti sem amor!  
Foras alvo dos festejos,  
    Dos motejos,  
E do canto mofador!

Cheia de pudico medo,  
    Ao folguedo  
Do domingo festival,  
Não irias, ó formosa,  
    Vergonhosa  
Dos olhos d'uma rival!

Para as serras do Gerez  
    Toca a rez,  
Toca a rez, gentil pastora;  
Lá te aguarda o bom pastor,  
    Teu amor,  
Que te chama encantadora!

GEREZ. . . .

## A INFANCIA.

A M<sup>lle</sup> J. PICOT.

## I.

Bello raio do sol da existencia,  
Meninice fagueira e gentil,  
Doce riso de pura innocencia  
Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anginho innocente,  
Quem se apresse a teus passos guiar,  
E uma voz que o teu somno acalente,  
E um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jucundos,  
Voz etherea te venha fallar,  
E visãõ d'outros céos, d'outros mundos,  
Venha amiga tua alma encantar.

Leda infancia gentil! e quem não te ama?  
Quem tão de pedra o coração não sente  
Aos teus encantos meigos mais tranquillo?  
Quem não sente memorias d'outras eras  
Travarem-lhe da mente, ao reeordar-se  
Aquelle gozo puro e suavissimo  
Dê vida, que jámais não tem logrado?  
Recordações de um mundo adormeeido  
Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,  
Como harpejos de musica longinqua!  
E a mente nos seus quadros embecida,  
Por magica illusão enfeitçada,  
Como outr'ora, talvez sómente veja  
Na terra — um chão de flores estrellado,  
E nos céos — outro chão de flores vivas!

## II.

Afagada e bem vinda e querida,  
Travessuras scismando infantis,  
Nos caminhos floridos da vida  
Vai mimosa, imprudente e feliz!

É-lhe a vida continuo festejo,  
Sonhos d'oiro só sabe sonhar,  
Toda ella um afan, um desejo  
D'outros jogos contente brinear.

Puro riso o semblante lhe adorna,  
Logo pranto começa a verter,  
E depois outro riso lhe torna,  
E depois outro pranto a correr.

---

Tão perto jaz a fonte da amargura  
Da fonte do praser! — porém tão doces  
Essas lagrimas são! — tão abundantes,  
Tão sem causa e sympathicas gotejão  
N'uma tez de carmim, n'um rosto bello!  
Quem a vê, que sorrindo as não enchuga?  
Mas não todo consumas o thesouro  
Unico e triste, que ao infeliz sobeja  
Nas horas do soffrer; no tempo amargo,  
No qual o rosto pallido se enruga,  
E os olhos seccos, aridos chammejão,  
Será talvez bem grato refrigerio  
Uma lagrima só, em que arrancada  
A força da afflicção dos seios d'alma.  
Mas tu, feliz, sorri, em quanto a vida,  
Como um rio entre flores, se deslisa  
Macio, puro e recendendo aromas.

### III.

Bello raio do sol da existencia,  
Flor da vida, mimosa e gentil,  
Fonte pura de meiga innocencia,  
Leve gozo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseja,  
Quando vê sobre a veiga formosa  
A menina travessa e ruidosa,  
Borboleta, que alegre doudeja?

A menina é uma flor de poesia,  
Um composto de rosa e jasmim,  
Um sorriso que Deos alumia,  
Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no começo da existencia,  
Borboleta gentil! a flor dos valles,  
Da noite à viração abrindo o calix,  
O puro orvalho da manhã te guarda;  
Inda perfumes dá, que te embriagão,  
Inda o sol quando aquece os vivos raios,  
Nas azas multicores scintillando,  
Com terno amor de pae, em torno esparge  
Pó subtil de rubins e de safiras.  
Folga e ri no começo da existencia,  
Humano serafim, que esse perfume  
São das azas do anjo, que s'impregnaõ  
Dos aromas do céo, quando atear-se,  
Roaz fogo de vida começando,  
Quanto havemos de Deos consome e apaga.

## IV.

Porém tu, afagada e querida,  
Com requebros donosos, gentis,  
Vai contente caminho da vida,  
Bello anginho, mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,  
Quando a possas um dia escutar,  
Hade ser como rota grinalda,  
Que perfumes deixou de exhalar!

E esta mão talvez seja sem vida,  
E este peito talvez sem calor,  
E memoria apagada e sumida,  
Talvez seja a do triste cantor!

## URGE O TEMPO.

Move incessante as asas incansaveis  
O tempo fugitivo ;  
Atraz não volta!

A. DE GUSMÃO.

Urge o tempo, os annos vão correndo,  
Mudança eterna os seres afadiga!  
O tronco, o arbusto, a folha, a flor, o espinho,  
Quem vive, o que vegeta, vai tomando  
Aspectos novos, nova forma, em quanto  
Gyra no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma;  
O espirito, porém, como centelha,  
Que vai lavrando solapada e occulta,  
Até que emfim se torna incendio e chammas,  
Quando rompe os andrajos morredouros,  
Mais claro brilha, e aos céos consigo arrasta  
Quanto sentio, quanto soffreu na terra.

Tudo se muda aqui! sómente o affecto,  
Que se gera e se nutre em almas grandes,

Não acaba, nem muda; vai crescendo,  
Co' o tempo avulta, mais augmenta em forças,  
E a propria morte o purifica e alinda.  
Simelha estatua erguida entre ruinas,  
Firme na base, intacta, inda mais bella  
Depois que o tempo a rodeou de estragos.

## SOBRE O TUMULO DE UM MENINO.

25 de Outubro de 1848.

O involucro de um anjo aqui descança,  
Alma do céo nascida entre amargores,  
Como flor entre espinhos! — tu, que passas,  
Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha,  
Que um instante correu no mar da vida;  
Romper da aurora que não teve occaso,  
Realidade no céo, na terra um sonho!  
Fresca rosa nas ondas da existencia,  
Levada á plaga eterna do infinito,  
Como offrenda de amor ao Deos que o rege;  
Não perguntes quem foi, não chores: passa.

## MENINA E MOÇA.

Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux !

CHENIER.

É leda a flor que desponta  
Sobre o talo melindroso,  
E o arrebento viçoso  
Crescendo em floreo tapiz;  
É doce o romper da aurora,  
Doce a luz da madrugada,  
Doce o luzir da alvorada,  
Doce, mimoso e feliz!

É bella a virgem risouha  
Com seus musicos accentos,  
Com seus virgens pensamentos,  
Com seus mimos infantis;  
Como quanto enceta a vida,  
Que á luz sorri da existencia,  
Que tem na sua innocencia  
Da mocidade o verniz.

Vinga a flor a pouco e pouco,  
Cada vez mais bem querida,  
Tem mais encantos, mais vida,  
Tem mais brilho, mais fulgor:  
De cada gota de orvalho  
Extrahe celeste perfume,  
E do sol no raio assume  
Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem mimosa,  
Pouco e pouco, noite e dia,  
Mais viva flor de poesia  
Do rosto lhe tinge a côr;  
E um anjo nos meigos sonhos,  
Do seu peito na dormencia  
Derrama o odor da innocencia,  
Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,  
Seja a luz da madrugada,  
Seja o romper da alvorada,  
Seja a virgem, seja a flor;  
Tem mais amor, tem mais vida,  
Como celeste feitura,  
Que sahe melindrosa e pura  
D'entre as mãos do creador.

## COMO EU TE AMO.

Como se ama o silencio, a luz, o aroma,  
O orvalho n'uma flor, nos céos a estrella,  
No largo mar a sombra de uma vela,  
Que lá na extrema do horisonte assoma;

Como se ama o clarão da branca lua,  
Da noite na mudez os sons da flauta,  
As canções saudosissimas do nauta,  
Quando em molle vai-vem a não fluctua;

Como se ama das aves o gemido,  
Da noite as sombras e do dia as cores,  
Um céu com luzes, um jardim com flores,  
Um canto quasi em lagrimas sumido;

Como se ama o crepusculo da aurora,  
A mansa viração que o bosque ondeia,  
O susurro da fonte que serpeia,  
Uma imagem risonha e seductora;

Como se ama o calor e a luz querida,  
A harmonia, o frescor, os sons, os céos,  
Silencio, e cores, e perfume, e vida,  
Os paes e a patria e a virtude e a Deos.

Assim eu te amo, assim; mais do que podem  
Dizer-t'o os labios meus, — mais do que vale  
Cantar a voz do trovador cançada:  
O que é bello, o que é justo, sancto e grande  
Amo em ti. — Por tudo quanto soffro,  
Por quanto já soffri, por quanto ainda  
Me resta de soffrer, por tudo eu te amo.  
O que espero, cobiço, almejo, ou temo  
De ti, só de ti pende: oh! nunca saibas  
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte  
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo!  
Esta occulta paixão, que mal suspeitas,  
Que não vês, não suppões, nem te eu revelo,  
Só pode no silencio achar consolo,  
Na dôr augmento, interprete nas lagrimas.

De mim não saberás como te adoro;  
    Não te direi jámais,  
Se te amo, e como, e a quanto extremo chega  
    Esta paixão voraz!

Se andas, sou o écho dos teus passos;  
 Da tua voz, se fallas;  
 O murmúrio saudoso que responde  
 Ao suspiro que exhalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,  
 Tuas pegadas sigo;  
 Velo teus dias, te acompanho sempre,  
 E não me vêes comigo!

Occulto e ignorado me desvelo  
 Por tí, que me não vêes;  
 Aliso o teu caminho, esparjo flores,  
 Onde pisão teus pés.

Mesmo lendo estes versos, que m'inspiras,  
 — Não pensa em mim, dirás:  
 Imagina-o, si o podes, que os meus labios  
 Não t'ò dirão jámais!

---

Sim, eu te amo; porém nunca  
 Saberás do meu amor;  
 A minha canção singela  
 Traiçoeira não revela  
 O premio sancto que anhela  
 O soffrer do trovador!

Sim, eu te amo; porém nunca  
 Dos labios meus saberás,

Que é fundo como a desgraça,  
Que o pranto não adelgaça,  
Leve, qual sombra que passa,  
Ou como um sonho fugaz!

Aos meus labios, aos meus olhos  
Do silencio imponho a lei;  
Mas lá onde a dôr se esquece,  
Onde a luz nunca fallece,  
Onde o prazer sempre cresce,  
Lá saberás se te amei!

E então dirás: «Objecto  
Fui de sancto e puro amor:  
A sua canção singela,  
Tudo agora me revela;  
Já sei o premio que anhela  
O soffrer do trovador.

«Amou-me como se ama a luz querida,  
Como se ama o silencio, os sons, os céos,  
Qual se amão cores e perfume e vida,  
Os paes e a patria, e a virtude e a Deos!»

## AS DUAS COROAS.

Hermosa , en tu linda frente  
El laurel sienta mejor,  
Que con su regio esplendor  
Corona de rei potente.

G. y S.

Ha duas c'rôas na terra,  
Uma d'ouro scintillante  
Com esmalte de diamante,  
Na fronte do que é senhor;  
Outra modesta e singela,  
C'rôa de meiga poesia,  
Que a fronte ao vate alumia  
Com a luz d'um resplendor.

Ante a primeira se curvão  
Os potentados da terra:  
No bojo, que a morte encerra,  
Sobre a liquida extensão,  
Levão náos os seus dictames  
Da peleja entre os horrores;

Vis escravos, crús senhores,  
Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira  
Sobre esta terra maldicta,  
Ninguem a voz lhe acredita,  
Mas riem dos cantos seus:  
Os anjos, não; porque sabem  
Que essa voz é verdadeira,  
Que é dos homens a primeira,  
Em quanto a outra é de Deos!

Se eu fora rei, não te dera  
Quinhão na regia amargura;  
Nem te qu'ria, virgem pura,  
Sentada sob o docel,  
Onde a dôr tão viva anceia,  
Tão cruel, tão funda late,  
Como no peito que bate  
Sob as dobras do burel.

Não te quizera no throno,  
Onde a mascara do rosto,  
Cobrindo o interno desgosto,  
Ser alegre tem por lei;  
Manda Deos, sim, que o rei chore;  
Mas que chore occultamente,  
Porque, se o soubera a gente,  
Ninguem quizera ser rei!

Mas o vate, quando soffre,  
Modula em meigos accentos,  
Seus doridos pensamentos,  
A sua interna afflicção;  
E das lagrimas choradas  
Extrahe um balsamo sancto,  
Que vale estancar o pranto  
Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quizera  
Roubar-te á senda florida,  
Onde corre doce a vida  
No matutino arrebol;  
Gosas o sopro das brisas  
E o leve aroma das flores,  
E as nuvens, que mudão cores  
No nascer, no pôr do sol.

Gosão disto as que repousão  
Em taboas de vis grabatos;  
Não quem vive entre os ornatos  
D'um throno d'ouro e marfim!  
No solio triste, sentada,  
Não viras um rosto amigo,  
Nem mais viveras contigo,  
Fôras escrava — por fim!

Vive tu teu viver simples,  
Mimosa e gentil donzella,

D'entre todas a mais bella,  
Flor de candura e de amor!  
C'rôa melhor eu t'offreço,  
D'ouro não, mas de poesia,  
C'rôa que a fronte alumia  
Com a luz d'um resplendor!

## HARPEJOS.

Sweetest music! . . .

SHAKSPEARE.

Da noite no remanso  
Minha alma se extasia,  
E praz-me a sós commigo  
Pensar na solidão;  
Deixar arrebatat-me  
De vaga phantasia,  
Deixar correr o pranto  
Do fundo coração.

Tudo é silencio harmonico  
E doce amenidade,  
E uma expansão suave  
Do mais fino sentir;  
Existo! e no passado  
Só tenho uma saudade,

Desejos no presente,  
Receios no porvir!

Como licor que mana  
De cava, humida rocha,  
Que o sol nunca evapora,  
Nem limpa amiga mão;  
A dor que dentro sinto  
Minha alma desabrocha;  
Que livre o pranto corre  
Da noite na soidão!

Attendo! ao longe escuto  
D'uma harpa os sons queixosos,  
Attendo! e logo sinto  
Minha alma se alegrar!  
Attendo! são suspiros  
De seres vaporosos,  
Que mil imagens vagas  
Me fazem recordar!

Tu que eras minha vida,  
Que foste os meus amorés,  
Imagem grata e bella  
D'um tempo mais feliz,  
Que tens, que assim chorosa  
Suspiras entre as flores?  
Teu sou, — do juramento  
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,  
Teus mudos passos sigo,  
Em quanto, leve sombra,  
Fugindo vais de mi'!  
Unido ás notas da harpa  
Percebo um som amigo,  
Que me recorda o timbre  
Da voz que já te ouvi!

Na brisa que soluça,  
Na fonte que murmura,  
Nas folhas que se movem  
Da noite á viração,  
Ainda escuto os échos  
D'uma fugaz ventura,  
Que assim me deixou triste  
Em mesta solidão.

Prosegue, harpa ditosa,  
Nas doces harmonias,  
Que da minha alma sabes  
A magoa adormecer;  
Prosegue! e a doce imagem  
Dos meus primeiros dias  
Veja eu ante os meus olhos  
De novo apparecer!

Ai, forão como a virgem  
Que em sitio solitario

Acaso um dia vimos  
Sósinha a divagar!  
Memoria bemfazeja,  
Que o gelido sudario,  
Que a morte em nós estende  
Só valé desbotar.

---

## TRISTE DO TROVADOR.

E ella era esbelta e bem proporcionada;  
sua a'ma era como a sensitiva, e suas pa-  
lavras erão doces e tinhão um perfume,  
que se não póde comparar.

*(Duas noites de luar.)*

E ella era como a rosa matutina  
Formosa e bella,  
Como a estrella que á noite ao mar se inclina,  
Saudosa era ella.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,  
Era delicias vel-os;  
E co' a alvura do rosto contrastava  
A cor dos seus cabellos.

Quando alguem lhe fallava, então fallava  
Com voz macia,  
Que triste dentro d'alma nos filtrava  
Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras  
Do coração,  
Como sons que a mudez da noite quebrão  
Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava  
No rosto ameno;  
Nuvemzinha da tarde, que se encherga  
Em céu sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,  
O trovador:  
«Feliz, disse elle, quem gozára os mimos  
Do seu amor!»

E ella deu-lhe do seio uma saudade  
Murcha, e no emtanto bella;  
E elle um culto votou, scismando extremos,  
A' pallida donzella.

Como fosse, porém, breve a sua vida  
Como uma flor,  
Em breves dias era mudo e triste  
O trovador.

---

Se alguma vez cantava, — então dizia  
Ao seu anjo do céu, que lá morava,  
Que de ter junto delle só pedia  
A vida sua, que tão erma estava.

---

## VELHICE E MOCIDADE.

Eu levo á sepultura, uns após outros.  
A donzella gentil, o velho enfermo  
E o mancebo que folga descansado  
Á sombra da ventura.

. . .

«Minha filha, mais depressa,  
Mais depressa um poueco andemos,  
E da aurora que desponta  
Saudavel frescor gozemos!

«Senta-me em baixo do chorão, que dobra  
A verde rama sobre a campã núa  
De um ser de peito bom, de rosto bello,  
Que foi minha mulher, que foi mãe tua!

«O sol, nascendo apenas, vem primeiro  
Seus raios nessa campã dardejar,  
E á cançada velhice é bem fagueiro  
Esses restos da vida desfructar.»

Um cégo e triste velho que tremia  
Á força dos invernos que passarão,  
Á filha nova e bella, assim dizia,  
Á filha que os amores cubiçarão.

E tinha o velho pae nos hombros della  
A mão crestada e morta e já rugosa,  
E ella ao pae, sollicita, extremosa,  
Guiava como um anjo e alva e bella.

« Nem sempre o que ora vês teu pae tem sido,  
Oh filha da minha alma, oh meu thesouro,  
Tambem um tempo foi que entretecido  
Tive o fio vital de seda e d'oiro!

« Tambem meus olhos se expraiarão longe,  
Pela vasta extensão destas campinas;  
Tambem segui a tortuosa veia  
Desta linda corrente que se perde  
    Além, por entre penhas;  
E a esmeraldina cor, de que se arreja  
A relva destes prados, destas brenhas,  
Meus olhos juvenis encheu de gozo,  
Que agora os olhos teus tambem recreia!

« E que prazer tão grande! o sol nascia  
    N'um mar de luz brilhante!  
Levantava-se mais, brilhava, ardia,

No prado verdejante,  
Na fonte e na devesa;  
E o mundo e a natureza  
De puro amor enchia!  
Destoucavão-se os montes de neblina,  
Que meiga e adelgada  
Pendia, como um véo de gaza fina  
Da celeste morada,  
Quando n'um mar formoso o sol nascia!

«O mundo era então luz — hoje é só trevas!  
O céu de puro azul via tingido,  
Via a terra de cores adornada,  
E na immensa extensão d'agua salgada  
Via a esteira de luz do sol luido!

«Breve as horas passei de ser ditoso  
Aqui, neste lugar, ledo escutando  
Tão amavel tua mãe, tão carinhosa,  
Q'instantes curtos me teceu fallando!

«Hoje existo somente porque existes,  
Desfructo outro viver que não vivia,  
Quando escutão-te a voz os meus ouvidos,  
Como sons de celeste melodia.

«Oh falla, falla sempre. — É doce ao velho  
Som d'argentina voz, que as fibras todas  
Do semivivo coração abalão,

Como d'uma harpa antiga  
As deslebradas cordas,  
Que á mão experta e amiga  
Do trovador, n'um canto alegre estalão.

«É doce ao solitario a voz de um anjo  
Na sua solidão;  
E ao velho pai a voz da casta filha,  
Que falla ao coração.

«É doce, qual perfume matutino,  
Que a flor exhala,  
Que pelo peito da mulher amante  
S'interna e cala;

«É doce, como a luz que se derrama  
Pela face do mar,  
Quando brando luar, da noite amigo,  
Vem nelle se espelhar.

«Falla, bem sei que amarga é tua vida,  
Que amargo é teu penar;  
No silencio da noite tenho ouvido  
Teu peito a soluçar!

«Oh falla, tu bem vês que se a tormenta  
Tetrica voa,  
Ao ninho de seus paes o passarinho  
Rapido voa.»

— Oh meu pai, como eu quizera  
Meus pezares te esconder;  
Mas tua filha, coitada,  
Em breve tem de morrer!

— Sinto que alento me falta,  
Que longe foge de mim;  
Sinto minha alma rasgar-se  
Por te deixar só assim;  
Meu bom pai, como está breve  
Da tua filha o triste fim!

— Alta noite, ouvi em sonhos,  
A chamar-me um serafim;  
Tinha alegria no rosto,  
Mas chorava sobre mim;  
Meu bom pai, como está breve  
Da tua filha o triste fim!

— E tu cá ficas sosinho,  
E tu cá ficas sem mim!  
Oh que n'alma so me peza  
Por te deixar só assim;  
Meu bom pai, que é já chegado  
Da tua filha o triste fim! —

E o velho, baixo fallando,  
Tristemente assim dizia:  
«Já fui feliz, já fui novo,  
Já fui cheio de alegria!»

«Eu tive paes extremosos,  
Irmãos que m' idolatrarão,  
Eu tive castos amores,  
Que antes de mim se acabarão!

«Eu tive tantos no mundo  
Quantos se póde chorar;  
Perdi todos, tudo; ai, triste,  
Só eu não pude acabar!

«Ao sopro da desventura  
Só eu me não abalei,  
Que a todos — novos e velhos —  
Á campa todos levei!

•  
«Minha filha me restava!  
Eu já fantasma impotente,  
Sobre os torrões tropeçava  
Da cova aberta recente!

«Anjo de amor e bondade,  
Porque me deixaste assim!  
Tu morta, e na sepultura  
Que eu tinha aberto pr'a mim!

«Deos, Senhor, quanto foi longo  
O vaso em que fel traguei,  
Findo o julguei; restão fezes,  
As fezes esgotarei.»

E sobre a rosea face, ora amarella,  
A aurora sempre bella radiava,  
E o pai, ancião, que a dor rasgava,  
Cingia ao corpo seu o corpo della.

Nem pranto nos seus olhos borbuhlava,  
E nem nos labios seus a dor gemia,  
E sua alma, qual vaso em calmaria,  
Entre vida e morrer n'um ponto estava.

O beijo paternal, por fim, lhe estampa  
Na filha, que prazeres só lhe dera;  
E filha e pensamento — alguém dissera  
Ter juntos sepultado a mesma campa!

•  
Nos céos não tens, Senhor, bastantes anjos,  
Por que os venhas assim buscar á terra?  
Brilhe a virtude, quando reina o crime,  
O crime impune e vil, que ás tontas erra.

## AS FLORES.

Ao Snr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO, incançavel Botânico-florista, a quem devemos a introdução no paiz das mais bellas e curiosas especies de flôres, que jamais aqui se virão.

Simple tributs du coeur, vos dons sont chaque jour  
Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.

*Les Jardins. — DELILLE.*

Tu que com tanto afan, com tanto custo,  
Estudando, inquirindo, e meditando,  
De estranhos climas transplantaste aos nossos  
As flores varias no matiz, nas fórmãs,  
Modésto horticultor, dos teos desvélos  
Este só galardão recebe ao menos!  
Recebe-o: tambem eu gósto das flores,  
Fólgo tambem de as ver n'um campo estreito,  
De estranhas terras revelando os mimos  
E as galas d'outros céos: — aqui perfumão  
Nossos jardins de peregrina essencia!  
Melhorão-se talvez, que as não contristão

Raios tibios do sol, nem turvos ares,  
Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.

Meigas flores gentís, quem vos não ama?  
Em vós inspirações o bardo encontra,  
Devaneios de amor a ingenua virgem,  
A abelha o mel, a humanidade encantos,  
Odôres, nutrição, balsamo e eôres.  
Meigas flores gentís, quem vos não ama?

Linda virgem no albôr da vida ineerta,  
No meio das vivâces companheiras,  
Em fórmula de capella as vai tecendo  
Para cingir com ella a fronte e a coma,  
Que os annos no passar não enrugarão,  
Nem as cans da velhice embranquecerão.  
Resplendor d'innocencia, onde casados  
A açucena, e os jasmims aos brancos lirios  
Um só perfume grato aos céos envia:  
Meiga c'róa d'angelica pureza,  
Ornamento da vida — que se rompe  
Ou quando os membros delicados vestem  
O grosseiro burel da penitencia,  
Ou do noivado as galas! — lá se acaba,  
Por fim aos pés do thalamo ou n'um tumulto!  
Meigas flores gentís, quem vos não ama?

Quantas vezes, nas horas da ventura,  
A fallaz sensação d'um peito ingrato

Não julgamos eterna, immensa, infinda! . . . .  
Alli nossos anhelos se concentração,  
Nossa vida alli jaz: — eifra-se inteira  
N'um brando volver d'olhos, n'um aecento,  
Que a ternura repassa, inspira, exhala!  
Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,  
Valem thronos, e mais, — o mundo e a vida!  
Mas esvae-se a paixão! . . . . que fica? Apenas  
Um saudoso lembrar d'éras passadas,  
De scismadas venturas, não fruidas,  
Ás vezes uma flor! . . . . — Flor dos amores,  
Quando extincta a paixão, porque inda existes?  
Espinhos de uma rosa emmurchecida,  
Porque sobreviveis ás folhas d'ella?  
Mais firme, mais leal, mais vivedoura  
Que a voluvel paixão, a flor mimosa  
Talvez irrita a dôr, talvez a acalma.  
Emblemas do prazer, do soffrimento,  
Mensageiras do amor ou da saudade,  
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Geme a fresea odalisca entre ferrolhos,  
Importuna presença a voz lhe tolhe  
Do não piedoso eunucho; — e estatua negra  
Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos:  
Chora a guzla mourisca ao som dos ferros,  
Lastima-se a cadeia ao som dos passos,  
E a humana flor definha entre as mais flores:

Mil ouvidos a voz lhe escutão sempre,  
E cingidos de ferro, crús soldados  
D'entorno ao mésto harem velão sanhudos!  
Ruge, fero soldão! treplíea os bronzes  
Da masmorra cruel: — a planta humilde,  
E a escrava que reeatas tão cioso,  
Zombão dos féros teus! Muda e singela,  
Ao través das prisões, dos teus soldados,  
Passa a modésta flor! Vai n'outro peito,  
Mysterios não sabidos relatando,  
Contar do infausto amor as provas duras,  
Os martyrios da auseneia, as tristes lagrimas  
Que chora — ao reiterar protestos novos!  
Bem-fadadas do sol, do amor bemquistas,  
O orvalho as cria, as lagrimas as murchão:  
Meigas flores gentís, quem vos não ama?

Quem tem o eoração a amor propenso,  
Quem sente a interna voz que dentro falla,  
Delicado sentir d'um brando peito,  
Alma virgem que os homens não mancharão;  
Quem soffre ou tem prazer, ou ama, ou espera  
E vive e sente a vida, esse vos ama:  
Eneantos da existencia em quanto vivos,  
Do revés, do triumpho companheiras,  
No berço, no doeel, no mudo esquite,  
Sempre amigas fieis vos eneontramos.  
Meigas flores gentís, quem vos não ama?

Modesto horticultor, dos teus desvelos  
Este só galardão recebe ao menos;  
Paga-te sequer de ver mais bella,  
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra,  
A flor modesta, producção sublime  
De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio, 29. de janeiro de 1849.

---

## O QUE MAIS DÓE NA VIDA.

I cannot but remember such things were,  
And were most dear to me.

SHAKESPEARE.

O que mais dóe na vida não é ver-se  
Mal pago um beneficio,  
Nem ouvir dura voz dos que nos devem  
Agradecidos votos,  
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,  
Que as devera beijar!

Não! o que mais dóe não é do mundo  
A sangrenta calúnia,  
Nem ver como s'infama a acção mais nobre,  
Os motivos mais justos,  
Nem como se deslustra o melhor feito,  
A mais alta façanha!

Não! o que mais dóe não é sentir-se  
As mãos d'um ente amado  
Nos espasmos da morte resfriadas,  
E os olhos que se turvão,  
E os membros que entorpecem pouco e pouco,  
E o rosto que descora!

Não! não é o ouvir d'aquelles labios,  
Doces, tristes, compassivas,  
Sobre o funereo leito soluçadas  
As palavras amigas,  
Que tanto eusta ouvir, que lembrão tanto,  
Que não s'esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas  
No triumphar da morte;  
Que, se se apaga a luz da vida escassa,  
Mais viva a luz rutila;  
Luz da fé que não morre, luz que espanca  
As trevas do sepulchro.

O que dóe, mas de dor que não tem cura,  
O que afflige, o que mata,  
Mas de afflicção cruel, de morte amara,  
É morrermos em vida  
No peito da mulher que idolatramos,  
No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flores,  
Que prende um breve instante  
O ligeiro batel á curva margem  
De terra hospitaleira;  
Com tanto amor se ennastra, e tão depressa,  
E tão facil se rompe!

Á mais ligeira ondulação dos mares,  
Ao mais ligeiro sopro  
Da viração — destranção - se as grinaldas:  
O baixel se afasta,  
Veleja, foge, até que em plaga estranha  
Naufragado soçobre!

Talvez permite Deos que tão depressa  
Estes laços se rompão,  
Por que nos peze o mundo, e os seus enganos  
Mais sem eusto deixemos:  
Sem custo assim a brisa arrasta a planta,  
Que jaz solta na terra!

## FLOR DE BELLEZA.

Não vejas!.. se a vires... — Eu sei porque o digo:  
Tu morres de amor.

MACEDO.

Se fosse rainha aquella  
Em cuja fronte singela,  
Como em tela delicada  
Luz da belleza o condão,  
Fôras rainha adorada;  
Mas rainha seductora,  
Que exige preitos n'uma hora,  
E n'outra hora adoração.

Fôras rainha! e ditosos  
Teus vassallos extremosos,  
Que a renderem-te seus preitos  
Beijarão-te a nivea mão.  
Pedes amor e respeitos!  
Quem não ama a formosura,  
Quem não respeita a candura  
D'um sincero coração?

Mas antes que nos curvemos  
Ante a belleza que vemos,  
Tua angelica bondade  
Conquista a nossa affeição:  
Não es mulher, mas deidade,  
Uma fada seductora,  
Que nos pede amor agora,  
Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,  
Entre a turba alegre passas,  
Entre a turba sequiosa  
De beijar-te a nivea mão;  
Dizem uns: quanto é formosa!  
Eu porém, sei que és mais bella  
Nos dotes da alma singela,  
Nas prendas do coração.

Passa rapida a belleza,  
Como flor que a natureza  
Cria em jardim melindroso,  
Ou n'um agreste torrão:  
Passa como um som queixoso,  
Como felizes instantes,  
Como as juras dos amantes,  
Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,  
Exhala essencia divina,

Que avigora e fortifica  
O dorido coração;  
Morto o corpo; ainda fica,  
Como em rosal arrancado,  
Leve aroma derramado  
Dos espaços na extensão.

## O ANJO DA HARMONIA.

Respira tanta doçura  
 O teu canto, que por certo  
 Abranda a penha mais dura.

BOCAGE.

Revela tanto amor, tão branda sôa  
 A tua doce voz eanora e pura,  
 Que o homem de a esecutar sente no peito  
 Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,  
 O mundo, a vida, o soffrimento esqueee,  
 E embalada n'um ether deleitoso,  
 Como Aleyon nas aguas, adormece!

Da noite a plaieidez é menos grata  
 A quem sósinho e taciturno vela,  
 Quando, perdido n'outros mundos, nota  
 A meiga luz de fugitiva estrella.

Sensações menos doees, menos vagas,  
 Desperta o barco leve, que se avista  
 Ao pôr do sol, na extrema do horisonte,  
 Quando n'um mar de luz nos foge á vista.

Das aves o cantar é menos fresco,  
É menos triste a fonte que serpeia,  
Menos queixoso o mar, que enternecido,  
Beija na praia a scintillante areia.

Vagas na terra, suspiroso archanjo,  
Derramando torrentes de harmonia  
Sobre as cbagas mortaes, — balsamo sancto  
Que as mais profundas magoas alivia.

Vagas na terra, merencoria e bella;  
Mas quando deste mundo ao céo tornares,  
Juntarás teus ternissimos accents  
Aos puros sons dos mysticos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,  
Encostados ás harpas diamantinas,  
Folgarão de te ouvir celestes carnes  
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão: — Nunca ás plagas do infinito  
Subio mais terna voz, mais fresca e pura!  
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso,  
Onde o incenso de Deos se afina e apura.

## A HISTORIA.

The flow and ebb of each recurring age.

BYRON.

Triste lição de experiencia deixão  
Os évos no passar, e os mesmos actos  
Renovados sem fim por muitos povos,  
Sob nomes diversos se encadeião:  
Aqui, além, agora ou no passado,  
Amor, dedicação, virtude e gloria,  
Baixeza, crime, infamia se repetem,  
Quer gravados no sócco de uma estatua,  
Quer em vil pelourinho memorados.  
Eis a historia! -- rainha veneranda,  
Trajando agora sedas e velludos,  
Depois vestindo um sacco despresivel,  
D'immunda cinza apolvilhada a fronte.  
Se as virtudes do pöbre não tem preço,  
Tambem dos vicios seus a nodoa exigua  
Não conspurca as nações; mas ai dos grandes,  
Que trilhão senda errada, a cujo termo  
Se levanta a barreira do sepulchro,

Onde se quebra a adulação sem força.  
Se virtuoso, as gerações passando  
As cinzas lhe beijarão; se malvado,  
Cospem-lhe affrontas na vaidosa campa,  
Jámais de amigas lagrimas molhada.  
E qual do Egypto nos festins funereos,  
Maldizem bons e máos sua memoria,  
Lançando á face da real mumia  
Dos crimes seus a lacrymosa historia.  
Talvez, porém, um infortunio grande,  
Um exemplo sublime de virtude,  
Cobre dourada pagina, que aos olhos  
Pranto consolador sem custo arranca.

Eis a historia! um espelho do passado,  
Folhas do livro eterno desdobradas  
Aos olhos dos mortaes: — aqui sem mancha,  
Além golfeja sangue e sua crimes.  
Tal foi, tal é: retrato desbotado,  
Onde se mira a geração que passa,  
Sem côr, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho,  
Que ha de ser nova copia á gente nova,  
Como os annos aos annos se succedão.  
Ondas de mar sereno ou tormentoso,  
As mesmas na apparencia, que se quebrão  
Sobre as d'areia fluctuantes praias.

## A CONCHA E A VIRGEM.

Linda concha que passava,  
Boiando por sobre o mar,  
Junto a uma rocha, onde estava  
Triste donzella a pensar;

Perguntou-lhe: — Virgem bella,  
Que faees no teu scismar?  
— E tu, pergunta a donzella,  
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha: — Formada  
Por estas aguas do mar,  
Sou pelas aguas levada,  
Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,  
Que estava triste a pensar:  
— Eu tambem vago na vida,  
Como tu vagas no mar!

---

— Vais d'uma a outra das vagas,  
Eu d'um a outro scismar;  
Tu indolente divagas,  
Eu soffro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,  
Eu, onde me leva Deos:  
Buscas a vida, — eu a morte;  
Buscas a terra, — eu os céos!

---

## SEI AMAR.

Amor amore.

*Proverbio.*

Sei amar com paixão ardente e fida,  
Como o nauta ama a terra, como o cégo  
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar; porém do immenso pégo  
D'uma existencia misera e cançada,  
Quero uma hora, um instante de socego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,  
A um peito de mulher que me entendesse,  
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porém, que fosse minha, e que eu soubesse  
Que os labios que beijei são meus somente,  
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece.

Nem vai de prompto derramar demente  
N'outros ouvidos a palavra, o accento,  
Que em extasis de amor criei fervente.

Nem corre o seu volátil pensamento,  
Quando fallo, a pensar n'outros amores,  
N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais, aeostumado a teus rigores,  
Não me queixo, bem vês, mas despedaço  
A prisão vil, embora ocella em flores.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço  
Como senhor eampeia — ao mais querido  
Cede o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um eoração partido,  
Um só amor que a dous pertence, — um peito,  
Que bate por dous homens, fermentido.

Se eu unieo não sou, — vil, não aeito  
Ser segundo em amor, — inteiro é nobre,  
Vale um throno; — partido, é dom tão pobre,  
Qu'eu pobre, como sou, de altivo engeito.

## AMANHÃ.

Amanhã! — é o sol que desponta,  
É a aurora de roseo fulgor,  
É a pomba que passa e que estampa  
Leve sombra de um lago na flôr.

Amanhã! — é a folha orvalhada,  
É a rola a carpir-se de dôr,  
E da brisa o suspiro, — é das aves  
Ledo canto, — é da fonte o frescor.

Amanhã! — são acasos da sorte;  
O queixume, o prazer, o amor,  
O triumpho que a vida nos doura,  
Ou a morte de baço pallor.

Amanhã! — é o vento que ruge,  
A procella d'horrendo fragor,  
É a vida no peito mirrada,  
Mal soltando um alento de dôr.

Amanhã! — é a folha pendida,  
E' a fonte sem meigo frescor,  
São as aves sem canto, são bosques  
Já sem folhas, e o sol sem calor.

Amanhã! — são acasos da sorte!  
E' a vida no seu amargor,  
Amanhã! — o triumpho, ou a morte;  
Amanhã! — o prazer, ou a dôr!

Amanhã! — o que val', se hoje existes!  
Folga e ri de prazer e de amor;  
Hoje o dia nos cabe e nos toca,  
De amanhã Deos sómente e Senhor!

## POR UM AI.

Se me queres ver rendido .  
De joelhos, a teus pés,  
Por um olhar que me deites .  
Por um só ai que me dê:

Se queres ver o meu peito  
Rugindo como um vulcão,  
Estourar, arder em chammas .  
Ferver de amor e paixão :

Se me queres ver sujeito ,  
Curvado e preso á tua lei ,  
Mais humilde que um escravo ,  
Mais orgulhoso que um rei ;

Meus olhos sobre os teus olhos ,  
Meu coração a teus pés ;  
Por um olhar que me deites ,  
Por um só ai que me dê :

Oiça, felis, dos teus labios  
Esta só palavra — amor! —  
Estrella cortando os ares,  
Abelha sobre uma flor.

Então verás dos meus olhos,  
Que o pezar me não cegou,  
Rebentarem de alegria  
Prantos, que a dôr estancou;

Então verás o meu peito  
Como outra vez se incendia;  
Era a folha verde e fresca,  
Onde o sol se reflectia!

Murcha e triste pende agora:  
Cahiu, jaz solta, está só:  
Exposta ao fogo, arde em chammas,  
— Deixai-a, desfaz-se em pó!

Heide sentir outra vida,  
Outra vez meu coração  
Escutarei palpitando  
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça,  
Tal fui, tal me vez agora!  
Mas venha o orvalho celeste,  
Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria  
Dar-lhe ás raizes calor;  
Revive de novo, e brota  
Folhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado  
Outra vez se dependurão  
Mil flores, — alli mil aves  
Nos seus gorgeios se apurão.

Não quero palavras falsas,  
Não quero um olhar que minta,  
Nenhum suspiro fingido,  
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno  
Uma só prova, — e verás  
Minha alma, presa em teus labios,  
Como de amor se desfaz!

Ver-me-has rendido e sugeito,  
Captivo e preso á tua lei,  
Mais humilde que um escravo,  
Mais orgulhoso que um rei!

## PROTESTO.

Imitação de uma poesia Javaneza.

Ainda quando os homens te odiassem,  
E anath'ma eontra ti bradasse o mundo,  
Por ti sentira amor, te amára sempre,  
Te amara eternamente.

Este affecto jamais hade alterar-se;  
Embora gemeos sóes ardão no espaço,  
Ou gemeas noites, em eegueira eterna,  
Me roubem o praser de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me;  
Passa ao travez do fogo, irei contigo;  
Aos céos remonta, hei de seguir-te sempre,  
Ver-me-has sempre a teu lado.

De ti não póde a força desprender-me,  
Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;  
E quem dos dias teus souber o termo,  
Que a vida me deixou tambem conheça.

Quando nas asas da esperança corro,  
Onde me acenas, onde amor me aguarda,  
Parece-me que vôo aos ledos campos.  
Onde a esperança mora.

Não ha que possa comparar-se aos extasis,  
Que tanto ao vivo meu amor revelão;  
Um gesto, um som dos labios teus mimosos  
Mil vezes na minha alma se repcte.

Quer irritada contra mim te mostres.  
Quer do teu seio irosa me repillas,  
Teu rosto na minha alma se retrata,  
E eu te amo sempre!

Quer durma, quer descance, ou vele ou soffra.  
Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,  
Risonha tua imagem me apparece,  
E eu julgo sempre que te fallo e escuto.

Seja cu longe da patria infindas legoas,  
A distancia de um mundo entre nós corra,  
Em quanto além divago, preso fica  
Meu coração contigo.

Se pois souberes que os meus dias findão,  
Não creias que o destino inexoravel  
M'os corta — antes me tem, antes me julga  
Morto por ti de amores!

## FADARIO.

Procura o íman sempre  
Do pólo a firme estrella,  
De viva luz o insecto  
Se deixa embellesar;  
E a nave contrastada  
Das furias da procella,  
Procura amigo porto,  
No qual possa ancorar.

O íman sou constante,  
A nave combatida,  
O insecto encandeado  
Com fulgido clarão;  
E tu — a minha estrella,  
A luz da minha vida,  
O porto que me acena  
Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,  
Severa no semblante,

No olhar, na voz — de balde  
Me opprime o teu rigor;  
Se fujo dos teus olhos,  
Se mostro-me inconstante,  
Na ausencia e no desterro  
Me vai crescendo o amor!

Assim o insecto volta  
Á luz que o já queimára,  
E o íman na tormenta  
Procura o norte seu;  
Assim a nave rota,  
Que o vento contrastára,  
Entrando o porto, esquece  
Que males já soffreu.

De balde, pois, tua alma,  
Que a minha dôr encherga,  
Se mostra aspera e dura  
Á voz do meu penar;  
Aquelle verde ramo,  
Que facilmente verga,  
Resiste ao peso, emquanto  
Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cança  
De o ver revel comtigo,  
Do tronco seu virente  
Separa-o de uma vez:

Mais qu'elle venturoso  
Me julgo, se consigo  
Morrer vendo os teus olhos,  
Cahir junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,  
Se finda o meu tormento,  
Que nem lembrança minha  
Terás de conservar:  
A nave, que não toca  
No porto a salvamento,  
Talvez os rotos mastros  
Atira á beira-mar.

Assim quando jazendo  
Me achar na campa fria,  
Talvez tenhas remorsos,  
Da tua ingratidão;  
Talvez que por mim sintas  
Alguma sympathia;  
Que em lagrimas desfeita  
Me dês amor então.

## O ASSASSINO.

Pero una sola lagrima, um gemido  
Sobre sus restos á ofrecer no van,  
Que es sudario d'infames el olvido . . .  
Bien con su nombre en su sepulcro estan!

ZORRILLA.

Eil-o! seu rosto pallido se encova;  
Incerto, mais que os vãos d'um morcego,  
Seu andar, ora lento, ora apressado,  
Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,  
Simelha luz de tocha mortuaria  
A luz que os olhos seus despedem torvos.  
Ha momentos em que seo rosto fero  
De tal arte s'enruga e se transtorna,  
Que os seus proprios amigos o fugirão  
E a propria mãe temera unil-o ao seio!  
Quando os labios descerra, só murmura  
Frases, cujo sentido não se alcança,

Ou blasfemias a Deos, que o soffre em vida!  
O que amou n'outro tempo, agora odeia;  
Despreza o que estimou, evita, foge  
Quanto afanoso procurava outr'ora:  
Receia a luz do sol, da noite as trevas,  
A voz do crime, da innocencia o grito!

A cholera de Deos cahio tremenda  
Sobre o seu peito, e o coração lhe opprime,  
De cuja interna chaga em jorros salta  
O sangue e a podridão: horrendo e fero,  
A victima das furias do remorso,  
Terrivel e cobarde, e ao mesmo tempo  
Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,  
Em quanto a Deos maldiz, blasfema, irrita,  
D'uma voz, d'uma sombra se amedronta.

Não póde supportar seus pensamentos  
A sós comsigo, e aborrecendo os homens,  
De os ver e de os não ver soffre martyrios.  
Na cidade, suspeita esposa, amigos,  
A mãe e os filhos; — um terror, um pasma,  
Cuja causa recondita se ignora,  
Na voz, no rosto e gesto o denunciação  
Como escravo do crime ou da miseria.

No ermo a propria voz o sobresalta!  
O som dos passos, do seu corpo a sombra,

Das fontes o correr por entre as pedras,  
Da brisa o suspirar por entre as folhas,  
Quanto vê, quanto escuta o intimidada.  
Minaz lhe brada a natureza inteira,  
Soluça um nome, que lhe erriça a cona  
E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas erespas, que se enrolão,  
Batidas pelo açoite da procella,  
Troveja o mesmo nome; as vagas dizem-no,  
Quando paixão, cuspiendo-lhe o semblante:  
E Deos, o proprio Deos no espaço o grava  
Nos fuzis que os relampagos centelhão.

Tem pavor, quando sonha e quando véla.  
Deixando o leito em seu suor banhado,  
No sileneio da noite — á horas mortas,  
Levanta-se medonho á voz do crime!  
Nas mãos convulsas um punhal aperta  
E a lamina buida e os olhos torvos  
Agoureiro clarão despedem juntos.  
Soltando roueos sons com voz sumida,  
Apalpa eauteloso as densas trevas,  
E vai . . . eaminha . . . attende . . . de repente  
Apunhala um phantasma! — solta um grito,  
Larga o punhal convulso e arrepiado!  
N'um ferrete de sangue lê seu fado,  
Um ferrete, que a dôr desfaz nunca,  
Nem lava o pranto, nem consome o tempo.

Miseravel, provando o fel' da morte.  
Ante o passo medonho se horrorisa;  
Odeia o mundo que fugir não póde,  
Regeita a religião que o não consola,  
Ódeia e teme a Deos, — teme a justiça  
De quem na fronte vil do fratricida  
Nodoa eterna gravou do crime infando.

---

## A UNS ANNOS.

14 — Janeiro.

No segredo da larva delicada  
A borboleta mora,  
Antes que veja a luz, que estenda as azas,  
Que surja fóra!

A flor, antes de abrir-se, se recata;  
No botão se resume,  
Antes que mostre o colorido esmalte,  
Que espalhe o seu perfume.

E a flor e a borboleta, após a aurora  
Breve — da curta vida,  
Encontrão nas manhãs da primavera  
A luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem  
Da vida no verdor,  
Semelha a borboleta melindrosa,  
Semelha a linda flor.

Tudo se alegra e ri em torno della,  
Tudo respira amor,  
Que é a virgem formosa semelhante  
Á borboleta e á flor.

Mas para estas o sol breve se esconde,  
Passão prestes os dias;  
Em quanto a cada sol e nova quadra  
Tu novas graças crias!

## QUANDO NAS HORAS.

And dost thou ask, what secret woe  
 I bear, corroding joy and youth?  
 And wilt thou vainly seek to know  
 A pang e'en thou must fail to soothe?

BYRON.

## I.

Quando nas horas que contigo passo,  
 Do amor mais casto, do mais doce enlevo,  
 Sentindo um raio d'esperança amiga,  
 Que as densas trevas da minha alma aclara;

Teus meigos olhos sobre os meus se fitão,  
 Sorvo o perfume que tua alma exhala,  
 Góso o sorriso que os teus labios vertem  
 E as doces notas que o prazer m'entranhão;

Tu me perguntas por que um riso amargo,  
 Funebre e triste me descora os labios;  
 Por que uma nuvem de pesares gravida  
 Tolda o meu rosto;

Por que um suspiro de abafada angustia,  
Um ai do peito, que exhalar não ousou,  
O meigo encanto dos teus sonhos quebra  
N'um breve instante!

Raio de amor, que sobre mim resplendes,  
Ou sol que bates n'um profundo abysmo,  
E a verde-negra superficie tinges  
De côr chumbada com reflexos d'oiro;

Se vêes luzente a superficie amiga,  
E á luz que espalhas aclarar-se o abysmo,  
Sol bemfazejo, que te importão fezes,  
Se lá no fundo adormecidas jazem?

Talvez se as viras, encobrinde os olhos,  
De horror fugindo ao temeroso aspecto,  
Os brandos lumes, d'onde amor distillas,  
Breve apagarás.

Não me perguntes porque soffro triste,  
Por que da morte o negro espectro invoco,  
Por que, cansado desta vida, almejo  
A paz dos tumulos.

Nem ver procures a cratera hiante  
Do peito meu, qu'inda fumea em cinzas,  
Do peito meu, onde crueis travarão  
Pleitos, não crimes, mas paixões que abrasão.

Dá que nas horas que eontigo passo  
Do amor mais casto e do mais doce enlevo,  
Durma o passado e do porvir m'esqueça,  
E o meu presente de te amar se ameigue.

## II.

Se algum suspiro de abafada angustia,  
Se um ai do peito que éxahalar não ousa,  
O meigo encanto dos teus sonhos quebra;  
    Tu me perdôa.

Cansado e triste de viver soffrendo,  
Da morte amiga o negro espectro invoco,  
Affiz-me as dores, e só torva ideia  
    Me apraz agora.

Talvez na pedra d'um sepulchro frio  
Melhor folgára de me ver deitado,  
Sentir nos olhos estancado o pranto  
E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgára minha sombra triste,  
Vagando em torno d'uma campa lisa,  
De ver-te as fórmãs, de eontar teus passos,  
E de escutar tua oração piedosa.

Talvez folgára, quando pranto amargo  
Dos olhos teus me rorejasse a campa,  
Dos meigos labios, onde amor temperas,  
    Meu nome ouvindo!

Oh! sim, folgára de sentir a brisa,  
 Correndo em torno ao moimento meu,  
 E tu sósinha no sepulchro humilde,  
 Guardando os tristes deslembados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leite,  
 Onde os teus restos junto aos meus descancem;  
 E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa  
 Juntos nos vejão.

E quando o anjo espedaçar as campas  
 Ao som da trompa de fragor horrendo,  
 Que ha de o lethargo despertar dos mortos  
 Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitaráõ meus olhos:  
 Hei de alegrar-me de te ver commigo,  
 E as nossos almas subirãõ reunidas  
 Á eterna face do juiz superno.

E deste amor, por que ambos nós passamos,  
 O galardão lhe pediremos ambos,  
 Viver unidos na mansão dos justos,  
 Ou nos tormentos da eternal gehenna!

### III.

No em tanto a vida soportar já devo,  
 Soffrer o peso da existencia ingloria,  
 E revolvendo o coração chagado,  
 Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,  
Um echo surdo, que entre as fragas dorme,  
Ou como a fonte, que entre as pedras corre,  
Ou como a folha sob os pés calcada.

Uma alma em pena, que procura os restos  
Não sepultados, — uma flor que murcha,  
D'uma harpa a corda, que por fim rebenta,  
Ou luz que morre.

Praser não acho de avistar lua  
Pallida e bella na soidão do espaço;  
Nem vivos astros, nem perfumes gratos  
Me dão consolo.

Nada percebo nos confusos roncões  
Do mar, que bate as solitarias praias;  
Nem nos gemidos da frondosa selva,  
Que o sopro anigo de uma aragem move.

Conviva infausto d'um festim, que odeio,  
Ás proprias galas que vaidosa ostenta  
A natureza — não se ri minha alma,  
Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,  
Mudo cadaver dos festins do Egypto,  
Se ver pudesse, contemplando o nada  
Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sobre mim pousaste,  
Teus meigos olhos, donde o amor lampeja;  
Pois que os teus labios para mim se abrirão,  
Teus meigos labios;

Já que o perfume da tua alma d'anjo  
Embalsamou-me o coração de aromas;  
Já que os praseres da eternal morada  
De longe, em sonhos, antevi contigo:

Já posso a vida supportar, já devo  
Soffrer o peso da existencia inutil;  
Já do passado e do porvir me esqueço,  
E o meu presente de te amar se ameiga.

## RETRACTAÇÃO.

Son reo, non mi difendo;

Puniscimi, se vuoi!

METASTASIO.

Perdoa as duras frases que me ouviste:  
Vê que inda sangra o coração ferido,  
Vê que inda luta moribundo em ancias  
Entre as garras da morte.

Sim, eu devera moderar meu pranto,  
Soffrear minhas iras vingativas,  
Deixar que as minhas lagrimas corressem  
D'entro do peito em chaga.

Sim, eu devera confranger meus labios,  
Mordel-os té que o sangue espadanasse,  
Afogar na garganta a ultriz sentença,  
Apagal-a em meu sangue.

Sim, eu devera comprimir meu peito  
Conter meu coração, que não pulsasse,  
Apagado volcão, que inda fumega,  
Que faz, que jorra cinzas?

Que m'importava a mim teu fingimento,  
Se uma hora' fui feliz quando te amava,  
Se ideei breve sonho de venturas,  
Dormido em teu regaço;

Luz mimosa de amor, que te apagaste,  
Ou gota pura de crystal luzente  
Filtrando os poros de uma rocha a custo,  
Cahida em negro abysmo!

Devera pois meu pranto borrifar-te  
Amigo e bemfazejo, como aljofar  
De branco orvalho em perolas tornado  
N'um calice de flor;

Não converter-se em pedras de saraiva,  
Em chuva de granizo fulminante,  
Que em chão de morte as petalas vicosas  
Desfolhasse entre-abertas.

---

Feliz o doce poeta,  
Cuja lyra sonora,  
Resoa como a queixosa,  
Trepida fonte a correr;  
Que só tem palavras meigas,  
Brandos ais, brandos accentos,  
Cuja dôr, cujos tormentos  
Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta,  
Que não andou em procura  
De terrena formosura,  
Nem as graças lhe notou!  
Que lhe não deu sua lyra,  
Que lhe não deu seus cantares,  
Que lhe não deu seus pesares,  
Nem junto della quedou!

Antes na mente escaldada  
Forma um composto divino  
De algum ente peregrino,  
De algum dos filhos dos céos:  
E ante essa imagem creada,  
Que vê sempre noite e dia,  
Dobra as leis da phantasia,  
Acurva os desejos seus.

É d'ella quando se carpe,  
É d'ella quando suspira,  
É d'ella quando na lyra  
Entoa um canto feliz:  
D'ella acordado ou dormido,  
D'ella na vida ou na morte.  
Tenha alegre ou triste sorte,  
Seja Laura ou Beatriz!

Que talvez a doce imagem,  
A scismada phantasia  
Hade o poeta algum dia  
Junto de Deos encontrar;  
E que havendo-a produzido  
Antes do mundo formado,  
Dê-lhe um sonhar acordado  
Por um viver a sonhar!

## ANHELO.

No lago interior d'um peito virgem,  
Que os ventos das paixões não agitarão,  
Hei de em cifras de amor gravar meu nome,  
Onde as nuvens do céu desenhão côres.

Nos meigos olhos, que embelleza o mundo,  
De corrosivas lagrimas enxutos,  
Meu pensamento gravarei n'um beijo,  
Onde as luzes do céu reflectem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa  
Noite e dia seus canticos afina,  
Hei de a vida entornar em doces carmes.  
Onde imagens do céu sómente brilhão.

Que outra c'roa. melhor, que outra mais pura,  
Que uma c'roa d'amor em fronte virgem?!  
Não pesa sobre a fonte, não esmaga,  
Não punge o coração, — é toda amores!

Que outra c'roa melhor, que outra mais bella  
Que a aureola, que Deos concede aos vates?  
Com sorriso de amor, talvez com pranto,  
Cede-a o vate á mulher, que mais o inspira!

Eu t'a cedo, eu t'a dou! C'rôo-te imagem  
Resplendente, invejada entre as mulheres;  
Um beijo só de amor tu me concedas,  
Um suspiro sequer do peito exales.

---

## QUE ME PEDES.

Tu pedes-me um canto na lyra de amores,  
Um canto singelo de meigo trovar?!  
Um canto fagueiro já — triste — não póde  
Na lyra do triste fazer-se escutar.

Outr'ora, coberto meu leito de flores,  
Um canto singelo já soube trovar;  
Mas hoje na lyra, que o pranto humedece,  
As notas d'outr'ora não posso encontrar!

Outr'ora os ardores que eu tinha no peito  
Em cantos singelos podia trovar;  
Mas hoje, soffrendo, como heide sorrir-me,  
Mas hoje, trahido, como heide cantar?

Não peças ao bardo, que afflicto suspira,  
Uns cantos alegres de meigo trovar;  
A' lyra quebrada só restão gemidos,  
Ao bardo trahido só resta chorar.

## O CIUME.

Oh! quanta graça e formosura adorna  
Teu rosto eloquente e vivo!  
Se a sombra de um sorrir te afrouxa os labios,  
Prestes outro sorrir dos meus rebenta;  
Se vejo os olhos teus, que chorar tentão,  
Debalde o pranto meu represso engulo;  
Se do teu rosto as rosas se esvaecem,  
Eu sinto de temor bater meu peito;  
E quando os olhos teus nos meus se fitão,  
Nem pesares, nem dôres me dominão;  
Mas sinto que o meu peito se enternece,  
Sinto o meu coração bater mais livre,  
Sinto o sorriso, que me ri nos labios,  
Sinto o praser, que me transluz no rosto,  
Sinto delicias n'alma!

Quanta belleza tens! — quer dessas graças,  
Que o amor inveja — n'um saráu brilhante  
No meio de bellas, que supplantas,

Praser e galas de as mostrar ressumbres;  
Quer estejas sósinha e pensativa,  
Quer viva e folgazã praser incites:

Ou n'um corssel em páramos extensos,  
Correndo affoita e louca, e o pé mimoso  
Da carreira no afan por sob as vestes  
Transparecer deixando;

Ou balançada n'um ligeiro barco,  
Que de um lago tranquillo as aguas frisa,  
Soltando a voz ás brisas namoradas,  
Que de te ouvir suspirão;

Ou n'uma bronca penha descavada  
O mar e os céos contemples pensativa,  
E a redeas sôltas do pensar divagues  
Nos campos do infinito;

És sempre bella: já teus olhos brilhem  
Luz que fascina, ou morbidos reflexos,  
Teus labios entre-abertos sempre exhalão  
Calor, que incendio ateia.

Oh! que bella tu és, quando assentada  
No teu balcão, ao refulgir da lua,  
Manso te apoias em coxins de seda,  
E o bello azul dos céos triste encarando  
Pensas em Deos, — talvez no teu futuro,

Talvez nos teus pesares, — que na fonte  
De limpha pura, crystallina e fresca  
Aquatica serpente usa occultar-se.  
Mas como és bella assim! co'a mão sem força  
Tirando sons perdidos, sons que encantão,  
Sons qu'infundem praser, sons d'harpa tristes!  
Mas como és bella assim! — quando o teu peito  
Entre a gaza subtil de leve ondeia!  
Como a onda do mar pausada e fraca  
Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega  
A' doce praia, onde os seus ais se quebrão;  
Assim teu peito bate, e nos teus labios  
Do extremo palpitar morre um suspiro.  
Como d'harpa afinada a corda sôa  
Mal desfere seus sons outro instrumento;  
Assim tambem minha alma se entristece,  
Assim tambem meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,  
Porque sou teu escravo, — bem que saiba  
    Que se a tua alma a belleza  
    Tem de um anjo a formosura,  
    Não tens de um anjo a candura,  
    Nem tens delle a singelesa!

Eis porque ardo por ti, porque padeço  
    Do inferno crus tormentos;  
Porque dos zelos o fel mancha minha alma  
    De negros pensamentos!

Mas que importa este amor que me consome?  
Eu quero sentir dôr;  
Quero labios que entornem nos meus labios  
Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,  
Quero um corpo cingir que eu sinta arder,  
Quero beijos só teus, caricias tuas,  
Que dão morrer!

Que importa ao edificio que scintilla,  
De roaz fogo tomado,  
Ser por um raio abrasado  
Ou por ignobil favilla?

É sempre ardor, sempre fogo,  
Sempre d'incendio o clarão,  
Sempre o amor que estúa e ferve  
Como um gigante vulcão.

---

## A NUVEM DOIRADA.

(N'UM ALBUM.)

A nuvem doirada se expraia no occaso,  
Roçando co'as franjas o throno de Deos;  
A aguia arrojada seus vôos levanta,  
Traçando caminhos nos campos dos céos!

Exhala perfumes a flor do deserto,  
Embora dos ventos o sopro fatal  
Embace-lhe as côres, — e o mar orgulhoso  
Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos  
Imitão as nuvens no incerto vagar:  
Vão sós como as aguias, — exhalão perfumes,  
Suspirão queixumes — das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito  
Cantar-lhe das lyras a lyra melhor;  
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantão  
Saudades, perfumes, enlevos e amor!

## SONHO DE VIRGEM.

A. D. A. C. G. A.

## I.

Que sonha a donzella,  
Tão vaga, tão linda,  
Bemquista e bem vinda  
Na terra e no céu?  
Que scisma? que pensa?  
Que faz? que medita,  
Que o seio lhe agita  
Tão bravo escarcéo?

Que faz a donzella,  
Se lagrimas quentes  
Das faces ardentes  
Lhe queimão a tez?  
Que sonha a donzella,  
Se um riso fagueiro,  
Donoso e ligeiro  
Nos labios lhe vês?

Que faz a donzella,  
Que scisma, ou medita?  
Talvez lá cogita  
Fruir algum bem;  
Então porque chora?  
Se curte agras dôres  
D'ingratos amores,  
O riso a que vem?

Semelha a donzella,  
Que ri-se e que chora,  
Á limpida aurora,  
Que orvalha dos céos;  
Não luz mais brilhante,  
Não chora mais prantos,  
Não tem mais encantos,  
Que um riso dos seus.

## II.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,  
Aventar teus angelicos desejos,  
Saber de quantas ledas fantasias,  
De quantos melindrosos pensamentos  
Um suspiro se nutre, um ai se gera.  
Virgem, virgem de amor, que vais boiando  
Á flor da vida, como rosea folha,  
Que aragem branda sacudio nas aguas:  
Que genio bom a magica vergasta  
Em troco de um sorriso te concede?

Que poderosa fada te embalsama  
A vida e os sonhos? — que celeste archanjo  
Embala, agita as creações que idéas,  
Como em raio do sol dourados átomos  
Com que invisível ser brincar parece!  
Virgem, virgem de amor, quaes são teus sonhos?

## III.

Talvez quando o sol nasce, lá divisas  
Na líquida extensão do mar salgado  
    Correr com mansas brisas  
Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de setim brancas de neve  
Rutilão d'entre as flamulas e côres,  
    E o barco airoso e leve  
Nos remos voga de gentis amores.

Não formão rijos sons celeuma dura,  
Nem a companha entre bulções desmaia;  
    Aragem fresca e pura  
Doces carmes de amor conduz á praia.

Sonhas talvez nas orlas do occidente,  
De um regato sentada a branda margem,  
    Ver surgir de repente  
De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construcções fantasiando,  
Vês agulhas subtis cortando os céos.

E a luz do sol doirando  
Rutilos tectos, altos corucheos.

Sonhas talvez palacios encantados,  
Espaçosos jardins, fontes de prata,  
Vergeis de sombra grata,  
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas innocente Armida,  
Passar a facil quadra dos amores,  
Tendo em laço de flores  
Preso de quem mais amas peito e vida!

## IV.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos?  
Aventar teus mais intimos desejos,  
E ser o genio bom que t'os cumprisse!

## V.

Nem só praseres medita,  
Nem só pensa em bellas flores;  
Muitas ha que almeirão dores,  
Como outras, buscão amor:  
É que as punge atra amargura,  
Que o peito anceia e fatiga;  
É sêde que só mitiga  
Talvez afflicção maior.

Quasi gosão, quando vertem  
Um pranto cançado e lento;  
Quando um comprido tormento  
Lhes derrete o coração:  
Não é martyrio de sangue,  
Como nas eras passadas;  
Mas ha lagrimas choradas,  
Que tambem martyrio são.

Ha dores que melhor ralão  
Que provas d'agua ou de fogo,  
Que ver apinhado o povo  
N'um banquete canibal;  
Que sentir no amphitheatro  
As vivas carnes rasgadas  
Pelas presas navalhadas  
De um fero lobo cervical.

## VI.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,  
Aventar teus mais fundos pensamentos,  
E ser o genio bom que t'os cumprisse,  
Quando fossem de amor teus meigos sonhos!

## VII.

Mas donde mana essa fonte  
De inexplicavel ternura,  
Que os golpes da desventura  
Não podem nunca estrancar;

Essa vida toda extremos,  
Esse ardor de todo o instante,  
Esse amor sempre constante,  
Que nunca se vê mingoar?

Quizera, virgem donosa,  
Saber a origem divina  
Dessa fonte perigrina  
De tanta luz e calor;  
Então pudera em meus cantos,  
Tratar dos teus meigos sonhos,  
Formar uns quadros risonhos  
De quanto sentes de amor.

Roubando as eôres do Iris,  
Das estrellas os fulgores,  
O aroma que tem as flores,  
O vago que tem o mar;  
Talvez podera os mysterios,  
As douradas phantasias,  
As singelas alegrias  
D'um peito virgem eantar.

---

## MEU ANJO, ESCUTA.

Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve  
Je n'en puis comparer le lointain souvenir  
Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève  
Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.

MUSSET.

Meu anjo, escuta: quando junto á noite  
Perpassa a brisa pelo rosto teu,  
Como suspiro que um menino exhala;  
Na voz da brisa quem murmura e falla  
Brando queixume, que tão triste cala  
    No peito teu?  
Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem  
D'afflicto pranto com sombrio véo,  
Rasgado o peito por acerbos dores;  
    Quem murcha as flores  
Do brando sonho? — Quem te pinta amores  
    D'um puro céu?  
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém te acorda do celeste arroubo,  
Na amenidade do silencio teu,  
Quando tua alma n'outros mundos erra,  
    Se alguém descerra  
    Ao lado teu  
Fraco suspiro que no peito encerra;  
    Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém se afflige de te ver chorosa,  
Se alguém se alegra co'um sorriso teu,  
Se alguém suspira de te ver formosa  
O mar e a terra a ennamorar e o céu;  
    Se alguém definha  
    Por amor teu,  
    Sou eu, sou eu, sou eu!

## OS BELJOS.

Amo uns suspiros quebrados  
Sobre uns labios nacarados  
A gemer, a soluçar;  
Como a onda bonançosa,  
Que n'uma praia arenosa  
Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,  
Uns accentos de ternura,  
Que trazem vida e calor;  
Que se derramão a medo,  
Como temendo o segredo  
Revelar do occulto amor!

Amo a lagrima que chora  
Terna virgem que descora,  
Presa d'interna afflicção;  
Amo um riso, um gesto vivo,  
Um olhar honesto, esquivo,  
Que alvoroça o coração.

Porém mais que o olhar honesto,  
Mais que o riso e brando gesto,  
Mais do que o pranto a correr,  
Mais que a voz, quando amor jura,  
Que um suspiro de ternura,  
Que vem aos labios morrer;

Amo o leve som de um beijo,  
Quando rompe o véo do pejo,  
Mal sentido a murmurar:  
É viva flor de esperança,  
Que nos promette bonança,  
Como a flor do nenuphar.

Mente o olhar, mesmo em donzella,  
Mente a voz que amor assella,  
Mente o riso, mente a dor;  
Mente o cançado desejo;  
Só não mente o som de um beijo,  
Primicias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas,  
São duas almas unidas,  
Que o mesmo fogo consume:  
São laço estreito de amores;  
Porque são os labios flores  
De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito,  
Sello breve, laço estreito  
D'um cançado bem querer;  
Saibo dos gozos divinos,  
Que nos labios femininos  
Quiz Deos bondoso verter.

Já por feliz me tivera,  
Triste de mim! se en pudera  
Dizer o que os beijos são:  
Sei que inspirão luz e calma,  
Sei que dão remanso á alma,  
Que trazem fogo a paixão.

Sei que são flor de esperança;  
Que nos promettem bonança,  
Como a flor do nenuphar:  
Quem fruio um ledo beijo,  
Ter não póde outro desejo,  
Nada já póde gozar.

Sei que delles não se esquece  
Triste velho, que esmorece  
Á mingoa de coração:  
Viva estrella em noite escura,  
Viva braza em cinza pura,  
Em neve algente um vulcão.

Sei que fruil-os uma hora  
De ventura seductora,  
É subir em vida aos céos,  
É fugir da vida escassa,  
Roubar ao tempo que passa  
Um dos momentos de Deos.

Sei que são flor de esperança,  
Que nos promettem bonança,  
Como a flor do nenuphar!  
Quem os fruio, o que espera?  
Já gozou, já não tem era,  
Já não tem mais que esperar.

---

## DESESPERANÇA.

Antes d'espírar el dia,  
Vi morir a mi esperanza.

ZARATE.

Que m'importa do mundo a inclemencia  
E esta vida cruel, amargada?  
Des'que os olhos abri á existencia  
Um vislumbre de amor não achei!  
Nem uma hora tranquilla e fadada,  
Nem um gozo me foi lenitivo;  
Mas no mundo maldicto, em que vivo,  
Quantas ancias, meu Deos, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!  
Quando outr'ora corri descuidoso  
Traz de um bem, não real, mas sonhado,  
Transbordava de sonhos gentis:  
Eu julgava que a um peito brioso  
Ou que a uma alma, que facil s'inflamma  
Por virtudes, por gloria, ou por fama,  
Era facil aqui ser feliz.

Via o mundo ao travez dos meos prantos  
A sorrir-se p'ra mim caroavel,  
Reflectindo celestes encantos,  
Que era visto d'um prysma ao travez:  
Hoje trevas em manto palpavel  
Me circundão, — nem já por acerto  
Vejo triste nos prantos, que verto,  
Luz do céo reflectida outra vez!

Que me resta na terra? — Estas flores,  
Afangadas do sopro da brisa,  
Disputando do sol os fulgores,  
Balançadas no debil hastil!  
Estas fontes de prata, que frisa  
Brando vento, — estas nuvens brilhantes,  
Estas selvas sem fim, susurrantes,  
Estes céos do gigante Brasil;

Nada já me renova a esperança,  
Que jaz morta, qual flor resequida;  
Só me resta a querida lembrança  
Que o martyrio se acaba nos céos:  
Foge pois, ó minha alma, da vida;  
Foge, fuge da vida mesquinha,  
Leva timida esp'rança, caminha,  
Té parar na presença de Deos!

Qu'estes gozos de ethereos praseres,  
Que esta fonte de luz que illumina,

Que estes vagos phantasmas de seres,  
Que scismando só posso enxergar;  
Que os amores de essencia divina,  
Que eu concebo e procuro e não vejo,  
Que este fundo e cançado desejo,  
Deos somente t'os póde faltar.

Vai assim a medrosa donzella,  
Pura e casta na ingenua belleza,  
Buscar luz á remota capella,  
Branca cera na pallida mão:  
Tudo é sombra, silencio e tristesa!  
Mas ao toque do fogo sagrado,  
Arde em chammas o cirio apagado,  
Já rutila brilhante clarão.

## SE QUERES QUE EU SONHE.

Sur mon front, où peut-être s'achève.  
 Un songe noir qui trop long temps dura,  
 Que ton regard comme un astre se lève,  
 Soudain mon rêve  
 Rayonnera.

V. HUGO.

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido  
 Conheça alegrias, desfructe prazeres;  
 Que nunca provei;  
 Que ao menos nas azas de um sonho mentido  
 Perdido — arroubado, tambem diga: amei!

Tu queres que eu sonhe! — não sabes que a vida  
 Me corre penosa, — que amarga por vezes  
 A propria illusão!  
 No pallido riso d'uma alma affligida,  
 Qu'invida — ser leda, que dores não vão!

Se o pranto, que os olhos cançados inflamma,  
 Nos olhos de estranhos sympathico brilha;  
 Mais agro penar  
 Do triste o sorriso nos peitos derrama,  
 Se a chamma — revela, que almeja occultar.

Sonhando, percebo na mente agitada  
Um mar sem limites, areas fundidas  
    Aos raios do sol;  
E um marco não vejo perdido na estrada  
Cançada, — não vejo longinquo farol!

E queres qu'eu sonhe! — Nas aguas revoltas  
O nauta, ludibrio d'horrenda procella,  
    Se póde dormir,  
As vagas cruzadas, em sustos involtas,  
Ás soltas — escuta raivosas bramir.

Talvez porém sonha que as ondas mendaces  
O levão domadas á terra querida,  
    Qu'entrou em seus lares!...  
E triste desperta, que os ventos fugaces  
Nas faces — a espuma lhe atirão dos mares.

Se queres que eu sonhe, — que alguma alegria  
Dormido conheça, — que frua prazeres  
    D'um placido amor;  
Vem tu como estrella da noite sombria,  
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então socegado,  
Scismando prazeres, que n'alma s'entranhão;  
    D'um riso dos teos  
Coberto o meo rosto, — fugira o meu fado  
Quebrado — aos encantos de um anjo dos céos.

Vem junto ao meu leito, quando eu for dormido,  
Que eu sinta os perfumes que exhalas passando;

Não soffro — direi:

E ao menos na azas de um sonho mentido,  
Perdido — arroubado, talvez diga: — amei! —

## O BAILE.

Sonemos gozando  
 Fortuna tan vana,  
 Y el sol de mañana  
 Que vea al salir  
 Que al son de la orquesta  
 Danzando en la fiesta,  
 No es carga funesta  
 La vida feliz.

ZORILLA.

As salas vão-se enchendo, as luzes brilhão  
 Nos prysmas de crystal repercutidas,  
     Em quanto as flores  
 Dos bufetes nas jarras coloridas  
     Acres odores  
 Soltão; ao mar de luzes misturando  
 D'innocente perfume outro mar brando.  
 Com requebros e amor gentis donzellas,  
     Em riso e festa,  
     Medindo os passos  
     Aos sons da orchestra;  
     Pendem dos braços.  
 Do namorado, lepido galan!  
 Esta risonha, aquella pensativa,

Outra menos esquivã,  
 Attenta as vozes, que o prazer lhe entranhão,  
 E á fraze eortezã,  
 Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos;  
 Vão descuidosas,  
 Nos labios risos,  
 Nas faees rosas,  
 Dando fé a protestos fementidos.

Triunfo ás bellas! o prazer começa:  
 Correm nas taças vinhos espumosos,  
 Gratos licores;  
 Tangida pela mão dos Trovadores  
 Desfaz-se a lyra em sons melodiosos,  
 Em eantio de amores.  
 Soltão mais viva luz as brancas velas,  
 Melhor perfume as flores.  
 Activa-se o prazer; triunfo ás bellas!  
 Aqui, alli, alem, mil rostos meigos,

Da walsa ao gyro rapido se mostrão,  
 De gemmas ennastrados os cabellos;  
 E o peito que anhelante  
 Palpita entumecido  
 Nas ondas do prazer ebrifestante,  
 D'um leve colorido  
 Banha o semblante,  
 Que mais e mais co'a noite se enrubece:  
 Triunfo as bellas, — o prazer recresce!

Perdido em tanto neste mar de luzes,  
Mar de amor, de perfumes, que me inunda,  
    Contemplo indifferente  
    Quanto em redor diviso;  
E entre tanto ruido e tanta gente,  
    Nem um sorriso  
    Verdadeiro, innocente!  
Nem um sincero raio de alegria,  
    Nem um peito contente  
Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim: — Talvez aquella,  
    Que tem melhores cores,  
    Que mais leda se mostra,  
Que mais feliz no gesto se revela,  
    Sente mais finas dores;  
    O intimo desgosto,  
    A febre que a devora  
    Lhe dá calor ao rosto,  
    E no silencio chora;  
Presas de uma afflicção devoradora.

Uma tristeza funda, inexprimivel  
    O coração me aneia;  
E triste e solitario n'um recanto,  
Nunca mais solitario, nem mais triste  
Do que entre a multidão que me rodeia,  
Não encontro maior, mais doce encanto  
Que deixar-me arrastar por uma ideia,

Que me avassalla a mente.  
Que m'importa esta gente,  
Estes rostos que vejo e não conheço,  
E o riso a que mil outros dão apreço?  
Esta fingida alegria,  
Esta ventura que mente,  
Que serão dellas ao romper do dia?  
Destas virgens louças as mais mimosas  
Mortas serão talvez antes que murchem  
Do branco rosto as encarnadas rosas!  
Grinaldas festivaes, que a morte espalha  
No lugubre terreiro;  
O pó as enxovalha,  
Murchas aos pés do esquallido coveiro!

---

## DESALENTO.

Without a hope in life!

CRABBE.

Nascer, lutar, soffrer! — eis toda a vida:  
D'esperança e de amor um raio breve  
    Se mistura e confunde  
Ás cruas dores d'um viver cançado,  
Como raio fugaz que luz nas trevas  
    Para as tornar mais feias!

Da verde infancia os sonhos melindrosos,  
Nobres aspirações da juventude,  
    Amor de gloria stulto,  
Com que mais alto a mente se extasia;  
São vãos phantasmas, que produz a febre,  
    São illusões que mentem!

São as folhas virentes arrancadas  
D'um arbusto viçoso, antes que brotem  
    Da primavera as flores;

A pennugem que nasce antes das asas,  
Um esteril botão, que não dá flores,  
Ou flor que não dá fructos!

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo!  
Como areas d'um paramo deserto,  
Resequido, abrasado;  
Provoca o teo soffrer, teo pranto espreita,  
Sedento almeja as lagrimas, qu'entornas  
Nos areas da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te;  
As setas da calumnia irão cravar-t'o  
Na parte mais sensível:  
Se tens alma, se electrico palpitas  
De patria e de virtude aos nomes sanctos,  
Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, n'um accesso doloroso,  
Às mãos ambas ferindo o peito credulo  
Exclamar delirante:  
«Minha patria onde está? — Onde estes homens,  
«Que a par de meos irmãos amar devera,  
«Da mesma patria filhos?

«E a virtude tambem, onde heide achal-a?  
«Se é mais que nome vão, onde é que existe?  
«Onde é que se pratica?

«Se os modernos Catões a graça esmolão  
«Do rei — ou, cortesãos da populaça,  
«Rojão por terra ignobeis!

«Se a mão do poderoso, a mão dourada  
«Do crime impunc — esbofeteia as faces  
«Do homem vil, que a beija!  
«Oh! meos irmãos não são, não são os filhos  
«Desta patria, que eu amo; — torce o rosto  
«De os vêr a humanidade.»

Despe-se a vida então dos seus encantos,  
E o homem na lembrança revivendo  
O percorrido estadio,  
Tem por marcos de estrada o monumento,  
Com que os mais fortes laços se desatão,  
— A pyramide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as côres,  
Sem illusões, sem fé — nublado, escuro  
O presente e o porvir,  
No crepe d'abortadas esperanças  
S'involve — e os olhos tesos no sepulchro,  
A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido  
Pela face da terra! — amigo lume  
Não me convida ao longe;

E ao sentar-me na mesa dos estranhos,  
Digo: — longe serei antes do occaso; —  
E a divagar prosigo.

Mal aceito conviva me despeço!..  
As calumnias que soffro, a dôr que passo,  
Não me ferem profundas;  
Bem como a rola, que das matas desce,  
E nas azas recebe o pó da estrada,  
Que voando sacode.

Minha hora derradeira sôe em breve,  
A só esperança que aos mortaes não falha!  
Morrerei tranquillo;  
Bem como a ave, ao por do sol, deitando  
Debaixo d'aza a timida cabeça,  
Da noite o somno aguarda.

## A QUEDA DE SATANAZ.

(TRADUCÇÃO.)

Eis que tomba da abobada celeste  
O archanjo audaz, o seraphim manchado,  
Desenrolando o corpo volumoso,  
Despenhado precipite, — qual mundo  
Dos eixos arrancado, — como um vivo  
Dos céos fragmento enorme, eil-o cahindo!  
Cahia lá d'aquelles céos brilhantes,  
Donde inda os seos iguaes lançavão raios:  
Cahia! — e a cerviz no espaço ardendo  
As esferas dos sóes de côr de sangue,  
Passando, avermelhava.

Eil-o, o maldicto, o archanjo da blasfemia,  
Rival do creador! — te o imo peito  
Pelas frechas da anáthema varado,  
Como n'um turbilhão, desce rodando;  
Ondas d'um mar de fogo o vem cercando,  
E elle occulta a cabeça,  
Como que procurasse  
Nas entranhas da noite  
Esconder seu desdoiro.

Clamavão — longe — os mundos com voz forte :  
«Que insensato! onde vae? Nesse arrojado,  
Frenetico voar, que vento o impelle,  
Que de astro em astro vae, d'um céu em outro?  
Vede como é sombrio!

Oh! quam outro que está d'aquelle archanjo  
De tão bello semblante,  
Lucifer radiante,

Cujo sopro era como o romper d'alva,  
Que as portas da manhã nos céos abria,  
Trazendo comsigo a aurora,  
Que o seo alento accendia!  
Acaso o reconhecestes?

Era hontem brilhante, novo e bello ;  
E hoje é feio e nu e descalvado,  
Nas azas da tormenta balouçado,  
Nas azas dos bulcões ;  
E os seos olhos fulminados  
Já sem pupillas fumegão,  
Quaes crateras de vulcões!»

O archanjo os escutava, ameaçando-os  
Co' o olhar fulminante ;  
Que cheio d'impio orgulho já sentia  
Uma c'rôa de rei cingir-lhe a fronte.  
Todos os astros que no espaço gyrão  
Seos olhos d'irritados fascinavão ;  
E os astros todos de terror tremião,  
Saudando a coruscante realesa.

E já os céos sem fim, estrellas, mundos

Traz delle se perderão;

E nas profundas solidões do espaço

O archanjo abandonado apenas via

A noite, e sempre a noite!

Tem medo, olha, procura... — Um astro! um astro!

Transviado nos céos! — O archanjo o avista!

Estende a mão convulsa arrepellando-o;

Segura, arrasta-o, e d'um só pulo hardido

Tral-o potente ao limiar do inferno,

Alentando açodado.

O errante cometa duas vezes

Ao tetro boqueirão levou comsigo,

E duas vezes, como um negro abutre,

Lutando corpo a corpo, de canção

Sentio-se esmorecer.

Duas vezes tambem o astro victima,

Supplicando medroso, as igneas azas

Bateu, sublime grito aos céos mandando.

O nome do Senhor por duas vezes

O rebelde venceo, — elle sosinho

Cahio no fundo abysmo.

## CANÇÃO DE BUG-JARGAL.

(TRADUCÇÃO.)

Maria, porque me foges,  
Porque me foges, donzella?  
Minha voz! o que tem ella,  
Que te faz estremecer;  
Tão temivel sou acaso?  
Sei amar, cantar, soffrer.

E quando ao travez dos troncos  
Descubro d'altos coqueiros,  
Junto as margens dos ribeiros,  
A sombra tua a vagar;  
Julgo vêr passar um anjo,  
Que os meos olhos faz cegar.

E dos labios teos se escuto  
Deslisar-se a voz, Maria,  
Cheio de estranha harmonia

Pulsa o peito meo queixoso,  
Que mistura aos teos accentos,  
Tenue suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvir-t'a  
Mais do que as aves cantando,  
Que vem da terra voando,  
Em que eu a vida provei;  
Da terra onde eu era livre,  
Da terra onde eu era rei!

Liberdade e realesa,  
Heide perder da lembrança;  
Familia, dever, vingança...  
Té a vingança m'esqueee,  
Frueto amargo e deleitoso,  
Que tão tarde amadurece!

És, Maria, qual palmeira,  
Altiva, esbelta, engraçada,  
No troneo seo balançada  
Por leve brisa fagueira;  
No teo amante a rever-te,  
Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto  
A tempestade valente  
Corre as vezcs de repente  
Por acabar apressada

Com seo halito de fogo  
A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!  
Sente a verdura sumir-se  
A palmeira, e contrahir-se  
A palma sua ao redor,  
Que de cabellos dava ares,  
De c'roa tendo o splendor

D'Hespaniola, ó branca filha,  
Teme por teo coração;  
Teme a força do vulcão  
Que vai breve rebentar!  
Que, depois, amplo deserto  
Só poderás contemplar!

Talvez que então te arrependas  
De me haveres desdenhado,  
Porque houveras encontrado  
Salvação no meo amor;  
Como o kathá leva á fonte  
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,  
Não, Maria, não o sei;  
Que d'entre as fontes humanas,  
Entre as fontes soberanas,  
Levanto a fronte; sou rei.

Sou preto, sim, tu és branca;  
Mas qu'importa? Junto ao dia  
A noite o poente cria  
E cria a aurora tambem,  
Que mais luzentes bellezas,  
Mais doces do que ambos tem.

---

## AGAR NO DESERTO.

16. Et abiit, seditque e regione procul quantum potest arcus jacere: dixit enim: non videbo morientem puerum: et sedens contra, levavit vocem suam et flevit.

*Genesis, Cap. 21.*

Pallido o rosto e queimado  
 Pelo sol do Egypto ardente,  
 Sahia a escrava innocente  
 Co' o filho innocente ao lado  
 Da tenda patriarchal.  
 A probresinha chorava!  
 Alguns pães e um frasco d'agoa  
 E um peito cheio de magoa!...  
 Vê, contempla, ó triste escrava,  
 Teo sepulchro no areal.

Abrahão se compadece;  
 Mas debalde o sollicita  
 Piedade sancta, — de afflicta

Sem queixar-se, lhe obedece  
A triste escrava do amor.

Quizera talvez d'etel-a...  
Porém que? — Sarai lh'implora,  
Dcos lhe ordena: — vae-te embora,  
Vae-te escrava; e a tua estrella  
Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia  
Sobre as tendas alvejantes;  
E n'outros pontos distantes  
Combros d'areia feria,  
Outr'ora leito d'um mar;  
Esse caminho procura,  
Que nas ondas do deserto  
Talvez ache por acerto  
Patria, abrigo, amor, ventura  
A prole infausta d'Agar.

Vae, caminha; mas ao passo  
Que no deserto s'entranha,  
Arde o sol com furia estranha,  
Racha a areia o pé descalço,  
Cresta o vento os labios seos;  
E ao lado o filho innocente  
Soltava tristes gemidos,  
Co'os olhos humedecidos  
Fitando a mãe ternamente,  
Que os olhos tinha nos céos!

Procura terras do Egypto;  
Porém debalde as procura:  
Vae a triste, sem ventura,  
Lento o passo, o rosto afflicto,  
Pela inculta Bersabé.

Seo Ismael desfallece;  
No deserto immenso, adusto,  
Não encherga um só arbusto:  
Jeovah delles s'esquece!  
Cresce a dôr, e mingua a fé.

Pede sombra o triste infante:  
Não ha sombra, — agoa supplica;  
Exaurido o vaso fica,  
Pede mais d'istante a instante....  
Pobre escrava, oh! quanto dó!

Podesses rasgar as veias,  
Tornar agoas innocentes  
Tuas lagrimas ardentes;  
Mas só vês d'um lado areias,  
D'outro lado areias só.

Pois não ha quem o proteja,  
Diz a escrava lá comsigo,  
Vendo o fado seu imigo,  
Meu filho morrer não veja,  
Bem qu'eu tenha de morrer.

A um tiro d'arco distante  
Se arrasta com lento passo,

Tomba o corpo infermo e lasso,  
E amargo pranto abundante  
Deixa dos olhos correr.

Deos porém ouvira a prece  
Da escrava, da mãe coitada,  
E da celeste morada  
Librado um archanjo desce  
Nas azas da compaixão.

Expira em torno ar de vida,  
Um aroma deleitoso,  
E n'um sonho aventuroso  
Agar seus males olvida,  
Olvida a sua afflicção.

Dorme e sonha, ó triste escrava,  
Deos senhor sobre ti vela!  
Dorme e sonha: — a tua estrella  
Nasce como um romper d'alva  
Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha,  
Que te vexa, — esquece tudo;  
Deos senhor é teu escudo;  
Já não és serva, és rainha  
D'outro reino d'Israel.

---

Como quando elevados nas alturas  
Descobrimos incognitas paisagens,  
Densas florestas, aridas planuras  
E de rios caudaes virentes margens;

Assim da vida a sonho te arrebatá,  
Rasgando o veo do tempo e do infinito,  
E uma scena vistosa te retrata,  
Que vai da Arabia ao portentoso Egypto.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,  
Nos prainos do deserto eleva as tendas,  
E, posto a seus irmãos sempre fronteiro,  
Provoca e trama asperrimas contendas!

São doze os filhos — doze reis potentes —  
Com elles Ismael tudo avassalla;  
Sua espada é a lei das outras gentes,  
Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus designios favoneia,  
Segue seus passos a benção divina,  
Povôa-se Faran, surge d'areia  
De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, domínio: largo reino ingente  
Mesquinha habitação presta a seus netos,  
Convertida em nação a grei potente,  
Que opprime a cerviz mobil dos desertos.

Mas entre os filhos seus de nomeada,  
Sup'rior dos heroes á grande altura,  
Na sinistra o alkorão, na dextra a espada,  
A effigie torva de Mahomet fulgura.

Curva-se a Arabia emtanto, a Palestina  
Á sua lei, da Persia o reino antigo;  
Escutão Asia e Africa a doutrina  
Do embusteiro que em Meca achou jazigo :

Mensageiro divino se declara  
Aquelle que illudido o mundo adora;  
Agar é mãe, — pela vergontea cara,  
Entre orgulhosa e triste, a Deos implora.

Peccou; porém da gloria que o circunda  
A roxa luz, que o meteoro imita,  
De vivo resplendor a fronte inunda,  
Commove o peito a misera proscripta.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,  
Inda cubiça a Europa o Ismaelita;  
E em frente á cruz, o pallido crescente  
Apparece nas torres da mesquita.

Oh! quanto humano sangue derramado!  
Que de prantos e lagrimas vertidas!  
Entre irmãos o combate é porfiado,  
A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar esse quadro tão medonho,  
Embora no porvir todo escondido,  
A escrava tenta orar; porém no sonho  
Resume a prece em languido gemido.

Geme de vêr em furia carniceira  
A espoza de Mahomet desrespeitada,  
E do seu genro a dynastia inteira  
Por duro asar de guerra contrastada.

Sucedem-se os Omiades valentes;  
Do seu ultimo rei, oh dor! se coalha  
O sangue na mesquita: entre essas gentes  
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vezes,  
Chegando á bocca a taça corrompida,  
Exp'rimta os tristissimos revezes,  
De quem sobre os tropheos exhala a vida!

Tudo é silencio e luto: — um só evita  
O negro olvido, — ao templo da memoria  
Vôa Al-Reschid, — unindo á gloria avíta  
O louro da sciencia e o da victoria.

Com seu vizir á noite, pelas ruas  
Escuta dos estranhos mercadores  
A gloria d'outros reis, menor que as suas,  
E espreita do seu povo occultas dôres!

Se ouviu a narração d'uma desgraça,  
Se o pobre vê curvado a prepotencia,  
Se o convidão a entrar, quando elle passa,  
No abrigo do infortunio e da innocencia,

Entrou e viu! mas o fulgor crastino  
Ri-se mais brando aos peitos soffredores;  
Passa o rei, como orvalho matutino,  
E, por onde passou, rescendem flores!

Mudado o sonho, a fugitiva escrava  
Estranhos povos nota, estranhas terras,  
Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,  
Nadando em sangue de cruentas guerras.

---

Quem foi que as altas portas  
Abriu d'Hespanha aos mouros;  
Que poz os verdes louros,  
Dos reis godos conquista,  
Ás plantas do infiel?

De tantos males causa  
Tu foste, ó rei Rodrigo,  
Tornando infesto, imigo,  
O nobre conde, outr'ora  
Vassallo teo fiel.

Debalde o affecto encobres  
Do refalsado peito,  
Se vais furtivo ao leito

Da virgem, que se mostra  
 Rebelde ao teo amor:  
 Qu'es godo e rei t'esqueces!  
 E o nobre resentido  
 Da offensa que ha soffrido,  
 No teu exemplo aprende  
 A ser tãobem traidor.

Em quanto pois devassas,  
 Com torpes pensamentos,  
 Os regios aposentos  
 Da nobre moça, — a ç'roa  
 Te cae da frente ao chão;  
 E o pae, que a affronta punge,  
 Turbado, ardendo em ira,  
 Aos pés do mouro a atira.  
 O rei, que planta crimes,  
 Recolha vil traição.

Sus, ó rei, ás armas!  
 Empunha a larga espada,  
 E a frente sombreada  
 Co' o negro elmo — deixa  
 Tingir-se em nobre pó:  
 D'encontro as alas densas  
 Do barbaro inimigo  
 Debalde, ó rei Rodrigo,  
 Te arrojas! — vence á força,  
 Foges vencido e só!

Vai só; mas occultando  
No manto d'um soldado  
O rosto demudado,  
Emquanto passa o campo,  
Escasso leito aos seos:  
    Ai! triste rei cahido!  
Na solitaria ermida,  
Que abriga a inutil vida,  
No pó collada a fronte,  
Lembra-te emfim de Deos.

Lembrem-te os muitos erros  
E o crime grave, emquanto  
As mães godas em pranto  
O nome teu maldizem,  
E ao ceo clamando estão.  
    Emquanto pela Iberia  
O arabe audaz e forte,  
Espalha o susto, a morte,  
Por onde quer que sóta  
Ao vento o seu pendão.

Passão avante, calcão  
Dos Pyrenêos as serras,  
Levando cruas guerras  
Ao dilatado imperio  
Do intrepido gaulez.  
    Debalde o grande Carlos  
Oppõe-se-lhes, — que á historia

Nos traz inda á memoria  
Dos tristes Roncesvalles  
O misero revez.

Porém do largo imperio  
De Cordova e Granada  
A c'roa cahe pesada  
Na fronte amollecida  
Do moço Boabdil.

O fraco teme os échos  
Ouvir da accesa guerra,  
E perde a nobre terra  
Ganhada em mil batalhas  
Com pranto feminil.

Depois, inda outros quadros  
Enxerga no futuro;  
Mas é um ponto escuro,  
São formas vagas, postas  
Em duvidosa luz.

Já naves são, já hostes,  
Tropel de varia gente,  
Que parte do occidente,  
Em cujos peitos brilha  
De Christo a roxa cruz.

Agar emfim acorda!  
Sustendo o filho caro,  
Pelo deserto avaro

S'entranha novamente,  
Mais solto o coração.

Parece que já sente  
No rosto ao bello infante  
A gloria radiante,  
Que espera os descendentes  
Da forte geração.

E como Deos lhe ha dito,  
Seus filhos são guerreiros,  
Que a seus irmãos fronteiros  
Cruentos prelios movem:  
Temidos são; porém  
As filhas desses bravos,  
Da vida sequestradas,  
Escravas são coitadas,  
Que da materna origem  
Recordão-se no Harem.

Vai, caminha, oh triste escrava,  
Deos Senhor sobre ti vela;  
Vai, caminha: a tua estrella  
Nasce como um romper d'alva  
Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha  
Que te vexa, esquece tudo  
Deos Senhor é teu escudo:  
— Já não és serva, és rainha  
D'outro reino d'Israel.

## H Y M N O.

### O MEU SEPULCHRO.

Éleve-toi, mon ame, au-dessus de toi-même.

Voici l'épreuve de ta foi!

Que l'impie, assistant à ton heure suprême.

Ne dise pas: Voyez, il tremble comme moi!

LAMARTINE — *Harmonies.*

Quando, os olhos cerrando á luz da vida,  
 O extremo adeus soltar ás esperanças,  
 Que na terra nos guião, nos confortão  
 E espaço do porvir a senda estreita:  
 Quando, isento de miseros cuidados,  
 Disses adeus ás illusões douradas,  
 Mas com ellas tambem ás dores cruas  
 Da existencia — aos espinhos ponteagudos,  
 Com que a verdade o coração nos roça;  
 Quando tocada não sentir minha alma  
 Da luz, dos sons, das cores, das magias,  
 Que a natureza prodiga derrama  
 No regaço da terra — mais ditoso.

Serei acaso então? — Quando o meu corpo  
Á terra, mãe commum, pedindo abrigo  
Dos sepulchros no valle em paz descance;  
Hei de ser mais feliz porque m'ò cobre  
Pomposo mausoleu, em vez da pedra  
Sem nome, em vez do tumulo de cespedes,  
Que s'ergue junto á estrada, e ao viandante,  
Ao que alli passa, uma oração supplica?  
Oh! não! — ao encalmado é grata a sombra;  
Grato descanso aos membros fatigados  
Presta igualmente a relva das campinas  
E os torrões pelo sol enrigicidos.  
Como o trabalhador que a sésta aguarda,  
O meu termo fatal sem medo espero!  
Eu então pedirei silencio á morte,  
E fresca sombra á sepultura humilde,  
Que me receba, — e á cuja superficie  
Morrão sem echo da existencia as vagas.

Humilde seja embora! Que m'importa  
Que a mão d'habil artista me não talhe  
Mentiroso epitaphio em preto marmor!  
O moimento faustoso, que se erige,  
Arranco da vaidade, sobre a campa  
De um corpo transitorio, acaso empece  
Aos que alli pascem, vermes esfaimados  
De roerem-lhe as visceras?! — Solemnes  
São da campa os mysterios; mas terrivel  
É da morte a rasoura, que nivela

O rico ao pobre, e os berços differentes  
Torna um féretro, um leito de Procusto,  
Capaz de quanta dor os homens soffrem:  
Tão depressa o cadaver se corrompe  
Nas amplas dobras do velludo involto,  
Como embrulhado na mortalha exigua,  
Que a religiosa caridade amiga,  
O pudor dos sepulchros venerando,  
Lança do pobre aos restos despresados.

Os felizes do mundo, acobardados  
Ante a imagem da morte, que os assalta,  
Temem dcixar a terra, onde tranquilla,  
Quasi livre de dor, entre delicias,  
Como um rio caudal lhes corre a vida.  
Horrorisão-se timidos, — supplicão  
Á cruel, que os não leve, que os não roube  
Á senda matisada, onde os seus passos  
Deslisão-se macios — ás caricias  
D'um seio, que lhes presta brando encosto.  
O fio da esperança os liga forte  
A um corpo que declina, como os lios  
De enredica tenaz prendida á copa  
D'uma arvore comida: amedrontados,  
Como das fauces negras d'um abysmo,  
Do pavoroso tumulo recuão.

Mas eu, que vago solto, como a folha,  
Como o fumo subtil; que não limito

Nos terminos da terra os meus desejos,  
Folgo de vêr os renques dos sepulchros  
No chão da morte largamente esparsos!  
Quasi me alegra vel-os. Tal no exilio  
Contempla á beira-mar o degradado  
Devolverem-se as vagas, — e saudoso  
Da patria sua tão distante — as conta:  
Uma por uma as interroga, e pensa  
Qual d'aquellas será que o leve e atire,  
Naufrago embora e semimorto, ás praias,  
Porque chorão seus olhos. — No desterro  
Me contemplo tambem, — como elle, choro  
A patria, o iman dos meus sonhos gratos.  
Abra-se funda a cova ante os meus passos:  
Um só delles da morte me separe! . .  
E esse passo andarci, como quem pisa,  
Depois de viajar remotos climas,  
O patrio solo, e as auras perfumadas  
Do bosque, amigo seu na leda infancia,  
Bebe de novo, e de as gosar se applaude.

Hora do passamento! és da existencia  
O momento mais sancto, o mais solemne:  
Assim o rubro sol, quando no occaso  
Em turbilhões de purpura se afunda,  
Nos morredouros, despontados raios  
Saudoso, extremo adeos á terra envia.  
Tal o esposo se aparta suspiroso  
E nas azas da brisa manda um beijo

À esposa, que de o ver partir se enluta,  
Rola que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancholica incerteza,  
Dir-te-hei: bem vinda, — ó morte! quando os olhos  
Voltar atraz na percorrida estrada;  
E chorarei talvez, como quem deixa  
O carcere medonho, onde engastada  
Nas escarnas da dor gemeu sua alma  
Largos annos de antigo soffrimento;  
O carcer qu'inda as lagrimas lhe verte  
Das humidas paredes, cujos echos  
Inda parecem, na soidão da noite,  
Repetir seus tristissimos accentos.

Oh! quão formosa a vida se revela  
A quem já bate as portas do infinito,  
Encostado aos umbraes da eternidade,  
A vez extrema contemplando o mundo!  
A folha já myrrada, a pedra solta,  
A flor agreste, a fonte que murmura  
E as cantoras do céo, as ledas aves  
De variado esmalte, e as suspirosas  
Brisas da noite e as do romper da aurora,  
A estrella, o sol, o mar, o céo, a terra,  
A planta, os animaes, tudo então vive,  
Tudo comnosco sympathisa, — tudo,  
Como orchestra afinada por nossa alma,  
Acorde aos nossos sentimentos vibra,

Revelando ao que morre os fins da vida.  
Dalli melhor compr'hende-se a existencia,  
Mais vasta p'respectiva se desdobra  
Ante os olhos, que a extrema vez lampejão:  
E as scenas que a illusão junca de flores,  
Que o desejo nos mostra, que nos pinta  
Cubiçoso, irisante, — que a esperança  
Fugaz de varios modos nos matisa;  
Gloria, ambição, prazer, fallaz ventura,  
Tudo se olvida e apaga — semelhante  
Á fugitiva estrella ou clarão breve  
D'um relampago estivo, que um momento  
Se mostra e fulge, logo immerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só e'roa  
Um myrrado laurel, uma só folha,  
Que ás novas gerações diga o meu nome  
E sollicite as attencões futuras?  
Sou como o passarinho, quando passa  
Á flor de um lago e a sombra vacillante  
No liquido crystal debalde estampa.  
Ou semelhante ao viajor que bate  
Da vida a estrada pulvurenta, e nota  
Como os seus rastos mal impressos cobre  
O pó que de seus passos se levanta.  
Ah! que dos louros me não dóe a ausencia  
Mas de lagrimas, sim, que me orvalhassem  
A sepultura humilde, — á cujas gotas  
Meus ossos de prazer estremecidos

De as sentir se alegrassem . . . — mas em troco  
Dessa pia oblação, que tantas vezes  
Mente ao finado, que as espera eterno,  
As lagrimas terei da noite fria,  
O fresco humor da chuva, que me eduquem  
A agreste flor, que a natureza obriga  
A despontar na solitaria campa.  
Ninguem virá com titubantes passos  
E os olhos lacrimosos, procurando  
O meu jazigo; e em falta de epitaphio,  
«Elle aqui jaz!» o coração lhe diga,  
E alli se curve então, fundos suspiros  
Dando aos échos do funebre recinto,  
Involtos na oração que alegra os mortos.  
Certo, ninguem virá; porém tão pouco  
Ouvirei maldicções, onde escondido,  
Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.  
Se deixo sobre a terra alguma offensa,  
Se alguma vida exarcebei, se acaso  
Alguna simples flor trilhei passando;  
Essas, depois d'eu morto, convertidos  
Os odios em piedade. — «Em paz descança»  
Dirão ante o meu tumulo, e voltando  
A um lado o rosto, — deixarão dos olhos  
Compassiva uma lagrima fugir-lhes!

Tu, Senbor, tu, meu Deos, tu me recebe  
Na tua sancta gloria: alarga as azas  
Do teu sancto perdão, que ao teu conspecto

Humilhado me sinto, como a grama,  
Que o pé do viajor sem custo abate.  
A ti volvo, ó Senhor, — bem como o filho,  
Que ao sopro paixões soltando as velas  
Da juventude ardente, foge ao tecto  
E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,  
Consumido o thesouro da innocencia,  
Com rubor dos andrajos da pobreza,  
Que o vexa, — para ver do pae o rosto,  
Para escutar-lhe a voz, embora tenha  
Sobre a cabeça a maldição pendente.

---

## SAUDADES.

## A MINHA IRMÃ.

J. A. de M.

## I.

Eras criança ainda; mas teu rosto  
De vêr-me ao lado teu se espanejava  
Á luz fugaz de um infantil sorriso!  
Eras criança ainda; mas teus olhos  
De uma brandura angelica, indisivel,  
De sympathicas lagrimas turbavão-se  
Ao ver-me o aspecto merencorio e triste;  
E amigo refrigerio me sopravão,  
Um balsamo divino sobre as chagas,  
Do coração, que a dor me espedaçava!  
A luz de uma razão que desabrocha,  
As leves graças, que a innocencia adornão,  
Os infantís requebros, as meiguices  
De uma alma ingenua e pura — em ti brilhavão.  
Eu, gasto pela dor antes de tempo,  
Conhecendo por ti o que era a infancia,

Impresso em Leipzig por F. A. Brockhaus.

Remoçava de ver teu rosto bello.  
Pouco era vel-o! — em ti me transformava;  
Bebendo a tua vida em longos tragos,  
Todo o teu ser em mim se transfundia:  
Meu era o teu viver, sem que o soubesses,  
Tua innocencia, tuas graças minhas:  
Não, não era ditoso em taes momentos,  
Mas de que era infeliz me deslembrava!

Tinhas sobre mim poder immenso,  
Indisivel eondão, e o não sabias!  
Assim da tarde a brisa eorre á terra,  
Embalsamando o ar e o céo de aromas:  
Enreda-se entre flores suspirosa,  
Geme entre as flores que o luar prateia,  
E não sabe, e não vê, quantos queixumes  
Apaga — quantas magoas alivia!  
Assim, durante a noite, o passarinho  
Em moita de jasmins derrama oeculto  
Mercencorias canções nos mansos ares;  
E não sabe, o feliz, de quantos olhos  
Tristes, mas doces lagrimas, arrauea!

## II.

Perderão-te os meus olhos um momento!  
E na volta o meu rosto transtornado,  
As vestes luetuosas, que eu trajava,  
O mudo, amargo pranto que eu vertia,

Annuncio triste foi de uma desdita,  
Qual jámais sentirás: teus tenros annos  
Pouparão-te essa dor, que não tem nome.  
De quando sobre as bordas de um sepulchro  
Anceia um filho, e nas feições queridas  
D'um pai, d'um conselheiro, d'um amigo  
O sello eterno vae gravando a morte!  
Escutei suas ultimas palavras,  
Repassado de dor! — junto ao seu leito,  
De joelhos, em lagrimas banhado,  
Recebi os seus ultimos suspiros.  
E a luz funerea e triste que lançarão  
Seus olhos turvos ao partir da vida  
De pallido clarão cobrio meu rosto,  
No meu amargo pranto reflectindo  
O cançado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de ver-me,  
Flor que sorrias ao nascer da aurora  
No denso musgo dos teus verdes annos,  
A procella imminente presentiste,  
Curvaste o leve hastil, e sobre a terra  
Da noite o puro aljofar derramaste.

### III.

O encanto se quebrára! — duros fados  
Inda outra vez de ti me separavão.  
Assim dois ramos verdes juntos crescem

N'um mesmo tronco; mas se o raio os toca,  
Lascado o mais robusto cahe sem graça  
De rojo sobre o chão, em quanto o outro  
Da primavera as galas pavoneia!  
Já não ha quem de novo unil-os possa,  
Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus á minha infancia,  
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros,  
Que eu já no berço conheci, — áquelles  
De quem máo grado, a ausencia, o tempo, a morte  
E a incerteza cruel do meu destino,  
Não me posso lembrar sem ter saudades,  
Sem que aos meus olhos lagrimas despontem.  
Parti! sulquei as vagas do oceano;  
Nas horas melancolicas da tarde,  
Volvendo atraz o coração e o rosto,  
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava.  
Misturei meus tristissimos gemidos  
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias!

Revolvido e cavado o negro abysmo,  
Rugia indomito a meus pés: sorvia  
No fragor da procella os meus soluços.  
Vágo triste e sosinho sobre os mares,  
— Dizia eu entre mim, — na companhia

De crestados, de rispídos marujos,  
 Mais duros que o seu concavo madeiro!  
 Ave educada nas floridas selvas,  
 Vim da praia beijar a fina areia.  
 Subitaneo tufão arrebatou-me,  
 Perdi a verde relva, o brando ninho,  
 Nem jámais casarei doces gorgeios  
 Ao saudoso rugir dos meus palmares;  
 Porém a branca angelica mimosa,  
 Com seu candor enamorando as aguas,  
 Florece ás margens do meu patrio rio.

## IV.

Largo espaço de terras estrangeiras  
 E de climas inhospitos e duros  
 Interpoz-se entre nós! — Ao ver nublado  
 Um céu d'inverno e as arvores sem folhas,  
 De neve as altas serras branqueadas,  
 E entre esta natureza fria e morta  
 A espaços derramadas pelos valles  
 Triste oliveira, ou funebre cypreste,  
 O coração se me apertou no peito.  
 Arrasados de lagrimas os olhos,  
 Segui no pensamento as andorinhas,  
 Nos invejados vôos! — procuravão,  
 Como eu tambem nos sonhos que mentião,  
 A terra que um sol calido vigora,  
 E em frouxa languidez estende os nervos.  
 Patria da luz, das flores! — nunca cu veja

O sol, que adoro tanto, ir afundar-se  
Nestes da Europa revoltosos mares;  
Nem tibia lua, involta em nuvens densas,  
Luzindo mortuaria sobre os eampos  
De frios sues queimados. — Ai! dizia,  
Ai d'aquelle que um fado aventureiro,  
Qual destroço de misero naufragio,  
A longinqua e remota plaga arroja!  
Ai d'aquelle que em terras estrangeiras  
Corta nas asas do desejo o espaço,  
Em quanto a realidade o vexa entorno  
E oppresso o eoração de dor estala!  
Onde a pedra, onde o seio em que descance?  
Que arbusto hade prestar-lhe grata sombra  
E olentes flores derramar co'a brisa  
Na fronte encandecida? Peregrino,  
Em toda a parte forasteiro o ehamão!  
Insensivel a dor, na sua mareha,  
Não, não attende ao termo da jornada;  
Mas volta atraz o rosto, — e entre as sombras  
Confusas do horisonte — encherga apenas  
O debil fio da esperanza teso,  
E da ingrata distancia adelgaçado!

E todavia amei! pude um momento  
Vêr perto a doee imagem debruçada  
Nas aguas do Mondego, — ouvir-lhe um terno

Suspiro do imo peito, mais ameno,  
Mais saudoso que as auras encantadas,  
Que entre os seus salgueirae morão loquaces!  
Foi um momento só! — talvez agora  
Nas mesmas aguas se repete imagem  
Dos meus sonhos de então! — talvez a brisa,  
Nas folhas dos salguciros murmurando,  
Meu nome junto ao seu repete aos cchos,  
Que eu, triste e longe della, escuto ainda!

Sim, amei; fosse embora um só momento!  
Meu sangue, requeimado ao sol dos tropicos,  
Em vivas labaredas conflagrou-se.  
Feliz n'aquelle incendio ardeo minha alma,  
Um anno, talvez mais! Qual foi primeiro  
A soltar, a romper tão doces laços  
Não podera dizel-o, em que o quizesse.  
Tão louco estava então, — dores tão cruas,  
Magoas tantas depois me acabrunharão,  
Que desse meu passado extincta a idéa,  
Deixou-me apenas um soffrer confuso,  
Como quem de um máo sonho se recorda!  
Assim, depois de arder um denso bosque  
Dos ventos a mercê revôa a cinza  
N'um paramo deserto! Nada resta;  
Nem se quer a vereda solitaria,  
A cuja extremidade o amor velava!

## V.

Rotos na infancia os laços de familia,  
Os fados me vedavão reatal-os,  
Ter a meu lado uma consorte amada,  
Rever-me na affeição dos filhos caros,  
Viver nelles, curar do seu futuro  
E neste empenho consumir meus dias;  
Mas ao menos, pensava, — ser-me-ha dado  
Animar e suster nos meus joelhos  
Da minha irmã querida a tenra prole,  
Inclinal-a a piedade, e ao relatar-lhe  
Os successos da minha vida errante,  
Innocular-lhe o dom fatal das lagrimas!  
Essa mesma esperança não me illude;  
Ave educada nas floridas selvas,  
Um tufão me expellio do patrio ninho.  
As tardes dos meus dias borrascosos  
Não terrei de passar, sentado á porta  
Do abrigo de meus paes, — nem longe delle,  
Verei tranquillo aproximar-se o inverno,  
E pôr do sol dos meus cançados annos!

## NOTAS.

### PRIMEIROS CANTOS. POEZIAS AMERICANAS.

---

*Tacápe*, armao ffensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. A etymologia desta palavra indica que os Indios os endurecião ao fogo, como costumavão faser aos seus arcos: *Tatá-pe* quer diser — no fogo.

---

*Boré*, instrumento musico de guerra; dá apenas algumas notas, porém mais asperas, e talvez mais fortes que as da Trompa.

---

*Piagé*, *piaches*, *piayes*; os autores portugueses escreverão *pagé*, como em verdade ainda hoje se diz no Pará. Era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e cantor dos indigenas do Brasil. (Veja se a nota correspondente nos Ultimos Cantos.)

---

*Anhangá*, genio do mal, o mesmo que Léry chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*.

---

*Manitós* uns como penates que os indios da America do norte veneravão. O seo desapparecimento augurava grandes calamidades ás tribus, de que elles houvessem desertado.

---

TABYRA.

«Tobajaras, o povo senhor.»

Ces Tobaïares qui reclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée*. Ferdinand Denis.

«Tobajaras são os indios priucipaes do Brasil, e pretendem elles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomarão, o mostra; porque *yara* quer diser senhores, *tobá* quer diser rosto; e vem a diser que são os senhores do rosto da terra, que elles tem pella fronteira do maritimo em comparação do sertão.» — Padre SIMAM DE VASCONCELLOS. Noticias do Brasil. L. 1. n. 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais euphonico, a orthographia do Padre Vasconcellos. Convem todavia confessar que se não deveria diser *Tobajaras*, como este Chronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaiaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etymologia, «*Taba* e *Iara* ou *Yara*.» *Tabajaras* é litteralmente como se dicessemos, os senhores ou dominadores das Aldeias.

Por isso mesmo que os Tobajaras occupavão o littoral, é de suppor que elles fossem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do paiz. Os conquistadores, como homens que erão, carentes das mais simples noções da agricultura, deverião de preferencia escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas os incolas primitivos do paiz. E' isto o que sabemos da historia de todos os povos barbaros. Os Tobajaras portanto dominarão pela conquista e quadra-lhes optimamente o nome que tomirão de senhores das aldeias — de *Tabajaras*.

«Potiguares lá vem denodados.»

Dizem uns Potiguares ou Potiguares, outros Pitigoares. Delles escreve o Padre Vasconcellos:

«Em segundo logar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares forão sempre indios de valor, e se fizerão estimar pelas armas, que por longos annos moverão contra os Tobajaras: nas quaes tiverão encontros dignos de historia; porem não me posso deter em contallos, . . . punhão em campo vinte até trinta mil arcsos. — Not. do Brasil. L. 1. n. 157.

SEXTILHAS DE FREI ANTAÕ.

Os vocabulos que emprégo nestas sextilhas se achão todos no Diccionario de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. É assim que uso de — porém, porende — em vez de — por isso; — de perol em vez de porem; — de-ora, embora-em vez de — agora, em boa hora etc.

Diz a Princeza D. Joanna, no romance «Gulnare e Mustaphá»:

«Que eu tenha escravos e mouros,  
«Rainha de Portugal.»

A Chronica de Cister tão bem diz, fallando da Princeza D. Thereza, filha de Sancho I.

«Viendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome.»

«Raynha (diz Fr. Luiz de Sousa) lhe chamão as historias antigas, que era o titulo com que então se tratavam as filhas dos reys.» — H. de S. D. — L. 1. C. 11.

## ULTIMOS CANTOS.

## O GIGANTE DE PEDRA.

Alguns dos principaes montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza: este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portuguezes com a denominação de — frade de pedra, que agora se chama o gigante de pedra. — Áquelle objecto se fez esta poesia.

..... extincta a antiga crença  
 Dos Tamoyos, dos Pagés.

*Tamoyos* erão os primeiros habitantes do Rio. — *Pagés* erão os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brasil — os mesmos a que nos «Primeiros Cantos» dei o nome de piagas. Eis o que n'aquella obra escrevi a este respeito. — «Piagé — Piache — Piaye ou Piaga, que mais se conforma á nossa pronuncia, era ao mesmo tempo o sacrdote e o medico, o augure e o cantor dos iudigenas do Brasil e de outras partes da America. E em outra nota accrescentei: «Erão anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetravão profanos. Vivendo rigida e sobriamente, depois de um longo e terrivel noviciato, ainda mais rigido que a sua vida, erão elles um objecto de culto e de respeito para todos; — erão os dominadores dos chefes — a balisa formidavel, que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua sciencia d'aquelles homens, e a tão desejada revelação dos espiritos.» — Hans Staden escreve *Puygi*; *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcellos, nome que tambem lhes dá Laet na sua «Descripção das Indias occidentaes.» Lery e Damião de Goes escrevem *Pagé*, orthographia que agora adoptamos.

### Sons do murmuré.

*Muremure* escreve o padre Vasconcellos nas suas «Noticias Curiosas»: collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se servião.

### Em Guanabara esplendida.

*Guanabara* — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indifferentemente Genabara ou Ganabara. Lery diz na sua obra «— *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*» en ceste riviere de Ganabara. Southey (*History of Brasil*) accrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas. — *Ad flumen Genabara in Brasilia etc.*

### E das ygaras concavas.

*Ygaras* — erão canoas, feitas de ordinario de um só toro de madeira.

### O Guáu cadente e vario.

*Guáu* — dança «São mui dados a saltar e dansar de diferentes modos, a que chamão *guau* em geral.» — VASCONCELLOS. Noticias Curiosas L. 1. — n. 143.

### OS CANTOS DA JANUBIA.

*Janubia*. — Lery escreve diversamente: *des cornets, qu'ils nomment inubia de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'embas larges d'environ un demi pied comme un hautbois.* — *Obra cit.* pag. 202.

## LEITO DE FOLHAS VERDES.

## A arasoya na cinta me apertarão.

*Arasoya* era o fraldão de pennas, moda entre elles. Laet chama *assoyave* a uns mantos inteiros: não sei de que mantos quer o author fallar. Hans Staden (collecção de Ternaux pag. 108) dá o mesmo nome a uma especie de cocar preso ao pescoço, e passando além da cabeça, com quanto a este ornato Lery dê o nome de *Yenpenamby*. Quanto a arasoya, eis o que se lê na obra já citada deste author — (pag. 103). *Pour la fin de leurs esquippages, recouvrans de leurs voisins de grandes plumes d'austreches, de couleurs grises, aecommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'espargille en rond en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font un grand penneche, qu'ils appellent araroye: le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez etc.*

## Y JUCA-PYRAMA.

O titulo desta poesia, traduzido litteralmente da lingua tupi, vale tanto como se em portuguez dissessemos — o que hade ser morto, e que é digno de ser morto. —

## No meio das tabas.

*Taba* — aldeia de indios, composta de diferentes habitações, a que chamavão *ocas*. Quando estas habitações se achavão isoladas, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavão o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.

## São todos Tymbiras.

*Tymbiras* — tapuyas, que habitão o interior da provincia do Maranhão.

### As armas quebrando.

Por este acto declaravão firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarcha portuguez, se occupa da alliança feita entre os missionarios por parte dos portuguezes e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

### Assola-se o tecto.

A descripção das cerimoniaes, com que elles usavão matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exacta, ainda que não adoptamos dos authores senão aquillo em que todos ou a maior parte concordão. Veja-se Hans Staden — cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. — Noticia do Brasil, cap. 171 e 172. Noticias Curiosas L. 1. n. 138 e Levy cap. XV.

### Brilhante enduape no corpo lhe cingem.

*Enduape* — fraldão de pennas de que se servião os guerreiros: damos a denominação de *arasoya* a aquellas de que usavão as mulheres. « *Ils font avec de plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde, qu'ils attachent au bas du dos, quand ils vont à quelque grande fête: ils le nomment enduap.* H. Staden. pag. 270.» Vasconcellos trata do *enduape* sem lhe dar nome algum especial. «Pela cintura apertão uma larga zona: desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo tragico, e de tão grande roda como é a de um ordinario chapeo de sol. — Noticias Curiosas L. 1. n. 129.»

### Sombreira-lhe a fronte gentil kanitar.

*Kanitar* — é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade, d'importancia igual a esta. « *Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un*

*bouquet de plumes rouges qu'ils nomment Kanittare* (H. Staden).» — Usão de umas coroas a que chamão — *acanggetar* (Laet.) Os primeiros portuguezes escreverão *acangalar*, que litteralmente quer dizer — enfeite ou ornato da cabeça.

### Entesa-se a corda da embira . . .

Chamava-se *inussurana* a corda com que se atava o prisioneiro. — «*Et une longue corde nommée massarana, avec laquelle ils les attachent (les captifs) quand ils doivent être assomés.*» (H. Staden, pag. 300.) *Musurana* escreve Ferdinand Denis, accrescentando que era feita de algodão. É possível que em algumas tribus fosse feita desta materia, mas convém notar que na maior parte dellas era uso fabricarem-se cordas de embira.

### Adorna-se a massa com pennas gentis.

A massa do sacrificio uão era o mesmo que a ordinaria, e tinha mais a differença dos ornatos que se lhe juntava, e do esmero com que era trabalhada. Lavravão e pintavão todo o punho — *embagadura*, como o chamavão — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e della deixavão pendente uma borla de pennas delicadas e de cores differentes, sendo a folha ornada de mosaicos. — «*Pintão* (diz H. Staden, pag. 301) a massa do sacrificio, a que chamão *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro: passão-lhe por cima uma materia viscosa, e tomando depois a casca dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa* de côr parda escura, reduzem-n'as a pó, e com elle salpicão toda a massa. Preparada a *iverapeme*, e adornada de pennas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada, e cantão em redor della toda a noite.» — Ferdinand Denis, accrescentando-lhe o artigo francez, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de pão-ferro e com mosaicos de differentes cores. Vasconcellos dá-lhe o nome de *Tangapema*, que é o termo do dictionario brasileiro.

## MARABÁ.

Encontrámos na «Chrouica da Companhia» um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéa desta breve composição.

«Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamão — marabá — que quer dizer de mistura (aborrecível entre esta gente).» VASCONCELLOS. — Ch. da Comp., L. 3. n. 27.

## Formosos como um beija-flor.

Os indigenas chamavão ao beija-flor — Coaracy-aba — raios, ou mais litteralmente — cabellos do sol.

## A MÃE D'AGUA.

A mãe d'agua é uma naiada moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brasil que é uma mulher formosa com longos cabellos de oiro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicavel fascinação, e voz tão harmoniosa que niuguem, que a escute, resiste á tentação de se atirar as aguas para que mais de perto a ouça e couteple. O mesmo que as serêas, tem sobre ellas a vantagem de serem creaturas de fórmãs perfeitas, e dellas se distinguem em fascinarem tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de attrahirem principalmente os meninos.

## RETRACTAÇÃO.

Indisculpavel descuido seria, deixar de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por titulo — Retractação. Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os «Segundos Cantos», recebi uma carta do Sr. Guido: era uma critica, mas critica benevola, cheia de enthusiasmo, escripta sem pretensão alguma e ao

correr da penna. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal, — joven entusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais exquisita sensibilidade.

Teudo percorrido com a sua analyse algumas das composições do meu 2. volume, accrescentava elle:

«Dir-se-hia que e a sua *palinodia* é um chuveiro de pedras crystallisadas, agradaveis de se vêr, porque são prysmas, que reflectem as mais pronunciadas, fortes e soberbas cores; porém que devião converter-se em instrumentos terriveis de vingança, quando chegassem até a mesquinha mulher, a quem fossem dirigidos, como um anathema fulminante.

«Se eu não tivesse tanta confiança nos instinctos do coração, que o levão a exhalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade e caricias, pensaria talvez que aquella mulher existe, e então eu faria ao poeta amargas reflexões sobre a crueldade, de que usou para com ella.»

Aceitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a Retractação, versos filhos d'aquelle momento, e iuspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum aprçoõ delles faço ua actualidade, é por ter feito vibrar a lyra doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o titulo que deu aos seus versos, e era effectivamente um canto de consolação e de esperança: perdi ha muito o authographo dos versos do Sr. Guido; mas o sentido, a suavidade, a sentida sympathia do seu canto, esses me ficarão no coração. — Consolações e esperanças! — Doces são, por certo, as lagrimas, que sobre nós derramão os olhos de um amigo, ainda que não acreditemos no raio de esperança, que elle s'esforça por entranhar em nossa alma. Efficazes forão as suas consolações; mas ainda mal que os seus votos não tenham de ser realisados nuuca!





## A MENDIGA.

Donnez: —

Et quand vous paraitrez devant le juge austère,  
 Vous direz: J'ai connu la pitié sur la terre,  
 Je puis la demander aux cieux!

TURQUETY.

## I.

Eu sonhei durante a noite . . .  
 Que triste foi meo sonhar!  
 Era uma noite medonha,  
 Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro  
 Das trevas, meos olhos vião  
 Triste mendiga formosa,  
 Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,  
 Porém candida donzella:  
 Pudibunda, affavel, doce,  
 Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos,  
 Que o seo corpo mal cubrião:  
 Por vergonha os olhos d'ella  
 Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas  
 Cortador o frio entrava;  
 Tinha fome e sede, — e o pranto  
 Nos seos olhos borbilhava.

E qual vemos dos céos descendo rapido  
 Um fugaz meteóro, vi descendo  
 Um anjo do Senhor; — parou sobre ella,  
 E mudo a contemplava. — Uma tristeza  
 Sympathica, indisivel pouco e pouco  
 Do anjo nas feições se foi pintando:  
 Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova  
 Conhece enfermo e chóra. — Ella no peito  
 Menor sentio a dôr, e humilde orava.

## II.

De um vasto edificio nas frias escadas  
 Eu vi-a sentada; — era um templo, dizião  
 Secreto concilio de socios piedosos,  
 Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.

Defronte um palacio soberbo se erguia,  
 E d'elle partia confuso rumor:  
 — A dança girava, e a orchestra sonora  
 Cantava alegria, prazeres e amor.

## AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA.

23 de Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,  
Mais um canto de lagrimas ardentes,  
Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meo amigo: da minha alma  
Foi uma lyra outr'ora o instrumento;  
Cantava n'ella amor, prazer, venturas,  
Até que um dia a morte inexoravel  
Triste pranto de irmão veio arrancar-te!  
As lagrimas dos olhos me cahirão,  
E a minha lyra emmudeceo de magoa!  
Então aventei eu que a vida inteira  
Do bardo, era um perenne sacerdocio  
De lagrimas e dôr; — tomei uma Harpa:  
Na corda da afflicção gemeo minha alma,  
Foi meo primeiro canto um epicedio;  
Minha alma baptizou-se em pranto amargo,  
Na fragoa do soffrer purificou-se!

Lancei depois meos olhos sobre o mundo,  
Cantor do soffrimento e da amargura;  
E vi que a dôr aos homens circumdava,  
Como em roda da terra o mar se estreita:  
Que apenas desfructamos, — miserandos!  
Desbotado prazer entre mil dôres,  
— Uma roza entre espinhos aguçados,  
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deos o meo esp'rito,  
E a minha voz queixosa perguntou-lhe:  
— Senhor, porque do nada me tiraste,  
Ou porque a tua voz omnipotente  
Não fez secar da minha vida a seve,  
Quando eu era principio e feto apenas?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma:  
— Ardão teos dias como o feno, — ou duren  
Como o fogo de tocha resinosa,  
— Como roza em jardim sejão brilhantes,  
Ou baços como o cardo montesinho,  
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira  
Á extrema — da maior á mais pequena,  
Nas azas do tufão — entre perfumes,  
Um cantico de amores exaltarão  
Ao throno do Senhor; — e eu disse ás turbas:  
— Elle nos faz gemer porque nos ama:

Vem o perdão nas lagrimas constrictas,  
Nas azas do soffrer desce a clemencia;  
Sobre quem chora mais elle mais vela!  
Seo amor divinal é como a lâmpada,  
Na abobada d'um templo pendurada,  
Mais luz filtrando em mais opâcas trevas.

Eu o conheço: — o cantico do bardo  
É balsamo ao que morre, — é lenitivo,  
Mas doloroso, mas funereo e triste  
A quem lhe carpe infausto a morte crua.  
Mas quando a alma do justo, espedaçando  
O envolvere de lodo, aos céos remonta,  
Como estrada de luz correndo os astros,  
Seguindo o som dos canticos dos anjos  
Que na presença do Senhor se elevão;  
Choro . . . tão bem Jesus chorou a Lazaro!  
Mas na excelsa visão que se me antolha  
Bebo consolações, — minha alma anceia  
A hora em que tão bem ha de asilar-se  
No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora amigo; porém quando sentires  
O pranto nos teos olhos condensar-se,  
Que já não pôde mais banhar-te as faces,  
Ergue os olhos ao céo, onde a luz móra.  
Onde o orvalho se cria, onde parece  
Que a tímida esperança nasce e habita.

E se eu — feliz! — poder inda algum dia  
Ferir por teu respeito na minha harpa  
A leda corda onde o prazer palpita,  
A corda do prazer que ainda inteira,  
Que virgem de emoção inda conservo,  
Suspenderei minha harpa d'algum tronco  
Em off'renda á fortuna; — alli sosinha,  
Tangida pelo sopro só do vento,  
Hade mysterios conversar co'a noite,  
De acorde extreme perfumando as brisas;  
Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros  
Que não ha de cantar a desventura,  
Tendo cantos gentis vibrado n'ella.

## O DESTERRO DE UM POBRE VELHO.

Et dulces moriens reminiscitur Argos.

VIRG.

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint!

SCHILLER.

A aurora vem despontando,  
 Não tarda o sol a raiar;  
 Cantão aves, — a natura  
 Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia  
 Onda queixosa murmura,  
 Bem mansa aragem fagueira  
 Entre a folhagem susurra.

É hora cheia de encantos,  
 É hora cheia de amor;  
 A relva brilha enfeitada,  
 Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,  
Como um corsel a nitrir;  
Suspensa a amarra tem presa,  
Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,  
Leve barco vem vogando;  
Nelle um velho cujas faces  
Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,  
Que chorava,  
Por assim deixar seos lares,  
Que deixava?

«Ancião, porque te ausentas?  
Corres tu traz de ventura?  
Louco! a morte já vem perto,  
Tens aberta a sepultura.

«Louco velho, já não sentes  
Bater frouxo o coração?  
Oh! que o sente! — É lei d'exílio  
A que o leva em tal sazão!

«Não ver mais a cara patria,  
Não ver mais o que deixava,  
Não ver nem filhos, nem filhas,  
Nem o casal, que habitava!...

«Oh! que é má pena de morte,  
A pena de proscrição;  
Traz dôres que martyrisão,  
Negra dôr de coração!

«Pobre velho! — longe, longe  
Vás sustento mendigar;  
Tens de soffrer novas dôres,  
Novos males que penar.

«Não t'ha de valer a idade,  
Nem a dôr tamanha e nobre;  
Tens de tragar vis affrontas,  
— Insultos que soffre o pobre!

«Nada acharás no degredo,  
Que falle dos filhos teos;  
Ninguém sente a dôr do pobre . . .  
Só te fica a mão de Deos.

«O sol, que além vês raiando  
Entre nuvens de carmim,  
N'outros climas, n'outras terras  
Não verás raiar assim.

«Não verás a rocha erguida,  
Onde t'ias assentar,  
Nem o som bem conhecido  
Do teo sino has de escutar.

«Ha de cahir sobre as ondas  
O pranto do teo soffrer,  
E n'esse abysmo salgado,  
Salgado, se ha de perder.»

Já chegou junto á fragata,  
Já na escada se apoiou,  
Já com voz intercortada  
Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e sólta as velas  
Ao vento que o vai guiar;  
E a fragata mui veleira  
Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silencio  
A calva testa dobrou,  
E pranto mais abundante  
O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela  
Do navio, que partio;  
Mais além — inda se avista!  
Mais além — já se sumio!

## O ORGULHOSO.

Eu o vi! — tremendo era no gesto,  
Terrível seo olhar;  
E o senho carregado pretendia  
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito  
Fervia-lhe o rancor!  
E aos demais homens, como um cedro á relva,  
Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seus filhos.  
Dentro do humilde lar,  
Quizera, antes que os d'elle, ver de um Tigre  
Os olhos fusilar;

Que a um filho seo talvez quizera o nobre  
Para um Executor;  
Ou para o leito infesto alguma filha  
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas  
 Algum pobre ancião  
 Já sobre o seo sepulchro, desejando  
 A morte e a salvação.

---

Alguns dias apenas decorrêrão:  
 E eis que elle se sumio!  
 E a lagem dos sepulchros fria e muda  
 Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião  
 Exulta com seo fim!  
 E a turba applaude; e ninguem chora a morte  
 De homem tão ruim.

---

O COMETA.

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS.

Non est potestas, *quae* comparetur ei  
qui factus est nullum timeret.

JOB.

Eis nos céos rutilando igneo cometa!  
A immensa cabelleira o espaço alastra,  
E o nucleo, como um sol tingido em sangue,  
Alvacento luzir véte agoireiro  
Sobre a pavida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,  
Dos labios removei a taça ingente,  
Que em vossas festas gyra; eis que rutila  
O sanguineo comita em céos infindos! . . .  
Pobres mortaes, — sois vermes!

O Senhor o formou terrivel, grande;  
Como indocil corssel que morde o freio,  
Retinha-o só a mão do Omnipotente.  
Alfim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,  
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em furia,  
Que ao vento solta a coma desgrenhada,  
E vai, nescio de si, livre de ferros,  
De encontro ás duras rochas, — tal progred  
O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,  
O mundo em mil pedaços se converte;  
Mil centelhas de luz brilhão no espaço  
A esmo, como um tronco pelas vagas  
Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa,  
Comsigo o arrastra e leva transformado:  
A cauda portentosa o enlaça e prende,  
E a astro vai com elle, como argueiro  
Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,  
Elle perturba o espaço; — como a lava,  
Elle marcha iucessante e sempre; — eterno,  
Marcou-lhe largo gyro a lei que o rege,  
— As vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!  
E aos homens diz — e magestoso e grande  
Que jamais o verão; e passa, e longe  
Se entranha em céos sem fim, como se perde  
Um barco no horisonte!

## O OIRO.

Oiro, — poder, encanto ou maravilha  
Da nossa idade, — regedor da terra,  
Que dás honra e valor, virtude e força,  
Que tens offertas, oblações e altares, —  
Embora teu louvor cante na lyra  
Vendido Menestrel que pôde insano  
Do grande á porta renegar seo genio!  
Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,  
Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite,  
Meo corpo lanço, descançando a fronte  
N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.  
Sou mais que um rei co'o meo docel de nuvens  
Que tem gravados scintillantes mundos!  
Com a vista no céu percorro os astros,  
Vagueia a minha mente além das nuvens,  
Vagueia o meo pensar — alto, arrojado  
Além de quanto o olhar nos céos alcança.

Então do meo Senhor me calão n'alma  
D'amor ardente enlevos indisiveis;

Se tento as gentes redizer seo nome,  
Queimadoras palavras se atropellão  
Nos meos labios; — prophetica harmonia  
Meo peito anceia, e em borbotões se expande.  
Grande, Senhor, são tuas obras, grandes  
Teos prodigios, teo poder immenso:  
O pae ao filho o diz, um sec'lo a outro,  
A terra ao céo, o tempo á eternidade!

Do mundo as illusões, vaidade, engano,  
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —  
Tudo esse nome arrastra, prostra e some;  
Como aos raios do sol desfeito o gêlo,  
Que em ondas corre no pendor do monte,  
Precipite e ruidoso, — arbustos, troncos  
Comsigo no passar rompidos leva.

---

## A UM MENINO.

OFFERECIDA Á EX<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup> D. M. L. L. V.

## I.

Gentil, engraçado infante  
Nos teos jogos inconstante,  
Que tens tão bello semblante,  
Que vives sempre a brincar,  
— Dos teos brinquedos te esqueces  
Á noitinha, — e te entristeces  
Como a bonina, — e adormeces,  
Adormeces a sonhar!

## II.

Infante, serão as côres  
De varias, viçosas flôres,  
Ou são da aurora os fulgores  
Que vem teos sonhos doirar?  
Foi de algum ente celeste,  
Que de luzeiros se veste,  
Ou da brisa é que aprendeste,  
Que aprendeste a suspirar?

## III.

Tens no rosto afogueado  
Um qual retrato acabado  
De um sentir aventurado,  
Que te ri no coração;  
É talvez a voz mimosa  
De uma fada caprichosa,  
Que te promete amorosa  
Algum brilhante condão!

## IV.

Ou por ventura és contente,  
Porque no sonho, que mente,  
Phantasiaste innocente  
Algum dos brinquedos teos! . . .  
Senhor, tens bondade infinda!  
Fizeste a aurora bem linda,  
Creaste na vida ainda  
Um'outra aurora dos céos.

## V.

O som da corrente pura,  
A folhagem que susurra,  
Um accento de ternura,  
De ternura divinal;  
A indisivel harmonia  
Dos astros no fim do dia,  
A voz que Memnon dizia,  
Que dizia matinal;

## VI.

Nada d'isto tem o encanto,  
Nada d'isto póde tanto  
Como o risinho quebranto,  
Divino — do seo dormir;  
Que nada ha como a Donzella  
Pensativa, doce e bella,  
E a comparar-se com ella . . .  
Só de um infante o sorrir.

## VII.

Mas de repente chorando  
Despertas do somno brando  
Assustado e soluçando . . .  
Foi uma revelação!  
Esta vida acerba e dura  
Por um dia de ventura  
Dá-nos annos de amargura  
E fragoas do coração.

## VIII.

Só aquelle que da morte  
Soffreo o terrivel córte,  
Não tem dôres que supporte,  
Nem sonhos o acordaráõ:  
Gentil infante, engraçado,  
Que vives tão sem cuidado,  
Serás homem — mal peccado!  
Findará teu sonho então.

## () PIRATA.

(EPISODIO.)

Nas azas breves do tempo  
Um anno e outro passou,  
E Lia sempre formosa  
Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,  
De mimos cheia, lh'offrece,  
E bella, apesar de ingrata,  
Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou que longe pára,  
Do que a amou, que pensa n'ella,  
Pensando encontrar firmeza  
Em Lia, que era tão bella!

N'esse palacio deserto  
Já luzes se vêm luzir,  
Que vem nas sedas, nos vidros  
Cambiantes reflectir.

Os echos alegres sôão,  
Sôa ruidosa harmonia,  
Sôão vozes de ternura,  
Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silencio  
A face do mar desflora,  
Á noite bella fragata  
Chega ao porto, amaina, ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas  
Inquieta, esguia falua,  
Que resvala sobre as agoas  
Na esteira que traça a lua.

Já na vacua praia toca;  
Um vulto em terra saltou,  
Que na longa escadaria  
Preságo e torvo enfiou.

Malfadado! por que aportas  
Á este sitio fatal!  
Queres o brilho augmentar  
Das bodas do teo rival?

Não, que a vingança lhe range  
Nos duros dentes cerrados,  
Não, que a cabeça referve  
Em máos projectos damnados!

Não, que os seus olhos bem dizem  
O que diz seu coração;  
Terríveis, como um espelho,  
Que retratasse um vulcão.

Não, que os lábios descorados  
Vociferão seu rival;  
Não, que a mão no peito aperta  
Seu pontegudo punhal.

Não, por Deus, que tais afrontas  
Não as sóe deixar impunes,  
Quem tem ao lado um punhal,  
Quem tem no peito ciúmes!

Subio! — e vio com seus olhos  
Ella a rir-se que dançava,  
Folgando, infame! nos braços  
Porque assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,  
E vio . . . o lcito fatal!  
E vio . . . e cheio de raiva  
Cravou no meio o punhal.

E avançou . . . c á janella  
Sosinha a vio suspirar,  
— Saudosa e bella encarando  
A immensidade do mar.

Como se vira um espectro,  
De repente ella fugio!  
Tal fogue a eorça nos bosques  
Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizel-o?  
Forão vislumbres de dôr:  
Coração, que tem remorsos,  
Sente continuo terror!

Elle a janella chegou-se,  
Horriavel nada encontrou . . .  
Sómente, ao longe, nas sombras,  
Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo  
Nada mais de seo contava!  
Nada mais que essa fragata!  
Nada mais de quanto amava!

Nada mais! . . . — que lh'importava  
De no mundo só se achar?  
Inda muito lhe fieava —  
Agoa e céos e vento e mar.

Assim pensava, mas n'isto  
Deseortina o seo rival,  
Não visto; — a mão na cintura  
Cingio raivosa o punhal!

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).